

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM LETRAS

Marilene De Carli Bonafé

Memórias e acervos da comunidade de imigração italiana

Passo Fundo, abril de 2007

Marilene De Carli Bonafé

Memórias e acervos da comunidade de imigração italiana

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, como requisito para a obtenção do grau de mestre em Letras, sob orientação da Professora Doutora Tania Mariza Kuchenbecker Rösing.

Passo Fundo

2007

Dedico este trabalho aos filhos Hércules e Péricles e ao esposo Nelso, pela colaboração, paciência, apoio constante e por terem sido os motivadores da minha caminhada em busca de novos conhecimentos.

AGRADECIMENTOS

À Prof^a. Dr. Tania Mariza Kuchenbecker Rösing pela orientação criteriosa, pela amizade e sinceridade.

Aos professores Miguel Rettenmaier da Silva, Márcia Helena Saldanha Barbosa, Fabiane Verardi Burlamaque e Renata Junqueira de Souza, pelo desempenho e formação proporcionada.

Às amigas Blandina Faresin e Neli Bonatto, pelo auxílio e motivação.

Às senhoras entrevistadas pelos depoimentos significativos que tornaram possível a realização deste trabalho. Meus agradecimentos à Inês Tereza Caleti Ghiggi, Idalina Mantovâni Variâni, Petronylla Camiloti Franciosi, Rosa Colferai Tebaldi, Josefina Spanhol Klanovics, Maria Ana D'Agostini Bettinelli, Gládis Zandoná Lima, Marlene Ghiggi Franciosi, Dalva Maria Variâni, Maria Ivone Spolti, Neidite Tebaldi Possebom, Margarete Betineli de Oliveira, Ivete Klanovics Neto e Liliane Zandoná Lima.

RESUMO

A cultura de um povo, por ser dinâmica, sofre alterações no tempo e no espaço. Mediante as aparentes mudanças e a redução de manifestações da cultura da imigração italiana no contexto da cidade de Casca, RS e sabendo-se da importância da mesma para a comunidade a que pertence, este estudo propôs-se resgatar e registrar os vestígios da cultura da imigração italiana na comunidade referida por meio da memória oral e de acervos preservados, bem como verificar a propagação entre duas gerações e a presença dessa cultura na literatura gaúcha. A fim de atingir os objetivos, o trabalho, em seu percurso metodológico, seguiu uma abordagem qualitativa de cunho descritivo e bibliográfico, constituindo-se, inicialmente, o *corpus* do trabalho dos resumos de quatorze entrevistas realizadas junto a mulheres casquenses de duas gerações, seguidos de um cotejo analítico e da identificação de acervos culturais levantados na comunidade pesquisada. Os dados obtidos foram analisados à luz da teoria da história cultural e de um estudo da memória. O trabalho completa-se com a análise de duas obras literárias, que versam sobre imigração italiana, uma de gênero narrativo e outra de poesias. Com base nos dados obtidos junto à comunidade e no estudo bibliográfico, conclui-se que a cultura da imigração italiana está presente na memória das entrevistadas, no contexto pesquisado e, embora de maneira reduzida, passa de geração em geração e apresenta-se em textos literários gaúchos em diferentes aspectos sociais, culturais e familiares

Palavras-chave: Memórias, acervos da comunidade de imigração italiana e literatura.

RIASSUNTO

La cultura di un popolo, perchè è dinàmica, subisce dei cambiamenti sia rispetto al tempo che allo spazio. Mediante gli apparenti cambiamenti e la diminuzione delle manifestazioni della cultura di immigrazione italiana, dentro il contesto della città di Casca - RS, e conoscendosi l'importanza di questa dentro la comunità a cui appartiene, questo studio si propone riscattare e a registrare le tracce culturali della immigrazione italiana dentro la comunità sopra menzionata attraverso la memória orale e gli acervi preservati, così come accertare la sua diffusione in due generazioni e l'presenza di essa sulla letteratura "gaúcha". Com lo scopo di raggiungere ai suoi obiettivi, il lavoro, dentro il suo percorso metodologico, ha registrato un abordaggio qualitativo di stampo descrittivo e bibliografico costituendosi, inizialmente, il "corpus" di lavoro dei riassunti delle interviste realizzate presso a donne nate a Casca (donne casquense) e le loro generazioni, seguiti da un riscontro analitico e dall'identificazione degli acervi culturali osservati dentro la comunità in cui si ha fatto la ricerca. Le informazioni ottenute sono state analizzate alla luce della teoria della storia culturale ed a partire di uno studio della memoria. Il lavoro si completa con una analisi di due opere letterarie che discorrono sull'immigrazione italiana, una delle quale del tipo poetico e l'altra del tipo narrativo. Dall'analisi dei dati ottenuti presso la comunità e dallo studio bibliografico si ha concluso che la cultura della immigrazione italiana s'incontra presente nella memoria delle persone intervistate, dentro il contesto ricercato e, anche se in modo ridotto; passa da una generazione all'altra e si presenta nei testi letterari "gaúchos", nei suoi diversi aspetti sociali, culturali e famigliari.

Parole-chiavi: Memórias, acervi della comunità di immigrazione italiana e letteratura.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
I FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	16
1.1 História cultural.....	16
1.2 História oral.....	19
1.3 Tradição oral e cultural.....	22
1.4 Memória.....	23
1.4.1 Tipos de memória – individual, social e coletiva.....	24
1.4.2 Memória familiar.....	31
II METODOLOGIA.....	33
2.1 Objetivos, classificação da pesquisa e abordagem.....	33
2.2 Amostragem e delimitação do campo de investigação.....	36
2.3 Instrumentos.....	38
2.4 Entrevistas, levantamento de acervos e seus procedimentos.....	40
2.5 Desenvolvimento do trabalho.....	41

III CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS	43
3.1 Conteúdo das entrevistas das mulheres da primeira geração.....	44
3.1.1 História da imigração italiana.....	44
3.1.2 Costumes da comunidade de imigração italiana.....	51
3.1.3 Valores da comunidade de imigração italiana.....	61
3.1.4 Leitura e literatura.....	67
3.2 Conteúdos das entrevistas dos sujeitos da pesquisa da segunda geração.....	78
3.2.1 História da imigração italiana.....	78
3.2.2 Costumes da comunidade de imigração italiana.....	83
3.2.3 Valores da comunidade de imigração italiana.....	90
3.2.4 Leitura e literatura.....	93
3.3 Análise comparativa entre as entrevistas da primeira e segunda geração.....	100
3.3.1 História da imigração.....	100
3.3.2 Costumes da comunidade de imigração italiana.....	105
3.3.3 Valores da comunidade de imigração italiana.....	112
3.3.4 Leitura e literatura.....	120
IV A HISTÓRIA CONTADA ATRAVÉS DE ACERVOS.....	128
V PRESENÇA DA CULTURA ITALIANA NA LITERATURA.....	141
5.1 Estudo da obra <i>O quatrilho</i> de José Clemente Pozenato.....	141
5.1.1 Dados do autor	141
5.1.2 Presença da história da imigração	142
5.1.3 Costumes da comunidade de imigração italiana	148

5.1.4	Valores da comunidade de imigração italiana	159
5.1.5	Valorização à leitura e à literatura	165
5.2	Estudo de poemas da obra <i>Amadas raízes</i> de Oscar Bertholdo.....	166
5.2.1	Dados do autor.....	166
5.2.2	Presença da história da imigração.....	167
5.2.3	Costumes e valores da comunidade de imigração italiana	169
CONSIDERAÇÕES FINAIS		185
REFERÊNCIAS		191
APÊNDICES		194

INTRODUÇÃO

Uma comunidade étnica identifica-se pela sua história cultural, que pode abranger tanto seus aspectos materiais, inclusos na memória patrimonial física, como os aspectos imateriais, envoltos em significações, comemorações, regras de comportamento e organizações sociais diferenciadas em relação a outras comunidades sociais étnicas.

Para melhor conceituar patrimônio cultural material e imaterial recorre-se a Félix,¹ para o qual, o universo de bens patrimoniais materiais é de natureza iconográfica e objetual, ao passo que a memória imaterial de um povo compõe o universo associado a idéias e significações.

Nesse contexto, o patrimônio cultural material de uma comunidade corresponde aos seus objetos, acervos e artefatos culturais que evocam a lembrança traduzindo a história do grupo, por sua vez, a memória imaterial constitui-se de crenças, valores, símbolos, festas, língua, práticas sociais e religiosas, entre outras manifestações culturais que tendem a preservar-se de geração em geração em sua prática e significação.

Entretanto, apesar da tendência da cultura à sua sobrevivência e perpetuação entre gerações, em virtude da sua dinamicidade, não garante ao grupo suas características culturais íntegras e imutáveis, as quais se modificam espacial e temporalmente. Os aspectos culturais evoluem pela influência do meio, transformam-se pelas idéias voltadas ao tempo presente e

¹ FÉLIX, Loiva Otero. Política, memória e esquecimento. In: TEDESCO, João Carlos (Org.). *Usos de memórias: política, educação e identidade*. Passo Fundo: UPF Editora, 2002.

mesclam-se na vivência e pelo contato com culturas diversas. Nessa visão, a cultura de um povo, para ser preservada em sua originalidade, ou para ser verificada na sua recriação em diferentes épocas, deve ser resgatada e registrada enquanto viva na comunidade a que pertence.

Partindo desse pressuposto, o presente trabalho propôs-se identificar, registrar e resgatar parcialmente, por meio da memória oral de quatorze mulheres casquenses de duas gerações e dos acervos preservados em suas residências, a cultura da imigração italiana no município de Casca, RS, averiguando sua transmissão ou não de geração em geração e as transformações ocorridas ao longo do tempo, além de investigar a sua influência na literatura e verificar quais dos seus elementos estão presentes pela análise de duas obras de autores gaúchos que abordam questões relativas à imigração.

A opção por este trabalho de pesquisa voltada à leitura e memória, delimitado em memórias, acervos e literatura, é resultado do interesse da pesquisadora, por ser descendente de italianos e sentir fascínio por um conhecimento mais aprofundado sobre o processo assumido pelos imigrantes italianos no município de Casca, suas manifestações culturais e acervos deixados nas famílias que expressam e reconstituem a história pesquisada.

Além do desejo de conhecer a história da comunidade cultural de imigração italiana, outro motivo que levou à opção pelo tema estudada foi a observação de um arrefecimento da cultura da imigração italiana no meio casquense, em razão de mudanças constantes de costumes e de valores provocadas pelo contato com o mundo atual em evolução. Com o intuito de não deixar a cultura centenária reduzir-se ainda mais com o tempo pelo cultivo de outros valores ou por falta de registro, buscou-se, com esta pesquisa, o resgate dos vestígios que ainda estão vivos na memória do povo e nos acervos culturais, a fim de não deixar a história no esquecimento.

Com relação aos sujeitos da pesquisa, a preferência por mulheres encontra justificativa na necessidade que se sentiu de valorizar a mulher em seu meio social, bem como de dar-lhe voz e oportunidade para que pudesse contribuir a partir de suas histórias pessoais e comunitárias. Além disso, deu-se preferência à mulher, nesta pesquisa, porque, ao longo dos tempos, ela sempre demonstrou talento para contar histórias. Conforme relata Zilberman², desde os tempos escravocratas no Brasil, quando as mães negras responsabilizavam-se em cuidar os filhos dos patrões, assumiam também, dedicadamente, o papel de transmissoras da cultura oral por meio da narração de histórias folclóricas. No desenvolvimento da leitura no século XIX, quando passou a vigorar a leitura familiar, novamente coube à mulher a tarefa de estimular a leitura no lar. Com base nisso, acredita-se que a mulher atual também seja conhecedora de narrativas, da sabedoria popular e, ainda, continue a dedicar-se à contação de histórias, podendo, dessa forma, dar sua contribuição à proposta deste estudo investigativo, facilitando o resgate da cultura da imigração italiana.

Quanto à relevância da pesquisa, julga-se que se reveste de importância social porque, além de possibilitar a valorização da mulher, permite a retomada e o registro da história de uma comunidade étnica. É na reconstituição por meio da lembrança que se pode motivar a disseminação, estimular a valorização da cultura e fortalecer a identidade e a autoestima, motivando as pessoas a se tornarem agentes da própria história. Por sua vez, o registro vem garantir a continuidade da história no tempo, permitindo a passagem de conhecimentos e saberes do passado, que poderão contribuir para a formação de gerações mais novas, abrindo-lhes horizontes para a vida de valores.

Para apoiar a pesquisa, buscaram-se, sobretudo, orientações na teoria da história cultural, como também auxílio no estudo de memória coletiva e da história oral como um método de investigação.

² LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

A história oral foi enfocada por Thompson³ como um método de investigação. Por meio desse autor, vê-se a importância deste método, que, entre outras vantagens, apresenta uma maior confiabilidade e abrangência em relação ao recurso escrito. Tais vantagens justificam a preferência pela história oral na obtenção dos dados e para auxiliar o desenvolvimento deste trabalho, pois permite a transmissão da vivência das personagens, dando aos fatos maior credibilidade; abrange, entre outros aspectos, a história de comunidades e de vida, geralmente ausentes nas fontes documentais, permitindo, assim, a realização da investigação com informações mais completas e em seus diferentes aspectos e versões.

Enquanto que para o resgate da cultura priorizou-se a história oral, a análise dos dados obtidos encontrou respaldo, sobretudo, na teoria da história cultural com base em Chartier⁴ e Darnton⁵, que a enfocam em seu objetivo principal, o qual consiste em explorar a cultura popular, além de a análise valer-se do estudo da memória, baseado em vários autores que enfocam a sua natureza social. Entre esses se destacam Rousso⁶, Portelli⁷, Bosi⁸, Meihy⁹, Montenegro¹⁰ e Halbwachs¹¹, pensadores que, num sentido geral, apresentam em comum a idéia de que a memória é social, tem caráter coletivo, está conectada ao grupo de convivência, mas sofre alterações pela reorganização e transmissão individualizada. Dessa forma, as concepções dos estudiosos embasaram e auxiliaram a pesquisa na verificação de

³ THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

⁴ CHARTIER, Roger. *A história cultural*. Portugal: DIFEL, 2002.

⁵ DARNTON, Robert. *O grande massacre dos gatos*. Rio de Janeiro: GRAAL, 2001.

⁶ ROUSSO, Henri. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

⁷ PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana: mito, política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

⁸ BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

⁹ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

¹⁰ MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo, 2001.

¹¹ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

mudanças ocorridas na transmissão oral da cultura passada de mães para filhas, ou, de uma forma mais geral, de geração em geração.

Em relação aos acervos culturais que este trabalho propôs-se a levantar, observaram-se, em sua análise e identificação, além dos princípios da história cultural, as considerações de Le Goff.¹² O estudioso enfatiza, entre outros aspectos, a memória social não mais limitada ao físico e ao biológico do corpo, mas uma memória mais geral, abrangendo a memória ligada à história. Memórias humana e histórica completam-se para traduzir a história. Nesse contexto, analisaram-se os acervos como memórias culturais que permitem a reconstituição da história.

Quanto à metodologia empregada, a presente investigação, de caráter qualitativo por voltar-se principalmente ao mundo dos significados, atitudes, ações e relações, assumiu características de pesquisa descritiva e bibliográfica. Sua classificação como pesquisa descritiva dá-se pelo registro, especificação e detalhamento de costumes, crenças e valores resgatados, capazes de revelar a identidade de uma comunidade cultural, por sua vez, a caracterização como pesquisa bibliográfica torna-se possível pela sua complementação investigativa voltada a um estudo bibliográfico cuja fonte de dados são livros de literatura gaúcha. Nessa perspectiva, o estudo é organizado em cinco capítulos. No primeiro, apresentam-se os pressupostos teóricos que sustentam o trabalho, ressaltando principalmente a história cultural, além de observar o ponto de vista de vários estudiosos já citados neste trabalho sobre memória social, centrada no conjunto de manifestações grupais modificadas pela individualização e, num sentido mais geral, a visão de memória social abrangendo a memória histórica apresentada por Le Goff¹³.

No segundo capítulo descreve-se a metodologia empregada na pesquisa. Explicitam-se desde a tipologia e a abordagem da pesquisa até os diversos procedimentos utilizados para

¹² LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 4. ed. Campinas: Unicamp, 1996.

¹³ LE GOFF, op.cit., 1996.

a obtenção e sistematização dos dados, delineando-se também o perfil das entrevistadas, principalmente quanto à origem e às condições socioculturais.

No terceiro capítulo, dando início ao desenvolvimento da pesquisa propriamente dita, resumem-se os conteúdos obtidos nas quatorze entrevistas realizadas, dividindo-os em conteúdos referentes à história da imigração, valores culturais, costumes da comunidade de imigração italiana e literatura oral do imigrante. Na seqüência do capítulo, à luz da memória social, faz-se uma comparação entre os dados fornecidos pela primeira e segunda gerações de entrevistadas com o objetivo de constatar, pelos aspectos em comum ou distintos, a passagem ou não da cultura de mães para filhas e suas mudanças no decorrer do tempo.

Na seqüência, desenvolve-se o quarto capítulo, no qual, com a finalidade de complementar os dados resgatados oralmente, identificam-se os acervos culturais encontrados nas casas das entrevistadas, analisando-os à luz dos pressupostos da história cultural e da memória ligada à história. Por fim, no quinto capítulo, a pesquisa é enriquecida com um estudo bibliográfico em que se investiga a influência e a presença dos diferentes elementos da cultura da imigração italiana na literatura gaúcha, por meio da análise de dois livros de literatura: um de gênero narrativo e outro de poemas.

Três apêndices ainda complementam este estudo: o primeiro e o segundo consistem em roteiros de entrevistas propostos às senhoras sujeitos da pesquisa, seguidos da transcrição das entrevistas em sua íntegra e fidelidade à transmissão oral e o terceiro constitui-se de um roteiro voltado à identificação de acervos culturais que serviu de guia para o levantamento dos mesmos.

II FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O presente trabalho é desenvolvido com base nos suportes teóricos da história cultural, além de valer-se do estudo da memória social, individual e da história oral como método investigativo, esta observada principalmente nas vantagens proporcionadas em relação ao escrito.

1.1 História cultural

A história cultural, também denominada “história das mentalidades”, segundo Chartier¹⁴, surgiu na década de 1960, na França, em meio ao mundo acadêmico, delimitando um novo campo e substituindo a antiga história intelectual, que esmorecia em virtude de sua institucionalização dominante. As grandes linhas da história cultural constituíram-se aplicando novos objetivos na história das sociedades, principalmente envolvendo a investigação popular em seus valores perante a vida, comportamentos, crenças, formas de socialização, desviando a atenção das categorias sociais para a das relações e representações grupais e coletivas. A história cultural, na reflexão de Chartier, entre outros objetivos, busca “explorar o vasto território da cultura popular.” O autor, baseado em outros estudiosos,

¹⁴ CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Portugal: DIFEI, 2002.

acrescenta: “É um estudo no sentido antropológico, incluindo, relações, visões de mundo e mentalidades coletivas.”¹⁵

Partindo desses conceitos, entende-se que a história cultural estuda a classificação, organização e caracterização de grupos sociais e culturais, por meio da sua percepção de mundo; modos coletivos de pensar; pelo seu conjunto partilhado de princípios e esquemas interiorizados que permitem estabelecer relações com o mundo que os cerca e com os outros grupos sociais, diferenciando-se destes pelas suas características peculiares e representações culturais. Por estar a história cultural voltada às mentalidades coletivas, anui as concepções comuns, manifesta os conteúdos grupais e os desejos que aproximam os membros de um determinado comunidade.

Outra finalidade da história cultural, na concepção de Chartier “é a de tomar por objetivo a compreensão das representações.”¹⁶ A história cultural, desde seu surgimento, voltou-se às relações sociais, com primazia aos aspectos culturais populares e coletivos, além de buscar a análise, a caracterização das suas representações, que definem, classificam e diferenciam grupos entre si pelas maneiras de ver e pensar o mundo. Com relação às representações, o autor referido apresenta-as, esclarecendo: “A representação é um instrumento de um conhecimento que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma imagem capaz de reconstituí-lo [...] e de figurar tal como ele é. [...] Outras representações são pensadas num registro diferente: o das relações simbólicas.”¹⁷

Nesse sentido, são entre outros, os signos lingüísticos, o conjunto de figuras, conceitos, maneiras coletivas de pensar, que, permitindo aproximar a imagem visível à significação manifesta, de acordo com o conhecimento partilhado, implicam relações de representatividade. Essas representações, no campo da história de grupos, podem relacionar

¹⁵ CHARTIER, R. *A história cultural entre práticas e representações*, p. 30 e 55.

¹⁶ CHARTIER, op. cit. , p. 19

¹⁷ CHARTIER, op. cit. , p. 20.

valores, costumes, saberes partilhados, caracterizando culturas e identificando comunidades, pois esses valores e costumes são imagens que podem conduzir à significação pela sua maneira de ver, organizar e pensar o meio social e cultural que a cercam. Além do citado, ao falar em representações é possível relacioná-las aos acervos preservados pela comunidade étnica que este trabalho investiga, pois, estabelecendo uma relação da imagem visual à sua significação, podem esses acervos traduzir, atitudes comportamentais, aspirações, conjuntos de pensamentos que identificam o grupo e o diferenciam em relação a outros.

Conceituação semelhante à de Chartier, quanto à história cultural, é constatada em Darnton. Este, especificando-lhe a natureza e abrangência, esclarece:

“ É a história das mentalidades [...] de tendência etnográfica. [...] Enquanto o historiador de idéias esboça a filiação do pensamento formal de um filósofo para outro, o historiador etnográfico estuda a maneira como as pessoas comuns entendem o mundo [...], mostra como organiza a realidade em suas mentes e expressam o seu comportamento.”¹⁸

Partindo do conceito de Darnton, a história cultural, da mesma forma que foi apresentada por Chartier, aborda a cultura do povo, referindo-se aos grupos sociais menos favorecidos nos escritos oficiais, enfocando seu comportamento, atitudes e crenças, que refletem maneiras de pensar, expressas na sua realidade social, elaboradas com base na cultura que os circundam. Nesse sentido, a história cultural de tendência etnográfica pode referir-se à cultura da comunidade de imigração italiana que este trabalho propôs-se a resgatar e sua teoria vem em auxílio à verificação de como essa etnia organiza a vida social, como vê e interpreta o mundo pelos sentidos atribuídos, que podem se diferenciar das significações peculiares de outras comunidades culturais.

Além de o presente trabalho referenciar a História cultural buscou auxílio na história oral, como método investigativo.

¹⁸ DARNTON, Robert. *O grande massacre dos gatos*. Rio de Janeiro: GRAAL, 1986, p. 8 e 9.

1.2 História oral

A história oral, sistema de transmissão de conhecimentos, saberes, vivências e tradições de gerações em gerações, surgiu, conforme relata Freitas¹⁹, como atividade organizada e como técnica acadêmica em 1948, na Universidade de Colúmbia, e desenvolveu-se especialmente nos Estados Unidos, no início da década de 1970. No Brasil, surgiu em torno de 1971, com o objetivo principal de preservar a memória cultural e estabelecer uma relação direta entre pesquisador e pesquisado por meio de entrevistas com testemunhas que guardam os segredos de sua história em suas memórias.

A história oral, embora constituída recentemente como um estudo organizado, sempre existiu como forma de transmissão de saberes entre os primórdios narradores, que, em sua simplicidade, transmitiam de geração em geração, além da literatura oral, seus valores, crenças, normas de comportamento, garantindo a continuidade da cultura e da história de povos. Hoje, embora a sociedade moderna se acerque de aparelhos sofisticados para a transmissão de informações, dados e conhecimentos, a história oral ainda está presente no dia-a-dia, principalmente na conversa dos idosos, que transmitem suas vivências práticas associadas ao lar, à família e à vida em comunidade e está também, cada vez mais, merecendo atenção de estudiosos que buscam demonstrar a importância da história oral para a recuperação de experiências e histórias passadas pelo registro de vozes, considerado um método mais fidedigno e mais abrangente do que o recurso documental.

Thompson conceitua história oral como um método de investigação e defende sua utilização para a preservação da plena riqueza e do valor da tradição. O método da história oral possibilita o resgate à cultura de povos, oferece novos enfoques da própria história, dá

¹⁹ FREITAS, Sônia Maria de. Prefácio à edição brasileira. (Apres.) In: THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

voz a diferentes narradores, aproximando gerações e ampliando o campo de investigação.

Registra Thompson a respeito:

A história oral é uma história construída em torno das pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos, não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. [...] Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda aos menos privilegiados, especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia o contato e, pois, a compreensão entre classes sociais e entre gerações. E, para cada um dos historiadores e outros que partilham a mesma interação, ela pode dar sentimentos de pertencer a determinado lugar e determinada época. Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos.²⁰

Com base no exposto, a história oral reconstrói o passado, provocando novas versões e mudanças de enfoque na história ao dar voz a múltiplos narradores de classes sociais diferentes. Além disso, a história oral pode resultar não apenas na mudança de enfoque, mas também na abertura de novas áreas de investigação. Desde seu surgimento, abrange todos os aspectos da história, sejam políticos, sejam econômicos, religiosos ou sociais. No campo social principalmente amplia a investigação em relação à história documental; estende-se a estudos de histórias de vida, de histórias de famílias e de comunidades étnicas, abrangendo, entre outros aspectos, culturas, costumes, comportamentos, hábitos, crenças e literatura, ampliando informações de fontes documentais consideradas escassas e incompletas. A história oral, ao alargar seu campo de ação, privilegia classes desfavorecidas socialmente e introduz a cultura popular, as experiências de pessoas comuns e suas histórias antes pouco conhecidas.

Com relação à ampliação do campo de investigação que a história oral proporciona, além de introduzir experiências de vida das pessoas comuns e história de famílias, entende-se, com base nos estudos de Thompson, que a história oral permite a extensão para além das mensagens verbais transmitidas pelos informantes. O pesquisador, em contato com o

²⁰ THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. São Paulo: Paz e Terra. 1994, p.44.

entrevistado, em seu ambiente natural e familiar, pode valer-se não só do narrado como também dos acervos culturais preservados e de artefatos domésticos que traduzem a história de grupos e contribuem para completar a investigação. Com relação ao exposto, diz o autor anteriormente citado que a história pode ser evocada por meio de materiais existentes, “pois quando as pessoas mais velhas vêem um determinado tipo de museu têm comentários a fazer”²¹ sobre eles, permitindo, com isso, enriquecimento e ampliação de dados se o pesquisador se detiver em investigá-los.

Outra vantagem da história oral que o mesmo autor enfatiza é a transmissão do conhecimento do passado por meio dos idosos, que contribui para a auto-estima destes e para a conscientização dos mais jovens sobre valores repassados entre diferentes gerações. Na transmissão de saberes, a história oral vale-se dos idosos em razão da sua vivência, experiência e acúmulo de conhecimentos, que, ao serem estimulados, vão sendo revividos e reconstruídos, despertando no idoso sentimentos renovados de esperança. A importância do idoso na reconstrução do passado, por sua sabedoria, é apresentada não só por Thompson, mas também por Bosi, que, entre outras contribuições, concede aos idosos a função de refugiar o passado: “O velho é o guardião do tesouro espiritual [...]. O ancião desempenha a religiosa função de unir o começo e o fim.”²² O velho, nesse sentido, desempenha a função social de lembrar, de estabelecer um elo entre passado e presente através de suas experiências vividas e acúmulo de conhecimentos.

Nessa perspectiva, a história oral, ao dar voz ao idoso, permite a reconstrução do passado por meio de suas vivências, experiências, que podem somar-se ao presente, contribuindo para a construção do conhecimento atual. Além disso, ao dar voz ao idoso, a história oral estimula sua autoconfiança e o faz crer em sua importância social. O idoso, ao

²¹ THOMPSON, P. *A voz do passado: história oral*, p. 34.

²² BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: Lembranças de velhos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987, p.40.

ser entrevistado, sente-se valorizado, bem como o lembrar o passado estimula sua comunicação e a luta por novas esperanças. Ao expor os sentimentos, ao liberar a memória, o entrevistado pode transformar-se, adquirindo um novo sentido de viver, por se sentir útil à comunidade em que está inserido e por merecer confiança e credibilidade em suas narrações, que podem contribuir para a história da sociedade, bem como dar continuidade às tradições culturais.

1.3 Tradição oral e cultural

A tradição, segundo estudiosos, entre os quais Cruikshank²³, geralmente é identificada como um conjunto de bens culturais preservados do passado que retratam a história de um povo, ao mesmo tempo, passa a ser entendida como um processo por meio do qual o conhecimento e a cultura são transmitidos de geração em geração. A tradição, assim explicitada, pode ser concebida também como um patrimônio material e imaterial. Félix diferencia patrimônio material e imaterial:

A evocação/lembança das imagens mentais se dá através de diferentes suportes de memória que podem ser de natureza econográfica, fotografias, álbuns, etc.; de natureza objetual, com os diversos tipos de objetos materiais associados a uma determinada memória e que compõem o universo dos bens ou patrimônios materiais; de natureza perceptiva e sensorial, quando desencadeada por idéias e associações, e de natureza do universo da memória de sentidos, [...] que compõem o rico e diversificado universo denominado de bens ou patrimônios imateriais.²⁴

²³ CRUIKSHANK, Julie. Tradição Oral: revendo algumas questões. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína, (Org.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

²⁴ FÉLIX, Loivo Otero. *Política, memória e esquecimento*. In: TEDESCO, João Carlos (Org.). *Uso de Memórias: Política, educação e identidade*. Passo Fundo: UPF Editora, 2002, p.23.

Nessa visão, o patrimônio cultural constitui os aspectos físicos da cultura, seus bens, objetos culturais, acervos que traduzem a história de grupos e fazem parte de suas lembranças passadas. O patrimônio imaterial corresponde aos valores e costumes culturais que estão inclusos nas tradições, saberes, língua, literatura, comemorações, sínteses das histórias de grupos guardadas na memória dos indivíduos, entre outros aspectos e manifestações que, transmitidas oralmente, recriadas e modificadas ao longo do tempo, envolvem o universo ideológico e simbólico, o campo da significação e representação.

Buscou-se, com esta pesquisa, identificar os vestígios da cultura do imigrante italiano no meio casquense, tanto nos aspectos de patrimônio cultural material como imaterial, averiguando sua preservação, bem como a sua transmissão de geração em geração. O resgate dessa cultura foi realizado, sobretudo, por meio de um elemento constituinte do patrimônio imaterial, o saber divulgado pela memória.

1.4 Memória

Vários foram os conceitos atribuídos à memória ao longo dos tempos. Na Nova Enciclopédia Barsa,²⁵ memória é enfocada, entre outros aspectos e definições, como um depoimento histórico que registra fatos políticos, sociais, costumes e tendências artísticas.

Segundo o dicionário da língua portuguesa de Antônio Houaiss, memória é, entre outros conceitos, “a faculdade de conservar estados de consciência passados.”²⁶ Partindo das idéias expostas, além de ser vista como um depoimento registrado que abrange vários

²⁵ NOVA ENCICLOPÉDIA BARSA. São Paulo: Melhoramentos, 1997, p. 426.

²⁶ HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 1890.

fatores, memória é subentendida como a capacidade da mente humana de conservar a informação, ou o espaço para o armazenamento de conhecimentos e de vivências.

No ponto de vista de Bosi, a memória vai além do conhecimento passado, já visto e conhecido: “A memória”, diz a autora, “é uma reserva crescente a cada instante, que dispõe da totalidade de experiências.”²⁷ A memória, nesse sentido, não corresponde somente à conservação de fatos passados, mas equivale ao conjunto de experiências, lembranças e imagens que vão se somando em contato com a vivência do presente para formar a teoria de mundo de cada sujeito. Assim, a memória, seja a voltada a depoimentos escritos que registram a história e fatos passados, seja a memória vista como uma propriedade de conservar idéias ou como uma reserva que cresce a cada experiência, conduz sempre ao passado, que serve o presente e renova-se com ele. Falar em memória é evocar o esquecimento, os não-ditos; é reconstituir o passado, trazendo a história para o presente, a fim de passar para as gerações mais novas os conhecimentos, os saberes, os valores distantes que podem contribuir para a formação humana da sociedade atual.

1.4.1 Tipos de memória – individual, social e coletiva

A memória, além de apresentar diversas acepções, divide-se em vários tipos. Meihy²⁸ identifica três tipos de memória: individual, social e coletiva. A individual é a centrada nas lembranças e experiências pessoais; a coletiva é a memória de grupos limitados e que tem estreita afinidade cultural e, por fim, a social é um conjunto de manifestações de grupos que guardam visões sobre si e sobre o mundo. A memória social, na idéia do autor, é sempre

²⁷ BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, p.10.

²⁸ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola, 1996, p.63-64.

relativa a um grupo mais amplo que junta fatores afins e, por sua amplitude, funde a coletiva, compreendendo, entre outras, as comunidades nacionais.

A memória social, que engloba a coletiva, segundo Meihy, centra-se nas idéias de comunidades. Nesse sentido, abrange as comunidades étnicas e transmite suas idéias grupais, que envolvem valores, símbolos, ritos, literatura, regras de comportamento e costumes, os quais passam de geração em geração, dando continuidade a sua história em sua base comum. E é essa memória social que encontra significação no presente trabalho, porque, além de transmitir a síntese, a essência comum da história de grupos étnicos, permite a constatação, por meio de diferentes testemunhas orais, da propagação da cultura, bem como das mudanças e da mescla da memória de diferentes épocas.

Com referência à memória social, um enfoque semelhante ao de Meihy é apresentado por Rouso. O autor argumenta que a memória é social, pertence ao grupo, porém a transmissão é individual, o que a torna plural e mesclada. A memória, segundo o autor, é a edificação psíquica e intelectual que acarreta uma representação seletiva do passado, o qual não se refere ao indivíduo particular somente, mas ao indivíduo social, familiar. O atributo principal da memória social consiste em permitir a continuidade do tempo e a resistência a mudanças, porém a percepção difere quando situada na escala do indivíduo. Argumentando tal idéia afirma Rouso: “Se o caráter coletivo de toda a memória parece evidente, o mesmo não se pode dizer da idéia que existe na memória coletiva, isto é, uma presença, uma representação do passado, que seja compartilhada nos mesmos termos de toda uma comunidade.”²⁹

Nessa perspectiva, a memória tem caráter coletivo e está conectada à ideologia do grupo de convivência; sua função é transmitir o passado intacto, porém, por sua transmissão

²⁹ ROUSSO, Henri. A memória não é mais o que era . In: FERREIRA, Marieta Moraes; AMADO, Janaína (Org.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 95.

ser individual, subjetiva, mescla-se a cada exteriorização. A memória assume características peculiares conforme a maneira de transmitir, a linguagem utilizada, a interpretação e a sensibilidade do momento. As idéias contidas na memória, ao serem transmitidas por indivíduos diferentes, adquirem novos significados e reelaborações constantes.

Portelli compartilha da mesma idéia de Rousso, enfoca a memória como uma representação social que pode retratar, entre outros aspectos, fatos comuns, valores, crenças, saberes de uma determinada comunidade, embora entenda que “a elaboração da memória é individual.”³⁰ Cada indivíduo, segundo o autor, extrai a memória do grupo e organiza-a de forma particularizada, envolvendo a subjetividade dos seres humanos e a sua linguagem distinta, e é nesse sentido que a memória, embora compartilhada, torna-se múltipla, diferente e dividida. Portanto, a memória, além de sofrer influência do meio e no tempo, altera-se pela narração individualizada.

Os conceitos referentes à memória social apresentados pelos diversos autores neste trabalho conduzem a uma idéia comum: a memória social não pertence somente ao mundo da pessoa, mas está conectada à idéia do grupo e sofre alterações com o passar do tempo e pela interpretação individual. A cada invocação a memória recebe uma nova roupagem, adquirindo características peculiares; está sempre em intensa reconstrução a partir da visão de mundo atual. Os fatos passados, embora pareçam evidentes, ao serem revistos já não apresentam a mesma interpretação do passado, modificam-se com o tempo e pela atribuição de novos valores e juízos sociais. Além disso, com referência ao narrador, este, ao transmitir os fatos, reinterpreta-os segundo o seu modo de ver o mundo e o ouvinte; ao recebê-los, cria representações diferentes das originais. Toda vez que se evoca a memória, o fato modifica-se, adquire características diferentes, porque é sempre um novo contar, acrescido de detalhes

³⁰ PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana: mito, política e luto e senso comum. In: FERREIRA Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.), *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas 1996, p. 127.

ou diminuído pela dificuldade de lembrar com exatidão. A lembrança, assim modificada, pode provocar a passagem do social para o individual, porque a cada evocação recebe nova reelaboração e organização pessoal. Chauí confirma essa colocação ao declarar que “retêm-se as lembranças do grupo, mas o recordador, ao trabalhá-las, vai, paulatinamente, individualizando a memória e, no que lembra e no como lembra faz com que fique o significado.”³¹

Montenegro associa-se à idéia de memória social apresentada pelos autores, mas defende-a como distinta da história e, ao mesmo tempo, inseparável. Afirma que a memória é a lembrança organizada segundo uma lógica subjetiva que se diferencia da história por sua multiplicidade e subjetividade e por referir-se a um tempo vivido, ao passo que a história é única e constrói-se com fatos pretéritos. Segundo o autor citado:

A fonte da memória é distinta da fonte histórica pela dimensão do próprio efeito que os fatos, acontecimentos e situações desencadeiam. A memória coletiva ao reelaborar o real adquire uma dimensão centrada em uma construção imaginária [...]. O tempo da memória se distingue da temporalidade histórica haja visto que sua construção está associada ao vivido como dimensão de uma elaboração da subjetividade [...].³²

Pelo exposto, a memória social contém os ingredientes básicos fundantes da história, mas diferencia-se desta por vários aspectos, o que torna a memória mais significativa e os fatos narrados, mais fidedignos. A memória social, resgatada por meio de testemunhas, apresenta, entre outras vantagens, versões de histórias, conteúdos e relatos diferentes capazes de contribuir para um novo quadro histórico. As novas versões permitem descortinar histórias múltiplas, reconstruí-las, estabelecendo a diferença em relação à história oficial, apresentada como única pela sociedade.

³¹ CHAUI, Marilena de Souza. Os trabalhos de memória. (Apres.) In: BOSI, Ecléa, *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987, p. 30.

³² MONTENEGRO, Antônio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo, 2001, p. 20.

A memória, com base em Montenegro, diferencia-se da história e vem merecendo mais credibilidade também pelo fato de transmitir o vivido da testemunha, experiências que ainda estão presentes na memória do grupo, ao passo que a história constrói-se pela exibição de fatos longínquos, nem sempre vivenciados pelo leitor ou receptor, que os recebe prontos, sem poder interferir e participar. A memória permite, além do já comentado, o resgate às reações, aos sentimentos submersos e aos desejos pessoais e sociais dos indivíduos comuns, ausentes na história baseada em personagens heróis e fatos considerados destaque pela sociedade.

A memória social, assim apresentada, traduz uma memória plural, que se destaca pela dimensão de fatos centrados no vivido, na experiência passada e na lembrança reorganizada que pode construir uma nova versão histórica.

Thompson, autor já referido anteriormente, além de conceituar a memória como um conjunto de vivências passadas, faz, inicialmente, uma afirmação semelhante à de Montenegro ao definir as fontes orais como mais fidedignas que as documentais, embora admita mescla pelo contato externo. Ao comentar a fidedignidade das fontes orais, primeiramente, o autor conceitua-as como “mais vivas mais comoventes e mais verdadeiras”³³ do que as fontes escritas, mas, ao longo do trabalho, passa a admitir que não são verdades absolutas, porque as lembranças podem ser influenciadas principalmente pela posição social, interpretação, pelo contexto e por elaborações subjetivas.

O exposto conduz, entre outros aspectos, às fontes orais e à memória mesclada social e individualmente, porém essa mescla passa a ser insignificante quanto à transmissão da tradição cultural. Segundo Thompson, pesquisas têm revelado que “muitas narrativas e

³³ THOMPSON, P. *A voz do passado: história oral*, p.137.

poemas de tradição oral, que passaram de geração em geração, sobreviveram ao tempo em seus elementos originais.”³⁴

Assim, os elementos básicos da tradição preservam-se; o que difere são as maneiras de transmitir, a capacidade de interpretar e de estimular a memória; são os elementos sobreviventes que contribuem para a continuidade da tradição cultural ao longo do tempo, passando de geração em geração. As tradições culturais, para Thompson, podem ser remodeladas, redesenhadas, mas têm um passado incluso, assim como a nossa memória. Ao comparar a tradição à memória, no que tange ao passado, registra o autor que, “para cada um de nós, o nosso modo de vida, nossa personalidade, nosso conhecimento constroem-se com experiências de vida passada. Nossas vidas são acúmulos de nossos passados contínuos e indivisíveis.”³⁵

Com relação à memória social, um ponto de vista diferente dos já vistos é defendido por Le Goff. O autor relaciona a memória à história, fazendo uma retomada desde a memória tradicional oral dos povos sem escrita até a de nossos dias. Baseado em outros estudiosos, apresenta a história universal como história objetiva que trata e relaciona fatos universais e a história ideológica como a memória coletiva: “[...] a história que se chama ideológica e que descreve e ordena os fatos de acordo com certas tradições estabelecidas é a memória coletiva. [...] É a história do início.”³⁶

Nessa perspectiva, a memória coletiva ideológica é apresentada como a memória voltada às origens e ao processo de memorização e transmissão oral, que envolve, entre outros aspectos, os valores, a história e a literatura dos povos sem escrita e sua passagem pelas distintas gerações.

³⁴ THOMPSON, *A voz do passado*, p. 154.

³⁵ *Ibid.* Id., p. 195.

³⁶ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 1996, p. 428.

A memória coletiva, voltada à tradição oral, que envolvia a passagem de lembranças grupais, de recordações pessoais, de tradições dos povos sem escrita, com o surgimento e a difusão da escrita, passou a ser ampliada em seu contexto, abrangência e conceito. Le Goff comenta que a memória coletiva, com o passar do tempo e a evolução social, deu um grande salto, passando-se a considerar como memória social as inscrições de feitos heróicos, as memórias ligadas à escrita, às festas comemorativas, arquivos e acervos culturais que lembram o passado, abrangendo, inclusive, a memória eletrônica a partir do século XX, relacionando, assim, a história à memória.

Com base no exposto, enquanto nas sociedades antigas a memória coletiva ou individual transmitia oralmente as recordações humanas, sua cultura e literatura o aparecimento da escrita provocou profundas transformações e a memória passou a ser inserida e a abranger as memórias epigráficas, monumentais, simbólicas, nacionais, entre outras, ligando, assim, a memória à história. Com o surgimento da escrita, os documentos armazenadores de informações, que permitem a comunicação no tempo e espaço através do registro, também passam a ser incluídos na memória coletiva no aspecto histórico, substituindo, em parte, o processo de memorização e transmissão oral. A memória, nesse sentido, sai dos limites biológicos e físicos do corpo e passa a abranger outros espaços, suportes e processos de transmissão, alargando conceitos e expandindo relações. A partir do surgimento da escrita até os dias atuais, fontes orais e documentais completam-se para divulgar a história de diferentes memórias.

Nessa visão, a memória social, como museus, monumentos, bem como os artefatos domésticos, pode ser considerada memória relacionadas à história; são lugares, símbolos, imagens que conectam recordações, lembranças familiares, sociais, unificando o passado e o presente. Nesse sentido, os acervos da comunidade de imigração italiana que este trabalho

levanta são memórias relacionadas à história que contribuem para facilitar as lembranças, traduzindo a história do grupo étnico.

1.4.2 Memória familiar

As teorias expostas neste trabalho permitem que se visualize memória como um conjunto de recordações, de imagens, além de abranger um conjunto de valores e procedimentos comportamentais de grupos sociais. São principalmente os valores, o pensamento comum de grupos, as normas de comportamento e vivências sociais que envolvem a memória coletiva e familiar. Com referência à memória social, Halbwachs esclarece que esta se funde basicamente em três classificações: “família, religião e classe social.”³⁷

A memória familiar, incluída na coletiva, é vista e entendida num quadro de representações comuns. Esse quadro, formado por aspirações, comportamentos, vivências compartilhadas que ligam tempos e passam de geração em geração, embora sofra transformações na formação, organização e sentido atribuído, tende a manter-se em sua unidade básica. Halbwachs enfoca, nesse sentido, que “cada grupo tem a sua história. Nele distinguimos acontecimentos, fatos, personagens, mas as semelhanças passam em primeiro plano [...]. O grupo visa perpetuar sentimentos e as imagens que foram a substância de seu pensamento.”³⁸ Nesse particular, tem-se inclusa a memória do grupo familiar, que, pela idéia do autor, visa evitar as mudanças, os descaminhos, os elementos incompatíveis com as suas regras que tiram todo o sentido daquilo que permite ao grupo de parentesco

³⁷ HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990, p. 35.

³⁸ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006, p. 108.

demonstrar que tem características próprias que o diferenciam de outros grupos.

Esclarecendo e ampliando o conceito de memória social e grupal, o autor citado acrescenta:

A memória coletiva apresenta ao grupo um quadro de si mesma que certamente se desenrola no tempo, já que se trata do seu passado, mas de maneira que ele sempre se reconhece nas imagens sucessivas. A memória coletiva é um painel de semelhanças, o grupo permanece o mesmo o que muda são as relações, o contato do grupo com outro.³⁹

Halbwachs, embora admita que haja alterações na memória, incluindo a do grupo familiar, defende um núcleo funcional. Com base na teoria, é possível inferir que a família possui costumes, maneiras de pensar, valores e saberes que são significativos e comuns ao grupo. Embora a memória se mescle pelas influências de natureza social, pelos contatos grupais e diferentes pontos de vista, a família agrega conjuntos de regras, correntes de pensamentos e tradições, mantendo-as em sua base comum. Partindo dessa idéia, entende-se que é possível incluir nessa base comum conservada as narrativas que passam de pais a filhos, os acervos culturais conservados, que trazem consigo, além da história da família, os valores de um determinado grupo étnico. Nessa perspectiva, é possível pensar também nas idéias comuns de crenças, representadas em seus quadros e imagens, na ornamentação das casas, na distribuição de objetos, artefatos e quadros fotográficos, que traduzem a idéia comum de uma comunidade familiar ou social como um fragmento do passado que ainda está vivo, que faz parte da história familiar ou de um determinado grupo e tende a sobreviver mesmo diante das mudanças constantes da sociedade atual.

³⁹ HALBWACHS, *A memória coletiva*, p. 109.

II A METODOLOGIA

2.1 Objetivos, classificação da pesquisa e abordagem

Todo trabalho de pesquisa busca visualizar possíveis soluções para determinado problema. Para facilitar essa busca é necessário determinar parâmetros que orientem a investigação. Neste capítulo descrevem-se os parâmetros, objetivos e metodologia empregada para o desenvolvimento do trabalho, esta embasada principalmente em Gil⁴⁰ e Minayo⁴¹, que permitem classificar e esclarecer a natureza da presente investigação.

2.1.1 Objetivos

O presente estudo investiga a cultura da imigração italiana no município de Casca, RS. Para essa investigação, estabeleceu-se um objetivo geral e quatro objetivos específicos.

O objetivo principal da pesquisa consiste em resgatar, por meio da memória oral de mulheres casquenses em duas gerações e de acervos preservados, os vestígios da cultura da imigração italiana no município de Casca, Rio Grande do Sul, averiguando sua transmissão ou não de geração em geração, bem como verificar quais aspectos dessa cultura estão

⁴⁰ GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar um projeto de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1996.

⁴¹ MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1996.

presentes em textos literários de diferentes gêneros produzidos por escritores sul-riograndenses.

Os objetivos específicos receberam a seguinte formulação:

- resgatar a cultura da imigração italiana por meio da memória oral de quatorze mulheres casquenses de duas gerações, verificando a presença desta cultura na formação das entrevistadas e no contexto em que vivem;
- averiguar a propagação ou não da cultura da imigração italiana de geração em geração e as transformações desta cultura ocorridas pelo tempo, no espaço e pelas transmissões individualizadas;
- registrar e identificar os acervos culturais existentes nas residências dos sujeitos da pesquisa da primeira geração;
- examinar duas obras literárias de gêneros diferentes, verificando nesses contextos a presença de diferentes aspectos da cultura da imigração italiana, estabelecendo relação entre os conteúdos das entrevistas e os das obras literárias.

2. 1.2 Classificação da pesquisa e abordagem

A pesquisa é definida por Gil como um conjunto de procedimentos racionais e sistemáticos, requerida quando não se dispõe de informações suficientes para responder aos problemas e que exige para o seu desenvolvimento um delineamento inicial em sua dimensão mais ampla, que corresponde ao ambiente em que são coletados os dados. Dois grandes grupos de delineamentos são identificados pelo autor: “Aqueles que se valem das chamadas fontes de papel e aqueles cujos dados são fornecidos por pessoas.”⁴² O primeiro grupo refere-se à pesquisa bibliográfica; o segundo alude à pesquisa realizada junto a

⁴² GIL, *Como elaborar um projeto de pesquisa*, p. 48.

indivíduos, sendo esta última possível de ser classificada em várias tipologias, entre elas a pesquisa descritiva.

A presente pesquisa abrange os dois ambientes diferentes de coleta de dados. Primeiramente, buscaram-se dados junto à comunidade social para a investigação pretendida, que consiste no resgate da cultura italiana através da oralidade feminina e de acervos preservados, averiguando a passagem dessa cultura de geração em geração. Na sequência, para complementar os dados, fez-se um estudo de dois livros de literatura, um em prosa e outro em versos, averiguando a presença dos diferentes aspectos da cultura italiana na literatura gaúcha. No estudo literário a pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, por ser desenvolvida a partir de material já elaborado, ao passo que no resgate junto à comunidade assume características de pesquisa descritiva.

Com referência à pesquisa descritiva, Gil elucida que “as pesquisas descritivas têm por objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno. [...] São incluídas, neste grupo, as que buscam levantar atitudes e crenças de uma determinada população.”⁴³ Dessa forma, a pesquisa descritiva permite investigar, colher dados, tendo em vista o detalhamento e a caracterização de fatos capazes de revelar identidades de grupos pesquisados. O presente trabalho enquadra-se nesta classificação por seu desenvolvimento voltado à caracterização e à investigação de manifestações culturais que identificam a comunidade da etnia italiana.

Completando a natureza descritiva, tanto o estudo bibliográfico quanto os dados fornecidos pela comunidade seguiram uma abordagem de caráter qualitativo. A respeito dessa natureza de pesquisa, Minayo esclarece que “a abordagem qualitativa aprofunda-se no

⁴³ GIL, *Como elaborar um projeto de pesquisa*, p. 46.

mundo dos significados, das ações, dos valores e das relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações e estatísticas.”⁴⁴

O presente estudo investigativo, apesar de apresentar alguns dados quantitativos, assume tais características qualitativas por buscar o resgate, a valorização de crenças e experiências vividas por uma comunidade étnica, com a inclusão do universo de significados relacionados tanto para com o povo que os viveu no passado como para o momento presente.

2.2 Amostragem e delimitação do campo de investigação

A pesquisa realizada junto à comunidade teve como local de realização o município de Casca, RS, e os sujeitos participantes foram quatorze mulheres casquenses, de origem italiana, de duas gerações diferentes, mães e filhas.

O processo de escolha dos nomes para compor o grupo de mulheres da primeira geração foi realizado por meio de uma lista de sessenta associadas da entidade Renovar Terceira Idade, associação que, fundada em Casca em 02/05/95, conforme seu estatuto, tem por finalidade principal desenvolver a integração e a participação da idosa na sociedade.

Os critérios para escolha das entrevistadas da primeira geração foram os seguintes: serem mães de origem italiana, alfabetizadas e com idade acima de sessenta anos, bem como serem pessoas lúcidas, com disposição e conhecimento para relatar fatos, experiências e narrativas literárias que envolvessem elementos da cultura italiana. Enquanto os critérios para a escolha das entrevistadas da primeira geração foram diversos, para escolha da segunda geração de entrevistadas observou-se apenas a filiação, ou seja, serem filhas dos sujeitos da pesquisa da primeira geração.

⁴⁴ MINAYO, *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*, p.22.

Para o estudo bibliográfico estabeleceram-se critérios quanto à seleção de obras: os textos deveriam ser de autores gaúchos, cujas obras, de gêneros literários distintos, abordassem temas voltados a questões da imigração italiana. As obras selecionadas foram: *O quatrilho*, de José Clemente Pozenato, e o livro de poesia de Oscar Bertholdo, *Amadas raízes*.

Observando os critérios estabelecidos, constituíram-se, para o levantamento de dados junto à comunidade, dois grupos de sujeitos da pesquisa. O grupo da primeira geração foi composto pelas senhoras Inês Tereza Caleti Ghiggi, Idalina Mantovâni Variâni, Petronylla Camiloti Franciosi, Rosa Colferai Tebaldi, Josefina Spanhol Klanovics, Maria Ana D'Agostini Bettinelli e Gládis Zandoná Lima. O grupo da segunda geração foi constituído por Marlene Ghiggi Franciosi, Dalva Maria Variâni, Maria Ivone Franciosi Spolti, Neidite Tebaldi Possebom, Margarete Betineli de Oliveira, Ivete Klanovics Neto e Liliane Zandoná Lima.

Entre as mulheres da primeira geração, uma das sete que compunham o grupo é filha de imigrantes italianos, Petronylla, e as outras seis são netas de imigrantes italianos. A idade dos sujeitos da pesquisa da primeira geração é bem variável: quatro mulheres estão na faixa dos 80 aos 90 anos - Inês, Idalina, Petronylla e Rosa - sendo as quatro naturais de Casca, RS; Josefina e Maria Ana, cidadãs casquenses há mais de 50 anos, nasceram na década de 30, correspondendo a uma idade acima dos 70 anos; a sétima componente do grupo, Gládis, é natural de Casca e nasceu em 1944.

Com referência ao nível de escolaridade das sete mulheres, cinco cursaram o primário: - Petronylla, Inês, Rosa, Maria Ana e Josefina - enquanto Idalina concluiu o antigo curso Ginásial e a componente do grupo Gládis cursou o Ensino Médio.

Quanto à vida profissional, Rosa dedicou-se ao lar, auxiliando também o marido nas atividades agrícolas, enquanto que Idalina empenhou-se na profissão de cozinheira. Inês,

Gládis e Petronylla exerceram a profissão de costureiras. Inês, além de costureira, dedicou-se ao comércio, enquanto Gládis foi professora por um tempo reduzido. Maria Ana dedicou-se ao comércio, principalmente no ramo da alimentação e Josefina sustentou os filhos tricotando, pois ficou viúva aos 33 anos de idade. Atualmente, estão aposentadas; das sete mulheres citadas, seis são viúvas, com exceção de Rosa, e dedicam-se a serviços comunitários, principalmente fazendo parte nas atividades da Associação Renovar Terceira Idade. Nesse grupo, preparam números artísticos voltados à cultura italiana para serem apresentados principalmente nos eventos da comunidade de Casca, RS.

Quanto ao perfil do grupo das depoentes da segunda geração, são filhas dos sujeitos da pesquisa da primeira geração. Todas as mulheres da segunda geração são cidadãs casquenses, com idades que variam entre 42 e 57 anos; sua formação, com exceção de Neidite, que cursou o Primário e Marlene que conclui o Ensino Fundamental, corresponde ao curso superior. Dalva Maria tem formação superior em Administração; Maria Ivone é licenciada em Ciências e Margarete em Estudos Sociais pela Universidade de Passo Fundo, RS. Ivete concluiu o Normal Superior, pela Universidade do Norte do Paraná e Liliane cursou Administração e Direito.

Profissionalmente, Neidite dedica-se ao lar e Marlene ao comércio. Dalva e Liliane são funcionárias públicas. Dalva sempre trabalhou na Companhia Rio-grandense de Telecomunicações e Liliane exerce a profissão de Fiscal Municipal. Maria Ivone, Margarete e Ivete trabalham na área da educação: as duas primeiras como professoras de Ensino Fundamental e a última como secretária de escola.

2.3 Instrumentos

Para o levantamento de dados junto às mulheres citadas utilizou-se, para ambas as gerações, a entrevista e, para as mulheres da primeira geração, foi utilizada também a

observação. De acordo com Gil,⁴⁵ a entrevista pode ser entendida como uma técnica que envolve duas pessoas numa situação “face a face”, na qual uma delas formula questões e a outra responde, entre suas vantagens, permite ao entrevistador a inclusão da análise do comportamento não verbal do entrevistado. Por sua vez, a observação, segundo Cruz Neto⁴⁶, caracteriza-se pelo contato direto do pesquisador com o fenômeno estudado, que passa a observá-lo no próprio contexto, objetivando um exame minucioso.

Nessa perspectiva, utilizou-se no presente trabalho a entrevista como instrumento de coleta de dados, tendo em vista a situação de interação que possibilita entre pesquisador e entrevistado, na qual o distanciamento cede lugar ao contato direto, permitindo o aprofundamento dos dados pelo diálogo e pela análise comportamental do entrevistado. Quanto ao tipo de entrevista, utilizou-se a semi-estruturada por permitir adaptações e mudanças durante o levantamento de dados. A entrevistadora, na aplicação da técnica da entrevista, guiou-se por um roteiro pré-elaborado, anexado a este trabalho, que, por sua abertura a mudanças, permitiu o acréscimo de novas perguntas relacionadas ao tema pesquisado.

A observação, como já foi citado, constituiu-se em outro instrumento de coleta de dados e foi utilizada para o levantamento de acervos presentes nas casas das entrevistadas da primeira geração, onde o contato direto da pesquisadora com o objeto observado permitiu-lhe uma descrição mais completa e detalhada. Para guiar a observação citada, se utilizou um roteiro-guia, anexo, pré-elaborado, que serviu de auxílio para a seleção dos acervos, identificação e registro.

⁴⁵ GIL, *Como elaborar um projeto de pesquisa*, p. 90-91.

⁴⁶ CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília (Org.). *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1996, p.59.

2.4 Entrevistas, levantamento de acervos e procedimentos

Para o desenvolvimento das entrevistas junto a mulheres casquenses, sujeitos da pesquisa, foram percorridos os seguintes passos: pré-entrevista, entrevista e pós-entrevista.

Na pré-entrevista, entrou-se em contato com as possíveis depoentes, solicitando a sua colaboração e proporcionando-lhes um conhecimento do projeto e da sua participação. Na ocasião, combinaram-se data, horário e local das entrevistas, que aconteceram no próprio recinto familiar das entrevistadas.

As entrevistas realizaram-se no mês de fevereiro e início de março de 2006. Primeiramente, entrevistaram-se as mulheres da primeira geração e, na seqüência, as da segunda geração. Seguiu-se, para o desenvolvimento das entrevistas, a forma pergunta e resposta, embora sem seqüência obrigatória às perguntas do roteiro-guia e crescendo, inclusive, novas questões, reclamadas pelo momento, pela curiosidade surgida ou pela necessidade de especificar os dados. Durante as entrevistas levou-se em consideração, para a ampliação dos dados, além da verbalização, o comportamento das entrevistadas, sua sensibilidade, interpretação e sofrimento demonstrado perante os fatos lembrados, este, observado principalmente através da fisionomia, como também foram considerados a gesticulação e o entusiasmo demonstrado pela participação no trabalho. A entrevistadora, inclusive, procurou contribuir para um ambiente favorável, que transmitisse tranquilidade e confiança, através de uma conversa amigável, sem formalidade, a fim de que as entrevistadas deixassem aflorar a verdade nas suas lembranças e narrações.

As entrevistas, com o consentimento das entrevistadas, que o autorizaram sem hesitação, foram gravadas em fitas e, após, transcritas fielmente pela pesquisadora, material que constitui um apêndice deste trabalho.

Com o intuito de complementar os dados colhidos sobre a cultura da imigração italiana, após as entrevistas nas casas das entrevistadas do primeiro grupo, com a devida autorização, passou-se a observar a presença ou não de acervos da etnia italiana, preservados ao longo do tempo, que traduzem a história do grupo pesquisado. Na observação, com auxílio do roteiro-guia, anexo, registraram-se os acervos fotografando-os, inclusive, para que a imagem pudesse ser incluída no desenvolvimento deste trabalho.

2.5 O desenvolvimento do trabalho

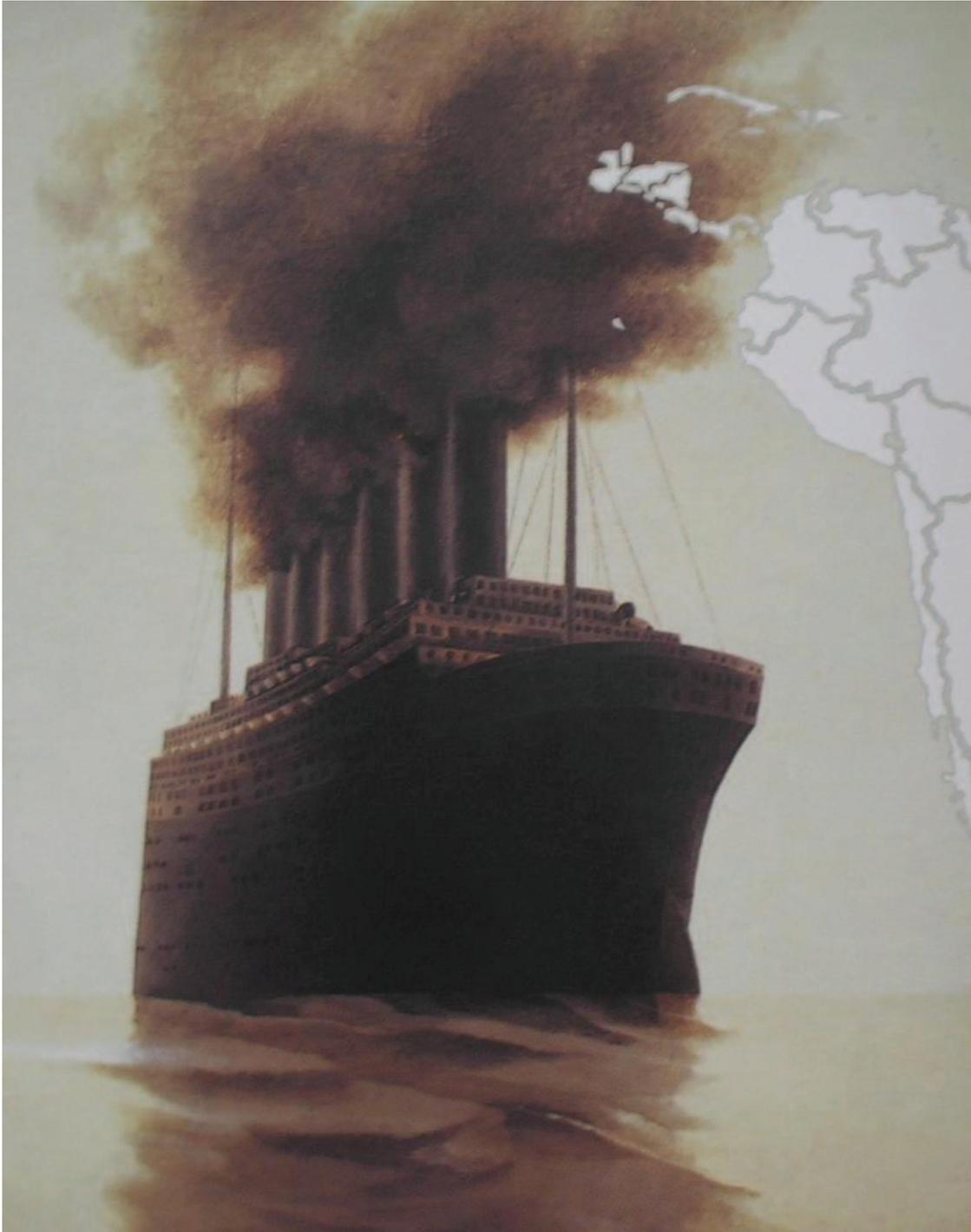
Após o levantamento de acervos, realização das entrevistas e sua transcrição, deu-se continuidade ao desenvolvimento do trabalho numa ordem preestabelecida.

Com a finalidade de registrar a cultura da imigração italiana, resumiram-se, primeiramente, os conteúdos das entrevistas dividindo-os em quatro partes: conteúdos referentes à história da imigração, costumes da comunidade de imigração italiana, valores culturais e dados referentes à leitura e à literatura oral desenvolvida pelo imigrante.

Na seqüência, fez-se o cotejo entre os dados fornecidos pela primeira e segunda geração de entrevistadas, com vistas a verificar a presença de aspectos em comum relatados que permitem identificar a passagem da cultura de geração em geração. Embora se tenha priorizado a verificação da propagação da cultura entre mães e filhas, foi observada também a participação masculina.

No capítulo seguinte, registraram-se os acervos que foram encontrados no contexto pesquisado e, por fim, procedeu-se a leitura e a análise das obras literárias selecionadas, verificando em que aspectos a cultura da imigração italiana está presente na literatura gaúcha, estabelecendo uma relação com os dados obtidos nas entrevistas realizadas.

CAPÍTULO III



Fonte: Revista Emília Romagna, 2002.

Nave Nera - partiu em 15 de agosto de 1893 de Gênova trazendo imigrantes rumo ao Brasil.

III CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS

Os imigrantes italianos que chegaram ao Rio Grande do Sul a partir de 1875 deslocaram-se, conforme registra Gelatti⁴⁷, para a região serrana, a contar de 1890, na busca de terras menos acidentadas. Dezenas de famílias radicaram-se na localidade de Casca, RS, município situado no Planalto sul-rio-grandense, na grande região da Encosta Superior do Nordeste.

Para essa terra, os italianos trouxeram a sua bagagem de experiências no trabalho, seus hábitos, costumes, sua cultura e crenças, patrimônio significativo que merece ser lembrado e registrado para que as gerações mais novas conheçam o verdadeiro valor de seus esforços em prol do desenvolvimento econômico, social e cultural do meio casquense.

Com o intuito de resgatar e registrar os vestígios da cultura dessa comunidade no contexto de Casca e na memória das depoentes, a fim de garantir sua continuidade no tempo e reverenciar os antepassados, realizou-se este trabalho de pesquisa junto a mulheres casquenses de duas gerações, cujas entrevistas transcreve-se resumidamente neste capítulo, na ordem da primeira para a segunda geração, subdividindo o conteúdo em história, costumes, valores e literatura oral dos colonizadores italianos.

⁴⁷ GELATTI, Roque. *Casca, ontem e hoje*. Passo Fundo: Instituto Social P. Berthier, 1985, p.18.

3.1 Conteúdo das entrevistas das mulheres da primeira geração

3.1.1 História da imigração italiana

Com referência à história da imigração, perguntou-se às entrevistadas da primeira geração se os familiares costumavam contar-lhes histórias e quais teriam sido os relatos ouvidos a respeito da imigração italiana, envolvendo a viagem, a chegada ao Rio Grande do Sul e as primeiras dificuldades encontradas na nova terra.

As sete mulheres entrevistadas responderam afirmativamente, relatando que os familiares costumavam contar-lhes histórias e atribuindo aos relatos ouvidos os seus conhecimentos sobre a história da imigração, seis, entre as sete mulheres, passaram a narrá-los, enquanto a depoente Gládis afirmou conhecê-los apenas superficialmente.

Josefina, partindo de um espaço distante, a Itália dos avós, contou acerca das dificuldades sofridas pelo povo italiano ainda no país de origem, como suas moradias, que nada mais eram do que estrebarias de animais. Relatou a entrevistada que o povo italiano se abrigava nessas instalações a fim de se aquecer com o calor dos animais, pois não havia lenha para fazer fogo, faziam-no, então, com o esterco dos animais.

Passando do espaço Itália para a travessia do mar, Inês e Idalina narraram com detalhes a viagem dos avós. Relataram as más condições dos navios que transportavam imigrantes e o destino dos mortos, que era o próprio mar. Idalina chamou a atenção para a falta de higiene, apresentando-a como responsável por doenças contagiosas e febres que acabavam vitimando muitos imigrantes a bordo dos navios. Inês deteve-se na descrição do navio, dizendo ser inadequado para uma viagem tão longa. Os navios, disse a depoente, “eram velhos, e quando desse uma ventania, infiltravam água”; então, os imigrantes, por causa da umidade, adoeciam e acabavam morrendo. Contou que seus avós perderam um

filho na travessia do mar, o qual foi jogado ao mar. Com uma expressão de sofrimento, demonstrado na fisionomia e pela verbalização através da interjeição, Inês acrescentou ao relato: “Imagine vê-lo sendo jogado ao mar!”

O relato deixa transparecer o tratamento desumano dado aos imigrantes e, pela exclamação da depoente, o sofrimento dos avós e da própria entrevistada perante o destino dos mortos, permitindo a reconstrução não apenas dos fatos, mas de sua significação. Embora a depoente não tenha sido testemunha ocular dos fatos, pela sua sensibilidade no momento da transmissão, passou a viver a lembrança e a sofrê-la, fazendo da memória histórica uma memória individual. Essa participação emotiva, que possibilita o resgate de sentimentos, reações e a reconstrução do fato em sua significação, permitindo a passagem da memória relacionada à histórica para a individual, encontra acolhida em Montenegro, que, ao referir-se à memória, diferencia-a da história pela dimensão do efeito que fatos desencadeiam e pela possibilidade de uma elaboração individual e imaginária, ausente na história unificada. Nas palavras do autor, “a memória se distingue da história, haja vista que sua constituição está associada [...] à elaboração subjetiva.”⁴⁸

Na seqüência dos relatos, as mulheres entrevistadas passaram a referir-se à chegada dos imigrantes ao Rio Grande do Sul. Rosa e Inês relataram que os imigrantes, ao chegarem a seu destino, o Rio Grande do Sul, eram conduzidos a Bento Gonçalves, Farroupilha ou Caxias, onde ganhavam uma porção de terra do governo, passavam a morar no mato e iniciavam sua nova vida trabalhando apenas com ferramentas manuais.

Relato semelhante fez Josefina, contando que os imigrantes adultos, ao receberem terras em Bento Gonçalves ou Muçum, deslocavam-se a pé de Porto Alegre até os locais citados, enquanto as crianças eram conduzidas a cavalo, dentro de *cargueiros* (cestas de taquaras amarradas nos cavalos). “As terras recebidas”, acrescentou a depoente, “diziam que

⁴⁸ MONTENEGRO, *História oral e memória: a cultura oral revisitada*, p. 20.

eram doadas, mas, na realidade, era pura ilusão, tinham que pagar com o próprio trabalho, geralmente, abrindo estradas para o governo.” Embora os relatos sejam semelhantes, o que diferenciou os de Josefina dos concedidos por Rosa e Inês foi a interpretação quanto à compra das terras pelos imigrantes, vindo a enriquecer a lembrança pelas versões oferecidas e permitindo que se reflita sobre a veracidade de muitos fatos.

Neste particular, recorre-se a Thompson⁴⁹, que considera a história oral como mais completa do que a história escrita, por permitir, ao dar voz a diferentes narradores, várias versões de fatos, que podem possibilitar mudanças de enfoque nos documentos oficiais, avaliando, assim, o ponto de vista de Josefina.

Quanto às primeiras dificuldades encontradas pelos imigrantes nas novas terras, as depoentes descreveram-nas com detalhes. A entrevistada Idalina contou que, ao chegarem, os imigrantes não tinham onde morar; por isso, nas primeiras noites dormiam ao relento ou embaixo de árvores.

Maria Ana acrescentou a esse relato que, além de dormirem no duro chão, passaram por muitos perigos, pois havia animais selvagens que os atacavam, e a única maneira de afastar o perigo era deixar o fogo aceso, o que impedia a aproximação dos animais.

Passados os primeiros dias, iniciavam-se as casas provisórias, que Josefina descreveu-as como moradias precárias, construídas com taquaras e cobertas de capim; só com o passar do tempo construía casas definitivas, edificadas com madeira serrada a mão e cobertas de tabuinhas. As casas definitivas, segundo Josefina, “eram construídas com porão e sobrado, que serviam de celeiros e depósitos”; os móveis reduziam-se a um *fogoler* (fogão com caixa de madeira, preenchida com terra) e a uma mesa grande para as refeições, acompanhada de bancos de madeira.

⁴⁹ THOMPSON, P. *A voz do passado: história oral*, 1998.

Quanto às dificuldades de instalação e à precariedade dos móveis, Petronylla acrescentou que, além do *fogoler* que exalava fumaça no interior da casa, havia no seu tempo de criança um *setchèr* (pia de madeira) para lavar a louça, cuja água era buscada na fonte.

Outra dificuldade descrita diz respeito à iluminação. Petronylla, em seu depoimento, relatou que a iluminação da época de sua infância era escassa: “Consistia”, diz ela, “em um *tchiareto* (lâmpada) a querosene, e quando este combustível terminava, embebiam-se um rolinho de pano na gordura animal e se acendia”.

Petronylla, ao referir-se ao ambiente em que viviam os imigrantes e seus descendentes, inclui o seu tempo de infância. O exposto vem demonstrar que a depoente conheceu a história da imigração não apenas por relatos ouvidos, ou informações lidas, mas por sua própria experiência, o que torna o depoimento mais fidedigno e os fatos mais completos. Thompson, ao referir-se à história oral, declara: “A evidência oral contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e comovente, mas também mais verdadeira”⁵⁰ Nesse sentido, o testemunho ocular de Petronylla merece, portanto, maior credibilidade, além de apresentar-se como mais completo porque os fatos vividos são, geralmente, exteriorizados com mais precisão.

A descrição das dificuldades enfrentadas pelos imigrantes italianos teve sua seqüência no relato de Inês, que se referiu à alimentação, ao transporte e ao comércio. Lembrou a entrevistada que os imigrantes não tinham como conservar os alimentos, por isso a carne tinha de ser consumida no dia ou cozida. Outra estratégia para a conservação consistia em amarrar a carne com uma corda e largá-la num poço de água para que permanecesse a uma temperatura mais amena. Não havia na época da infância da depoente casas de comércio na localidade de Casca, município em que residia. Segundo ela, “os produtos eram comercializados em Muçum e transportados em carroças puxadas por mulas”.

⁵⁰ THOMPSON, P. *A voz do passado: história oral*, p. 137.



Fonte: Romeu Franciosi

Figura 1 – Descendentes de italianos fazendo transporte dos produtos com auxílio de mulas.

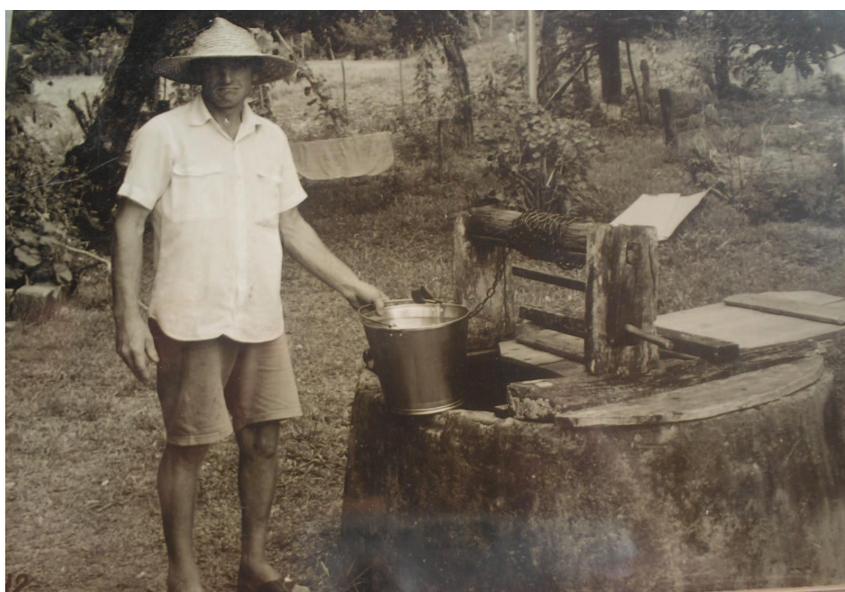
O relato de Inês sobre comércio e transporte foi enriquecido pela entrevistada Idalina, a qual acrescentou que, além das precárias estradas para a comercialização do produto, havia dificuldades quanto à colheita. Os imigrantes abriam picadas a facão para poderem colher o produto, que era transportado em cestos, carregados nas costas e, mais tarde, em carroças puxadas por mulas ou por bois.



Fonte: Prefeitura municipal de Casca. Figura 2 - Descendentes de italiano abrindo estradas com ferramentas manuais utilizando a carroça para transporte.

O trabalho dos colonizadores foi outra dificuldade relatada pelas depoentes. Petronylla iniciou pelo trabalho infantil, dizendo que, em razão da necessidade da época, as

crianças trabalhavam desde os seis ou sete anos, apesar de terem seu tempo dedicado à escola. A mulher acompanhava os homens no serviço pesado do campo; para o serviço de casa, permanecia uma mulher, que lavava, remendava e preparava as refeições. As roupas, segundo ela, eram lavadas nos rios, sobre uma tábua, e a lavadeira tinha de se ajoelhar para realizar a atividade. A água para cozinhar era buscada nas fontes ou em poços construídos nas proximidades da residência.



Fonte: Prefeitura Municipal de Casca, RS.
Figura 3 - Poço manual para retirada de água.

A mulher, na continuidade dos relatos, foi descrita como trabalhadeira e dedicada. Depois de um dia trabalhado no campo, à noite dedicava-se às atividades femininas comuns da época, como costura, bordados, ou, então, a fazer a *dressa* (trança com palha de trigo) para confeccionar chapéus e cestas. Ao referir-se ao trabalho noturno, comentou Petronylla: “Se fazia com satisfação, a mãe trabalhava e cantava até a madrugada e nós ficávamos juntas.” Pelo descrito, os fatos narrados pela depoente não se resumem ao aspecto físico, mas se completam na sua importância e significado, deixando transparecer o modo de pensar do

povo italiano, que vê o trabalho como uma realização, ao mesmo tempo em que apresenta a atividade da mulher como incessante, sem direito a descanso.

Cotejando os dados obtidos sobre trabalho feminino com os resgatados na dissertação de mestrado de Fabiane Burlamaque⁵¹, constatou-se que uma das mulheres entrevistadas por esta apresentou atividades femininas semelhantes às citadas por Petronylla. Pelos dados, até a década de 1950, aproximadamente, não era permitido à mulher, de uma maneira geral, ter um emprego na sociedade; exigia-se dela dedicação exclusiva ao lar e trabalho extenuante; eram-lhe atribuídas as funções de educar os filhos, executar os afazeres domésticos; confeccionar roupas e bordar. Na concepção masculina da época, pelos dados da tese referida, a mulher que trabalhava fora do lar não era vista com bons olhos pela sociedade; inclusive as meninas moças, num sentido geral, eram persuadidas a deixar os estudos para se dedicar à aprendizagem dos trabalhos domésticos. A formação formal era prioridade masculina, demonstrando, assim, a submissão da mulher e o privilégio do homem em determinadas culturas, incluindo a da comunidade italiana.

O trabalho masculino foi lembrado tanto por Petronylla como por Idalina. Esta se referiu às dificuldades encontradas em razão dos terrenos pedregosos e acidentados que os imigrantes adquiriram. Ao plantar as parreiras, atividade preferida dos italianos, os colonizadores eram obrigados, com muito sofrimento, a abrir os paredões com brocas para passar os ferros utilizados na armação dos parreirais. Petronylla acrescentou que o trabalho masculino era geralmente manual, realizado com ferramentas inadequadas e, por isso, muito desgastante. O trabalho masculino, inicialmente, reduzia-se às atividades de campo, plantio de milho e parreiras principalmente, contudo, em virtude da falta de comércio e de industrialização dos produtos, os homens, acrescentou a depoente, “passaram a dedicar-se

⁵¹ BURLAMAQUE, Fabiane Verardi. *Memórias de leitoras: histórias de vida*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

também à construção e funcionamento de serrarias e moinhos, bem como à profissão de taapeiros”.

Recuando aos 130 anos da imigração italiana, as entrevistadas da primeira geração, com exceção de Gládis, a mais nova do grupo, que relatou possuir dados apenas superficiais, demonstraram conhecer a história da imigração italiana, especialmente com referência a seus primeiros tempos em terras brasileiras. Com precisão, as depoentes foram detalhando os fatos comuns, atribuindo-lhes significação; indiretamente, descreveram o imigrante como um povo lutador, sofrido e corajoso.

Constatou-se também que os conhecimentos registrados nas memórias das entrevistadas e revividos por meio da narração não estão apenas voltados aos relatos de familiares, mas acrescidos por suas vivências. Demonstram, assim, terem retido em suas memórias abundância de saberes, que, ao serem exteriorizados, podem proporcionar às gerações mais novas o conhecimento de experiências de outrora, unindo tempos e mesclando informações que poderão contribuir para a formação de seres humanos. Essa verificação encontra eco nas palavras de Bosi, que, ao referir-se ao conhecimento dos avôs, assim os define: “O velho é o guardião do tesouro espiritual [...] O ancião desempenha a religiosa função social de unir o começo e o fim.”⁵² Para unir o princípio e o término, através dos relatos de suas experiências acumuladas, precisa apenas dar-lhes vez e voz em dias atuais. Dar oportunidade para que possam repassar sua história significa enriquecer, completar o presente com páginas do passado.

3.1.2 Costumes da comunidade de imigração italiana

Com referência aos costumes trazidos pelos imigrantes, perguntou-se aos sujeitos da pesquisa da primeira geração o que conheciam a respeito. Petronylla, referindo-se,

⁵² BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, p. 40.

inicialmente, ao tempo de criança, relatou que era costume as crianças confeccionarem seus próprios brinquedos, como as bonecas feitas de panos e espigas de milho, e os balanços, com tábuas brutas e cordas. Ao se lembrar dos presentes de Natal, contou que no seu tempo de infância, para ganhar um presente, as crianças tinham de deixar a casa arrumada e realizar todas as tarefas. Geralmente, os presentes reduziam-se a bolachas caseiras. Indignada, Petronylla declarou: “Fazer todos os serviços e ganhar um colar de bolacha, não é admissível! Era isso que faziam conosco!” Ela relatou ainda que as crianças não eram valorizadas, pois costumava-se separá-las dos adultos na hora das refeições a fim de que não incomodassem.

A depoente lembrou os fatos do passado interpretando-os à luz do mundo atual. Trouxe para o presente a indiferença e a insensibilidade do adulto de uma determinada época para com a criança e manifestou os desejos não realizados. Rememorou as práticas e os comportamentos associados ao lar e à família, relatando os dissabores do passado, o que pode contribuir para a valorização do tempo no presente entre as gerações mais novas. Fez-se presente nesse contexto a importância da memória como meio de exteriorizar sentimentos, o que faz lembrar Montenegro, que, ao diferenciar memória de história, destaca aquela por permitir o resgate às reações, aos sentimentos submersos e os desejos não concretizados.⁵³

Passando da infância para a juventude, Petronylla referiu-se ao namoro de sua época e descreveu-o com detalhes. Lembrou que os namorados não podiam se aproximar, ou seja, era um namoro com certa distância corporal e não havia liberdade para os namorados saírem juntos sem serem acompanhados e vigiados pelos pais.

O namoro descrito por Petronylla também foi lembrado por Maria Ana, a qual acrescentou que, quando o rapaz namorava na casa da moça, tinha hora marcada para sair.

⁵³ MONTENEGRO, *História oral e memória: a cultura popular revisitada*, 2001.

Caso demorasse um pouco mais, as mães que ficavam na cozinha vigiando o namoro, avisavam que o tempo havia se esgotado por meio de ruídos e reclamações.

Rosa também teve sua participação, acrescentando aos dados já citados que os namoros que seguiam os costumes do imigrante italiano não podiam ser denominados “namoros”, porque se desenvolviam a distância, o que não permitia conhecerem-se entre si. E irritada acrescentou: “Era uma estupidez!”. Rosa, neste particular, atribui ao passado sua avaliação presente, permitindo a constatação de que as lembranças exteriorizadas, com a interpretação do emissor, modificam-se, alteram a sua significação, atualizam-se, passando para as novas gerações o passado social, acrescido pela atribuição de juízo e valores individuais dos tempos atuais.

Na seqüência dos depoimentos, as depoentes, ao relatarem os costumes da comunidade de imigração italiana, não deixaram de mencionar os casamentos. Petronylla descreveu os casamentos do passado como diferentes dos realizados nos dias atuais. Relatou que começavam pela manhã, com refeição na casa da noiva; após, seguiam a cavalo até a igreja para as cerimônias religiosas; ao meio-dia, era servido almoço na casa do noivo com comida típica italiana: sopa, carne de galinha e vinho.

O casamento à moda italiana foi lembrado também por Inês, a qual relatou que o casamento não podia ser realizado aos sábados e que a noiva casava não sabendo quase nada sobre sexo, sendo que, a reduzida educação sexual, provocava apenas vergonha em praticá-lo.

Outros detalhes do casamento foram mencionados por Idalina e Maria Ana. Segundo elas, as mulheres não casavam de branco, mas com roupas claras e, geralmente, os pais opinavam quanto à escolha do genro, exigindo que o rapaz tivesse boa profissão ou perspectivas de melhorias econômicas.

Rosa, por sua vez, criticou o casamento, modificando a lembrança original por sua interpretação. Com indignação, relatou que, depois da cerimônia religiosa, era costume a noiva dirigir-se à sogra e perguntar-lhe se a aceitava como nora. Além disso, citou outro aspecto importante com referência ao casamento: a mãe não podia fazer-se presente ao casamento da filha porque acreditavam que sua presença era portadora de infelicidade. Indignada, Rosa disse: “Isso era um absurdo! Me dá até arrepio em contar.” Rosa, ao exteriorizar a lembrança, atribui-lhe novamente significação pela sensibilidade do momento e pela interpretação segundo o seu ponto de vista voltado aos tempos atuais, o que modifica o significado original, transmitindo o passado com uma nova roupagem. Isso porque, se no passado perguntar à sogra se aceitava a nora como membro da família era um sinal de respeito e a ausência da mãe da noiva no casamento, um meio de evitar a infelicidade dos noivos, no presente essas credices e atitudes, do ponto de vista da entrevistada, passam a ser interpretadas como indelicadezas. Essa situação encontra respaldo em Portelli quando enfatiza que a memória é social, pertence ao grupo, mas a “elaboração, a transmissão e (a apreciação) são individuais, o que a torna plural e mesclada.”⁵⁴

Outro costume dos noivos, lembrado pelas depoentes Rosa e Petronylla, diz respeito à moradia do novo casal. Rosa relatou que os noivos, após o casamento, ficavam morando por algum tempo na casa dos pais do rapaz, até que conseguissem uma porção de terra para se instalar, pois era costume das famílias italianas darem por herança terras aos filhos homens e um enxoval para as filhas mulheres.

Traduzindo a cultura do imigrante italiano em seus costumes, regras de comportamento familiares valores e significação, Petronylla acrescentou que, enquanto a

⁵⁴ PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana: mito, política, luto e senso comum. In: FERREIRA; AMADO (Org.), *Usos & abusos da história oral*, p.95.

nora ficasse morando com a sogra, era obrigada a dedicar-lhe respeito e assumi-la como mãe. “Eu”, disse a depoente, “a chamava de *mama*.”

A administração familiar foi enfocada por várias depoentes, que, manifestando-se contrárias às idéias defendidas em épocas passadas, enriqueceram as lembranças com suas apreciações. As lembranças referentes à administração familiar não foram apenas ressuscitadas, mas revividas e reinterpretadas e, conseqüentemente, repassadas com novos pontos de vista, como se pode ver a seguir.

Quem administrava o lar durante a infância de Rosa era o homem, o qual determinava tudo sem levar em conta os sentimentos da mulher. Embora a mulher sofresse com as decisões do marido, tinha de aceitar tudo calada; nem mesmo se fosse maltratada podia manifestar os maus-tratos socialmente.

Situação semelhante foi mencionada por Petronylla, a qual revelou que o pai de família era quem determinava tudo; aos filhos e à mulher cabia obedecer. Até as compras passavam pelo crivo do pai, o chefe de família, que, acompanhado de algum familiar, sem direito a voz, dirigia-se à cidade para fazer compras para todos os membros da família. Era comum adquirir um rolo de tecido para fazer calças e outro para as camisas e vestidos, razão por que todos os membros da família vestiam-se de modo igual. Relembrando os fatos, indignada, declarou a depoente: “Todos tinham que aceitar.” Indignação semelhante foi demonstrada por Gládis ao ratificar que a casa era dirigida somente pelo homem: “Todos os outros ficavam submissos a ele!”

Significando a união familiar da época da imigração, as entrevistadas passaram a enfocar, na seqüência das entrevistas, o grande número de membros que moravam sob o mesmo teto. Petronylla contou que as famílias eram enormes, inclusive a sua, pois as casas abrigavam avôs, tios e netos, que viviam em perfeita harmonia. Referindo-se ainda à família, acrescentou que os nomes dados aos filhos geralmente eram de origem italiana. Os nomes

comuns nas famílias eram Maria, Rosa, Ângelo, Tereza e José, mas sempre acompanhados de apelidos italianos como, “para José”, diz a entrevistada, “o apelido era *Béppe*; para Domingos, *Mênico*, e para Maria Madalena, *Nena*.”

Aos dados citados Josefina adicionou o costume de dar aos filhos nomes de santos, determinação que provinha da própria religião católica, visto que os padres exigiam nomes de santos ao batizar as crianças. Com a intenção de comprovar os fatos, disse a depoente: “O meu nome é Josefina porque nasci no dia de São José”, dia 19 de março.

Os depoimentos retrataram dois aspectos distintos: primeiro, que os costumes da comunidade de imigração italiana eram cultivados num espaço familiar de união e aceitação, pois o mesmo teto abrigava várias gerações; segundo, que os costumes privavam seus membros de liberdade de escolha e decisão. Com base nisso, têm-se presentes, pelos depoimentos, os costumes e as convicções da etnia italiana em seus valores e imposições.

Com relação aos costumes familiares e comportamentos em comum, outros dados foram lembrados pelos depoentes. Os filhos, segundo seus relatos, nasciam em casa, com auxílio de parteiras, pois não havia fácil acesso aos médicos, e as mães, ao ganharem os filhos, passavam quarenta dias em dieta, inclusive sem poder tomar banho, porque acreditavam que, caso se molhassem, adoeceriam.

Traduzindo a ingenuidade das famílias de origem italiana, as depoentes, indignadas, narraram outras crendices que fazem parte da cultura da imigração italiana. Rosa e Petronylla contaram que a mulher, ao ganhar o bebê, não podia sair de casa para visitar uma amiga ou entrar na igreja sem antes ter recebido uma bênção, dada pelo padre no dia do batizado da criança. Nesse dia, entravam na igreja os padrinhos com a criança, enquanto a mãe aguardava na porta o padre para benzê-la. Isso acontecia, segundo Maria Ana, porque o sexo era visto como pecado e a mulher que paria era considerada impura.

Bem humorada e deixando transparecer, ao mesmo tempo, a satisfação em participar da pesquisa, Maria Ana acrescenta ao aspecto focado: “Imagina que muita gente cobria as imagens dos santos antes de fazer sexo. Não tinha luz e ainda por medo cobriam os santos. Imagine a cena!”

Os depoimentos fornecidos pelas depoentes sobre maternidade e sexo trouxeram consigo o modo de pensar do grupo étnico italiano, que, certamente, era extensivo a outras comunidades. A mulher, ao fazer sexo, cometia pecado e precisava ser purificada, ao passo que o homem era absolvido do pecado naturalmente. A cultura da imigração italiana foi narrada e lembrada pelas depoentes não apenas nos acontecimentos em si, mas com a inclusão de sua significação. Com referência à importância da significação na transmissão do passado, Bosi afirma que não basta reconstituir o passado; é preciso compreender o sentido que os fatos e os objetos tinham para o povo que os vivenciava.⁵⁵ Nessa perspectiva, para que as narrações se tornem mais significativas é necessário estabelecer a relação da imagem, do conteúdo com o significado, que pode conduzir a visão de mundo de outrora e o resgate da realidade da época referida, permitindo decifrar conjuntos de pensamentos comuns que implicam a história cultural do grupo.

Outro aspecto que merece ser destacado nesse depoimento é o referente à participação humorística de Maria Ana, que demonstrou satisfação em poder participar do trabalho de pesquisa e reconstruir fatos que marcaram sua vida. Esse particular remete à teoria de Thompson,⁵⁶ o qual enfatiza a participação do idoso na reconstrução do passado como um meio que estimula a auto-estima, despertando sentimentos renovados de esperança por sentir-se útil à sociedade em que está inserido e poder contribuir com ela com seus conhecimentos e saberes. Maria Ana deixou transparecer seu entusiasmo por meio da

⁵⁵ BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, p. 336.

⁵⁶ THOMPSON, P. *A voz do passado: história oral*, 1998.

conversa animada, disposição e feição irônica que tornava o ambiente agradável, acolhedor e participativo.

Com relação à família e seus costumes, outros aspectos destacados dizem respeito à gastronomia e ao vestuário. Inês lembrou com detalhes, por ser testemunha ocular, que a gastronomia italiana consistia “em polenta, *radicci*, salame e vinho”, como ainda hoje ocorre. Voltando ao tempo de criança, contou que era comum fazer várias refeições ao dia: além do jantar e do almoço, havia a *collassion* (merenda da manhã), que era levada com uma *sporta* (cesta de palha) até o local onde a família trabalhava, geralmente na roça, e à meia tarde era servido o *merendin* (lanche da tarde).



Fonte – Vídeo Foto Sareta.
Figura 4 - Gastronomia italiana.

Com referência às vestes típicas do italiano, Inês descreveu as roupas femininas e masculinas. A mulher usava avental, saia comprida e lenço; o homem, cueca amarrada ao tornozelo, calça de riscado, camisa e, geralmente, suspensório.

Quanto às lembranças dos espaços familiares, a ornamentação das casas foi descrita por Maria Ana, que destacou a sua simplicidade, representando, ao mesmo tempo, a singeleza do grupo. Os enfeites consistiam em costumes italianos, que se resumiam a alguns

panos bordados expostos nas paredes e guardanapos nos painéis; simbolizando a religiosidade, algumas imagens de santos faziam parte da decoração de casa.

Transmitindo a saudade da pátria deixada ao longe, unindo costume e significação, ou nas palavras de Chartier, “unindo a imagem visual ao conceito manifesto, implicando uma relação de representatividade”⁵⁷, as entrevistadas lembraram, na seqüência, os divertimentos do povo imigrante e citaram danças, jogos e cantos herdados do país de origem.

Enquanto Gládis destacou as cantorias como principal meio de diversão, Josefina enfatizou que o povo italiano gostava muito de dançar e jogar, dizendo: “As preferências dos italianos eram o jogo de cartas, mora e de bochas e a dança especial era a tarantela”, que está presente até hoje no repertório do grupo casquense de danças italianas. Esta consiste numa dança com círculo de pares e com movimentos rápidos e animados e tem origem numa lenda italiana: havia na Itália aranhas denominadas “tarântulas”, que, se picassem alguém, este só se livraria da dor dançando a tarantela.



Fonte: Vídeo Foto Sareta

Figura 5 - Grupo de dança italiana Ballar e Ballare, dançando a tarantela.

⁵⁷ CHARTIER, R. *A história cultural entre práticas e representações*, p. 228.

Sobre o assunto diversão, Idalina acrescentou que os bailes, não só da época da imigração como também do seu tempo de jovem, eram bem diferentes dos de hoje. O principal instrumento musical era a gaita e o baile iniciava em torno das vinte horas, acabando no máximo às duas da madrugada. Isso acontecia porque os rapazes, após o baile, faziam serenatas nas casas das pretendidas namoradas.

Trazendo presente a submissão da mulher na cultura da imigração italiana, Maria Ana, ao falar sobre divertimentos em geral, contou que esses eram quase que exclusivos do homem; enquanto ele se divertia, cabia à mulher cuidar dos filhos e dedicar-se ao serviço do lar. Portanto, para a mulher, não havia muito espaço para a diversão.

Com relação aos costumes familiares, regras de comportamento em comum e valores representativos, os depoentes destacaram também o luto. Inês, voltando ao tempo de jovem, lembrou que, quando morria alguém da família, era costume usar roupas pretas; “inclusive”, adiciona a depoente, “tingiam-se as roupas das crianças”. Relato semelhante fez Maria Ana, acrescentando que o luto era usado em sinal de respeito e que, além de usar roupas escuras durante um ano após a morte de algum familiar, os demais membros da família não participavam de bailes e festas.

Os depoimentos demonstraram que os costumes da comunidade de imigração italiana estão presentes principalmente nas memórias das entrevistadas da primeira geração e que, narrados em sua base comum e significação, alteraram-se pelas interpretações, atribuições de valores e reelaborações, por meio das quais os sujeitos da pesquisa foram individualizando e reorganizando a memória de acordo com a visão do mundo atual.

Embora constatado que a cultura da imigração italiana, no aspecto costumes, esteja presente na memória de todas as entrevistadas da primeira geração, verificou-se que os sujeitos da pesquisa de mais idade, como Petronylla e Rosa, lembraram o passado com mais facilidade, descrevendo-o com precisão e pormenores por tê-lo vivido ou terem sido

testemunhas oculares dos fatos. Por sua vez, nas depoentes de menor idade, como Gládis, as lembranças foram mais reduzidas e apresentadas vagamente, o que confirma a necessidade de se registrar o passado, pois, segundo Bosi, “quando morrem as vozes dos avós, suas épocas serão caminhos apagados. Perdemos os guias que percorriam e nos conduziam em seus atalhos.”⁵⁸ Os avós, nessa acepção, são os refúgios do passado social e individual, que, por suas vivências, facilitam o resgate desse passado num rigor mais sóbrio e completo. Aproveitar esses saberes, enquanto ativos, significa manter viva a história de comunidades num sentido mais completo, que poderá ser útil para as gerações mais novas como um meio de identificar, de formar, bem como de conscientizar sobre os valores.

3.1.3 Valores da comunidade de imigração italiana

Quanto aos valores priorizados pela comunidade de imigração italiana, obtiveram-se dados significativos. Inês apresentou a religião como o principal valor observado, relatando que todas as noites, em seu tempo de jovem, havia a reza do terço em família, coordenada pela mãe. Aos domingos, assistir à missa era um requisito básico para ter direito de sair à tarde. O padre era visto como um Deus na terra, respeitado por todos e, inclusive, consultado quando da ocorrência de qualquer problema familiar. “Ao vê-lo”, disse Inês “as crianças se aproximavam, beijavam-lhe a mão e o saudavam como um viva Cristo!” Comparando a prática religiosa de ontem e hoje, a depoente acrescentou: “Hoje é muito diferente, nem benzer as casas se costuma mais!”

Com respeito à religião como pilar da família, Idalina adicionou aos relatos sobre prática religiosa que, além da obrigação familiar de assistir à missa, a igreja era considerada um espaço de respeito, a casa de Deus, um lugar sagrado para o encontro com Ele e, segundo

⁵⁸ BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, p.342.

a entrevistada, “muito diferente de hoje, que está se transformando em um espaço de conversas e até de negócios.”

Relato semelhante foi feito por Petronylla, a qual comentou que a obrigatoriedade de assistir à missa foi vivida por ela, que se deslocava a pé, percorrendo quilômetros para assistir à celebração dominical; após sua família adquirir cavalos, os membros familiares que iam à missa levavam consigo as crianças, com o intuito de inculcar nelas desde cedo o valor da prática religiosa. A depoente, não se satisfazendo apenas em narrar, na sequência da entrevista, fez o cotejo da prática religiosa de ontem e de hoje dizendo: “Hoje se mora perto da igreja e não se costuma mais ir à missa.”

Quanto à prática religiosa na família de Rosa, além dos preceitos já mencionados, ela lembrou que a reza do terço em sua casa era acompanhada com ladainhas em língua italiana, destacando seu pai como o mestre de orações, o que vem demonstrar a importância dada não só à oração, mas à cultura italiana através da prática da língua.

Na casa de Josefina, os costumes e os valores não se diferenciavam muito dos apresentados pelas demais depoentes. Ela relatou que as orações eram acrescidas de catecismo em língua italiana e do rosário, acompanhado pelos mistérios e leituras da Sagrada Escritura.

A Bíblia, embora proibida a sua leitura no tempo da colonização italiana, era lida também na casa de Maria Ana. A depoente comentou que o avô, descrito por ela “como um homem de muita devoção”, que buscava a solução dos problemas através da fé, “fechava-se no quarto e, entre jejuns e orações, lia às escondidas” o referido Livro.

Entre os valores priorizados pelas famílias de origem italiana, foi apresentada a educação escolar, descrita, inclusive, na tolerância dos pais perante as atitudes dos professores. Rosa afirmou que proporcionar uma educação escolar aos filhos era prioridade para os pais em seu tempo de criança, embora tenha descrito a escola como um lugar de

punições, de castigos, aceitos pelos pais, o que acabava por desmotivar os alunos à frequência escolar. Relatou que os mestres tinham liberdade para castigar até por motivos insignificantes como, por exemplo, “o de levar merenda para a escola.”

Inês também descreveu a escola como uma lembrança amarga. Lembrou que a criança que não conseguisse responder às questões exigidas pelo professor recebia reguadas nas mãos ou varadas nas costas. Indignada, Inês acrescentou: “E os pais achavam certo! Acreditavam que o professor sabia o que fazia!”

Retratando as boas intenções do grupo da grande família de imigrantes italianos, a honestidade e o respeito foram outros valores citados. Josefina lembrou que os pais exigiam dos filhos honestidade e respeito com todas as pessoas, mas, sobretudo, com os professores. A honestidade era, muitas vezes, transmitida por meio da moral de histórias contadas. Os pais enfatizavam as narrações que educassem no sentido de saber dividir, de não se valer do alheio e, sobretudo, de acreditar em Deus. Esse particular permite a constatação de que a cultura italiana, em seus valores e costumes, era transmitida entre as gerações não somente pela mãe, que geralmente se destaca, mas por outros integrantes da família.

Idalina também citou o respeito como valor priorizado por sua família. Contou que os pais exigiam que a criança, ao passar por alguém de mais idade principalmente, não deixasse de cumprimentá-lo. Relatou também que em sua família não era permitida a blasfêmia, embora fosse um costume muito comum entre o grupo da etnia italiana. Passando dos bons costumes para a proibição aos juramentos cristãos, as entrevistadas citaram a fidelidade e a união conjugal perene como outros valores presentes na cultura italiana, mantidos pela submissão da mulher ou por temor ao pecado. Entre as sete entrevistadas, somente Maria Ana declarou ter conhecido, quando jovem, um caso de separação conjugal, enquanto três outras depoentes declararam acreditar que não houvesse, porque não era comum casais se separarem.

Petronylla avaliou a situação dizendo que as separações não aconteciam porque havia tolerância entre os casais. Rosa, fazendo sua apreciação, entendeu que os casais não se separavam porque a mulher era submissa ao marido; segundo ela, a mulher tinha de suportar calada, pois, se levasse a público os maus-tratos a que se submetia, isso era considerado um escândalo social.

Josefina atribui à união conjugal permanente uma outra visão. Para ela, as separações não aconteciam por causa dos juramentos feitos na igreja no dia do casamento, visto que os noivos prometiam viver unidos para sempre. Separar-se, então, significava quebrar o juramento cristão, o que, na concepção da comunidade italiana principalmente era pecar contra Deus e consistia numa desonra social.

Entre os valores destacados pelas depoentes como prioridades nas famílias de origem italiana, foi citada a importância da virgindade da mulher antes do casamento.

Maria Ana declarou que o sexo praticado antes do casamento consistia em desonra. Segundo ela, a moça solteira que engravidasse tinha dificuldade de ser aceita até mesmo na casa dos pais. As moças casavam muito cedo, eram inocentes e tímidas, nada sabendo sobre sexo, porque havia nas famílias um silêncio sobre o assunto. Falar sobre sexo era considerado vergonhoso e incentivava a prática. O silêncio sobre o assunto provocou em Inês e Rosa lembranças amargas. Rosa, quando casou, não sabia nem mesmo quanto tempo de gravidez era necessário para o nenê nascer, enquanto Inês contou que o silêncio e a falta de informação incutiram-lhe receios e traumas na prática natural do sexo.

Com relação aos valores, na seqüência das prioridades observadas, as mulheres foram interrogadas a respeito das relações sociais do grupo italiano. Cinco das sete entrevistadas avaliaram as relações sociais do passado como muito boas, relacionadas aos sentimentos de amizade, solidariedade e ajuda mútua entre a vizinhança.

Maria Ana comentou que os vizinhos do seu tempo de jovem formavam uma grande família, independente da origem, deixando transparecer que muitos costumes e valores da comunidade italiana eram observados também por outras etnias. Era comum entre as pessoas serem compadres por duas ou mais vezes. Os *filós* (serões) eram freqüentes e deslocavam-se a pé, caminhando quilômetros para chegar ao vizinho, iluminando o caminho com um feixe de ripas acesas. “Apesar da distância”, contou Maria Ana, “era uma alegria, se caminhava conversando e contando piadas.” Quando não havia os *filós*, ocorriam os encontros para as passarinhadas e, ao final da visita, a família visitada encarregava-se do transporte dos vizinhos, que era feito com carroça.

Inês, ao referir-se às relações entre vizinhos, acrescentou as atividades realizadas nos *filós*. Lembrou que os homens se distraíam com o jogo das cartas e o canto, enquanto as mulheres conversavam e banqueteavam-se com salame, queijo, pipoca e batata. Comparando o passado com os dias atuais, a depoente acrescentou: “Hoje tudo mudou, as pessoas nem se visitam mais.”

Às atividades preferidas nos *filós*, Gládis acrescenta a leitura. Segundo ela, era indispensável, realizada geralmente em grupo e comentada para que a aprendizagem fosse extensiva a todos. Os serões, nesse sentido, como locais de conversações, de cantos, de cultura oralizada, podem ser considerados, com base na teoria de Chartier⁵⁹, práticas de socialização e sua leitura componente de representação da cultura deste povo, estabelecida pela simplicidade de vida, pelas aspirações, expressas principalmente nas palavras de Gládis ao comentar que a leitura visava à aprendizagem.

Enquanto Inês e Gládis se detiveram em detalhar as atividades dos *filós*, Josefina comentou a ajuda mútua dos vizinhos. Relatou que, quando algum vizinho adoecia, era comum a comunidade fazer rodízio para cuidar do doente e, quando uma senhora ganhava

⁵⁹ CARTIER, *A história cultural entre práticas e representações*, 2002.

nenê, suas vizinhas a auxiliavam nos serviços da casa e nos cuidados com o bebê. Era comum também visitar a mãe que ganhara o filho e dar-lhe de presente uma galinha para fazer caldo.

Os valores mencionados pelos sujeitos da pesquisa focaram, em geral, o grupo familiar. Na cultura de imigração italiana, pelos depoimentos obtidos, a religião foi o eixo norteador da família, tanto em sua prática religiosa como no temor ao pecado, descrito principalmente na união conjugal indissolúvel, mantida para não quebrar o juramento cristão de viverem unidos para sempre. Além disso, a família foi descrita como espaço de oração, de cantos e de cultos, inclusive em língua italiana, o que demonstra a valorização e a formação das entrevistadas na cultura italiana.

O valor da religiosidade e a força da fé dos imigrantes pareceram enraizados nas depoentes. Ao descrever os membros familiares, a mãe, o pai, os avós, as depoentes não o fizeram por meio das características físicas, mas dos traços espirituais, descrevendo-os como incentivadores da religiosidade e da fé. Além de estarem gravadas nas memórias das entrevistadas as imagens dos membros familiares como modelos e exemplos de fé, a figura do padre não deixou de entrar em cena, sendo visto como um indivíduo que, pela função exercida, merecia respeito, admiração e um tratamento especial. Em consideração à religião como um grande valor priorizado pelo grupo da etnia italiana, a igreja também foi lembrada pelas depoentes e descrita como um espaço sagrado para o encontro com Deus.

Ao mesmo tempo em que as depoentes foram relatando a prática e os valores religiosos do passado, deixaram transparecer em suas narrações que essa prática, na vida diária atual, está sendo muito reduzida. A obrigatoriedade de assistir à missa dominical, as visitas freqüentes dos padres às famílias para benzer os lares já deixaram de existir, segundo as entrevistadas.

O valor da prática religiosa priorizado pelo grupo étnico italiana, pelos depoimentos, parece estar perdendo seu vigor, fazendo-se presente na memória das entrevistadas, mas com uma prática reduzida. O mesmo pode ser verificado quanto às relações sociais do passado, no sentido de união, visita, ajuda e solidariedade. O vínculo estreito com os vizinhos está desaparecendo, visto que o apego às coisas materiais, o trabalho feminino fora do lar, a preferência e a necessidade de acompanhar a sociedade em evolução constante, que, através de seus meios de comunicação, oferece novos atrativos, são motivos visíveis que levam o indivíduo a perder na prática certos costumes e valores observados pelos antepassados e que serviam de metas para a vida em sociedade. Perante tais preferências, o tempo para visitas tornou-se escasso e a prática religiosa reduziu-se. Nas palavras de Maria Ana, “hoje ninguém mais tem tempo. Todos precisam trabalhar e a televisão é mais atraente.”

A história cultural da comunidade de imigração italiana, tendo como componente de representação os valores, está viva, portanto, na memória das pessoas, mas arrefecida em sua prática, constatação que encontra, novamente, ressonância na voz de Bosi: “Quando morrem as vozes dos avós, sua época nos parece como um caminho apagado à distância. Perdemos os guias que percorriam e sabiam conduzir-nos em seus atalhos.”⁶⁰ Portanto, salienta-se, mais uma vez, que para as culturas de povos não perderem sua integridade pela ausência da prática é necessário o incentivo e o seu resgate, o que deve ser feito enquanto as vozes dos que conhecem a história estejam vivas nas comunidades.

3.1.4 Leitura e literatura

No último bloco de questões, dirigiram-se aos sujeitos da pesquisa da primeira geração perguntas que se relacionavam à sua iniciação no mundo da leitura e da literatura, ao

⁶⁰ BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, p.342.

incentivo socioambiental recebido e à existência de material de leitura na família, principalmente com relação à cultura da imigração italiana.

Com referência aos primeiros contatos com o livro e ao material de leitura, seis das entrevistadas revelaram que isso ocorreu em sua própria casa, embora para Maria Ana, Rosa, Josefina e Petronylla o material existente fosse escasso, ou seja, reduzia-se ao livro escolar *Seleta*, em prosa e verso, de Alfredo Clemente Pinto, alguns jornais, livros de vidas de santos e orações em língua italiana e a Sagrada Escritura. O ambiente familiar de Gládis foi descrito como razoável em material de leitura. Havia livros de romance, como o *Naneto Pipeta*, de Aquiles Bernardi, a novela “Genoveva”, livros religiosos outros livros e jornais, inclusive alguns jornais escritos em dialeto italiano. Ao contrário das demais senhoras, Idalina descreveu o seu ambiente familiar como rico e diversificado em material de leitura. Relatou que havia uma biblioteca em sua casa com os mais diferentes gêneros de leitura. Além dos livros religiosos, da Bíblia, que não podia faltar em todos os lares e cuja leitura era constante, havia uma enciclopédia e um livro, este, apesar de data e autor ilegíveis, a entrevistada garante ser original da Itália, motivo pelo qual o guarda ainda hoje como uma relíquia do passado.

Constatou-se pelos depoimentos que, embora não houvesse material de leitura em abundância em todas as casas das participantes da pesquisa, em nenhuma das famílias deixavam de existir livros em idioma italiano. Todas as entrevistadas tiveram acesso a esses materiais, comprovando a importância dada à língua italiana nos lares dos imigrantes e de seus descendentes, propiciando a formação de seus membros com princípios voltados à cultura de origem. Além da presença da língua italiana, a prioridade a leituras de livros de santos, de orações, da Bíblia conduzem às representações de vida comunitária, voltada à fé, à piedade, à oração, refletindo a cultura do povo por meio do material e das práticas leitoras.

A iniciação à leitura das entrevistadas deu-se muito antes do seu primeiro contato com o livro. Questionadas a respeito da contação de histórias italianas, principalmente, seis das sete mulheres revelaram que os pais apenas lhes contavam histórias, não se dedicando muito a ler para os filhos. Idalina, voltando ao tempo de infância, lembrou a mãe entoando canções de ninar para os filhos e, demonstrando que essas parlendas ainda estão vivas em sua memória, recitou-as em língua italiana, demonstrando domínio do idioma. Lembrou e narrou também orações e cantigas de roda, os contos referentes aos milagres de santo Antônio, parlendas e adivinhas ouvidas de seus pais, quando, nas noites de *filó*, faziam roda com os filhos e brincavam com eles com a finalidade de diverti-los e desenvolver neles a língua italiana.

Entre as adivinhas e cantigas citadas têm-se a cantiga de ninar *Síamo Sette* (“Somos sete”), a cantiga de roda *Cavallino di, de, do* (“Cavalinho di, de, do”) e a adivinha “Alto, alto belvedere”, que consiste no seguinte: *Alto, alto belvedere, quattrocento cavalieri, com la spata ritirata e la testa ensanguinata. Che cos’ é ? Le um ciliegio.* (“Alto, alto bela vista, quatrocentos cavaleiros, com a espada retirada e a cabeça ensangüentada. O que é? É um pé de cerejeira”).

Das cantigas de roda e de ninar, lembradas por Idalina, transcrevem-se com tradução, a seguir, apenas as denominadas “Somos sete” e “Cavalinho di, de, do” por terem sido relatadas em língua italiana, o que atende ao objetivo deste trabalho, que consiste em resgatar a cultura dessa comunidade étnica em nosso meio.

*SIAMO SETTE**“Siamo sette, siamo sette**Che passeggiamo per qui.**Ragazzi e ragazzini**A dormir ora se vá.**Mettite via i giocattoli**I via anche i libretti**Subito a dormire, subito a dormire**E l’ora**CAVALLINO DI, DE, DO**Cavallino di, de, do**Prendi il ferro che ti dò.**Prendi il ferro che ti metto**Per andare a San Galetto**Cavallino no ci era**Era andato allá guerra**Allá guerra iraniana**Che faceva suonare la campana**La campana faceva din, don.”*

SOMOS SETE

Somos sete, somos sete

Que passeamos por aqui.

Meninos e menininhos

A dormir ora se vão.

Guardem todos os brinquedos

E também os seus livrinhos.

Logo a dormir, logo a dormir.

Está na hora

CAVALINHO DI, DE, DO

Cavalinho di, de, do

Prenda o ferro que te dou.

Prenda o ferro que te meto

Para andar a São Galetto.

Cavalinho não estava

Tinha ido à guerra

À guerra iraniana

Que fazia soar o sino

O sino fazia din, don.

O contato com a leitura e a literatura pode iniciar-se no próprio lar. As poesias infantis, a leitura literária, acompanham a criança desde o berço e o gosto por esta se manifesta na mais tenra idade. E nesta fase inicial da criança que os pais podem proporcionar momentos de aprendizagem e formação por meio de poesias recitadas que levam ao sonho, à

imaginação, e à construção de si mesmo. A cantiga de ninar referida, pela repetição principalmente, além de auxiliar o embalo e facilitar o sono, apresenta-se como uma fonte de ternura e musicalidade que conduz à aprendizagem em diversas linguagens, enquanto a cantiga de roda, pelo ritmo anomatopaico, pelo conteúdo que, embora simples destaca-se pela pluralidade significativa, contribui para a iniciação à linguagem literária e para a formação escolar como um conteúdo prévio adquirido no ambiente coletivo e familiar. O envolvimento dos pais no estímulo à leitura retrata seu intuito de educar formal e informalmente e as cantigas narradas no idioma de origem das entrevistadas demonstram a presença da cultura italiana nos lares dos imigrantes e seus descendentes, ao mesmo tempo em que traduzem a preocupação dos pais em iniciar os filhos tanto no idioma de origem quanto no oficial, mantendo vivas, com isso, além da tradição de contar histórias, a língua de um povo, como um meio de conservar e valorizar as raízes de uma comunidade étnica.

A exemplo de Idalina, Inês também teve iniciação à língua e aos costumes italianos em sua casa, por meio da contação de histórias. A depoente atribuiu ao pai a função de contador de histórias, o que prova, mais uma vez, que nas famílias, embora a mãe se destaque como transmissora da cultura oral, a figura paterna também tem participação. Lembrou Inês ter ouvido “A história do Monte Cristo”, “O velhinho”, “A moça mais linda do mundo”, “Os três irmãos”, “O menino da agulha” e “Joãozinho e Maria”.

Dois dos contos citados, “O menino da agulha” e “O velhinho” têm como espaço de desenvolvimento da história a Itália, o que demonstra, mais uma vez, a valorização e a presença da cultura italiana nos lares dos sujeitos de pesquisa da primeira geração.

Da mesma forma que aconteceu com a transcrição das parlendas, transcrevem-se, a seguir, com certa fidelidade à forma como foram transmitidos pelas entrevistadas, apenas os contos que apresentam aspectos voltados à cultura da imigração italiana.

Inicia-se com o conto *O menino da agulha* narrado por Inês Tereza:

Havia uma vez uma viúva na Itália que enxergava pouco e precisava costurar para sobreviver. A viúva tinha o filho Felipe que a auxiliava para pôr a linha na agulha. Certo dia, o menino sentou-se na escada da casa de uma costureira vizinha e encontrou uma cesta com várias agulhas, grandes e pequenas. Uma agulha era bem grossa, que facilitava o serviço da mãe. Roubou a agulha. Quando chegou em casa, deu a agulha à mãe e ela ficou faceira e disse: – Muito bem, meu filho, a mãe precisava mesmo! Onde tu a encontraste? - Na casa da vizinha. Num outro dia, ele passou por uma cerca e viu vários aventais no sol para secar. Pegou um e levou para a mãe, porque sabia que a mãe precisava. - Mãe, estou cansado de te ver com esse avental todo remendado. Pega esse! - Onde conseguiu, meu filho? - Num varal, aqui por perto. A mãe ficou contente e elogiou a atitude do filho. O filho no dia-a-dia sempre roubava alguma coisa. Das coisas mais simples até as grandes coisas. Tornou-se um ladrão temível, assaltava bancos, comércio, residências. Prendiam o rapaz, mas ele fugia da cadeia. Resolveram então queimá-lo. Naquele tempo, era costume, na Itália, queimar os malfeitores, quando condenados pelos erros cometidos. Num domingo, chegaram várias carroças e, em praça pública, descarregaram lenha para fazer fogo e queimar o maior ladrão do mundo. O moço ladrão chegou para ser morto. Antes de matá-lo pediram-lhe para que fizesse o último pedido. - Quero dar um beijo à minha mãe, disse o rapaz. A mãe encontrava-se embaixo de uma árvore, chorando. O rapaz se dirigiu à mãe e disse: - Mãe, por causa de uma agulha fui condenado à morte. Ao invés de um beijo, deu-lhe uma mordida no rosto que nunca mais cicatrizou.

Para Darnton, “a História cultural estuda a maneira como as pessoas comuns pensam e entendem o mundo”.⁶¹ O conto, nessa perspectiva, conduz à mentalidade social de grupos em uma determinada época, na qual certas transgressões mereciam punições rígidas. Com essa narrativa, visualiza-se, por trás da reduzida fantasia simbolizada na cicatriz perene causada pelo beijo, certo substrato da realidade social e cultural, a maneira de pensar dos italianos, expressa na defesa da condenação do erro, enquanto que a mensagem da narrativa é reveladora da responsabilidade dos pais na educação dos filhos. A propagação desse texto transmite elementos de representação da cultura da imigração italiana que são os valores resumidos na importância da honestidade, no comportamento exemplar exigido pela sociedade e ao temor da punição, quando da sua desobediência.

⁶¹ DARNTON, R. *O grande massacre dos gatos*, p. 9.

História do Velhinho contado também por Inês Tereza:

Jesus vestiu-se com um casacão, porque fazia neve na Itália e deixou a barba comprida. Foi até a casa de uma mulher rica e bateu na porta e ela apareceu. – Por favor, me dá um pouco de água, estou com sede! A mulher pediu que não subisse à escada, mas que sentasse numa pedra até ela buscar um copo de água. O pobre velho disse: - Tu não terias um pedacinho de pão? - Não, não tenho. O velhinho levantou e dirigiu-se à casa de uma outra mulher muito pobre. Bateu na porta e ela abriu. - Ah nono querido! Aonde o senhor vai? – Tu poderias me dar um copo de água? - Sim, espere que vou buscar na fonte, é mais fresca. Entra nono, entra! Ele entrou e sentou-se, enquanto ela foi buscar a água para ele tomar. Ele disse: - Tu não tens uma comidinha? Estou com fome. - Os meninos foram à cidade buscar uns restos nas casas de pensões, se o senhor quiser, tenho uma polenta seca. Ele comeu a polenta e ficou esperando os meninos. - Mulher, disse o velhinho, vá até o forno e pegue comida. - Nem forno inteiro tenho. Depois que morreu meu marido o forno caiu em pedaços. Mas ela foi. Sentiu um cheiro bom e lá viu belos pães, cucas e bolos. O velhinho ordenou novamente: - Vá buscar vinho. – As pipas estão podres. Mas foi até o porão e lá encontrou os mais diversos tipos de vinho. O velhinho ordenou novamente à mulher: - Vá pegar roupa boa para vestir os meninos..- Não tenho quase nada, senhor! Mas abriu o roupeiro e deparou-se com lindas roupas. Os meninos chegaram e ficaram admirados com as roupas e a mesa farta que encontraram. Estavam na mesa quando a vizinha rica, que não quis dar comida ao nono, chegou correndo, chorando e disse:- Vizinha, vá lá na minha casa, não sei mais o que fazer, minha casa virou um inferno, tem bicho em todo lugar. Abro as gavetas, saltam bichos, sento na cadeira e de lá saem abelhas que me atacam, vou lavar roupas e os bichos me perseguem. Os meninos, surpresos, olharam a mãe e pediram o que estava acontecendo. O velhinho levantou, suas roupas transformaram-se em um esplêndido manto vermelho e, olhando para as duas mulheres, exclamou: Eu sou Jesus Cristo! Essa mulher que não sabe repartir nunca terá nada para si e a que me atendeu terá em abundância.

Além do espaço de desenvolvimento da história que remete à Itália dos avós, retratando a importância atribuída às raízes, o texto “O velhinho” enfatiza certos valores representativos da cultura da imigração italiana, comentados ao longo das entrevistas, o saber dividir e o acreditar em um ser superior. Verificou-se que os temas religiosos e educativos são mencionados constantemente pela comunidade italiana quando da contação de histórias, permitindo que a educação por ela pregada seja transmitida entre as gerações também por meio da literatura do imigrante, destacando, assim, a identidade desse povo e mantendo presentes as suas primazias.

Além de Inês, Gládis, demonstrando domínio em duas línguas, contou histórias com base em contos tradicionais e, ao ser solicitada, rezou orações em língua italiana, o que veio

confirmar que o seu uso ainda está presente e é valorizado nos dias atuais. Com referência à literatura do imigrante italiano, a depoente lembrou ter ouvido de sua mãe a história da novela folclórica “Genoveva”, o livro *Naneto Pipeta* e narrou o conto “Os três pintinhos”, sendo este uma versão do conto tradicional “Os três porquinhos”, mesclado com o cunho educativo do conto “Chapeuzinho vermelho”, refletindo a universalidade da literatura.

Três pintinhos queriam visitar o avô, tinham que atravessar a floresta. A mãe, quando saíram de casa, recomendou para que não parassem na estrada porque podiam, no entardecer, encontrar-se com o tigre feroz. Mas, eles foram brincando e quando perceberam anoiteceu. Desesperaram-se ao ver-se no mato de noite. Um deles sugeriu tirar todas as penas do corpo para fazer uma casa. O mais velho, julgando-se esperto, disse:- Vamos tirar as de vocês, precisando mais tiro as minhas. E assim fizeram. Quando a casa estava pronta o mais velho entrou para ver se tinha ficado boa. Entrou, trancou a porta e deixou os outros dois de fora chorando. Passou um lenhador e os pintinhos contaram o que se sucedeu. O lenhador determinou: - Tragam uma pedra, que vou fazer uma casa para vocês. Assim aconteceu. À noite, ouviram o tigre uivar e este foi aproximando-se. Chegou à casinha de pena e ordenou: - Pintinhos saiam da casa senão largo uns peidos (gases) que a casa de vocês vai voar. O pintinho, assustado, obedeceu à ordem e o tigre o engoliu. O tigre viu, ao longe, uma casa de pedra e dirigindo-se a mesma ordenou novamente para que os pintinhos saíssem, mas eles não acataram a ordem, ficaram tremendo e aguardando o que aconteceria. O tigre continuou a soltar gases até que rasgou a bunda. Vendo-se nessa situação, começou o tigre a uivar de dor e pedir socorro. Os dois pintinhos não saíram. Voltou o lenhador para ver como estavam os pintinhos e, ouvindo o tigre gemendo, pensou: -Vamos levar o tigre ao ferreiro para consultar. Foram ao ferreiro e esse esquentou uma chapa de ferro e encostou-a na parte machucada do tigre, que gritou de dor, gemeu e morreu. Os dois pintinhos, sentindo pena do irmão, pediram ao lenhador e ao ferreiro para abrirem a barriga do tigre e tirar o pintinho, que ainda estava vivo. Este abraçou os irmãos e pediu perdão.

Ao encerrar essa narração a depoente comentou que a mãe contava-lhe a história em italiano, fazendo a substituição do “lobo” pelo “tigre”, porque este era, para os imigrantes que habitavam a América, o mais temível animal da época.

O texto adaptado e selecionado pelo contador de história, reflete a sua maneira de pensar e, indiretamente, a do grupo em estudo, o que é demonstrado principalmente na sua preocupação de educar para a vida. Partindo do meio, traz presente os elementos básicos dos contos “Chapeuzinho vermelho” e dos “Três porquinhos”, mas amoldados ao tempo e ao contexto vivido pelo imigrante. O caçador do “Chapeuzinho vermelho”, que corta a barriga

do lobo é substituído pelo ferreiro, que pode representar um profissional local, enquanto o tigre, animal da fauna brasileira, temido pelos imigrantes, passa a substituir o lobo mau, refletindo o intuito das mães italianas de preparar as crianças para os possíveis perigos futuros através da literatura, contendo elementos locais conhecidos, facilitando a interpretação. Demonstra também a importância atribuída à solidariedade, visualizada na atitude do caçador e à necessidade de perdoar, refletida por meio da consideração dos dois pintinhos em relação ao irmão sagaz e traidor, bem como permite a leitura de que os astutos nem sempre são os vencedores. Além do descrito, reflete-se na obra a valorização da língua de origem, mantendo-a viva entre as gerações, pois, segundo a depoente Gládis, a narrativa era transmitida pela mãe em idioma italiano.

Demonstrando não apenas a participação das mães, mas a contribuição familiar na transmissão da cultura oral, bem como revelando que os seus pais se dedicavam mais à contação de histórias do que a fazer leituras comentadas com as crianças, Josefina e Maria Ana também lembraram as histórias que ouviram dos familiares quando crianças e passaram a citá-las. Maria Ana narrou o conto “Nicolau”, e Josefina citou os contos folclóricos “Joãozinho filho do rei”, “A menina das laranjas”, a novela “Genoveva” e o conto *Oselin bel in oro* (“passarinho lindo, cor de ouro”).

Enquanto “Genoveva” caracterizava-se como uma novela passada de pais para filhos, *Oselin bel in oro* consiste num conto que, além do caráter pedagógico, torna-se significativo pela mescla de linguagem. Embora narrado em língua portuguesa, apresenta trechos em língua italiana que a depoente domina com facilidade, demonstrando que a cultura da imigração italiana em sua língua estava, e ainda está, presente em algumas famílias que fazem parte da população de Casca.

Trecho do conto *Oselin bel in oro* contado por Josefina que comprova a mescla da linguagem:

Uma menina da aldeia ia todos os dias lançar-se nos cipós próximos de sua casa e eis que começa a observar que um pássaro voa por perto, ciscando e cantando que a menina entendia como se fosse uma súplica. O pássaro, ao longo do seu *canto entoa*: - *Cara bambina bela, vardeme e escoltame, tesoro mio. Te sè chi son? Son el bello oseleto in oro.* (Querida menina bonita, olha-me, e ouça-me, tesouro. Tu sabes quem sou eu? Sou o lindo passarinho em ouro). De tantas vezes que ouviu, a menina aprendeu o canto do pássaro e passara a cantá-lo no seu dia-a-dia.

Provérbios e cantos também revelam a presença da cultura da imigração italiana entre os sujeitos. Ao serem interrogadas sobre a presença de provérbios, ditos populares e cantos de sua época de criança passados entre gerações, as depoentes foram unânimes ao dizerem que os conheciam e foram relatando-os. As entrevistadas apresentaram uma variedade de provérbios, a maior parte pronunciada em língua italiana expressando a sua maneira de pensar. Entre os citados têm-se os seguintes: *Piano se vá lontano.* (“Devagar se vai ao longe”); *Qua se fà e qua se paga.* (“Aqui se faz e aqui se paga”); *Piova de veron, benedeti chi la gà.* (“Chuva de verão, benditos quem a tem”); *El meio color se el moreto perche el bianco el va el vien e el moreto si mantien.* (“A melhor cor é o moreno porque o branco vai e vem e o moreno se mantém”); *Mai far el passo più longo che la gamba.* (“Nunca dar a passo maior do que a perna”); *Bronze coerte le bruza le travesse.* (“Brasa coberta queima os aventais”); *Benedetta la casa mia, per pezo che sia.* (“Bendita a minha casa, por pior que ela seja”); *Can che sbaia no morsega mia.* (“Cachorro que late não morde”); *Chi ride per ultimi, ride mei.* (“Quem ri por último, ri melhor”); *Libri, done e cavai, no si empresta mai.* (“Livros, mulheres e cavalos não se empresta nunca”); *La morte della piegora, salute di cani.* (“Morte da ovelha, saúde dos cachorros”); *Speta caval, che la erba la cresse.* (“Espera, cavalo, que a erva cresça”); *Chi gà el difeto, gà el suspeto.* (“Quem tem o defeito, desconfia

dos outros”); *Prima i ociai, secondo el baston: terzo la goba e dopo el casson*. (“Primeiro os óculos, segundo a bengala; terceiro a corcunda e depois o caixão”).

Os provérbios permitem decifrar a maneira de ver o mundo do grupo italiano por meio de seu conjunto de crenças, preconceitos, valores, costumes e preferências. Fizeram-se presentes nas sentenças, as experiências, a sabedoria da grande família da imigração italiana em relação ao conhecimento da natureza, a sua demonstração de conscientização quanto à efemeridade da vida e a crença do castigo natural pelo erro praticado. Transparecem também as idéias da conquista de uns condicionada à derrota de outros e da importância atribuída ao lar e à língua de origem, retratando, indiretamente, a maneira de pensar através da sua cultura popular.

Quanto aos cantos, as entrevistadas revelaram conhecer cantos italianos, entre os quais citaram: “Cavalos que trotam”, “América”, *El massolin di fior* (“O ramalhete de flores”), *Cara Biondina* (“Querida loira”), *Sospiri e peanti* (“Suspiros e prantos”), *La bella Violeta* (“A bela Violeta”), *La verginela* (“A virgem”) e *La bella polenta* (“A bela polenta”).

Além de conhecerem os cantos e cantá-los até os dias atuais, mantendo viva a cultura italiana, como comentaram Rosa e Josefina, as depoentes revelaram conhecer seus significados. Josefina, atribuindo aos cantos a sua significação, relatou que *La bela violeta* transmite o pavor da guerra, e *La verginela*, a dificuldade de encontrar moças virgens para casar. Por sua vez, Rosa e Petronylla interpretaram o canto “América” como um relato do sofrimento dos imigrantes, bem como um espaço onde depositavam suas esperanças.

Quanto à canção *El massolin di fiori*, segundo Rosa, traz em sua significação a saudade da pátria deixada longe, através das lembranças das montanhas e das flores de campo, enquanto que *Cara biondina* e *Sospiri e pianti* são interpretadas como canções de amor e de paixões não correspondidas.

Os abrangentes e significativos conteúdos das entrevistas das mulheres da primeira geração demonstraram que as entrevistadas tiveram formação voltada à cultura italiana e que a mantém viva em suas memórias e na prática, ligando imagem e significação. Essa cultura está representada principalmente no uso da linguagem, na literatura do imigrante e nas cantorias italianas, apesar de ter apresentado uma diminuição quanto à preservação de alguns valores, como as práticas religiosas e o estreito relacionamento comunitário, bem como nos conteúdos registrados na memória das depoentes, pois observou-se que as mulheres entrevistadas com menos idade têm menor conhecimento da história da etnia italiana, dos costumes de outrora, conhecem-nos apenas superficialmente, como comenta Gládis, ao passo que as de mais idade os relatam em seus pormenores.

3.2 Conteúdos das entrevistas com os sujeitos da pesquisa da segunda geração

Visando verificar a propagação da cultura da imigração italiana de geração em geração, formularam-se aos sujeitos da pesquisa da segunda geração as mesmas questões feitas às entrevistadas da primeira geração, envolvendo a história da imigração, costumes, valores e literatura oral assimilados pela tradição italiana.

3.2.1 História da imigração italiana

Com referência à história da imigração, perguntou-se, inicialmente, às entrevistadas se os familiares lhes teriam feito algum relato referente à imigração italiana, envolvendo, entre outros aspectos, a viagem, a chegada dos imigrantes ao Rio Grande do Sul e as primeiras dificuldades encontradas na nova pátria.

As entrevistadas foram unânimes em confirmar que ouviram dos pais principalmente histórias referentes à imigração italiana, embora duas das depoentes - Liliane, filha de Gládis e Dalva, filha de Idalina - tenham revelado que as lembranças lhes são superficiais e vagas.

Entre as que lembraram com facilidade encontra-se Ivete, filha de Josefina. Referindo-se, inicialmente, aos motivos da imigração italiana, ela citou as guerras constantes na Itália e o estado de miséria em que viviam. Por isso, os italianos imigraram para a América em busca de harmonia, de terras férteis, de melhoria econômica, como também de uma vida mais fácil, o que denominavam *la cucanha* (a fortuna).

Na sequência da entrevista, Ivete passou a narrar a viagem dos imigrantes em alto-mar, mas o fez sem reviver a história pela sensibilidade do presente. Descreveu os navios como espaços desumanos, a febre contagiosa como o mal da viagem e o mar como o túmulo dos que faleciam a bordo do navio.

Outros detalhes com referência à viagem foram apresentados por Marlene, filha de Inês, acrescentando aos dados já citados que os imigrantes eram trazidos e tratados como animais, como escravos, pois, nas embarcações, a alimentação era escassa e faltava água, motivos pelos quais muitos adoeciam e morriam.

Quanto à chegada dos imigrantes e às primeiras dificuldades encontradas em solo brasileiro, Neidite, filha de Rosa, lembrou com precisão o que ouvira de seus familiares. Contou que, ao chegarem à capital do estado, partiam para a Serra, geralmente para Bento Gonçalves, abrindo o próprio caminho a facção para poderem chegar às terras que haviam adquirido do governo; os adultos percorriam o trajeto a pé e as crianças, a cavalo, dentro de cargueiros.



Fonte: Nelson de Villa – Produções Fotográficas.

Figura 4 – Representação do cargueiro que servia de meio de transportes na época da imigrante e de seus descendentes.

Quanto às primeiras dificuldades, além das já citadas, outras foram apontadas. Margarete e Maria Ivone, filhas de Maria Ana e Petronylla, contaram que os imigrantes, ao chegarem à América, passavam a morar no mato, sem abrigo seguro, ameaçados pelos animais selvagens. Com o passar do tempo, construía as casas serrando a madeira com ferramentas manuais, o que tornava o trabalho um sofrimento constante.

As casas construídas, na descrição de Neidite, nada mais eram do que barracos que abrigavam no mesmo espaço seres humanos e animais, pois, nas palavras da depoente, “as casas eram divididas, com uma parte servindo de abrigo aos homens e outra como estrebaria”. Na continuidade, narrou que as construções, com o passar do tempo, foram evoluindo. Quando os imigrantes conseguiam firmar-se economicamente, construía novas casas, de madeira ou pedra, com dois ambientes: um que servia de cozinha e outro para os quartos, onde, geralmente, eram secados os produtos agrícolas. A razão de construir as casas

com dois ambientes devia-se à necessidade de separar os quartos da cozinha, pois havia na cozinha exalação de fumaça pelo *fogoler* (fogão). Nessas casas, acrescentou Maria Ivone, havia iluminação precária e a lamparina era o principal meio de iluminação; mesmo assim, as mulheres se dedicavam a suas habilidades fazendo crochê, tricô e bordado durante a noite.



Fonte: Adair de Marco

Figura 5 - Modelo de casa com dois ambientes descrita pelas depoentes.

Outra dificuldade citada foi referente à preparação da alimentação e à sua preservação. Margarete, lembrando o que ouvira do avô, relatou que a alimentação não apresentava variedades e era cozinhada numa única panela, pendurada numa corrente acima do *fogoler*; o pão era cozido na brasa e na cinza, e a carne, em razão da falta de meios para a sua preservação, tinha de ser cozida e guardada em gordura animal.

Quanto às dificuldades de transporte, as depoentes foram lembrando a falta de estradas e de comercialização de produtos agrícolas. Margarete e Neidite relataram que as estradas só permitiam a passagem de carroças, as quais se constituíam no principal meio de transporte da época dos avós.

Outro meio de transporte muito usado nos tempos da imigração foi o animal. Maria Ivone contou que o cavalo era encilhado de modo diferente para o transporte de homens e mulheres: para os homens, usava-se a sela; para as mulheres, que usavam saia e, por isso, precisavam sentar-se de lado, encilhava-se o cavalo com selim (sela de cavalo que permite sentar-se com as duas pernas voltadas para o mesmo lado).

As dificuldades no trabalho também foram citadas, mas descritas com poucos detalhes, lembradas apenas por três entrevistadas, o que demonstra que os fatos não vivenciados e distanciados no tempo perderam a sua integridade. Marlene e Neidite, ao falarem sobre trabalho, referiram-se às atividades principais dos imigrantes. Segundo seus relatos, os imigrantes dedicavam-se ao plantio de parreiras e à profissão de taipeiros; as taipas, que consistiam em cercas de pedras, eram preferidas porque sua construção não necessitava de pregos, material muito difícil de ser adquirido em casas de comércio próximas.

Um fato importante quanto à dificuldade e ao sofrimento dos imigrantes, lembrado unicamente por Margarete, foi o referente à Revolução Farroupilha. Além do sofrimento pela falta de estrutura e trabalho manual, os imigrantes foram envolvidos pela revolução, que Margarete descreveu como um fato que levou o imigrante colonizador ao desespero, pois, segundo ela, eram convocados para seguir os revolucionários a fim de praticar maldades nas famílias da comunidade em que viviam. “Para evitar isso”, comenta a depoente, “os imigrantes escondiam-se em poços ou fornos.”

Verificou-se, com referência aos relatos da história da imigração, que as depoentes da segunda geração, ao lembrarem o passado, narraram-no em sua originalidade, sem modificá-lo por sua participação emotiva ou pela atribuição de juízos de valores. As lembranças não foram reelaboradas pela subjetividade individual, pela vivência interior e comoção, mas apenas lembradas naturalmente.

Constatou-se, além do citado, que as entrevistadas, com exceção de Liliane, que teve pouca participação, conhecem a história, nos aspectos das dificuldades encontradas pelos imigrantes e seus descendentes ao longo dos anos em terras brasileiras, apenas por relatos ouvidos de seus familiares, não acrescidos por suas experiências; por isso, suas descrições, em certos aspectos, têm poucos detalhes. Nesse sentido, é importante ressaltar a reflexão de Bosi ao afirmar que “os fatos distantes, que não forem testemunhados e que não são objetos de narrações constantes, perdem o reforço, o apoio contínuo.”⁶² A história do povo imigrante, para os sujeitos da segunda geração, por envolver fatos remotos e pela falta de vivência dos mesmos pelas depoentes, perdeu a minuciosidade e o sentimento comovente expresso no tom e na fisionomia pelas mulheres da primeira geração.

3.2.2 Costumes da comunidade de imigração italiana

As entrevistadas da segunda geração lembraram vários costumes da comunidade de imigração italiana, entre os quais relacionados a casamentos, namoros, heranças, diversões, decorações, indumentária e gastronomia.

Retratando a propagação, por longo tempo, dos costumes referentes ao namoro, Marlene, Margarete e Neidite lembraram os da época de suas mães e descreveram-nos como semelhantes ao dos seus tempos de juventude. Disseram as depoentes que o namoro da época de suas mães era vigiado constantemente e seguia regras rígidas. Além de o rapaz ter hora marcada para sair da casa da namorada e ter de pedir permissão aos pais para namorar, não lhe era admissível o carinho. Contou Marlene: “Não era permitido aos namorados saírem nem de mãos dadas, o que os pais só autorizavam a partir do dia em que os noivos marcassem casamento junto ao padre”.

⁶² BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, p. 27.

Na época dos avós das depoentes, a rigidez apresentava-se de maneira ainda mais acentuada. Neidite, retomando o que ouvira da mãe, lembrou que, quando a avó namorava, alguém da família sentava-se entre o casal de namorados, a fim de que não pudessem se aproximar para algum carinho, pois isso não era admissível.

Ao serem interrogadas sobre proibições do seu tempo de juventude, acabaram por demonstrar que as idéias do passado a respeito do namoro propagaram-se no tempo, pois confirmaram, principalmente pelo depoimento de Marlene, que, quando namoravam, a falta de liberdade ainda se fazia presente, visto que não podiam sair sozinhas com os namorados, sendo sempre acompanhadas por algum familiar.

Na seqüência do assunto costumes da comunidade de imigração italiana, o casamento foi descrito como uma grande festa, que iniciava pela manhã e prosseguia até a madrugada, pois à noite ocorria um baile na casa do noivo. Na descrição desta festa Neidite relatou que a noiva, ao chegar à casa dos sogros após a cerimônia para o almoço com comida de panela, era apresentada aos parentes; ela lhes perguntava se a aceitavam como membro da família e, se aceitassem, passavam a festejar até a madrugada, embora, segundo a depoente, a noiva festejasse sem a presença da mãe, porque não era costume que esta se fizesse presente ao casamento, devendo ficar em casa, em companhia de amigas.

Outro costume citado diz respeito à participação dos pais na escolha do genro e nora. Lembrou Maria Ivone que nas famílias de origem italiana havia discriminação racial, razão por que os pais preferiam que os filhos casassem com as pessoas de mesma origem e, além disso, observavam os dotes da moça, entre eles, ser trabalhadeira e saber cuidar de uma casa em todos os sentidos. Enquanto Maria Ivone relatou as exigências dos pais na escolha das noras, Marlene comentou as características masculinas preferidas. Os pais levavam em consideração na escolha do genro a situação econômica; se o rapaz fosse pobre, era muito

difícil de ser aceito e, caso viesse a casar sem aprovação, membros da família da noiva nem sempre participavam do casamento.

Com referência ao casamento, segundo os costumes italianos, acrescentaram as entrevistadas da segunda geração que os noivos, após o casamento, ficavam morando por algum tempo na casa do pai do noivo. Margarete justificou essa permanência dizendo que era devido a falta de condições financeiras para iniciar uma vida a dois, bem como porque era costume dar ao rapaz uma porção de terras como herança, mas, para merecê-la, o chefe da família, que administrava a parte financeira, geralmente exigia do filho mais um tempo de trabalho.

Enquanto, segundo as depoentes, o noivo recebia a herança ao sair da casa do pai anos após o casamento, a noiva a recebia por ocasião do matrimônio, a qual se reduzia a um enxoval confeccionado por ela mesma, o que demonstra a desconsideração da mulher na família italiana. Pela narração de Marlene, essa desconsideração fazia-se presente também após o casamento. Lembrou que à mulher, em tempos distantes, ao constituir um novo lar, cabia-lhe os cuidados da casa, sem liberdade e voz, por pertencer somente ao marido o direito de decidir. A mulher era uma escrava, sem valorização: “Acredito”, disse a depoente, “que isso acontecia, porque a mulher, na concepção dos homens de origem italiana, era considerada incapaz.”

A pouca valorização da mulher pelo grupo italiano dos tempos passados foi lembrada também por Neidite, que a descreveu como sofredora e portadora de infelicidade. Relatou a depoente que a mulher do passado não tinha acesso a médicos, paria os filhos em casa e, após o parto, os vizinhos não aceitavam sua visita até que não recebesse uma bênção, porque acreditavam que sua presença era portadora de azares. A mulher, por ter praticado sexo, era considerada pecadora e impura, precisando, por isso, ser purificada para tornar a fazer parte das relações sociais.

O vestuário e a comida típica da comunidade de imigração italiana foram outros costumes mencionados pelos sujeitos da pesquisa da segunda geração. Para Maria Ivone, a comida típica consistia em polenta, cortada com um barbante, acompanhada de salame, queijo, *radicci* e um gostoso vinho. Neidite acrescentou que a carne de galinha também fazia parte da gastronomia italiana, mas que, em razão das dificuldades, os avós só comiam carne nos finais de semana. Mesmo o pão, segundo Margarete, era escasso, cozido, nos primeiros tempos da imigração, na brasa do *fogoler* e, mais tarde, em fornos de tijolos.



Fonte: Prefeitura Municipal de Casca.
Figura 6 – Forno para cozer o pão.

Quanto às roupas típicas do grupo italiano, Maria Ivone relatou o que ouvira da mãe: as mulheres vestiam saia comprida e avental, e os homens, camisa sem gola, calças com suspensórios e chapéu.

Enriquecendo o relato de Ivone, Margarete acrescentou que as roupas não variavam muito nas cores, bem como os calçados, que, sendo confeccionados com o couro bruto, permaneciam na cor natural. Enquanto as depoentes citadas descreveram o vestuário em suas características externas, Neidite relacionou o seu uso ao respeito simbolizado. Essa

simbolização está expressa no relato em que a depoente lembra que os homens vestiam uma roupa especial para assistir às celebrações religiosas, que consistia num paletó, em razão do respeito que a casa de Deus merecia na concepção dos italianos. Neidite, não se satisfazendo com a narração dos costumes em si, acrescentou, com ares de indignação, fazendo cotejo entre o passado e o presente: “Hoje é permitido assistir à missa até de calção.”

Trazendo para o presente os espaços familiares do passado, em sua simplicidade e beleza, Neidite, além dos costumes já citados, mencionou a decoração das casas dos imigrantes italianos e seus descendentes, que se reduzia, além de uns quadros de fotografias dos antepassados, que traduziam respeito e história, a alguns guardanapos de paneleiro e panos bordados, expostos nas paredes, que faziam parte do enxoval da noiva, confeccionados, segundo Maria Ivone, pelas ricas habilidades manuais da mulher.

Demonstrando a continuidade de certos costumes de geração em geração, as entrevistadas passaram a lembrar as diversões dos tempos dos avós, atribuindo-lhes semelhanças com as de seu tempo. Neidite, iniciando pelo seu tempo de criança, comparou os seus brinquedos com os da sua mãe, dizendo que, em ambas as épocas, consistiam em bonecas confeccionadas com espigas de milho, sabugo e palha, enquanto as bolas eram feitas com meias velhas.

Passando de diversão de criança para as da juventude, Maria Ivone lembrou os bailes à moda italiana, animados por um instrumento musical que consistia numa gaita manual. E comparando as proibições do tempo do avô com as do seu tempo em relação aos bailes, acrescentou que, na época da sua juventude, existia, e ainda hoje existe, em certas famílias a idéia trazida pelos imigrantes de que a moça não podia participar desse tipo de diversão sem estar acompanhada dos familiares.

Liliane e Marlene também deram sua contribuição acrescentando aos dados que, além das danças, as diversões do grupo italiano estavam voltadas a jogos e cantos. Nas festas

familiares ou comunitárias do passado, nunca faltava o tradicional canto italiano ou jogos de bochas, da mora, tradição que, pelo relato de Marlene, ainda está viva e faz parte das diversões atuais. Relatou, inclusive, que há hoje em Casca um grupo de pessoas que se dedicam ao canto em italiano, denominado grupo Piacere di Cantare (prazer de cantar).



Fonte: Vídeo Foto Sareta.

Figura - 7 Grupo casquense de cantos italianos – Piacere di Cantare.

Observou-se que a cultura da imigração italiana, no subtema costumes, foi trazida para o presente pelas depoentes da segunda geração, que a relacionaram em três tempos: os costumes que conheceram na infância pelos relatos dos pais, os costumes vivenciados principalmente em sua juventude e os vividos em tempo atual. Ao relembrar os costumes italianos relatados por familiares e gravados nas memórias, percebeu-se que as depoentes da segunda geração os exteriorizaram deixando transparecer a significação que os completou.

Com relação ao costume dos pais de participarem na escolha dos cônjuges para seus filhos, relataram Maria Ivone e Marlene indiretamente que havia falta de liberdade e que a

cultura do grupo italiano estava voltada a imposições e julgamentos. Também, ao relatar os costumes da administração familiar centrada no homem, deixaram transparecer o patriarcalismo pelas decisões tomadas individualmente pelo chefe de família, sem a participação do grupo familiar.

Além disso, a inferioridade e a desconsideração da mulher demonstraram-se presentes na cultura da imigração italiana pelos relatos de Marlene, que, ao lembrar a mulher no seu ambiente familiar, apresentou-a como um sujeito sem voz, uma escrava, à qual cabia apenas o serviço da casa. Acredita a depoente que esse tratamento estivesse relacionado à maneira de pensar do grupo étnico, que considerava a mulher incapaz.

Observou-se também que Marlene, ao lembrar principalmente a submissão da mulher, interpretou esse costume individualizando-o e reconstruindo-o segundo o seu ponto de vista. Portelli⁶³ contribui nessa discussão ao conceituar a memória como social e individual ao mesmo tempo, porque o indivíduo extrai a memória do grupo, mas a organiza, elabora e interpreta individualmente e de formas diversas. Nesse sentido, a memória, embora compartilhada, torna-se plural.

Apesar de os costumes citados apresentarem certas modificações interpretativas na sua transmissão que os individualizam, observou-se a resistência às mudanças através do cotejo da época. Os sujeitos da pesquisa da segunda geração, ao relatarem os costumes vividos em sua juventude, principalmente no que tangia o namoro, revelaram comportamentos e proibições, comparando-os com os das mães e avós, e descreveram-nos como semelhantes.

Passando da época da juventude das entrevistadas para os dias atuais, verificou-se pelos depoimentos que a cultura da imigração italiana, além de estar presente na memória das entrevistadas, envolvendo o campo da significação, faz-se presente no contexto social

⁶³ PORTELLI, O massacre de Civitella Val di Chiana.: mito, política, luto e senso comum. In: FERREIRA; AMADO, *Usos & abusos da história oral*, 1996.

atual, pois Marlene lembrou os contos e jogos do tempo de seus avós e relatou que estão presentes nas diversões dos dias atuais.

Nesse sentido, a cultural italiana no que diz respeito a costumes como elementos representativos, embora reduzidos e modificados no tempo, espaço e pela individualização das narradoras, está presente no contexto social casquense e, sobretudo, nas memórias da maioria das entrevistadas como um bem imaterial que traduz, entre outras manifestações, a síntese da história do grupo em suas festas, comportamentos, saberes, diversões e crenças, associados ao universo do sentido. Essa constatação encontra apoio nas palavras de Félix⁶⁴, que, ao conceituar patrimônio cultural imaterial de uma comunidade, entende-o como um conjunto de lembranças associadas à memória que envolve o universo de idéias, associações e significações. A cultura da imigração italiana, portanto, no aspecto dos costumes, fora traduzida unindo conteúdo e representação.

2.2.3 Valores da comunidade de imigração italiana

Os valores priorizados pelos imigrantes italianos e seus descendentes foram também alvo de entrevista com as mulheres da segunda geração.

Demonstrando a religiosidade e a fé do grupo, cinco das sete entrevistadas enfatizaram a prática religiosa como valor e eixo norteador da família, quatro das quais relataram os encontros de orações. Marlene referiu-se à religião como valor primordial na família imigrante e, demonstrando sua passagem entre as gerações, passou a descrever as práticas religiosas exigidas no seu tempo de criança. Iniciando pelas orações no ambiente familiar, identificou o pai como mestre das orações, que, à noite, se dedicava a ensinar aos filhos as orações e as ladainhas em língua italiana, o que demonstra, mais uma vez, além da

⁶⁴ FÉLIX, Política, memória e esquecimento. In: TEDESCO, *Usos de memórias: política, educação e identidade*, p.23.

contribuição da figura paterna na transmissão da cultura, a fé, enraizada no imigrante italiano e a valorização da língua de origem. A oração na família não era suficiente para a prática religiosa. Aos domingos, segundo Marlene, a missa era obrigatória e embora fosse rezada às seis horas da manhã, ninguém podia faltar à celebração.

Os ambientes familiares de Neidite e Margarete apresentaram semelhança com o de Marlene em relação à prática religiosa. À noite havia o terço, acompanhado de cantos, ladainhas, orações em língua italiana, e a decoração das casas, segundo Neidite, reduzia-se à exposição de imagens e quadros de santos.

Um relato mais pormenorizado a respeito do valor e prática religiosa foi apresentado por Maria Ivone, a qual lembrou que, em sua época de criança, durante nove sextas-feiras seguidas, saiu do interior de Casca/RS percorrendo quilômetros para assistir à missa na igreja matriz. Isso porque era costume da época participar da novena citada em busca da indulgência plenária, ou seja, da remissão plena dos pecados temporários. Outra idéia com fundo religioso, passada de geração em geração e revelada por Maria Ivone, foi a de que, na noite anterior ao Dia dos Finados, as almas saíam dos cemitérios e, em procissão, seguiam até a igreja, com flores nas mãos; por isso, nenhum túmulo podia ficar sem flores e nenhuma alma, sem orações.

Além da religiosidade e crenças, um segundo valor priorizado pelas famílias de origem italiana, que veio espelhar suas boas intenções, diz respeito ao comportamento exemplar exigido, preservado pela honestidade e respeito com o próximo. Maria Ivone lembrou que seus pais a educaram segundo os bons costumes, exigindo que, ao dirigir-se a eles, usasse os pronomes de tratamento senhor e senhora, tratamento esse extensivo também para as pessoas de mais idade.

Ivete e Neidite também citaram os bons costumes e o bom caráter como prioridades em suas famílias. Segundo elas, os pais exigiam que a obediência e a honestidade dos filhos

estivessem acima dos interesses, e o respeito, além de ser um dever do filho para com o pai, devia ser observado com relação, sobretudo, aos padres e professores.

Retratando a preocupação do grupo para além da formação espiritual e social dos filhos, três das depoentes apontaram como terceiro valor priorizado a educação escolar. Enquanto Líliliana e Ivete apenas citaram a educação formal como prioridade, Maria Ivone pormenorizou-a. Lembrou a entrevistada que seus pais valorizavam a educação escolar e viam-na como um caminho para o futuro, apesar da sua ingenuidade com relação ao tratamento dado aos alunos, os quais eram castigados brutalmente pelos professores e tinham de manter o silêncio, porque os pais apoiavam os professores acreditando que, agindo da maneira descrita, estavam educando para a vida.

Na seqüência dos relatos sobre valores, três das depoentes referiram a virgindade da filha moça, enquanto solteira, como prioridade das famílias de origem italiana. Relatou Marlene que as famílias da época de sua adolescência consideravam a prática do sexo um pecado e a virgindade, mantida até o casamento, um valor, uma honra perante a sociedade. Em virtude de ser considerado pecado, à moça que não casasse virgem não era permitido o uso do véu e vestido brancos, devendo casar-se com trajes de cor clara. Indignada, a depoente criticou, considerando que essas idéias trazidas da Itália configuravam-se como causadoras de traumas e medos na prática natural do sexo. Ivete e Dalva acrescentaram ao relato de Marlene que, além de o sexo antes do casamento ser proibido e considerado um pecado, a moça solteira que engravidasse não era aceita na família e era vista pela sociedade com desprezo e humilhação.

No subtema valores incluíram-se as relações sociais. Perguntou-se às entrevistadas como eram as relações entre os vizinhos e que sentimentos eram desenvolvidos entre eles. Traduzindo a amizade, a ajuda mútua e os sentimentos de compreensão, as senhoras avaliaram as relações entre vizinhos de origem italiana no passado como significativas.

Para a depoente Ivete, os vizinhos representavam, em seu tempo de criança, uma extensão familiar, no sentido de amizade e de comunicação; por sua vez, Neidite destacou os serões realizados como um elo, um laço de união. Contou Neidite que os *filós* eram constantes e que neles havia brincadeiras, jogos e contação de histórias, que uniam e divertiam ao mesmo tempo. Aos sentimentos de amizade e aos laços de união, Maria Ivone acrescentou a ajuda mútua entre os vizinhos em seu tempo de criança. Comentou que, quando algum vizinho ficava doente, todos os demais ofereciam serviços gratuitos: os homens realizando as atividades da agricultura e do trato dos animais e as mulheres auxiliando nos serviços domésticos, principalmente quando alguma vizinha tinha bebê.

Além do auxílio no trabalho, Marlene contou que eram comuns as trocas de favores e doação de alimentos, simbolizando a presença da partilha sem grande apego às coisas materiais. Confirmando o exposto, relatou que, quando adolescente, cuidava gratuitamente das crianças das vizinhas e que era normal, além do serviço prestado, partilhar com essas crianças a sua merenda e os brinquedos que ganhava da mãe. A ajuda incondicional do passado entre vizinhos é comparada por Marlene, na seqüência, com os dias de hoje, dizendo: “Isso faz falta! Hoje só se pensa em dinheiro.” O cotejo feito pela entrevistada revela que, embora haja mudanças sociais e redução na prática dos valores representativos da cultura italiana do passado, estes estão ainda vivos nas memórias das pessoas e atingem sensibilidades e sentimentos em tempos atuais.

3.2.4 Leitura e literatura

Com relação ao subtema leitura e literatura, indagou-se os sujeitos da pesquisa a respeito do seu primeiro contato com o livro e sobre a presença de material de leitura no recinto familiar da sua infância. Perguntou-se também se haviam lido histórias e que tipo de

histórias tinham ouvido em sua época de criança, relacionando-as principalmente à leitura e à literatura em língua italiana.

Com referência aos primeiros contatos com o livro e ao material de leitura existente nas famílias, cinco das entrevistadas revelaram que os contatos iniciais foram proporcionados no ambiente familiar, embora não houvesse, em todos os recintos, material de leitura em abundância. Neidite descreveu o ambiente familiar do seu tempo de criança como reduzido em material de leitura. Havia um livro escolar que ela dividia com a irmã e o livro *Naneto Pipeta*, de Aquiles Bernardi, romance que traduz, entre outros aspectos, a ingenuidade e as aventuras do imigrante italiano no Rio Grande do Sul.

Enquanto na casa de Neidite o material de leitura era mínimo, as depoentes Maria Ivone, Marlene e Ivete descreveram seus ambientes familiares como razoáveis em material de leitura. Na casa de Marlene havia livros de orações em língua italiana e o romance *Naneto Pipeta*, embora a depoente tenha comentado que fazia muitas leituras proporcionadas pela escola, lia revistas e romances à luz do *tchiareto* (lâmparina a querosene).

O recinto familiar de Maria Ivone foi descrito como mais significativo quanto à existência de material de leitura: havia romances, livros referentes à profissão de seu pai, que trabalhava com moinhos, bem como a Bíblia Sagrada em língua italiana. Já a casa de Ivete era contemplada com aquisições frequentes de revistas, jornais e outros livros voltados a temas italianos ou escritos em língua italiana, entre os quais citou *Naneto Pipeta* e a novela folclórica “Genoveva”.

Na casa de Margarete os materiais em língua portuguesa e italiana completavam-se como acontecia nas casas das demais entrevistadas. Relatou a depoente que havia livros de orações, revistas, romances em língua portuguesa e o tradicional livro *Naneto Pipeta* em idioma italiano. Ao contrário das demais senhoras, Dalva descreveu o ambiente familiar do seu tempo de infância como rico e diversificado em material de leitura. Relatou que, além do

livro em língua italiana trazido da Itália pelos familiares, que não conseguiu ler, havia assinatura de revistas infantis e de outros livros de gêneros diversos.

Pelos depoimentos das senhoras da segunda geração de entrevistadas, constatou-se que, embora com o passar do tempo, nos ambientes familiares dos imigrantes e de seus descendentes, tenha sido introduzido material de leitura em língua portuguesa, o material em língua de origem não foi substituído, o que vem demonstrar a continuidade e a valorização da língua e da cultura italianas.

Na seqüência, perguntou-se às entrevistadas como teria se dado sua iniciação na leitura e que histórias ouviam principalmente relacionadas à literatura do imigrante. A respeito, revelaram as senhoras entrevistadas que a iniciação à leitura deu-se muito antes do contato com o livro. Em suas famílias não havia muita leitura comentada, mas dedicavam-se à contação de histórias, entre elas as narradas em língua italiana, com exceção da família de Liliane, que só contava histórias em língua portuguesa, porque entendia que a mistura de línguas viria em prejuízo da língua oficial.

Dalva, comprovando a presença da língua italiana em sua formação desde a primeira infância, lembrou ter ouvido a avó cantar para os netos a canção de ninar *Siamo Sette*, contudo declarou não conseguir traduzi-la em língua italiana como fora ouvida, o que revela a redução da cultura, em certos aspectos, na passagem entre as gerações.

Além da cantiga de ninar, Dalva citou outras poesias folclóricas narradas pelos familiares com o intuito de educar e divertir, entre elas o *Cavallino di de do*, poema já transcrito neste trabalho, e Margarete lembrou brincadeiras em língua italiana que se resumiam a poemas rítmicos que conduzem à aprendizagem e ao cultivo da linguagem.

As demais senhoras da segunda geração revelaram que tiveram uma infância rica em contação de histórias, apesar de ouvidas em língua portuguesa, com exceção de Maria Ivone, que conheceu brincadeiras no idioma italiano. Enquanto Ivete e Marlene aprenderam junto

aos familiares “Ciranda, Cirandinha”, “Roda Cotia”, “Nesta rua tem um bosque”, entre outros jogos que despertavam a participação grupal, Maria Ivone adicionou a seguinte brincadeira: *Receta bella, so sorella, oceto bel, so fradel, bochetta di frate, din, don el campanel*. (“Orelhinha bonita, sua irmã, olho bonito, seu irmão, boquinha de frei, din don o sininho do nariz”)

Passando da literatura em forma de versos para a literatura em prosa, as depoentes foram narrando contos ouvidos dos seus familiares. Neidite lembrou romances, contos com fundo moral e religioso que a mãe lhe contava. Entre as histórias ouvidas, citou *Naneto Pipeta* e “Os milagres de Santo Antônio”, estes traduzindo a preocupação das famílias italianas de educar na fé e confiança em Deus, ao mesmo tempo em que demonstram a valorização da terra natal dos imigrantes através da personagem italiana Santo Antônio.

Margarete também teve iniciação à língua de origem e à cultura da imigração italiana por meio de histórias contadas pela avó. Lembrou ter ouvido o *Naneto Pipeta*, bem como contos de cunho pedagógico, como a história de “Nicolau” e o conto denominado “O rei que queria casar a filha”. Enquanto o conto “Nicolau” destacara-se pela função educativa, “O rei que queria casar a filha” apresentou, como espaço de desenvolvimento da história a Itália e, como personagens principais, habitantes italianos submetidos a leis injustas, demonstrando, mais uma vez, a preocupação do povo imigrante em educar segundo princípios e temas de sua origem distante, trazendo a cultura para o seu meio e para o seu tempo.

O rei que queria casar a filha, conto narrado por Margarete:

Certo rei da Itália tinha uma bela filha e queria casá-la com um moço esperto, inteligente. O rei falou para toda a comunidade que pretendia casar sua filha e lançou um desafio: casava com ela o rapaz que numa manhã determinada, visse, por primeiro, o sol nascer. Todos os rapazes tentavam a sorte, pois quem ganhasse receberia, além da donzela, uma riquíssima herança. Na cidade, havia uma lei determinando que todo homem que chegasse aos sessenta anos deveria ser morto pelo filho mais novo. Quem não cumprisse a lei era condenado à morte. Tinha um filho, que muito amava seu pai e, por isso, não queria vê-lo morto. Este rapaz escondeu o pai no mato, em um buraco. À noite levava-lhe comida e bebida e, ao mesmo tempo, pedia conselhos, pois tinha percebido que seu pai nunca errava. Ao saber do desafio lançado pelo rei, o moço foi consultar o pai a respeito de sua idéia

de subir ao telhado da torre para ver o sol por primeiro. O pai não aprovou a idéia do filho, dizendo-lhe que certamente na torre haveria muitos pretendentes e poderiam derrubá-lo. Aconselhou, ainda, que olhasse não para onde o sol nasce, mas para o poente. “É lá que o sol aparece por primeiro”, diz o sábio velho. O filho agradeceu, seguiu o conselho e, na manhã determinada para o desafio, em meio a uma multidão que olhava para o nascente de cima de torres e árvores, o rapaz voltou o olhar para o poente. Logo ouviu alguns comentários: - Quem é esse bobo que pretende ver o sol por primeiro, olhando para onde ele se põe? Mas ele não deu a mínima atenção e preferiu seguir o conselho do pai. Num dado momento o rapaz, talvez pelo reflexo, avistou o sol e apontando com o dedo gritou: - Olhem o sol! Todos se viraram e entenderam que ele tinha ganhado o desafio. O rei aproximou-se do vencedor e quis saber de onde tirou a idéia. O rapaz não queria revelar porque temia a morte do pai e dele mesmo pela desobediência praticada. O rei insistiu e, então, o rapaz fez duas exigências: - Só vou contar a verdade se absolver duas pessoas condenadas à morte! O rei consentiu e o rapaz revelou: - Quem me ensinou foi meu pai. Por amá-lo muito, não o matei, mas o escondi. Sempre que preciso de um conselho recorro a ele, por ser um grande sábio. Agora rei, quero minha absolvição e a de meu pai. O rei revogou a lei que estabelecia a morte das pessoas aos sessenta anos. Daquele momento em diante, todos tiveram o direito de morrer naturalmente. Nem o pai e nem o jovem foram mortos.

Com referência à literatura, além do já citado, Marlene também contou que ouvira histórias quando criança. Entre as que lembrou citou o romance escrito em idioma italiano *Naneto Pipeta*, o conto “O tigre” e outros contos em língua portuguesa, como “Joãozinho e Mariazinha” e “A verdadeira mãe”, demonstrando a preocupação existente nos lares das famílias italianas de iniciar a criança tanto na língua oficial como na língua de origem. O conto “A verdadeira mãe”, apesar de ser escrito no idioma oficial brasileiro apresenta outros aspectos ligadas à cultura italiana, como, por exemplo, o espaço de desenvolvimento e as atividades femininas das mulheres que residiam na Itália.

A Verdadeira mãe, conto oralizado por Inês e comentado por Marlene:

Na Itália, as mulheres mais pobres reuniam-se para fiar e fazer dressa e, enquanto trabalhavam, deixavam as crianças a brincar numa peça separada do local de trabalho das mães. Certo dia, ao terminar o serviço, foram buscar as crianças e encontraram uma morta. Nenhuma das mães assumiu-a como filha e duas mulheres começaram discutir. Ambas queriam levar uma das crianças vivas para o seu lar. Passando horas sem chegar a um acordo, resolveram chamar o rei. O rei, perante tal situação, pegou a criança que estava viva, arrebatou-a do chão e disse: - Vou cortar a criança ao meio, cada uma de vocês duas ficam com uma parte. Uma das mães, ao ver que a criança iria ser morta, gritou: - Não faça isso! Afim de que não morra, deixo-a para a minha companheira de trabalho. O rei então concluiu que a mulher que não deixou cortar a criança ao meio era a verdadeira mãe.

Junto à roda de fiar e da confecção da *dressa*, o conto, apesar de sua ficcionalidade, permite visualizar as condições sociais precária do povo italiano em sua terra natal; a falta de atenção à criança pela necessidade do trabalho feminino e a habilidade, a dedicação da mulher italiana a serviços voltados ao sistema de manufaturas, transmitindo, o texto, além do amor materno ilimitado, partes da história social e cultural do povo italiano que passaram de geração em geração através da literatura oral.

Na continuidade do tema focado, Ivete fez um relato semelhante ao de Marlene, contando que teve sua iniciação à literatura nos dois idiomas. Lembrou as histórias contadas pela mãe e citou a novela “Genoveva”, *Naneto Pipeta*, além de outras em língua portuguesa, como “Saci pererê”, “Os três porquinhos”, “O Chapeuzinho Vermelho”, a história de “Joãozinho afilhado do rei”, “A menina das laranjas”, a lenda do Pintarroxo, além do conto misto *Oselin bel in oro*, que, apesar de ser narrado em língua portuguesa, demonstra a valorização da cultura italiana pela inclusão de expressões desse idioma. Essa mescla já fora demonstrada nos conteúdos das entrevistas da primeira geração.

A exemplo de Ivete, Maria Ivone também foi iniciada na literatura tanto na língua italiana como na língua portuguesa. Ela lembrou ter ouvido da mãe, quando criança, o conto folclórico “O menino da sela” e de ter lido o *Naneto Pipeta* em língua italiana, bem como o conto italiano “Romeu e Julieta”. “O Menino da sela”, conta Maria Ivone, que é uma história verídica, acontecida na região do Rio Grande do Sul e passa a narrá-lo:

Havia, nas redondezas, um moço de origem italiana, muito mau, que morava com a mãe. Quando saía de casa, pedia à mãe para encilhar-lhe o cavalo. A mãe, já com uma idade avançada, nem sempre conseguia encilhar rapidamente. Certo dia, a mãe demorou. O filho incomodou-se e quis dar uma lição, encilhando a própria mãe. A mãe, perante tal atitude, amaldiçoou o filho e este, a partir daquele dia, nunca mais conseguiu sair de casa sem antes se encilhar. Passava nas estradas encilhado e, com uma vara na mão, batia em si mesmo como se, realmente, fosse um cavalo a serviço.

Por meio dessa narrativa, vê-se expressa a intenção de transmitir na educação a obediência e o respeito familiar, cujo descumprimento implicava em punição. Tem-se, mais uma vez, presente a educação para a vida social e familiar comunicada através da literatura, refletindo, assim, os valores priorizados pelo grupo italiano, comentados ao longo das entrevistas.

Portanto, constata-se, pelos depoimentos e narrações, que nos lares das depoentes da segunda geração a literatura fez-se presente tanto na língua portuguesa como na língua italiana e que a mescla de línguas se complementa num sentido enriquecedor, além de fazer-se sentir pela priorização de certos textos educativos voltados a temas, aspectos e valores do grupo italiano, o modo de pensar, organizar e de ver o mundo dessa comunidade étnica, traduzindo, assim, sua história cultural entre gerações.

Buscando investigar se a cultura da imigração italiana se fazia presente também nos provérbios, em ditos populares e cantos entre as gerações mais novas, indagaram-se os sujeitos da pesquisa da segunda geração de entrevistadas sobre o que conheciam a respeito.

Duas das depoentes, Dalva e Liliane, revelaram só conhecer sentenças populares na língua oficial brasileira, e as demais entrevistadas confirmaram tê-las ouvidas nos dois idiomas. Simbolizando a cultura e a passagem entre as gerações, apresentaram vários provérbios com mensagens educativas que espelham intenções, crenças e valores. Entre os provérbios citados têm-se: “Diga-me com quem andas que eu te direi quem és”; “Quem dá aos outros empresta a Deus”; “Faça o bem, não olhes para quem”.

Quanto aos cantos, todas as senhoras que constituíram o grupo das entrevistadas da segunda geração confirmaram conhecer cantos italianos. Entre as canções conhecidas citaram: *La verginela*, “América”, *El masolin di fior*, *La bela Violeta*, *La bela polenta*, “Os quatro cavalos que trotam”, *El chiareto tel monte* (“A lamparina no morro”), além de alguns cantos religiosos.

Enquanto as demais entrevistadas comentaram apenas conhecer os cantos citados, Neidite e Liliane, demonstrando a presença e a sua valorização em dias atuais, contaram que ouvem até hoje as mães cantando alegremente. Dalva acrescentou que também gosta de ouvir canções italianas e que possui uma coleção de músicas em disco.

Os depoimentos das entrevistadas da segunda geração, portanto, permitem a constatação de que a cultura da imigração italiana esteve presente na formação de cada uma e, embora reduzida pela evolução social e temporal, faz-se presente nas suas memórias e no contexto social, principalmente no que tange aos cantos, aos jogos, às diversões e à literatura oral.

3.3 Análise comparativa entre as entrevistas da primeira e segunda geração

Buscando verificar se a cultura da imigração italiana se propaga de geração em geração e se essa transmissão se dá de maneira integral ou com perdas de elementos e mudanças de sentido, compararam-se os dados obtidos nas entrevistas realizadas entre as mulheres de duas gerações. Prioriza-se, neste capítulo, a verificação da passagem da cultura entre as gerações de mulheres, embora se considere a participação masculina.

3.3.1 História da imigração

Comparando, inicialmente, os dados obtidos entre os dois grupos de entrevistadas com referência à história da imigração, observou-se que as mulheres da primeira geração, dizendo-se conhecedoras desta história, foram descrevendo o estado econômico miserável do imigrante em seu país de origem e a sua trajetória até o país da esperança, que era o Brasil.

Ao longo das entrevistas, as mulheres da primeira geração descreveram detalhadamente a viagem desconfortável do imigrante, cujo transporte era inadequado para seres humanos, ao mesmo tempo em que, pela sensibilidade do momento da narração, elas foram vivendo e transmitindo o sofrimento dos imigrantes ao verem seus familiares mortos jogados ao mar, permitiram, assim, a transmissão não só do fato em si, mas da sua significação.

Demonstrando a passagem da história dos povos de geração em geração por meio da oralidade, observou-se semelhança entre os dados já citados e os fornecidos pelo grupo de mulheres da segunda geração com referência à história e à viagem do imigrante.

A exemplo do primeiro grupo de entrevistadas, cinco mulheres da segunda geração, revelando-se conhecedoras da história da imigração e atribuindo aos relatos dos familiares seus conhecimentos, destacaram, entre outros aspectos, a precariedade econômica como principal causa da imigração italiana e descreveram a viagem do imigrante, caracterizando-a como sofrida e desumana pelo tratamento dispensado e pelas más condições oferecidas, levando, com isso, muitos imigrantes à morte.

Constatou-se, pela comparação dos dados, que, enquanto as entrevistadas da primeira geração foram unânimes em revelar que conheciam a história da imigração, somente cinco entre sete mulheres do segundo grupo disseram conhecê-la de maneira geral. Da mesma forma, as entrevistadas da primeira geração narraram os acontecimentos como se tivessem participado da experiência, sofrendo-os pela impressionabilidade, pela emoção do momento em que os fatos foram lembrados, ao passo que as da segunda geração apenas narraram os fatos sem vivência interior e reelaboração subjetiva.

Essa constatação conduz à idéia de que os fatos distantes, ao serem lembrados, perdem a emoção da vivência, passando a ser narrados com mais frieza e objetividade. Nesse

contexto, pode-se recorrer mais uma vez à Bosi⁶⁵, que, ao referir-se à lembrança, entende que os fatos, quando se distanciam no tempo ou não são testemunhados, perdem o apoio contínuo e o reforço, porque passam a não ser objetos de conversas e narrações constantes. As mulheres da primeira geração por terem vivido épocas próximas aos acontecimentos, inclusive, por ser Petronylla filha de imigrantes vivenciou os sofrimentos dos pais tendo, portanto, condições de transmitir os fatos num sentido mais completo e conseqüentemente mais comovente.

Na continuidade da história da imigração, relatos semelhantes entre os dois grupos de entrevistadas foram observados no aspecto das dificuldades encontradas pelos imigrantes italianos na nova terra. Observaram-se, em comum, os obstáculos enfrentados quanto à estadia, instalações e construções, bem como quanto às dificuldades referentes ao serviço manual e à falta de transporte e comércio.

Quanto à chegada, traduzindo o sofrimento e a pobreza, as entrevistadas da primeira e da segunda geração, em sua maioria, relataram com detalhes que os imigrantes, ao chegarem à capital do estado do Rio Grande do Sul, eram conduzidos a comunidades próximas, onde recebiam as terras, sem instalações, e, após noites ao relento, iniciavam suas casas provisórias, construídas manualmente, sem conforto, iluminação, segurança, entre outras condições mínimas necessárias, prolongando-se essa precariedade por longo tempo.

Apesar de apresentarem relatos semelhantes, demonstrando transmissão da história entre mães e filhas, a diferença entre os depoimentos da primeira e da segunda geração está, novamente, no maior envolvimento emotivo, nas apreciações, nas versões e vivência dos fatos pelas representantes da primeira geração, principalmente por Josefina e Petronylla. Ao longo dos depoimentos, Josefina, componente do primeiro grupo, não se conteve apenas em narrar os fatos, mas apresentou a sua leitura. Para a maioria das depoentes, a terra que os

⁶⁵ BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, p. 27.

imigrantes recebiam era ganha do governo, porém Josefina, de maneira enfática e crítica, apresenta outra interpretação, persuadindo pela sua espontaneidade de expressão.

Enquanto Josefina concedeu novas versões à história, Petronylla atribuiu fidedignidade maior aos fatos em relação aos depoimentos da segunda geração, pois, além de relatá-los pelo conhecimento adquirido em narrativas, citou passagens de sua infância em que fora testemunha ocular, como, por exemplo, a vivência em ambientes familiares, onde o *fogoler* era um dos únicos móveis e o *tchiareto*, o único meio de iluminação, ambientes esses não vivenciados pelas mulheres da segunda geração. Declarou a entrevistada Petronylla:

O meu pai, depois de ter morado em Bento Gonçalves, veio morar em Casca. Construiu uma casa provisória. Mais tarde construiu uma casa maior de madeira e com tabuinhas para o telhado, serradas à mão. A casa em que se morava tinha duas partes: uma cozinha onde ficava uns dos poucos móveis que eram o *fogoler* e uma mesa grande de tábua bruta. [...]. A iluminação, naquele tempo, se tinha só o *tchiareto* que é uma lamparina a querosene e quando não tinha mais querosene se botava um tubinho de pano na banha e se dava fogo.

O trabalho desenvolvido pelos imigrantes foi um outro item descrito com precisão pelo grupo da primeira geração, principalmente por Petronylla, que lembrou o trabalho do imigrante e dos seus descendentes e o descreveu com pormenores, iniciando pelo trabalho infantil, passando para o incansável trabalho feminino, tanto na lavoura como o doméstico e artístico. Descreveu também o trabalho masculino no campo e na iniciação à industrialização, transmitindo, inclusive, pela sua interpretação, o significado do trabalho do passado, visto pelo viés da satisfação e da realização pessoal.

As dificuldades quanto ao trabalho, descritas pelas entrevistadas da segunda geração, não foram tão detalhadas quanto às apresentadas pelo primeiro grupo, visto que se detiveram apenas no relato do trabalho manufaturado da mulher, destacando suas habilidades artísticas, e descreveram a atividade principal do homem imigrante e de seus descendentes: o trabalho de campo.

O mesmo foi verificado quanto às primeiras dificuldades encontradas pelo imigrante italiano no comércio e no transporte. As senhoras do primeiro grupo descreveram com pormenores desde os meios de transportes para a colheita do produto até sua comercialização, ao passo que as do segundo apresentaram os fatos com menos detalhes, descrevendo-os com maior objetividade e comentando apenas o transporte animal.

Portanto, as mulheres da primeira geração demonstraram conhecer os fatos com soma de suas experiências vividas, o que veio facilitar a atribuição de detalhes, de pontos de vista e de versões diversas. Por sua vez, as da segunda geração não se detiveram na pormenorização dos fatos e apresentaram-nos com ausência de interpretações, atribuição de valores e significações.

A observação encontra repercussão em Bosi, que, ao referir-se à memória de idosos, apresenta-a como mais definida do que a de jovens adultos. O idoso, explicita a autora, exterioriza a memória com mais detalhes pelo fato que “o homem maduro, ao deixar de ser membro ativo na sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo: neste momento, resta-lhe a função própria: a de lembrar.”⁶⁶

Nessa perspectiva, as pessoas inativas quanto à função social e aos sujeitos de mais idade cujas atividades no lar não conseguem executar lhe é exigida pela sociedade, ou exercem eles próprios, mais freqüentemente, a atividade de lembrar, porque podem se ocupar longamente com o passado, enquanto o adulto jovem está absorto na labuta diária. O idoso interessa-se mais pelo passado por ser também uma maneira de revivê-lo e repassá-lo aos mais jovens e, com isso, sentir-se novamente útil à sociedade; os detalhes, as definições mais completas, que afloram com mais facilidade, na idéia de Bosi, estão condicionadas por esse interesse na refacção do passado, pelo empenho e pela dedicação.

⁶⁶ BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, p. 23.

Outro motivo que leva ao desenvolvimento das narrações mais completas e definidas, nas vozes das pessoas idosas é a prática de vida. O idoso percorreu a vida em sociedade, viveu-a no grupo familiar e cultural por longo período; suas experiências foram sendo acrescidas com o tempo e a sua teoria de mundo somada, tornando, com isso, a sua memória mais rica, permitindo lembrá-la nos detalhes e precisões. Tal colocação conduz, novamente, ao raciocínio de Bosi, ao esclarecer que os velhos lembram o ontem com mais detalhes porque são os guardiões do passado e das tradições “e o são não só porque eles os receberam mais cedo que os outros, mas também porque só eles dispõem de lazer necessário para fixar seus pormenores ao longo das conversações com os outros.”⁶⁷

Todavia, apesar de constatado que o adulto maduro lembra com mais precisão, verificou-se também que todas as depoentes conhecem a história da imigração em sua essência, deixando transparecer que essa base comum foi oralmente transmitida de mães para filhas, ou, de uma maneira mais geral, de geração em geração, garantindo a continuidade da história no tempo.

3.3.2 Costumes da comunidade de imigração italiana

Na continuidade do cotejo dos relatos dos dois grupos de entrevistadas, dados análogos foram evidenciados quanto a costumes diversos da grande família da imigração italiana.

Os sujeitos da pesquisa das duas gerações lembraram, inicialmente, os namoros do passado ao estilo italiano e descreveram-nos como controlados e sem liberdade, comprovando a resistência às mudanças. Representando a segunda geração, Marlene comparou os namoros da época de sua mãe com os de seu tempo, atribuindo-lhes

⁶⁷ BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, p. 23.

semelhanças quanto às proibições e à vigilância; demonstrou, assim, a transmissão dos costumes e das concepções de grupos de geração em geração.

Aspectos em comum nos relatos, dando idéia de continuidade, foram constatados também quanto ao costume da festa do casamento. As entrevistadas descreveram o casamento como uma grande festa, cujos detalhes quanto à alimentação e às cerimônias foram lembrados e especificados por ambos os grupos. Ao falarem sobre união conjugal, apresentaram também em comum suas crenças, imposições, interesses, demonstrando não somente a transmissão do costume no tempo, mas da concepção que norteava esse acontecimento.

As imposições e julgamentos fizeram-se presentes nos relatos, visto que as entrevistadas das duas gerações referiram-se à participação dos pais na escolha do genro e da nora sendo que, entre outras características, observavam a situação financeira do genro e os dotes e habilidades da futura nora.

Quanto ao comportamento dos noivos para com os familiares, encontram-se em comum entre as entrevistadas, embora apresentados de maneira mais crítica pelas mulheres da primeira geração, os relatos referentes ao respeito exigido pela comunidade italiana, representado principalmente pela atitude da noiva de perguntar, no dia do casamento, se a sogra aceitava-a como membro da família, apesar de hoje esse costume ter passado a ser visto pelas entrevistadas da primeira geração não mais como uma veneração, mas como uma imposição ingênua. Nesse aspecto, as entrevistadas deixaram transparecer a idéia de submissão da mulher, bem como, na continuidade, refletiram a crença quanto à inferioridade e à impureza feminina, ao relatarem que a mãe da noiva não podia fazer-se presente no casamento da filha porque era considerada portadora de infelicidade.

Tais relatos, expressos em comum entre as entrevistadas, evidenciam que os costumes não passam de mães a filhas apenas na prática vivenciada ou na norma

comportamental. Embora modificados pela visão do presente, ultrapassam gerações, carregando consigo a significação e a corrente de pensamento grupal, transmitidas através da oralidade.

Retratando a passagem da tradição cultural entre gerações por meio da oralidade e da preservação de costumes, informações similares nos relatos dos grupos participantes da pesquisa foram verificadas quanto a diversões, decoração, gastronomia da grande família da etnia italiana, bem como com relação à administração familiar e sua significação.

Quanto à ornamentação das casas das famílias de imigração italiana e de seus descendentes, ambas as gerações descreveram-na em sua simplicidade, representando, indiretamente, a singeleza do grupo étnico pesquisado como um dos seus elementos culturais.

O primeiro grupo lembrou os panos bordados e expostos nas paredes, que representavam parte da herança e as habilidades femininas, pois eram confeccionados, geralmente, pela noiva ao preparar seu enxoval. Na decoração das casas, além do já citado, outros ornamentos foram mencionados, destacando-se os quadros religiosos, que serviam de peças decorativas ao mesmo tempo em que traduziam a religiosidade e a fé.

As mesmas informações foram dadas pelas representantes da segunda geração, que lembraram as mesmas decorações. Neidite, ao referir-se aos quadros religiosos como peças decorativas, relatou que tanto ela como sua mãe ainda têm expostos na parede quadros de Santo Antônio provenientes da Itália, trazidos pelos familiares por ocasião da imigração.

As informações obtidas permitem constatar que, além de a cultura propagar-se no tempo pela oralidade, difunde-se também no costume prático da preservação dos acervos, pois os quadros religiosos trazidos pelos imigrantes fizeram-se presentes nos lares de seus descendentes por várias gerações, representando a preservação decorativa e traduzindo a religiosidade enraizada que, embora reduzida, se faz sentir em dias atuais.

Demonstrando a passagem da cultura entre gerações, a gastronomia italiana foi também lembrada e descrita sem muitas alterações no tempo e no espaço. A tradicional polenta, *radicci* e vinho, pelos relatos dos dois grupos de entrevistadas, faziam-se, e fazem-se, presentes nas mesas do imigrante italiano e de seus descendentes. Quanto ao vestuário à moda italiana, apesar de modificado no tempo, foi lembrado em sua caracterização original. Embora descrito com características parecidas, as mulheres da primeira geração apenas o descreveram em seu aspecto exterior, ao passo que as da segunda geração acresceram-lhe a sua simbolização. Para Neidite, componente do segundo grupo, o vestuário masculino italiano consistia em camisa, colete e suspensório, acompanhado de paletó, este usado para assistir às cerimônias religiosas como sinal de respeito. A depoente, exteriorizando o conhecimento que lhe foi transmitido pelos familiares, dando idéia de continuidade, traduziu os costumes da vestimenta em seus usos e significações, completando a história e identificando o grupo italiano em seus valores, idéias e comportamentos.

Transmitindo a cultura não apenas por meio do que lhe foi relatado e que se fez presente como memória social do grupo da etnia italiana, mas acrescentando informações pelas experiências testemunhadas, as entrevistadas da primeira geração relataram as diversões preferidas pelos imigrantes e seus descendentes. Apresentaram como principais diversões vivenciadas, apesar da crítica à pouca participação da mulher, os jogos de bochas, de baralho, a mora, além das danças e cantos em língua italiana. Josefina citou a tarantela como uma dança especial da cultura italiana e comentou que ainda está presente na comunidade pesquisada em dias atuais. Essa revelação permite a verificação da passagem e da preservação da cultura no tempo, bem como certifica sua presença no contexto social atual.

Com relação às diversões, a mesma constatação de preservação e presença da cultura da imigração italiana na atualidade foi evidenciada pelos relatos do segundo grupo de entrevistadas, os quais foram transmitidos sem a participação apreciativa que tiveram nas

vozes do primeiro grupo. Elas citaram as diversões já comentadas pelas primeiras entrevistadas, destacando como preferidas pela comunidade italiana o jogo da mora, as cartas, os bailes com seu condicionamento quanto à participação. Mencionaram, inclusive, que os cantos e os jogos fazem-se presentes em dias atuais nas festas de família ou comunitárias, deixando transparecer a continuidade da cultura e sua valorização no contexto social pesquisado.

Além de apresentarem as mesmas diversões citadas pelo primeiro grupo, as depoentes do segundo grupo fizeram um cotejo entre os divertimentos da época de infância e da juventude de suas mães com os do seu tempo. Compararam, inicialmente, as diversões de criança e citaram brinquedos semelhantes em ambas as épocas, consistindo em bonecas e bolas de pano confeccionadas no próprio lar. Com referência às danças, lembraram que, na sua juventude, viveram as mesmas proibições trazidas pelos imigrantes da sua pátria-mãe, que consistiam na proibição de a filha moça comparecer no local da diversão desacompanhada de familiares, o que, segundo Maria Ivone, ainda hoje vigora em certas famílias.

Tais relatos conduzem à reflexão sobre a resistência da cultura a mudanças. Embora se viva numa sociedade provocadora de instabilidades constantes e transformadora de pensamentos, principalmente em razão dos sofisticados meios de comunicação atual, percebe-se a permanência sólida de certas maneiras de pensar e agir, que resistem ao tempo e ao espaço, permitindo a continuidade da cultura pela preservação de certas maneiras de pensar, de normas, comportamentos e valores.

Com participação interpretativa atribuindo aos fatos significação, os sujeitos da pesquisa apresentaram em comum, além dos já citados, outros costumes, incluindo o referente à administração familiar centrada no chefe de família. As depoentes da primeira geração, deixando clara a sua indignação, referiram o costume administrativo familiar do

passado e interpretaram-no segundo uma visão atual. Relataram que quem administrava o grupo familiar italiano era o homem e que o fazia de maneira autoritária, sem observação e consulta aos demais membros da família, mantendo-os na submissão. Relatos semelhantes expuseram as mulheres da segunda geração, porém, ao contrário do que fora observado no subtema história da imigração, em que não tiveram participação interpretativa, no subtema costumes da comunidade de imigração italiana, por serem fatos mais próximos ao seu tempo, elas, em certos aspectos, os modificaram com suas apreciações e atribuições de novos significados de acordo com o seu ponto de vista atual, embora essas apreciações sejam mais frequentes no primeiro grupo.

Margarete, deixando transparecer reprovação, relatou indiretamente a autoridade máxima do chefe de família ao comentar que os filhos, após o casamento, ficavam um ano morando com o pai, porque este, com seu poder de controle, exigia mais um tempo de trabalho para que o filho merecesse sua herança.

Marlene, apresentando idéias em comum com as depoentes da primeira geração, descreveu indiretamente, a submissão da mulher, acrescentando que esta não tinha voz e que não lhe cabiam decisões familiares, manifestando-se, inclusive, indignada por lhe ter sido imposto no passado que a mulher não participava dessas decisões porque era considerada incapaz, crendice essa pregada pelo grupo da etnia italiana e não aceita pela depoente. Marlene, portanto, apresenta os fatos de uma posição individualizada.

Verificou-se, pelo exposto, que existem entre as entrevistadas idéias em comum que representam a memória social do grupo da comunidade de imigração italiana, correspondendo à sua história, envolta, entre outros aspectos, em valores, costumes e crenças, mas que as participantes, ao retomá-la, modificaram a memória social e recriaram-na pela interpretação e pontos de vista pessoais.

A memória social mesclada verificada nos relatos encontra fundamentação em Rousso.⁶⁸ O autor citado, ao referir-se à memória social, apresenta-a como uma edificação psíquica e intelectual que acarreta uma representação seletiva de um passado social que tende a resistir a mudanças, mas que, em virtude de a transmissão individual ser caracterizada pelas diferentes interpretações e linguagens, adquire novas reelaborações e significados plurais.

Com base na teoria, constatou-se que houve transmissão individualizada com referência aos costumes do grupo italiano, que mesclou a memória social, pois as entrevistadas não apresentaram os aspectos culturais apenas na visão grupal; elas os particularizaram com suas apreciações e repulsões, principalmente perante as credices e submissão feminina, demonstrando a mudança, ao longo do tempo, na maneira de pensar e sentir. Observou-se que tais repulsões foram mais acentuadas pelas mulheres da primeira geração, que enriqueceram os fatos pela sua constante postura crítica. Todavia, apesar de alguns aspectos terem sido reelaborados com novos significados, novos pontos de vista e características peculiares, os costumes da comunidade italiana são presenças vivas nas memórias das entrevistadas tanto da primeira como da segunda geração. Ratifica-se, desse modo, a continuidade da cultura entre gerações pela passagem oral, bem como pela resistência a mudanças, pois certos costumes ainda estão presentes no contexto, na vivência familiar e social da comunidade investigada, principalmente no que diz respeito a jogos, gastronomia, cantos, danças e diversões em geral.

⁶⁸ ROUSSO, A memória não é mais o que era. In: FERREIRA; AMADO, *Usos & abusos da história oral*. 1996.

3.3.3 Valores da comunidade de imigração italiana

Entre os valores levantados, fez-se também um cotejo entre os dados obtidos pelos dois grupos de entrevistadas e observaram-se, em comum, a religião, o comportamento exemplar, a educação formal e as solidárias relações sociais.

Da primeira geração, seis sujeitos citaram a religião como valor principal, praticado social e familiarmente, tendo a oração como um meio de purificação da alma. Os ambientes familiares, tendo geralmente as mães das entrevistadas como coordenadoras e incentivadoras da oração, foram descritos como espaços de culto, onde o terço era uma obrigatoriedade diária, quase sempre acompanhado de leituras bíblicas, ladainhas e cantos em língua italiana. Isso vem demonstrar, além da fé como base familiar, a valorização e a preservação da língua de origem do imigrante italiano. A prática religiosa, além de ser obrigatória na família, foi apresentada como indispensável na vida social. As depoentes relataram as exigências dos pais quanto à participação dos filhos nas celebrações dominicais, nas novenas, bem como o respeito exigido para com a casa de Deus e por seus representantes terrenos, que são, na religião cristã, os sacerdotes, embora ressaltando que, em dias atuais, a prática religiosa está diminuída.

Relatos semelhantes foram obtidos nos depoimentos da segunda geração. Cinco entre as sete entrevistadas citaram a religião como destaque na ordem dos valores priorizados, das quais quatro relataram as atividades vividas na família e na comunidade em épocas passadas.

A exemplo do primeiro grupo, as entrevistadas, além de lembrarem os valores que lhes foram transmitidos oralmente, citaram os ambientes do seu tempo de infância e juventude como espaços de orações e encontros constantes, onde o catecismo, os cantos religiosos faziam-se presentes tanto em língua portuguesa como em língua italiana; ainda, ao

se referirem à participação nas celebrações comunitárias, enfocaram a sua obrigatoriedade semanal.

Verificou-se, no cotejo, que, apesar de apresentarem valores em comum, alguns pormenores foram descritos apenas pelo grupo da segunda geração. Maria Ivone, componente deste segundo grupo, lembrou as novenas que aconteciam às sextas-feiras em sua comunidade, cuja participação estava relacionada à crença de alcançar a indulgência plenária. Outra crença de fundo religioso, citada pela mesma entrevistada e descrita somente pela segunda geração, foi a do respeito às almas e a convicção de que estas, na noite que antecede ao Dia de Finados, saem do cemitério em procissão até o local sagrado, o templo de Deus, a igreja.

Embora os dois grupos tenham apresentado valores e experiências em comum que conduzem à certificação da passagem da cultura entre gerações, constatou-se, pela exposição anterior, que as senhoras da segunda geração, em alguns aspectos, detalharam mais os fatos e acresceram dados inexistentes nos relatos do primeiro grupo, como, por exemplo, as novenas em busca da indulgência plenária e o respeito às almas. Elas enriqueceram as informações pela diversidade e pela especificação de crenças e práticas religiosas do passado arraigadas no povo italiano, que, embora hoje estejam reduzidas, segundo as depoentes, permitem, pela sua descrição oral detalhada, a passagem da história cultural do povo imigrante num sentido mais amplo e completo.

A constatação acima encontra respaldo em Thompson⁶⁹, que, ao referir-se à história oral, atribui-lhe, entre outras vantagens, a de permitir, ao dar voz a vários narradores, diferentes versões dos fatos, ampliação de informações e uma visão de história de povos mais completa e mais viva do que a documental.

⁶⁹ THOMPSON, P. *A voz do passado: história oral*, 1998.

Nesse sentido, com referência à prática religiosa como valor priorizado pelo grupo da etnia italiana, o que tornaram mais significativos e mais completos os relatos foram os detalhes, as descrições das atividades religiosas, das novenas de outrora, que, apenas citadas pelas senhoras da primeira geração, foram diversificadas e descritas detalhadamente pelas senhoras da segunda geração, formando, assim, um todo que permite visualizar o valor citado em seus diferentes aspectos, seja na credence, seja na convicção íntima da fé, que foram transmitidas no tempo, dando continuidade à história entre gerações.

Outro aspecto foi verificado no cotejo dos relatos referentes ao valor atribuído à religiosidade: as mulheres da segunda geração detiveram-se em especificar, em minuciar, ao passo que o grupo da primeira geração preocupou-se em comparar o passado com o presente, demonstrando e criticando a redução na prática religiosa de hoje, pois, para Petronylla, representante da primeira geração, assistir à missa não é mais, nos dias atuais, um costume priorizado. Nas palavras da depoente: “Mora-se perto da igreja e não vai à missa. Isso não poderia acontecer!”

O exposto, além de demonstrar que o grupo da primeira geração é mais crítico que o da segunda, em certos aspectos, revela que o valor da religiosidade, ou da fé, está vivo na memória das entrevistadas e transmitido na oralidade, apesar de estar arrefecido na vivência prática da religião nos dias atuais; as novenas do passado, o terço diário, assistir à missa como uma obrigatoriedade aos domingos parecem terem diminuído seu rigor. Considerando que os fatos e valores pouco praticados vão perdendo, com o tempo, a sua integridade, constatou-se a necessidade de registrá-los, pois, segundo Bosi, “quando morrem as vozes dos avós” indivíduos conhecedores da cultura e história do passado, “sua época torna-se um caminho apagado pela distância e pelo tempo. Perdem-se os guias que percorriam os atalhos.”⁷⁰

⁷⁰ BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, p. 342.

Na ordem dos valores, retratando principalmente a continuidade da cultura pela transmissão oral, duas das entrevistadas da primeira e três da segunda geração citaram a educação formal como prioridade observada pela comunidade italiana do meio pesquisado. Apresentaram em comum a escola vista como um caminho aberto para o futuro, onde os pais depositavam confiança, embora a tenham como um espaço de experiências amargas, vividas pelas depoentes da primeira geração e lembradas pelas da segunda geração. Segundo elas, os professores castigavam os alunos por motivos insignificantes e os pais apoiavam-nos por acreditarem que as punições educavam para a vida. Tal declaração permitiu visualizar a passagem da cultura não somente através do fato lembrado, ou experiência vivida, mas com a inclusão da significação da época em que foi praticado, pois o fato transmitiu, além da boa intenção dos pais, a ingenuidade e as imposições presentes na cultura de comunidades étnicas.

Retratando a preocupação do grupo italiano não apenas na formação escolar, mas na preparação para a vida social dos filhos, a fim de torná-los cidadãos de boa conduta, duas das mulheres da primeira e três da segunda geração citaram o bom comportamento exigido de pais a filhos como um grande valor observado.

Com relação aos relatos da primeira geração, foi enfocada a honestidade exigida pelos familiares de origem italiana no que tangia, sobretudo, ao saber dividir e ao não valer-se do alheio, além do respeito ao semelhante e a Deus. Segundo as depoentes, a saudação, o cumprimento, ao passar por pessoas de mais idade era indispensável, bem como a blasfêmia, em alguns lares, implicava em punição.

Em relação ao grupo da segunda geração, as mesmas observâncias e exigências foram lembradas. A honestidade foi descrita como uma prioridade que deveria estar acima dos interesses particulares e o respeito como presença na família e na sociedade principalmente

no tratamento com os pais, professores e padres, respeitados pela significação e valorização de suas funções.

Considerando que o grupo de senhoras entrevistadas somam quatorze sujeitos, as lembranças com referência ao bom comportamento social e familiar como valor observado pela comunidade de etnia italiana foram referidas por um número reduzido de entrevistadas, apenas cinco, o que remete à teoria de vários estudiosos já citados neste trabalho, como Bosi e Portelli, que apresentam e vêem a memória social como um conjunto de manifestações de grupos que se individualizam pela transmissão e dificuldade de lembrar fatos passados em sua amplitude e totalidade.

A redução das lembranças, verificada pelo número de relatos, permitiu a relação com a teoria acima e a constatação de que a cada evocação a memória traduz um lembrar distinto, particularizado pela facilidade ou não de lembrar com exatidão e de transmitir todo o conjunto de experiências, lembranças e imagens armazenadas na memória ao longo dos anos. Cada exteriorização da memória é um novo contar, mais amplo ou reduzido pela maneira de expressar e principalmente pelo que foi lembrado no momento da transmissão. Contudo, apesar de o valor citado, que consiste no bom comportamento social observado pela comunidade italiana, ter sido lembrado por um número mínimo de entrevistadas, constatou-se que foi mencionado tanto pelas depoentes da primeira como das da segunda geração, possibilitando a certificação da passagem da cultura entre mães e filhas.

Constatação semelhante no cotejo de dados foi observada quanto à união conjugal perene, citada pelas entrevistadas como um valor primordial do grupo da etnia italiana. Enquanto somente uma depoente da segunda geração lembrou essa prioridade acreditando que a união conjugal se mantinha pela falta de coragem dos casais de dar seu grito de liberdade, três mulheres da primeira geração citaram a união conjugal duradoura como um valor provindo não da harmonia de vivência, mas relacionado a outros fatores sociais.

As três mulheres, expondo seus pontos de vista e demonstrando, novamente, serem mais apreciativas que as do segundo grupo em determinados aspectos, relacionaram, primeiramente, a união conjugal preservada à submissão da mulher, acreditando que, embora sofresse, suportava calada, pois, era-lhe proibida a manifestação social. Ao mesmo tempo relacionaram essa união conjugal indissolúvel à consideração do juramento cristão feito pelos noivos por ocasião do casamento ao prometerem viver unidos para sempre; logo, quebrar esse juramento era pecar contra Deus, além de contradizer as leis da sociedade.

Constatou-se que, ao se referirem à união conjugal indissolúvel como um valor fundamental e como um elemento de representatividade da cultura da imigração italiana, as mulheres de ambas as gerações trouxeram a lembrança para o presente e atribuíram-lhe interpretações, possibilitando diversas versões e um novo meditar. Nesse particular, notou-se que, embora tenham deixado transparecer a continuidade do passado cultural pela transmissão oral, pois foi relatado por entrevistadas de duas gerações, esse passado pluralizou-se em contato com a atualidade. As depoentes, principalmente as da primeira geração, que demonstraram ser mais críticas em relação ao segundo grupo, não se satisfizeram em narrar o passado na sua originalidade, ou no acontecimento em si, mas o particularizaram por suas interpretações e pontos de vista diferentes. Essa verificação encontra respaldo novamente em Portelli, o qual enfatiza que cada indivíduo “extraí do passado a memória social e a organiza de forma diferente e, neste sentido, embora compartilhado, torna-se múltiplo e diferente.”⁷¹ Com base nisso, é possível afirmar que o aspecto cultural da união conjugal perene foi apresentado de acordo com a memória social comunitária, mas modificado na voz de cada narrador, assumindo, assim, significações e atribuições diferenciadas.

⁷¹ PORTELLI, O Massacre de Civitella Val di Chiana: mito, política, luto e senso comum. In: FERREIRA; AMADO. *Usos & abusos da história oral*, 1996.

Entre os valores, outros aspectos similares nos relatos dos dois grupos foram verificados. Três sujeitos do primeiro e três do segundo grupo referiram a virgindade da filha moça, enquanto solteira, como prioridade entre os costumes da comunidade de imigração italiana. As mulheres citaram o silêncio sobre sexo como uma estratégia para não incentivar a sua prática, ao mesmo tempo em que lembraram a credence de que o sexo antes do casamento representava pecado e que a virgindade feminina, mantida até a união conjugal, era uma questão de honra social e familiar. A moça solteira grávida não era aceita socialmente, passando a ser vista com desprezo, como pecadora, inclusive, segundo Marlene, era-lhe negada a roupa branca caso viesse a contrair matrimônio.

Perceberam-se, pelos relatos em comum apresentados, os conceitos defendidos pela comunidade italiana passados de geração em geração, pelos quais, a idéia de pecado e de necessária punição atingia apenas a mulher. Constatou-se também que, ao mesmo tempo em que as entrevistadas relataram costumes afins, explicitaram idéias opostas. Enquanto Inês, componente do primeiro grupo de entrevistadas, no subtítulo costumes da comunidade de imigração italiana, enfatizou que era tradição a noiva não casar de branco, sem atribuir sentido a esse costume, Marlene, componente do segundo grupo, atribuiu ao uso de roupas alvas a sua significação. A veste branca da noiva simbolizava a pureza da mulher, a virgindade, evidenciando que os fatos culturais, com o tempo e as interpretações de vários sujeitos, adquirem diferentes significações, embora se mantenham em sua essência básica na propagação da história do povo.

Quanto às relações sociais dessa comunidade italiana, ocorreu o mesmo. Voltando às lembranças não só referentes ao conhecimento do passado possibilitado por narrações ouvidas por familiares, mas acrescentando-as pelas experiências vividas, cinco das sete entrevistadas da primeira geração avaliaram as relações sociais do passado, principalmente as relacionadas à vizinhança, como muito boas e atribuíram-lhes sentimentos de amizade,

união, solidariedade e de ajuda mútua. Lembraram as relações de amizades relacionadas principalmente aos *filós*, de que elas mesmas participavam, onde os jogos, os cantos e as brincadeiras ligavam o divertimento e a extensão familiar. Além dos *filós*, como práticas de socialização, a ajuda incondicional também foi descrita, pois, segundo as depoentes, quando alguém adoecia, os demais vizinhos auxiliavam nos serviços, tanto na agricultura como no ambiente doméstico.

Da mesma forma, demonstrando a continuidade da cultura no tempo, as mulheres da segunda geração avaliaram as relações sociais, ouvidas por narrações familiares e vivenciadas em alguns casos, como significativas e relataram-nas atribuindo-lhes os mesmos sentimentos de colaboração, amizade e ajuda mútua.

Entre as lembranças exteriorizadas por quatro depoentes da segunda geração têm-se os *filós* como atividades recreativas, citados como principais veículos de união e participação. Assim também a ajuda mútua foi lembrada e descrita, a exemplo das mulheres da primeira geração, acrescida de detalhes, pelo relato de Marlene ao lembrar que havia, além do auxílio ao serviço, a presença da partilha na doação de alimentos e a troca de favores sem evidenciar remuneração, simbolizando o desapego às coisas materiais, inclusive praticadas por ela, pois cuidava das crianças dos vizinhos sem nada exigir em troca.

Observou-se que as boas relações sociais entre vizinhos, citadas pelo segundo grupo de entrevistadas, foram também lembradas pelo primeiro grupo. Em ambos, as lembranças relatadas relacionavam-se às narrações ouvidas de familiares, acrescidas pelas vivências que se somaram na memória das entrevistadas. As experiências somadas à memória encontram destaque em Montenegro⁷², que ao se referir à memória social, diferencia-a da história e apresenta-a como mais verdadeira porque sua construção está associada ao vivido, ao testemunhado.

⁷² MONTENEGRO, *História oral e memória: a cultura popular revisitada*, 2001.

Nesse particular, as depoentes, ao acrescerem às informações contidas na memória sobre relações sociais, as vividas no seu tempo e avaliarem-nas conforme suas experiências e sentimentos, permitiram a passagem da informação e, conseqüentemente, da cultura da imigração italiana num sentido mais completo, mais confiável, por terem sido testemunhas oculares, agentes da própria história reconstruída.

Num sentido mais geral, observou-se que os valores, como elementos de representação da cultura da imigração italiana, propagaram-se entre as gerações por meio da oralidade, sendo modificados principalmente pelas dificuldades de lembrar com exatidão todos os detalhes e por transmissões individualizadas, que permitiram reelaborações, reorganizações e avaliações conforme o ponto de vista atual de cada indivíduo narrador. Também se verificou que os valores se difundiram nas vivências e, apesar de reduzida a sua observância prática em tempo atuais, estão presentes na memória dos indivíduos, que poderão garantir a continuidade desta história cultural se transmitida às gerações mais novas.

3.3.4 Leitura e literatura

Visando verificar a propagação da cultura em todos os seus aspectos, fez-se o cotejo dos relatos entre os dois grupos de entrevistadas no que tange à leitura e à literatura oral.

Fazendo, inicialmente, a comparação entre os seus primeiros contatos com o livro, seis mulheres da primeira e cinco da segunda geração contaram que tiveram seus primeiros contatos com o livro no próprio ambiente familiar e, embora houvesse na maioria dos lares reduzido material de leitura, havia sempre algum material disponível em língua italiana.

Além de se referirem ao livro *Seleta*, em prosa e verso, e a jornais em língua portuguesa, as entrevistadas da primeira geração detiveram-se em mencionar a presença mais

significativa em sua infância de materiais em idioma italiano. Entre esses citaram livros de orações, romances e novelas.

Enquanto o grupo da primeira geração apresentou, em geral, uma redução de material em língua portuguesa e uma presença maior em idioma italiano, no segundo grupo observou-se um acréscimo de materiais em língua oficial brasileira. Havia em seus tempos de infância, na maior parte dos recintos familiares das entrevistadas da segunda geração, livros no idioma português, jornais e revistas, entre outros gêneros, embora o material em língua italiana não tenha sido substituído. Observou-se que as depoentes da segunda geração conheceram e tiveram contato com os mesmos materiais de leitura em idioma italiano apresentados pelas senhoras da primeira geração. Entre esses estão a Bíblia Sagrada e livros de orações, bem como a novela “Genoveva” e o livro *Naneto Pipeta*, este, inclusive, citado por quatro depoentes da segunda geração.

A constatação sobre a não-substituição do material de idioma italiano pelo de língua portuguesa, embora este tenha se apresentado com mais diversidade com o passar do tempo, permite visualizar a preocupação do povo imigrante italiano em formar indivíduos com princípios voltados à própria cultura de origem; retrata também a propagação da cultura no tempo e no espaço, cuja continuidade é demonstrada por meio desses materiais de língua italiana que se fizeram e se fazem presentes nos lares das entrevistadas, tanto da primeira como da segunda geração.

Relatos semelhantes foram verificados também quanto à literatura do imigrante, transmitida entre gerações por meio da contação de histórias. Descrevendo os ambientes familiares como significativos quanto à presença de contadores de histórias, as depoentes da segunda geração foram unânimes em confirmar que a iniciação à leitura e à literatura aconteceu antes do contato com o livro escolar; seis das entrevistadas tiveram sua iniciação tanto em língua italiana como na portuguesa por meio de histórias narradas.

Da mesma forma, demonstrando a valorização da cultura da imigração italiana através da língua, o grupo da primeira geração, em sua maioria, relatou que sua iniciação à literatura dera-se pela oralidade e que as histórias eram narradas tanto em língua portuguesa quanto no idioma e dialeto italianos. Com referência à contação de histórias em língua italiana, retratando a preocupação do imigrante italiano e de seus descendentes em educar seguindo princípios voltados à cultura de origem, os sujeitos da primeira geração lembraram algumas cantigas de ninar, cantadas pelas mães ao embalar os filhos para facilitar-lhes o sono. Lembraram, ainda, as cantigas de roda contadas com auxílio de familiares, alguns desses descritos como incentivadores de leitura.

Comparando os dados entre os dois grupos, verificou-se que as mesmas cantigas de ninar, de roda e brincadeiras, em vernáculo italiano, citadas pelas entrevistadas da primeira geração foram mencionadas pelas da segunda geração, embora estas tenham enriquecido os dados com outras cantigas no idioma português. Demonstrando a passagem da cultura entre gerações e a preservação da língua italiana, foram repetidas as parlendas *Siamo Sete e Cavalino di, de, do, além da brincadeira Receta bela*.

Enquanto as cantigas em versos relacionadas ao idioma italiano foram citadas em número reduzido, as narrativas foram lembradas com maior facilidade e em maior quantidade, tanto às referentes à literatura infantil quanto à literatura adulta. Com referência à literatura infantil, as senhoras da primeira geração, deixando transparecer pelas narrações e expressões usadas, o domínio em dois idiomas, lembraram e contaram as histórias ouvidas em seus ambientes familiares relacionadas principalmente à literatura do imigrante italiano, cuja caracterização se dá pelo uso da língua, pelos temas, espaços e personagens que remetem ao país da Itália. Observou-se que essas narrativas, em sua maioria, foram citadas pelos dois grupos de entrevistadas. Repetiram-se os seguintes contos: “Os milagres de Santo

Antônio”, “A história de Nicolau”, “A menina das laranjas”, “Joãozinho afilhado do rei”, *Oselin bel in oro e* “Joãozinho e Mariazinha”, este com uma versão diferente da tradicional.

Além da literatura infantil, fizeram parte das lembranças e das narrações das depoentes da primeira geração os romances e novelas da literatura adulta. Elas mencionaram ter ouvido e conhecido, entre outros textos desta literatura adulta, o conto italiano “Romeu e Julieta” e o livro *Naneto Pipeta* também citados pelas senhoras da segunda geração, demonstrando a passagem da cultura e certificando de que a literatura do imigrante acompanhou todas as fases de desenvolvimento da leitura dos sujeitos pesquisados, estando presente nos dias atuais em suas memórias e na comunidade familiar.

Comparando os dados obtidos entre o primeiro e segundo grupo de entrevistadas, observou-se, portanto, a propagação da cultura pela narração de histórias. A literatura voltada a princípios italianos, citada pelo primeiro grupo, fez-se presente nas lembranças do segundo. Praticamente as mesmas cantigas, contos e romances foram citados e lembrados, embora o segundo grupo tenha enriquecido os dados pelo acréscimo de outras narrativas tradicionais da literatura folclórica em língua portuguesa, visto que, segundo elas, tiveram acesso a essas através da narração nos ambientes familiares e educacionais.

Buscando a certificação da expansão da cultura da imigração italiana através dos tempos, observou-se na comparação dos dados que, apesar de os relatos apresentarem semelhança, enquanto o grupo da primeira geração demonstrou dominar a língua italiana pelas narrações e expressões empregadas, no segundo grupo a entrevistada Dalva revelou não saber traduzir as narrações em idioma italiano como as ouvira quando criança. Por sua vez, Liliane comentou não ter sido iniciada na língua e literatura italiana, permitindo evidenciar que a cultura, ao mesmo tempo em que se difunde no tempo, perde a sua integridade.

Com referência às narrativas, outros aspectos que as diferenciam no tempo e espaço foram observados. O conto “Joãozinho e Mariazinha” foi narrado pelas depoentes tanto da primeira como da segunda geração, como se pode conferir nos anexos, contudo, em cada narração recebeu uma nova versão pela transmissão individual e criatividade, apesar de manter, a exemplo de outras narrativas, as idéias básicas. Tal constatação evidencia, mais uma vez, que a cultura divulgada oralmente modifica-se a cada transmissão, remodela-se com o tempo e no espaço, embora a modificação seja insignificante, pois a cultura carrega consigo os elementos básicos para a sua preservação, o que garante a continuidade entre gerações. Thompson confirma o observado ao registrar que pesquisas têm revelado que muitas “narrativas e poemas de tradição oral que passaram de geração em geração sobreviveram ao tempo em seus elementos básicos.”⁷³

No subtítulo “Leitura e literatura” investigou-se também a transmissão da cultura pela comparação de dados no que tange a provérbios, ditos populares e cantos em língua italiana. As sete entrevistadas do primeiro grupo, demonstrando conhecimento e domínio do idioma italiano, foram unânimes em relatar que conheciam provérbios e citaram, além de alguns ditos populares, vinte e quatro provérbios em vernáculo italiano que traduzem a cultura em seus preceitos, ditos instrutivos, valores e crenças, refletindo a maneira de pensar da comunidade. Enquanto o primeiro grupo de mulheres apresentou uma diversidade de provérbios, somente três das entrevistadas da segunda geração mencionaram provérbios em língua italiana, mas o fizeram em língua portuguesa mantendo a tradição oral.

Quanto aos cantos em língua italiana, uma constatação diferente em relação aos provérbios foi possível: tanto o grupo da primeira como o da segunda geração lembrou cantos italianos e revelaram a sua presença como meio de diversão e preservação cultural em dias atuais. Seis das sete depoentes da primeira geração não só afirmaram conhecer os cantos

⁷³ THOMPSON, P. *A voz do passado: história oral*, p.154.

como apresentaram seus significados, que estão relacionados principalmente ao país de origem dos imigrantes italianos, a suas temíveis guerras, os seus espaços montanhosos, bem como, alguns cantos, revelam o sofrimento e a esperança do povo em sua nova pátria e, indiretamente, a saudade do país deixado a distância. Além de citarem os cantos e de atribuir-lhes significados, as depoentes da primeira geração, retratando a presença da cultura italiana nos dias atuais e no espaço em que vivem, orgulhosamente relataram que esses cantos italianos fazem parte das suas diversões em encontros comunitários.

A exemplo do primeiro grupo, a maioria das entrevistadas da segunda geração revelou conhecer cantos no vernáculo italiano e citou cinco dos nove cantos lembrados pelas depoentes anteriores. Foram repetidos: *A verginela*, *La bela polenta*, *El massolin di fior*, “América” e “Os quatro cavalos que trotam”. Neidite e Liliane, além de lembrarem os cantos, mencionaram que até os dias de hoje ouvem as mães cantarem essas canções, o que certifica, mais uma vez, que a cultura propagou-se na comunidade pesquisada, nos ambientes familiares, e está gravada na memória dos indivíduos como um passado significativo, que tende a resistir a mudanças e que traz consigo, embora reduzida pelo tempo, a história de um povo em sua língua, cantos e literatura, entre outras manifestações.

A cultura da imigração italiana, portanto, passou de geração em geração na comunidade pesquisada e está ativa na memória das entrevistadas, somando o conhecimento recebido oralmente e as experiências vividas, bem como se faz presente no espaço social como síntese da história de um povo, englobando a língua, costumes, crenças, valores e literatura em sua imagem e representação, apesar de apresentar modificações quanto à transmissão, à atribuição de juízos voltados ao mundo atual e de refletir certa redução na prática de costumes culturais, de certas regras comportamentais e na observância de alguns valores. Esses foram reduzidos, sobretudo, pelas influências de caráter social, evolução da sociedade no tempo e espaço, mudanças quanto à visão de mundo, maneiras de pensar que

conduziram a outros comportamentos, preferências, oportunidades e conquistas de espaços sociais e profissionais. Essas conquistas estão voltadas principalmente à mulher, que passou da submissão familiar e profissional vividas pelas mulheres italianas da primeira geração para um espaço mais democrático. Mas, apesar de reduzida, a cultura da imigração italiana está presente no meio casquense e essa constatação ressoa na voz Halbwachs.⁷⁴, o qual, ao se referir à memória coletiva, esclarece que esta, embora se modifique pelas influências de caráter social, pelo contato de grupos, agrega um conjunto de regras, representações, imagens que foram substância de pensamentos e que o grupo visa perpetuar em sua base na passagem de tempos.

A cultura da imigração italiana, como um conjunto de representações que envolve normas, costumes e valores, não se extinguiu com o tempo, apenas se modificou e se reduziu em diversos aspectos, que não comprometem totalmente a passagem e a continuidade da história do grupo étnico italiano, pois ainda está parcialmente viva no contexto social e presente na memória das entrevistadas. Sua continuidade depende também do resgate, registro, incentivo e valorização ao idoso, porta-voz do passado.

⁷⁴ HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. 2006.

CAPÍTULO IV



IV A HISTÓRIA DO IMIGRANTE ITALIANO CONTADA POR MEIO DOS ACERVOS

Relembrar o passado não significa apenas recordações verbalizadas. O pesquisador, em contato com o entrevistado, em seu ambiente natural e familiar, pode valer-se não só do narrado como dos acervos culturais preservados, que traduzem a história de grupos e contribuem para ampliar a investigação e reconstituir o passado.

Le Goff⁷⁵ enfatiza que a memória coletiva, voltada às origens, à tradição oral, que envolve, entre outros aspectos, lembranças grupais, recordações pessoais, literatura oral, com a evolução social e da imprensa, passou a ser ampliada em seu contexto, na sua abrangência e suportes. Com o passar do tempo, a memória coletiva ampliou o seu universo, abrangendo a memória histórica, incluindo feitos heróicos, arquivos, museus e acervos culturais que lembram o passado e reconstituem a história. Os acervos culturais, nesse sentido, são memórias que traduzem a história, conectando, entre outros aspectos, recordações, lembranças familiares, sociais e de grupos étnicos.

Enquanto Le Goff inclui na memória coletiva as memórias históricas como meios que permitem a recordação, Chartier⁷⁶ enfoca as representações sociais e culturais como relações entre a imagem e o conteúdo manifesto, que traduzem sentido, identificam grupos, decifram conjuntos de pensamentos, visões de mundo de comunidades e, conseqüentemente, a sua cultura.

⁷⁵ LE GOFF, J. *História e memória*. 1996.

⁷⁶ CHARTIER, R. *A história cultural*. 2002.

Com o objetivo de averiguar a existência de acervos da cultura de imigração italiana preservados no município de Casca, RS, que traduzem a história do grupo de geração em geração, e de verificar as suas representações que podem refletir atitudes comportamentais, atividades comuns e, conseqüentemente, a maneira de pensar e de ver o mundo do grupo italiano, foram visitadas as casas das sete mulheres da primeira geração envolvidas no presente trabalho de pesquisa. As casas visitadas foram as das senhoras Petronylla Cameloti Franciosi, Inês Tereza Caleti Ghiggi, Josefina Spanhol Klanovics, Rosa Colferai Tebaldi, Maria Ana D'Agostini Bettinelli, Idalina Variâni Mantovâni e Gládis Zandoná. Todas elas, com muita atenção, demonstraram o que consideravam acervo da cultura da imigração italiana.

Refletindo a fé, a religiosidade e, ao mesmo tempo, a memória coletiva e cultural do grupo étnico pesquisado, visualizaram-se quadros e símbolos em quatro das casas visitadas. Nas residências de Petronylla e Josefina, encontraram-se quadros de santos e principalmente imagens de Nossa Senhora e crucifixos nas cabeceiras das camas. Nas casas de Inês Tereza e Rosa, além das imagens já citadas, visualizaram-se livros com ladainhas e cantos religiosos em língua italiana expostos num local para orações. Na casa de Rosa constatou-se também a existência de um quadro de Santo Antônio trazido da Itália, que ela guarda como uma relíquia por evocar o passado distante e traduzir a história e os valores da grande família de etnia italiana.

Traduzindo sentimentos de respeito, de saudade, e dando a idéia de continuidade familiar, encontraram-se quadros de fotografias da família nas casas das sete mulheres visitadas, formando um elo entre a memória de um tempo passado e os sentimentos do presente. As fotografias e os quadros remetem a memória familiar e coletiva que, embora se modifique pelas influências de natureza social, segundo Halbwachs⁷⁷, agrega um conjunto de

⁷⁷ HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. 2006.

representações, de correntes de pensamento, mantendo-as em sua base comum. A base comum preservada pôde ser visualizada nos quadros conservados, na atribuição de valores e sentimentos perpetuados que conduzem à história, traduzindo lembranças e imagens do passado que ainda estão vivas na memória.



Figura 7 – Crucifixo simbolizando a religiosidade passada entre as gerações.



Figura 8 – Quadro de Santo Antônio trazido da Itália.



Figura 9 – Familiares das depoentes.

Os acervos preservados no meio casquense estão representados também nos móveis das casas visitadas. Refletindo a vida simples; recriando a história da confecção manual, da falta de industrialização da época; traduzindo a maneira de pensar da comunidade de imigração italiana, representada pelos modelos comuns, encontraram-se na casa das entrevistadas móveis que retratam tempos e épocas distantes.

Na casa de Petronylla, encontraram-se um roupeiro e uma espelheira antigos; uma cristaleira que guarda um jogo de jantar, lembrando a época do casamento da visitada; uma mesa para as refeições com bancos de madeira, que servem de cadeiras; um armário, confeccionado pela própria família há mais de cem anos, que, segundo Petronylla, foi passando de pai para filho. Os móveis citados estão expostos na parte central de cada repartição e permitem leituras diversas, que contribuem para a tradução de uma história distante, a qual se reconstrói por meio das lembranças do passado e das imagens no presente. Essa reconstrução remete a Le Goff quando diz que os símbolos, as imagens evocam a memória humana, facilitando a reconstituição da história.⁷⁸

Na casa de Josefina o acervo mobiliário faz-se presente por meio de um guarda-louça fabricado manualmente há mais oitenta anos, o qual, segundo a proprietária, retrata o modelo italiano da época da imigração. Além do guarda-louça, o quarto da participante da pesquisa encontra-se ornamentado por uma pequena mesa, chamada de *taolin* pelos italianos, que foi passada de mãe para filha. Um guarda-louça no mesmo modelo do de Josefina foi avistado também na casa de Maria Ana, ao passo que na residência de Rosa preserva-se o baú que serviu para guardar o enxoval do seu casamento, acontecido há mais de cinquenta anos.

⁷⁸ LE GOFF, J. *História e memória*. 1996.



Figura 10 – Baú que servia para guardar enxovais.



Figura 11 – Mesa de madeira utilizada para as refeições.



Figura 12 – Guarda-louça confeccionado há mais de oitenta anos.

As atividades, tanto femininas como masculinas, do imigrante e seus descendentes estão refletidas nos acervos instrumentais preservados que, permitindo uma relação entre imagem e significado, traduzem a labuta, o sofrimento e, ao mesmo tempo, a cultura de um povo em suas práticas, comportamentos e atividades. O ferro de passar roupas a brasa está presente na casa de Petronylla não só como acervo, ou como uma memória cultural, mas como instrumento de trabalho nos dias atuais. Um outro instrumento de trabalho, escasso em dias atuais, que Josefina ainda utiliza, é a máquina de costura movimentada a mão, enquanto Idalina exhibe sua máquina movimentada com os pés, que guarda apenas como lembrança.



Figura 14 – Máquina de costura movida a mão.

Rememorando as atividades femininas da época da colonização italiana, Rosa mostrou acervos diferentes dos encontrados nas demais residências observadas; apresentou

com orgulho os chapéus e as cestas confeccionadas com palhas de trigo, que datam de tempos distantes e carregam consigo uma história cultural. Rosa, retrocedendo ao passado, conta que essas cestas serviam para levar a merenda aos membros da família que trabalhavam longe de casa, sem condições de voltar para as refeições. Segundo Rosa, era costume levar as refeições na roça com as cestas, denominadas pelos italianos de *sportas*.



Figura 15 – Cestas e chapéus confeccionados com palha de trigo.

Os trabalhos costumeiros das mulheres de origem italiana estão expressos também no enxoval preservado de Inês Tereza e Josefina. Toalhas de mesa bordadas a mão, toalhas de rosto com franjas desfiadas no próprio tecido, panos decorativos, pintados ou bordados com pensamentos positivos, como representações de uma cultura refletida na vida simples, nas maneiras de pensar do grupo italiano, estão guardados no baú de lembranças de Inês Tereza e fazem parte do dia-a-dia de dona Josefina. Segundo as mulheres citadas, elas mesmas confeccionaram e bordaram essas peças de enxoval, pois era um costume familiar e cultural. O que mais chamou atenção entre os acervos e relíquias preservados não foram tanto as peças de enxoval, mas uma carta que Tereza recebeu do marido quando este servia o exército, a qual ainda está guardada nos fundos do baú.



Figura – 16

Toalhas e panos decorativos que lembram os enxovais das mulheres de origem italiana.



Figura – 17



Figura – 18

O trabalho masculino do tempo da imigração italiana é trazido para o presente através da imagem representativa que se resume em acervos instrumentais. Enquanto Maria Ana preserva a balança de prato, Rosa guarda e mostra com carinho o instrumento de trabalho que servia, no passado, para o plantio da semente. É o denominado *sponchion*, muito usado no trabalho agrícola dos imigrantes e seus descendentes. Esse instrumento de trabalho consiste num cabo de madeira com ponta de metal, usado para fazer aberturas na terra a fim de nela colocar a semente.



Figura 19 – Balança de prato.

Artefatos e objetos domésticos que traduzem costumes, preferências, tempos e espaços também fazem parte dos acervos italianos. Na casa de Josefina observaram-se pratos decorativos, açucareiros de vidro em formato de cálice e pomba, presentes que ganhara de sua mãe e que lembram costumes distantes. Rosa presentifica o passado pela preservação de outros objetos. A lamparina e o lampião a querosene, o paneleiro, bem como a panela de polenta e a corrente para suspê-la ao fogo, são representações que remetem à gastronomia, a vida difícil dos primeiros tempos de colonização. Gládis e Idalina demonstraram a cultura da imigração italiana através de acervos diferentes, muito escassos nos dias atuais. Avistaram-se no quarto de Gládis uma jarra e uma bacia, suspensas em um

tripé de madeira, costume italiano que ainda faz parte do seu dia-a-dia. O meio de sobrevivência dos colonizadores italianos e o modelo das primeiras construções estão presentes nas fotos expostas na sala de Idalina. Representando as atividades para a sobrevivência, encontraram-se a foto de caçadores e, retratando as primeiras construções, a foto da primeira igreja de Casca. Segundo a proprietária, a foto reflete às construções ao estilo italiano; as pequenas casas de orações, construídas em madeira, com pequenas aberturas e uma cruz no centro, na parte superior externa. Entre as relíquias de Idalina há um véu preto, que servia para cobrir a cabeça das mulheres ao entrarem na igreja, e um livro em língua italiana, que, apesar da data e autor apagados pelo tempo, foi trazido da Itália pelos familiares, segundo a proprietária, sendo guardado como um elemento cultural que traduz um valor priorizado, a leitura do passado.



Figura 20 – Açucareiros de vidro.



Figura 21 – Lâmpião a querosene.



Figura 22 – Paneleiro e tabuleiro da polenta.



Figura 23 – Suporte, bacia e jarra usados nos quartos.



Figura 24 - Panela da polenta com corrente para suspendê-la no *fogoler*.

A cultura da imigração italiana está presente no meio casquense através do patrimônio cultural material e imaterial. Com referência ao patrimônio cultural, Félix esclarece:

A lembrança das imagens mentais se dá através de diferentes suportes de memória que podem ser de natureza econográfica, fotografias, álbuns, etc.; de natureza objetual, com os diversos tipos de objetos materiais associados a uma determinada memória e que compõem o universo dos bens ou patrimônio material; de natureza perceptiva e sensorial, quando desencadeados por idéias e associações, e de natureza do universo da memória de sentidos, [...] que compõem o rico e diversificado universo denominado de bens ou patrimônio imaterial.⁷⁹

O patrimônio cultural do grupo étnico italiano está presente, mesmo que parcialmente, no município de Casca, tanto no aspecto material como no imaterial. O acervo preservado, passado entre as gerações, encontrado nas casas de cidadãs casquenses reflete o patrimônio cultural material e as representações e significações transmitidas por meio desses acervos, que relacionam e conduzem à síntese da história cultural do grupo; à sua visão de mundo e maneiras de pensar, reveladas em práticas, atividades, costumes, valores, constituem o patrimônio imaterial da grande família de imigrantes italianos. Constatou-se, com referência aos acervos, que, embora nas casas selecionadas para o levantamento a cultura da imigração italiana esteja presente, o acervo mais significativo pertence às mulheres de mais idade; nas casas das cidadãs mais novas, como Gládis e Maria Ana principalmente os acervos que representam a cultura italiana são mais reduzidos, o que confirma a necessidade de registro antes que os vestígios presentes sejam apagados pelo tempo.

⁷⁹ FÉLIX, Política, memória e esquecimento. In: TEDESCO, J. *Usos de memórias: política, educação e identidade*, p 23.

CAPÍTULO V



V-PRESENÇA DA CULTURA DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NA LITERATURA GAÚCHA

No desenvolvimento deste capítulo, tendo-se por objetivo a complementação dos dados resgatados oralmente referentes à cultura da imigração italiana, buscou-se identificar os elementos dessa cultura na literatura gaúcha, estabelecendo relações de semelhança e diferença entre os aspectos culturais obtidos nas entrevistas realizadas e os presentes nas obras em estudo, subdividindo-os, novamente, em história, costumes e valores da comunidade de imigração italiana. As obras analisadas foram, respectivamente, *O quatrilho*, de José Clemente Pozenato, e *Amadas raízes*, de Oscar Bertholdo.

5.1 Estudo da obra *O quatrilho* de José Clemente Pozenato

5.1.1 Dados do autor

José Clemente Pozenato nasceu em São Francisco de Paula em 1938. Em 1950, iniciou seus estudos secundários em Caxias do Sul. Dando continuidade aos estudos, formou-se em Filosofia, cursou Pós-Graduação em Letras, passando a lecionar Literatura na Universidade de Caxias do Sul.

Como escritor, iniciou como contista, ainda muito jovem. Passando do conto para a poesia, publicou: *Matrícula* (coletiva de um grupo de poetas de Caxias do Sul, 1967), *Vária Figura* (1971), *Carta de viagem* (1982) e *Meridiano* (1983). Publicou diversos ensaios, entre os quais *O regional e o universal na literatura gaúcha* (1974), que foi premiado pelo Instituto Estadual do Livro do Rio Grande do Sul. Na ficção, publicou a novela *O caso do martelo* e a obra *O quatrilho*, texto este examinado no presente trabalho.

5.1.2 Presença da história da imigração

Na obra *O quatrilho*, que consiste num texto ficcional, Pozenato apresenta o tema infidelidade conjugal, desenvolvido por meio de personagens que, pela sua origem, modo de pensar, agir e pelas características atribuídas, permitem estabelecer certa relação com o real e comparar a história desenvolvida na obra com a história cultural e social do povo imigrante italiano, narrada pelas entrevistadas neste trabalho.

Pelas narrações das entrevistadas, muitos europeus que imigraram para a América no século XIX eram italianos que deixavam sua pátria em busca de dias melhores e da fortuna, trazendo em sua bagagem experiências de trabalho, costumes, valores e sonhos.

Estabelecendo comparação entre o conteúdo da obra e os depoimentos das mulheres, as personagens ficcionais do *O quatrilho* Aurélio e o padre Giobbe são apresentadas na narrativa como sendo de origem italiana, imigrantes, filhos de famílias necessitadas, que deixaram seu país rumo à América em virtude da miséria e das injustiças sociais, trazendo com eles esperanças e aspirações.

Pela descrição na obra, o padre Giobbe era filho de um miserável camponês e deixara sua terra para não assistir ao sofrimento dos familiares e, num sentimento fraterno, imigra para colaborar com os injustiçados que partem para o desconhecido. Sem condições

financeiras favoráveis, órfão de pai, em solidariedade com o seu povo, embarca para a América. O exposto encontra confirmação na seguinte passagem: “Sua vinda para a América dera-se sem a mesquinha tentação de fazer fortuna [...]. Viera para ligar a sorte dos infelizes que partiam.”⁸⁰

Enquanto padre Giobbe apresenta características de missionário italiano solidário com o seu povo, a personagem Aurélio apresenta similitude com o pequeno agricultor imigrante em busca de dias melhores, descrito pelas entrevistadas. Suas lembranças exteriorizadas na obra reconstroem a história, trazem para o presente a miséria vivida em seu país de origem, os sonhos que o trouxeram para a América, suas decepções e dificuldades, relacionadas principalmente à vida nos barracões de estadia, ao desmatamento inicial, às construções manuais, aos perigos enfrentados e à labuta diária para a sobrevivência em terras americanas. As lembranças de Aurélio são resumidas nas expressões seguintes:

A cabeça leve, Aurélio viaja. Bassano, Bolzano, Beluno [...]. Os pais tristes sem comida para dar aos filhos [...]. Jurou que não deixava Rosa, sua esposa, viver na miséria. Por causa deste juramento e que embarcaram para a América [...]. Aurélio lembra como se fosse hoje. Quando chegou à colônia, deixando Rosa no barracão dos imigrantes, e viu a altura das árvores que teria que derrubar, chorou.⁸¹

Semelhante procedência tem a personagem Cósimo. Nascido na Itália, ele imigra para o Brasil em busca da “cucanha” (fortuna), sendo sua grande esperança, em relação à nova terra, demonstrada quando na viagem da vinda ao Brasil, visto que, ao nascer sua filha, dera-lhe o nome de América: “O compadre Cósimo”, diz Roco, “conheci no navio. Nasceu uma criança dele, no navio. A pobrezinha morreu, jogaram ela no mar. Cósimo tinha botado nela o nome de América.”⁸²

⁸⁰ POZENATO, José Clemente. *O quatrilho*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997, p. 18.

⁸¹ Idem, p. 23-24

⁸² Idem, p. 93.

Neste particular, o sofrimento do imigrante, iniciado ainda na travessia do mar, narrado pelas entrevistadas, principalmente por Inês, quando relembra as embarcações inadequadas reservadas aos imigrantes e os familiares mortos jogados no oceano, está presente no texto em estudo, permitindo estabelecer relações entre os conteúdos da obra e a história social do povo imigrante.

Quanto às experiências de trabalho trazidas do além-mar, segundo as entrevistadas, os imigrantes italianos dedicavam-se à lavoura e a pequenas indústrias principalmente, habilidades essas retratadas na obra através das personagens artesãs.

Roco, nascido na Itália, de profissão ferreiro, imigra para o Brasil para não morrer de fome. Estabelecendo-se em Caxias do Sul, dá continuidade à sua profissão, podendo retratar, portanto, o pequeno industrialista que atuava nas zonas de colonização na época da imigração.

Mássimo, da mesma forma que a personagem ficcional Roco, é de origem italiana. Nascido em Beluno, na Itália, filho de carpinteiro humilde, deixa sua pátria quando percebe que seu pai não tem condições de sustentá-lo. Demonstrando habilidade na profissão que aprendera junto ao pai, no Brasil, pela confecção de móveis ou como estruturador, apresenta características que permitem uma certa comparação com o pequeno construtor que iniciou o desenvolvimento industrial no Rio Grande do Sul. A comprovação da atividade profissional de Mássimo é expressa nas palavras de Pierina quando mostra sua casa à visitante Tereza: “- Os móveis, Tereza, foram todos feitos pelo Mássimo. Olha essas cadeiras.”⁸³

Enquanto algumas personagens apresentam certas características de imigrante italiano em terras brasileiras, outras parecem refletir os descendentes de italianos que deram continuidade à história iniciada pelos seus antecedentes, permitindo caracterizar a obra como uma narrativa voltada a questões da imigração.

⁸³ POZENATO, *O quatrilho*, p. 52

As personagens ficcionais Ângelo e Pierina são apresentadas na obra como descendentes de italianos não apenas por serem filhos de imigrantes, mas por alimentarem uma maneira de pensar semelhante a estes, que se reduz, conforme dados das entrevistas, ao sonho e à busca da fortuna. Tanto Ângelo quanto Pierina, ao mesmo tempo em que espelham os homens trabalhadores e seguros, buscam o progresso, o desenvolvimento econômico e financeiro a qualquer custo. O mais importante para essas personagens não parece ser o amor, a paixão, os sentimentos, mas o lucro fácil, o dinheiro, o prestígio, "o caminho da cucanha".⁸⁴

Portanto, a obra ficcional *O quatrilho* permite estabelecer certa relação com o real e as personagens pela sua origem, por suas profissões, pelos modos de pensar e agir, apresentam características semelhantes às atribuídas aos imigrantes italianos descritos pela maioria das entrevistadas deste trabalho. Segundo elas, os imigrantes italianos eram cidadãos que ganhavam a vida na lida do campo, ou como pequenos comerciantes, artesãos e construtores, que, devido à condição financeira miserável, deixaram a Itália em busca de melhores condições de vida, de progresso e da fortuna, características e funções presentes também no texto.

Na continuidade da história da imigração, outra semelhança entre os dados fornecidos pelas entrevistadas e o conteúdo da obra pode ser visualizada nas dificuldades encontradas pelo povo imigrante em terras brasileiras. Referindo-se às terras destinadas a esse grupo étnico, lembraram as depoentes que eram terras primitivas, onde os imigrantes tinham de iniciar suas atividades cortando mato, abrindo trilhas, matando bichos ameaçadores, construindo ranchos e plantando os produtos para sua sobrevivência. A personagem Ângelo, ao descrever um dos locais de desenvolvimento da obra, Santa *Corona* também o lembra,

⁸⁴ POZENATO, J. C. *O quatrilho*, p. 133

inicialmente, como um espaço natural, primitivo, que exigia trabalho manual e simbolizava sofrimento, resumido em labuta, “fome e frio.”⁸⁵

Além de Santa *Corona*, *San Giusepe* e outro local de desenvolvimento da obra que traduz o sofrimento do povo colonizador. Pelas lembranças de Roco, este espaço é apresentado, inicialmente, como um local de “mato fechado”⁸⁶, habitado por animais que prejudicavam a vida do imigrante camponês e representavam perigo constante. *San Giuseppe* não é apresentado apenas em sua caracterização inicial como espaço quase deserto, mas em diferentes épocas, desde a sua colonização, quando o trabalho de campo era quase exclusivo, até a sua industrialização e desenvolvimento do comércio, demonstrado por meio das atividades das personagens, destacando-se Roco que diz: “Quando cheguei aqui, comprei um lote e comecei a fazer enxadas e foices e fui fazendo mais foices e machados [...]. Até que um dia, peguei uma espingarda, olhei bem e pensei: se os outros fazem eu também faço. Acho que em Santa Corona ainda existem as minhas espingardas.”⁸⁷ Neste particular, constatam-se, não somente as dificuldades encontradas pelo povo colonizador, mas, interpretativamente conhece-se a história do desenvolvimento das zonas de colonização italiana, construída com a participação e a garra dos imigrantes e de seus descendentes, descritos na obra, indiretamente, como homens corajosos e empreendedores, que introduziram e expandiram o progresso no sul do país.

Além das dificuldades apresentadas, outras enfrentadas pelos imigrantes e lembradas pelas entrevistadas, principalmente por Neidite, como a falta de estrutura, comércio, o transporte animal feito com auxílio de cargueiros, fazem-se também presentes na narrativa em estudo, demonstrando a presença da cultura oral na literatura.

⁸⁵ POZENATO, J. C. *O quatrilho*, p. 63.

⁸⁶ Idem, p.93.-94

⁸⁷ Idem, p. 93-94

Pelo descrito na obra, a personagem italiana Ângelo viveu o tempo do transporte animal, que, de maneira sofrida, deslocava o produto colonial com auxílio dos tradicionais cargueiros amarrados ao lombo de mula. Tal colocação pode ser visualizada na seguinte citação: “Ângelo sentou para descansar. Tinha já carregado muitos cestos de milho naquele dia. Assim que Bambina chegasse com a mula, poria a última carga na cangalha.”⁸⁸ Da mesma forma, a mudança de Ângelo e Teresa de Santa Corona para *San Giusepe* foi feita com transporte animal, embora não mais por cargueiros, mas com carroças puxadas com mulas, demonstrando a evolução propiciada pela participação do imigrante. “A carreta de mulas estava na frente da casa. Teresa enrolou-se no xale, pois estava frio e úmido. Viu Agostinho e o marido trazendo a pesada arca, repleta de roupas. Era a única coisa que iam levar.”⁸⁹

A falta de industrialização enfrentada pelos imigrantes, que, além de se dedicarem ao trabalho do campo, obrigavam-se a instalar pequenas indústrias para atender às necessidades da comunidade em que estavam inseridos, como narrou a entrevistada Petronylla, está retratada na obra em suas especificações.

A iniciação à industrialização, em razão da coragem do imigrante, é demonstrada na obra pela construção de um moinho em *San Giusepe*, construído pela personagem ficcional oriunda da Itália Máximo Boschini, apresentada na obra com características de um empreendedor, que colaborou para o desenvolvimento econômico e industrial do meio em que estava inserido, este meio subentendido como o Rio Grande do Sul. A iniciação à industrialização pelas mãos do imigrante é explicitada pelo seguinte relato: “-Vou contar uma coisa em segredo”, diz Ângelo a Stchopa, “nós vamos botar um moinho. O Máximo ficou em casa, fazendo o desenho.”⁹⁰

⁸⁸ POZENATO, . *O quatrilho*, p. 40.

⁸⁹ Idem, p.73.

⁹⁰ Idem, p.119.

Portanto, a obra ficcional *O quatrilho*, estabelecendo relações com o real, permite instituir, em diferentes aspectos, certa comparação com a história cultural e social do povo imigrante contada oralmente pelas entrevistadas, incluindo as dificuldades, os sofrimentos dos colonizadores italianos, bem como a evolução social ocorrida com a sua participação, retratando, ao mesmo tempo, a preocupação do escritor gaúcho em introduzir na literatura a cultura de povos que integram o sul do país, deixando transparecer a valorização regional e cultural.

5.1.3 Costumes da comunidade de imigração italiana

A cultura da imigração italiana, na obra em análise, visualizada pela relação que permite estabelecer com o real, não se reduz ao exposto. Vários aspectos culturais e sociais fazem-se presentes na caracterização das personagens, por meio de sua denominação, linguagem, usos, indumentária, valores e comemorações. Essa caracterização encontra pontos em comum com as entrevistas, permitindo constatar pelos dados que seguem que a cultura oral encontra continuidade na literatura.

Pelos dados obtidos nas entrevistas, por meio principalmente da depoente Pretonylla, é costume da família italiana dar nomes de santos aos filhos, por exigência da Igreja, sendo esses nomes, geralmente, acompanhados de apelidos.

A preferência por tais nomes é retratada na obra pela denominação de várias personagens, como Ângelo, Teresa, Maria, Antônio, Rosa, José, entre outros. No texto é freqüente a atribuição de apelidos expressos em língua italiana, valorizando a cultura pela linguagem utilizada. Entre as personagens que receberam apelidos, há o “Béppe”, o “Nani” e o “Queco”, que, traduzidos no idioma português, correspondem, respectivamente, a José, Antônio e Domingos. Stchopa e Scariot são outras personagens que receberam apelidos e

sobrenomes que correspondem à origem italiana. Toni Scariot, cujo sobrenome era Mezzapianta (meia árvore), recebeu o apelido de “Scariot” por ser considerado traidor de companheiros em seu país de origem; e o apelido “Stchopa” significa espingarda, relacionado, portanto, a uma arma, expressa em língua italiana.

O idioma trazido do além-mar, usado freqüentemente pelas personagens, conduz, da mesma forma, à valorização da cultura italiana. Além dos espaços de desenvolvimento da narrativa serem expressos em língua italiana, *Santa Corona* e *San Giusepe*, várias personagens da obra, ao longo do desenvolvimento da história, fazem uso da língua italiana, demonstrando, inclusive, pela personagem Ângelo, que era costume dos imigrantes e seus descendentes o uso do vernáculo italiano no seu dia-a-dia, tendo, com isso, dificuldade de entender a língua oficial brasileira. O exposto é verificado na seguinte narração: “Ângelo fora até o café. Perto do balcão, dois homens “falavam alto e riam. Ele nada entendeu, não falavam italiano.”⁹¹

Sobre as expressões em língua italiana, observou-se que seu uso é mais freqüente nos diálogos de personagens de mais idade. Nos encontros dos nonos Cósimo e Aurélio, a língua usada era quase que exclusiva a de sua origem italiana, o que poderia retratar os sentimentos pela pátria deixada e a dificuldade encontrada pelos imigrantes para a aprendizagem de um novo idioma, bem como a sua persistência em manter viva a cultura por meio da língua de origem. O diálogo entre Cósimo e Aurélio por ocasião do casamento de Ângelo comprova o exposto: “-Beve, compare, che’l vin no fa mal. Femo uma ciúca, e dopo cantemo.”⁹² (- Bebe, compadre, que o vinho não faz mal. Vamos tomar um porre, e depois cantar).

Ainda quanto ao uso da língua italiana, outro aspecto revelado nas entrevistas foi constatado na obra. Pelos dados obtidos junto à Idalina, os italianos tinham o costume de blasfemar e faziam-no na língua de origem.

⁹¹ POZENATO, *O quatrilho*, p. 81.

⁹² Idem, p.22.

O costume citado é demonstrado na obra por meio das personagens fictícias Ângelo e Agostinho. Este, no trabalho pesado de cortar e amarrar parreiras em encostas, principal atividade do imigrante, cansado e esgotado, encontra uma maneira de desabafar através da blasfêmia. Por sua vez, Ângelo, apesar de apresentar certas características do descendente de italiano descritas pelas entrevistadas, como praticante da religião e confiante em Deus, nas horas de amargura parece buscar o alívio da dor através da ofensa a Deus. Ao sentir-se traído pela mulher, Ângelo “arranca do fundo de si, um *Porco Dio e Porca Madona*.”⁹³

O costume da blasfêmia, expresso na obra, demonstra a incoerência entre o que o italiano faz e o que diz. A cultura da imigração italiana, visualizada tanto na obra como enfocada nas entrevistas, tem a religião como pilar familiar, mas, ao mesmo tempo, seus membros encontram satisfação e alívio na ofensa ao ser espiritual superior. Assim, constata-se a presença da cultura na literatura nos mais diferentes aspectos, inclusive, em suas aversões, paradoxos e desarmonias.

Na obra *O quatrilho* verifica-se também a presença da indumentária italiana, descrita nas entrevistas. Com referência às entrevistas, Maria Ivone citou como vestuário italiano da época de imigração e anos subsequentes a saia longa, o lenço e o avental para as mulheres; colete, chapéu, tamancos e ceroulas para os homens. Essa vestimenta típica e a descrição física das personagens fazem-se presentes na obra, permitindo estabelecer uma relação entre o conteúdo da obra e as características e costumes do grupo italiano transmitidos oralmente.

Ângelo é descrito, primeiramente, pelas características físicas, retratando sua origem, “pele clara, olhos azuis, com sardas no rosto”⁹⁴, ao passo que, na continuidade da descrição, suas vestes explicitam, além do costume, a simplicidade do grupo italiano. “Ângelo dirigia-se ao bar, vestiu uma camisa remendada, calçou os tamanco e enfiou um chapéu de palha.”⁹⁵

⁹³ POZENATO, *O quatrilho*, p.162.

⁹⁴ Idem, p. 65.

⁹⁵ Idem,, p. 102.

Numa outra descrição, suas vestes são acrescidas de outras peças que vêm completar a indumentária masculina italiana: “Ângelo estava enfiado em tamancos com a ponta da ceroula atada, aparecendo sobre a calça.”⁹⁶

Enquanto a indumentária masculina italiana se faz presente na obra por meio da caracterização da personagem Ângelo, a vestimenta feminina é descrita pela maneira de vestir-se da personagem Teresa: Teresa, na manhã seguinte ao seu casamento “levantou da cama, vestiu uma blusa de algodão, uma saia longa, um avental de riscado, ajeitou os cabelos num coque e foi para a cozinha.”⁹⁷

Pelas descrições da indumentária é retratada a singeleza do grupo na maneira de vestir, bem como a sua condição social. Na camisa remendada de Ângelo transparecem a condição social, as dificuldades financeiras sofridas pela família imigrante e a roupa de algodão de Teresa denota a simplicidade do grupo. Verifica-se também que essa simplicidade foi desaparecendo ao longo da obra, pois Pierina, no capítulo final da obra, já veste vestido de seda, simbolizando o progresso conquistado pelos colonizadores e a mudança de condição social, permitindo visualizar a cultura italiana nas diferentes épocas e em suas alterações. O exposto encontra comprovação na citação que segue: “O vestido de seda de Pierina custou a entrar no corpo [...]. Pena que não fosse um vestido longo, como se usava antigamente. Não se acostumara ainda com essa moda de vestido pelo joelho.”⁹⁸

O casamento à moda italiana, descrito nas entrevistas, é refletido na obra por meio de descrições comportamentais, de modos de pensar e agir das personagens. Com referência ao casamento, a depoente Maria Ivone relata: “Era uma grande festa que começava pela manhã, quando os noivos dirigiam-se para a igreja a cavalo e só terminava à noite, com um baile. Havia sempre cantorias, foguetes e comida de panela.”

⁹⁶ POZENATO, *O quatrilho*, p.180.

⁹⁷ Idem, p. 25.

⁹⁸ Idem, p.203.

Demonstrando uma dessas tradições citadas pela entrevistada e a ligação entre a oralidade e o conteúdo do livro, o casamento de Teresa e Ângelo iniciou-se pela manhã, quando os noivos e convidados dirigiram-se à igreja em transporte animal. No momento da cerimônia, através da lembrança do noivo, outro costume é explicitado, que consiste no silêncio da família imigrante sobre o assunto sexo para evitar a prática extraconjugal, sendo que por causa dessa privação, segundo a entrevistada Inês, os casais uniam-se sem ter conhecimento algum sobre a prática citada. Tal situação pode ser comprovada pela lembrança de Ângelo quando, no altar, dando-se conta de que nunca estivera com uma mulher na cama, perturbou-se. Dando ênfase ao costume, na seqüência narrativa Teresa é descrita como uma moça que nunca tinha recebido informações sobre relação sexual, pois a família evitava o assunto. Este particular é transmitido no seguinte trecho textual: “Para dizer a verdade, Teresa também não sabia o que fazer quando estivesse sozinha, na mesma cama, com um homem. Máma Giulieta fazia cara feia só em pressentir certo assunto nas conversas. As irmãs, quando casadas, faziam-se cheias de mistérios.”⁹⁹

Com relação ao casamento, um aspecto cultural e social expresso na obra e que encontra similitude nos relatos da entrevistas diz respeito ao comportamento da noiva. Era comum, segundo a entrevistada Rosa, nos casamentos dos sujeitos de origem italiana a noiva dirigir-se aos parentes do noivo e perguntar-lhes se a aceitavam como membro da família. O costume é explicitado na obra na atitude de Teresa, que, no dia do casamento, ao avistar o sogro, corre ao seu encontro, abraça-o e lhe diz: “Vos recebo como pai!”¹⁰⁰ E a partir daquele momento, demonstrando o respeito exigido na cultura italiana, passa a respeitá-lo e chamá-lo de *pupá* (pai) no seu convívio diário.

No casamento de Ângelo e Teresa o canto, a comida típica italiana das ocasiões especiais, não deixa de ser representada: fora servido massa e carnes acompanhadas de

⁹⁹ POZENATO, *O quatrilho*, p. 15.

¹⁰⁰ Idem, p.20.

vinho, tradicional bebida italiana. Com relação à comida servida no casamento, o trecho seguinte comprova o exposto: O pai do noivo, “Aurélio Gardone, via as travessas de massa e leitão se esvaziando, o vinho baixando no garrafão, o sol, de repente, entrando pela janela. No fundo da mesa dos noivos, um grupo ensaiava cantar.”¹⁰¹

Quanto à ordem de servir os convidados, outro aspecto é observado. Em razão do espaço reduzido, foram servidos antes os homens e só depois as mulheres, o que demonstra o privilégio e a idéia de superioridade masculina defendida pelo grupo étnico italiano, conforme narra a depoente Marlene. Tal situação é observada, na obra em estudo, nos seguintes dizeres: “Tia Gema mandava os homens sentar-se a mesa e gritava: - Prima i ómini (primeiro os homens), depois as mulheres.”¹⁰²

Retratando costumes e imposições italianas narradas pelas entrevistadas, Teresa e Ângelo, após o casamento, passam a morar com a família do noivo e para Teresa ser bem vista no novo lar, ela procura logo ocupar-se do serviço da casa. Isso remete ao relato da entrevistada Maria Ivone, quando narra que era costume dos pais italianos participarem na escolha da nora, que, entre outros dotes, deveria ter habilidades para o trabalho e para organizar uma casa em todos os sentidos. O costume de observar, para a escolha da nora, a capacidade e a disponibilidade para o trabalho está explicitado nas palavras da personagem Beppe: “A mulher, para casar, tem que ser boa para o serviço.”¹⁰³

A mulher, nessa cultura, era vista como uma escrava, prestadora de serviço. Essa idéia de mulher servidora e obediente pode ser verificada também quanto ao costume da administração familiar, descrito tanto nas entrevistas deste trabalho, como refletida pelo modo de agir e pensar das personagens, o que revela, mais uma vez, a presença da cultura oral da comunidade italiana na literatura em seus diferentes aspectos.

¹⁰¹ POZENATO, *O quatrilho*, p. 23.

¹⁰² Idem, p. 21.

¹⁰³ Idem, p.32.

Pelos dados obtidos no resgate oral da cultura, a administração familiar dos grupos italianos centrava-se no chefe da família, que agia e determinava, autoritariamente, sem consultar a esposa, mantendo-a na submissão. Com referência ao exposto, relatou a entrevistada Rosa: “Era comum nas famílias a administração centrada no homem. Embora a mulher sofresse, era o marido que mandava. A mulher tinha que aceitar as decisões calada e, caso fosse maltratada, não podia falar.”

Na obra esse costume é retratado, primeiramente, por meio da personagem ficcional Ângelo em várias circunstâncias. Ao ser-lhe confiada a administração familiar na casa de seus pais, ele se sente no direito de exigir obediência. No dia seguinte ao seu casamento, ordena que nesse dia ninguém trabalhe e o faz de maneira determinante e autoritária: “Hoje não se trabalha e quem manda nessa casa ainda sou eu.”¹⁰⁴ Demonstração de patriarcalismo semelhante ao citado é constatado em outra passagem na atitude da mesma personagem. Ângelo, estando em Caxias do Sul (RS) em busca de emprego, decidiu procurar terras para comprar, e o fez sem consultar a esposa Teresa dizendo, inclusive, que não queria a participação da mulher por não ter de discutir com a ela.

Além de ter sido representado por Ângelo, o patriarcalismo é explicitado na obra pelas atitudes de Stchopa, quando resolve por si a vender a melhor mula. A mulher, ao perceber que o marido vendera o animal, mostra-se contrária, mas recebe como resposta: “Não te metas em negócios, mulher!”¹⁰⁵

A superioridade do homem e a submissão da mulher, características do grupo da etnia italiana, são constatadas na obra com relação também à prática do sexo. Pelas palavras de Teresa, a mulher não podia deixar de atender o marido na cama; caso isso acontecesse, era considerado um pecado feminino pelas leis da Igreja, bem como a mulher solteira que concebesse era julgada pecadora. A visão de mulher submissa e a persuasão de pecadora por

¹⁰⁴ POZENATO, *O quatrilho*, p.27.

¹⁰⁵ *Idem*, p.119.

ter praticado sexo, citadas pela maioria das entrevistadas, podem ser visualizadas na obra através da angústia de Giulieta, que, lamentando a separação conjugal de Ângelo e da filha Teresa, diz que isso foi um castigo, porque ela, Giulieta, concebera-a fora do matrimônio: “Teresa veio do pecado, *poareta*.”¹⁰⁶ E julgando-se culpada, ela se martiriza em seus pensamentos, deixando transparecer as convicções do grupo italiano incutidas nos membros dessa comunidade étnica.

Além de ser considerada um pecado a relação sexual extraconjugal, o casamento religioso era indissolúvel na concepção italiana. Logo, seu rompimento era considerado uma desobediência às leis da Igreja, o que conduzia ao temor do pecado e do castigo de Deus. A concepção de casamento perene, mantido pelo temor ao pecado, foi citada pela entrevistada Josefina:

Não tinha separações na época da minha juventude. Nem sempre os casais viviam bem, suportavam tudo, principalmente a mulher, mas isso devido ao juramento feito na igreja de viver juntos até a morte. Separar-se era pecado, era vergonhoso na sociedade da época. Os casais tinham medo do pecado.

Essa idéia de pecado citada pela entrevistada aparece na obra em estudo na maneira de pensar e agir das personagens. Pierina, ao receber a notícia de que o seu marido Máximo a trocara por Teresa reza, incansavelmente, mas lembra que não deve orar pelos que praticaram a infidelidade e a separação conjugal, porque para eles “não tinha salvação.”¹⁰⁷

A mesma idéia de pecado e temor a Deus perante a infidelidade, cultivada pelo grupo italiano, é expressa na obra pela personagem Ângelo, que, ao ver-se traído, pensa que deixou a mulher criar asas, mas não se culpa, porque, para ele, depois que a mulher casou não existe outro homem e retratando seu temor a Deus diz: “Será que ela não tem medo do inferno?”¹⁰⁸

¹⁰⁶ POZENATO, *O quatrilho*, p.208.

¹⁰⁷ Idem, p. 164.

¹⁰⁸ Idem, p. 163.

Nas palavras de Teresa a idéia de pecado perante o rompimento da união conjugal, transmitida pela Igreja, também fazia parte do seu conhecimento. Sabia Teresa que, ao se separar, seria descomungada e também que, ao unir-se a Máximo, não receberia mais o perdão no confessionário, mas isso, para ela, eram apenas leis dos padres. E demonstrando a necessidade da libertação, bem como a mudança no modo de pensar e nas crenças do povo através dos tempos e pelos diferentes pontos de vista, Teresa resolve enfrentar a sociedade e as leis religiosas, unindo-se ao homem que ama.

Outro costume da comunidade italiana, deixado transparecer na obra em análise e que permite estabelecer relações com os depoimentos das entrevistadas, é o referente ao modelo de casas e de móveis. Pelos dados resgatados junto a mulheres casquenses, principalmente através da depoente Petronylla, era costume do grupo citado construir casas com dois ambientes, cobertas com tabuinhas rachadas a mão e mobiliadas com móveis que se reduziam a um *fogoler*, um *setchér* e guarda-louças fabricados no próprio lar, em razão da falta de industrialização e da situação de pobreza.

A casa de Pierina e Máximo, localizada em Santa *Corona*, pelo modelo descrito, permite visualizar tal padrão de arquitetura. A casa fora construída com dois ambientes, com “um pequeno corredor ligando a cozinha ao corpo da casa”¹⁰⁹, constituindo-se este de salas e dormitórios. Os móveis existentes na casa, de fabricação caseira, são outros aspectos que, relacionados aos depoimentos, parecem refletir o grupo italiano e expressar suas habilidades. No quarto da casa de Máximo e Pierina havia uma cômoda que encantara a personagem Teresa, a qual fora confeccionada por Máximo, seguindo a profissão de carpinteiro que tinha aprendido na Itália, seu país de origem.

¹⁰⁹ POZENATO, *O quatrilha*, p. 52.

Na casa da personagem Aurélio, da mesma forma, os móveis traduzem, pela sua localização e utilidade, as preferências dos italianos, ao mesmo tempo em que definem a condição social do imigrante e seus descendentes.

Um miserável *fogoler* estava instalado no centro da cozinha onde Aurélio se aquecia, esperando sempre a companhia de Teresa, sua nora, demonstrando que, apesar da pobreza, o ambiente era de respeito. Nesse *fogoler* eram cozidos os alimentos, colocados em “panelas dependuradas sobre o fogo, através das correntes enfumaçadas.”¹¹⁰ Passando do espaço cozinha para os dormitórios, instalados no corpo da casa de Aurélio, a situação de pobreza é outra vez expressa, permitindo a reconstituição da história através também das privações, dos costumes e dificuldades. Este particular é observado quando Ângelo, preocupado ao saber que devia deixar a casa paterna e procurar outro lugar para morar, “não conseguiu dormir em seu colchão de palhas, levantou e acendeu a lamparina.”¹¹¹ Os mesmos costumes, quanto à iluminação, aos móveis e às construções, são verificados nas residências dos sócios Ângelo e Máximo, em *San Giuseppe*. Embora a localidade esteja apresentada como um lugar mais evoluído com referência a Santa *Corona*, as casas ainda estavam cobertas de *scándole* (tabuinhas), que Ângelo pretendia reformar: “-Falei com Nane Mondo”, diz Ângelo. “Ele arruma as *scándole* para o telhado.”¹¹²

A cultura da imigração italiana, portanto, principalmente por meio do comportamento e atuação das personagens, é visualizada na literatura gaúcha em diferentes aspectos, garantindo, assim, sua continuidade no tempo pelo registro e valorização singular, pois se vive hoje uma diversidade de culturas que tendem a se mesclar e a perder a sua referência primária. No entanto, a valorização na prática, na oralidade e na literatura é um meio de preservação e reconstrução.

¹¹⁰ POZENATO, *O quatrilho*, p. 26.

¹¹¹ Idem, p. 62.

¹¹² Idem, p. 108

Os costumes italianos, presentes na obra, além de serem refletidos pelas crenças e imposições e arquitetura, fazem-se sentir na descrição da gastronomia. Pelo resgate oral, a comida típica italiana do dia-a-dia consiste em polenta, salame, *radicci* e vinho, principalmente. Relatou a entrevistada Inês: “Polenta, *radicci*, queijo, vinho e feijão era a comida preferida pela comunidade da imigração italiana. Botavam uma polenta no meio da mesa, todos comiam e eram felizes. Os italianos costumavam fazer várias refeições ao dia. De manhã, tinha a *collassion* e à tarde o *merendin*.”

Com base nos dados acima, a pensão da personagem Roco pode ser considerada tipicamente italiana, pois lá eram servidos, entre outras delícias, salame, queijo e vinho embora o pensionista Ângelo preferisse a tradicional polenta.

Ainda quanto à gastronomia, observa-se na obra que esta não foi apenas descrita, mas, por meio dela, demonstrada a condição social e financeira do imigrante, enfatizando a do colonizador italiano. Esse particular pode ser visualizado na personagem padre Giobbe, quando lembra a penúria e situação precária do italiano ao chegar ao Brasil, onde, nas mesas dos colonos, havia apenas “polenta, salada de *pissacán* (chicória selvagem) e carne de galinha que só era servida para o padre, enquanto as crianças arregalavam os olhos.”¹¹³

Com relação à alimentação, outros elementos expressos na obra permitem a descrição de costumes da cultura da imigração italiana nos mais diferentes aspectos e sua relação com a entrevista oral. O tradicional *merendim* e a *collassion*, apresentados nas entrevistas como próprios da culinária italiana, são também visualizados na atuação das personagens de *O quatrilho*. O *merendim*, com o tradicional queijo e salame, foi preparado e servido à meia-tarde na casa de Gema para as visitas e familiares, ao passo que a *collassion*, que corresponde ao café da manhã, servido no local do trabalho, é descrita através da atuação de Teresa, que, dirigindo-se à lavoura onde as crianças trabalhavam, levou-lhes, em uma *sporta* (cesta) a

¹¹³ POZENATO, *O quatrilho*, p.19.

refeição matinal. Com referência ao citado, tem-se o seguinte relato: Teresa “apanhou a sporta para levar a collassion para os pequenos. Eles estavam na roça, desde madrugada, limpando terra para o milho.”¹¹⁴

Portanto, a cultura da imigração italiana relatada pelas entrevistadas desse trabalho encontra pontos em comum na obra *O quatrilho*, abrangendo costumes familiares, coletivos, como gastronomia, indumentária e linguagem, explicitando maneiras de pensar, comportamentos e crenças, o que mostra a influência da cultura oral na literatura e sua presença nos mais diferentes aspectos sociais e culturais.

5.1.4 Valores da comunidade de imigração italiana

Entre os valores citados nas entrevistas pela maior parte das depoentes têm-se a prática religiosa, a educação formal e as boas relações sociais envoltas em sentimentos de amizade, convívio, ajuda e solidariedade. Tais valores, apesar do texto em estudo ser ficcional, são refletidos pelo modo de ser e de comportar-se das personagens como meio de valorização e reconstrução da história de um povo.

Os sentimentos de amizade e convívio entre os vizinhos estão retratados na obra pelo *filó* (reunião de famílias realizada à noite) organizado por Teresa, que com muita insistência convenceu o sogro Aurélio a aceitar o encontro, visto que este não queria a sua realização em razão do luto pela morte de Rosa, sua esposa.

O *filó* na casa de Aurélio apresenta características semelhantes às citadas nas entrevistas. Nas palavras da depoente Idalina, “eram realizados com muitos cantos, jogos, danças e com comilanças como pipoca, pinhão, doces e vinho.” “Os *filós* à italiana”, acrescenta a entrevistada, “eram freqüentes e enquanto o homem jogava baralho, a mulher

¹¹⁴ POZENATO, *O quatrilho*, p.59.

fazia *dressa* ou bordava. Além dos filós, havia muita ajuda e conforto nas horas difíceis.” Da mesma forma, no *filó* organizado por Teresa houve muita animação, atividades e jogos. Enquanto os homens jogavam o quatrilho, jogo predileto do grupo italiano, as mulheres ocupavam-se de atividades femininas - “tia Gema fazia crochê, Giulieta bordava e Bambina trançava palha de trigo”¹¹⁵ - permitindo caracterizar o *filó*, expresso na obra, como um encontro de vizinhos ao estilo italiano. Através da oposição de Aurélio quanto à realização do *filó*, por causa da morte da esposa, tem-se presente na obra outro costume, o luto descrito pela depoente Inês Tereza, ou seja, o respeito ao membro da família que partiu para a eternidade, demonstrado pela abstenção da família em participar de comemorações festivas por um certo tempo, geralmente um ano.

As boas relações sociais, priorizadas pelo grupo italiano e expressas na obra, não se reduzem aos *filós*. As visitas constantes, os sentimentos de solidariedade e ajuda mútua são também lembrados.

Quanto à visita, simbolizando amizade e consideração, está explicitada no texto pela ida de Teresa à casa de Pierina, carregando, inclusive, uma *sporta* com uma dúzia de ovos para presentear a visitada, costume do italiano que vem acrescer aos sentimentos de amizade e intenção de agradar e de ser gentil. Com relação ao citado, tem-se a seguinte passagem: “A tarde era de sol, mas Teresa sentiu os dedos congelados. Caminhava depressa, saltando as pedras do estreito caminho que levava à casa de Pierina, cuidando para não quebrar os ovos que levava de presente na *sporta*.”¹¹⁶

Os mesmos sentimentos de amizade e acolhida cultivados pelo grupo italiano apresentados pela maioria das depoentes são explicitados na obra quando da chegada de

¹¹⁵ POZENATO, *O quatrilho*, p.44

¹¹⁶ Idem, p.50.

Ângelo a San Giuseppe. Ao chegar ao bar de Stchopa, “um sujeito comunica que Ângelo é o novo vizinho” e, em sinal de acolhida, “todos foram cumprimentá-lo.”¹¹⁷

Retratando a presença da cultura da imigração italiana na obra, nos seus mais diferentes aspectos, na construção do moinho o costume da ajuda mútua fez-se também sentir. Toda a comunidade de *San Giuseppe* prestou serviço a Máximo, para que ele pudesse construir a sua indústria no tempo planejado, conforme sua necessidade. O exposto é expresso nas seguintes palavras: “Todos tinham vindo ajudar, como se fosse coisa deles, em troca de moagem. Houve um dia que se chegou a quinze homens movendo pedras, plantando cepos, cortando tábuas.”¹¹⁸

A mesma solidariedade é visualizada quando da mudança das famílias de Ângelo e Máximo, deslocando-se de Santa *Corona* para a nova residência em *San Giuseppe*. No caminho, eles param na casa do vizinho Nane Mondo, que, aos vê-los molhados, pois tinham apanhado chuva durante a viagem, oferece-lhes roupas secas, comida e cama, caso queiram passar a noite em sua casa, convidando-os, inclusive, para voltar no dia seguinte a fim de tomarem o vinho doce e fazerem serão. Tal solidariedade pode ser visualizada no encontro entre as famílias das personagens Nane e Ângelo: “- Ei, Nane! Estamos aqui. Nane obrigou-os a parar. A mulher veio cumprimentá-los. – Eu sou a Santina [...]. Querem comida quente? Se querem pousar também dou um jeito [...]. Voltem então amanhã, venham conversar e tomar o vinho doce.”¹¹⁹

As boas relações sociais, apresentadas pelas entrevistadas como prioridades do grupo italiano, estão expressas, portanto, no texto em estudo e transmitidas em seus diferentes sentimentos, podendo demonstrar as boas intenções da comunidade da etnia italiana, visualizada na obra como acolhedora, solidária e compreensiva.

¹¹⁷ POZENATO, *O quatrilho*, p.114.

¹¹⁸ Idem, p.120.

¹¹⁹ Idem, p. 112-113.

Outros valores citados nas entrevistas e que encontram similitude nos conteúdos literários dizem respeito à prática religiosa e à fé do grupo italiano. Para a maioria das entrevistadas, a religião era o eixo norteador da família. Este aspecto está explícito na obra *O quatrilho* na atuação das personagens, no seu modo de pensar e nas das descrições de ambientes diversos.

A casa de Aurélio é o primeiro ambiente descrito como um local de valorização à oração. Dosolina, ao assumir o papel de mãe após a morte de Rosa, encarrega-se de levar suas irmãs mais novas à cama, ensinando-lhes as orações da noite.

Na pensão da personagem Roco, a oração também era diária. Enquanto a hóspede Teresa jogava as cartas com o dono da casa, as demais mulheres “rezavam o terço e Teresa sentiu remorso.”¹²⁰

No ambiente familiar de Pierina, a oração fez-se presente no momento da dor maior, como um meio que lhe oferecia forças para superar o conflito que atingia a personagem, o qual consistia na perda da pessoa amada. Pierina, ao receber a notícia de que o marido a tinha abandonado, tranca-se no quarto e reza ajoelhada até a madrugada: “Perdera a conta de quantos rosários tinha rezado durante a noite [...] e em busca de força e ânimo, beija com devoção o crucifixo.”¹²¹

Pelo exposto, os ambientes familiares das personagens da obra apresentam características da cultura da imigração italiana expressas na oralidade, demonstradas na obra por meio da prática religiosa e da força da fé, vistos como valores priorizados, que, trazidos da pátria distante, tiveram continuidade, passando de geração em geração como uma força para aliviar a dor e sentir-se protegido espiritualmente.

A religiosidade como primazia não é apenas descrita na prática da oração. O respeito ao sacerdote pela função exercida, comentado nas entrevistas principalmente pela depoente

¹²⁰ POZENATO, *O quatrilho*, p. 79.

¹²¹ Idem, p. 164.

Inês, que apresenta o padre “como um porta-voz de Deus na terra, merecedor de confiança e saudação peculiar especificada num viva Cristo,” é verificado também na obra literária.

O padre era visto, inicialmente, na obra como um sujeito de confiança e de responsabilidade, um ser destacado que merecia consideração e tratamento especial. Esse particular pode ser visualizado na atitude da personagem Ângelo, que, ao ter dúvidas quanto à mudança ou não de residência em busca de novas terras, procura o padre Giobbe para pedir-lhe conselhos, demonstrando o respeito reservado ao representante de Deus na terra e, ao mesmo tempo, a ingenuidade do povo italiano. Ângelo, na oportunidade descrita, não só pede conselhos, como, ao despedir-se do sacerdote Giobbe, beija-lhe a mão. O mesmo aconteceu quando Ângelo, ao despedir-se do padre Gentile que o convidara para assumir a diretoria da igreja de *San Giuseppe*, beijara-lhe a mão e ajoelhou-se em sua frente em sinal de agradecimento, respeito e consideração. O exposto pode ser confirmado pela seguinte frase: “Ângelo beija a mão do padre e sai da sacristia, com a sensação de estar pisando nas nuvens.”¹²²

Ao mesmo tempo em que a obra reflete a prática religiosa, a fé priorizada pelo grupo italiano, ao longo do desenvolvimento, *O quatrilho* espelha a mudança na maneira de pensar da família italiana, explicitada pelas novas visões das personagens. Se, no início do desenrolar da história, o modo de pensar das personagens com relação à religião traduzia a credibilidade depositada nos sacerdotes e o cumprimento obrigatório das leis da Igreja, ao longo do desenvolvimento verificam-se mudanças. A constatação citada confirma-se pelas atitudes de Ângelo. Essa personagem, se, no início da obra, como já foi descrito, confiava fielmente nos padres, tratando-os com respeito e admiração, no final do texto passa a

¹²² POZENATO, *O quatrilho*, p.153.

descrevê-los seguindo outro conceito: “O padre Gentile é um diabo, e eu ainda fui me ajoelhar na frente dele!”¹²³

O comportamento de Teresa também demonstra as pequenas mudanças ocorridas nas crenças e maneiras de pensar e de agir das comunidades, refletindo indiretamente o grupo italiano, visto que, segundo as entrevistadas Idalina e Inês, as crenças, o respeito para com as leis da Igreja, para com a casa de Deus, bem como as práticas religiosas, na comunidade étnica pesquisada principalmente foram, com o passar do tempo, enfraquecendo e perdendo seu vigor. Nesse sentido, Tereza, no início da obra, demonstrava temer as leis sociais e católicas, mas no desenvolver da história enfrenta os preconceitos sociais e rompe com as leis da Igreja separando-se conjugalmente de Ângelo e unindo-se ao homem que amava. Da mesma forma, Pierina, de mulher religiosa, praticante e obediente às leis sacerdotais, passa a quebrar as boas relações com os sacerdotes e a vê-los como seres humanos, sujeitos, assim, a erros e injustiças. Essa mudança de comportamento é verificada quando Pierina, irritada, dirige-se a Gentile e lhe diz: “Padre Gentile o senhor é um demônio, vai para o inferno [...] ninguém me garante que o senhor é santo [...] o senhor é falso.”¹²⁴

As mudanças verificadas ao longo do texto na maneira de agir das personagens, principalmente com relação à Igreja e aos sacerdotes, encontram eco nos depoimentos das entrevistadas, refletindo as alterações nos valores e crenças da comunidade da etnia italiana, alteradas pela visão de mundo atual e pela atribuição de juízos individualizados. Destaca-se, assim, a obra pelo seu caráter emancipatório.

Num sentido geral, os valores da comunidade de imigração italiana resgatados nos depoimentos encontram-se expressos na obra em estudo, tanto com referência às boas relações sociais, traduzindo sentimentos de solidariedade e ajuda mútua, como nas crenças e

¹²³ POZENTATO, *O quatrilho*, p. 185.

¹²⁴ *Idem*, p. 192.

práticas religiosas demonstradas em suas mudanças com o passar do tempo, certificando a influência da cultura oral na literatura.

5.1.5 Valorização à leitura e à literatura

Além dos valores já citados, outro aspecto comentado nas entrevistas por várias depoentes é a importância da leitura e do contador de histórias na concepção do povo italiano. Essa valorização à leitura encontrou espaço na obra em análise e pode ser visualizada pelas palavras de Pierina que, ao caracterizar Máximo, descreve-o como um sujeito capaz, instruído porque sabe ler e acrescenta: “Como é bonito quando ela fica horas com o lampião aceso e com o livro nas mãos.”¹²⁵

A importância da leitura oral é demonstrada na obra também pela atuação de outro personagem, o Scariot, que nos bares da vizinhança era solicitado a contar histórias e, na sua concepção, a leitura servia para ampliar idéias e para interpretar situações, como se pode constatar no trecho a seguir: “- Máximo, a Teresa está com medo. - Medo de quê? - Medo de se perder, de ficar louca por ti. Vai me dizer que não entende. Nem parece que sabe ler.”¹²⁶

A cultura da imigração italiana, passada de geração em geração oralmente ou através de vivências, pode ser visualizada, portanto, na obra *O quatrilho* e conseqüentemente na literatura gaúcha, fazendo-se sentir nos mais diferentes aspectos e manifestações, abrangendo a história social e cultural da comunidade italiana. Para Darnton, “a História cultural aborda a cultura de povos; a maneira como entendem o mundo, organizam a realidade em suas mentes

¹²⁵ POZENATO, *O quatrilho*, p. 49.

¹²⁶ Idem, p. 123.

e expressam o seu comportamento.”¹²⁷ A atuação das personagens, enfocando atitudes, observando valores e costumes peculiares, permite interpretar o modo de pensar e de ver o mundo do grupo italiano, pois estão expressas a sua singeleza de vida, suas aspirações, desejos, suas preferências coletivas, organizações familiares, imposições e submissões defendidas e pregadas comunitariamente, permitindo, assim, rever a sua história cultural, recriá-la por meio das relações, da releitura e observá-la no seu conjunto de representações, princípios, normas, refletidas em seus elementos básicos e nas mudanças sociais e de significações ocorridas ao longo do tempo.

5.2 Estudo de poemas da obra *Amadas raízes* de Oscar Bertholdo

5.2.1 Dados do autor

Oscar Bertholdo nasceu em 1935, em Nova Roma do Sul, RS. Em 1947, foi estudar em Caxias do Sul, onde cursou o primeiro e o segundo graus; mais tarde, formou-se em Filosofia e Teologia no Seminário Maior de Viamão. Desempenhou por quase dez anos seu ministério em Caravágio, transferindo-se, posteriormente, para Bento Gonçalves. Em 1981, foi para Farroupilha, onde, anos depois, foi assassinado.

Como escritor, estreou em 1967 com a coletânea *Matrícula*. Durante sua vida, publicou mais dez livros e participou das seguintes coletâneas: *História do vinho* (1980), *Vinho da poesia* (1986), *Artes & poesia e Poetas contemporâneos brasileiros* (1990). Recebeu vários prêmios: 1º lugar no Concurso Literário do Rio Grande do Sul, 1973, Instituto Nacional do Livro. 1º lugar no Prêmio Nacional de Poesia, 1973, Goiás; 2º lugar no

¹²⁷ DARNTON, *O grande massacre dos gatos*, p. 8 e 9.

II Concurso Nacional de Poesia Sobre o Vinho, 1985; 2º lugar no prêmio Máster de Literatura, 1986, Rio de Janeiro.

A obra *Amadas raízes* foi publicada após sua morte, em 1992, e consiste num livro de poesias onde o poeta celebra dois tempos: a época da imigração no Rio Grande do Sul e a época do seu tempo de infância

5.2.2 Presença da história da imigração italiana

Na obra *Amadas raízes*, referindo-se a Nova Roma do Sul, sua terra natal, Bertholdo, remetendo a 1880, descreve essa localidade desde a chegada dos primeiros imigrantes e, na continuidade, vai desenvolvendo a história do local e de seus desbravadores, tecendo-as à luz da paisagem da terra, dos costumes, das tradições, labutas e vivências do povo imigrante; destaca principalmente a cultura da imigração italiana presente no espaço citado e, indiretamente, no Rio Grande do Sul.

A valorização e a presença dessa cultura na obra podem ser visualizadas de imediato nos trechos do poema “Louvação à minha terra”:

[...]
 Tudo era selva
 - em 1880
 inocente terra
 - em 1880
 não havia ruas
 - em 1880
 só estrelas e luas
 - em 1880
 nenhuma vila havia
 - em 1880
 nem sinos nem marias
 - em 1880.
 Aqui dormia úmido e verde
 o mistério imenso da montanha
 quando sem clarins e de repente,
 veio gente.¹²⁸

¹²⁸ BERTHOLDO, Oscar. *Amadas raízes. Casca*: Toazza Artes Gráficas, 1992, p.129.

O poema, nesta primeira parte, apresenta o conteúdo como ponto significativo. Com a repetição do verso “em 1880” intensifica a idéia de terra primitiva, desabitada, que fora iluminada graças à chegada dos imigrantes colonizadores, permitindo visualizar, desde os primeiros versos, a história e a importância da vinda do imigrante para as terras do sul.

Na continuidade do poema “Louvação à minha terra”, desenvolvido num novo subtema, vai descrevendo o progresso das zonas de colonização do Rio Grande do Sul, ao mesmo tempo em que exalta os desbravadores, retratando as dificuldades enfrentadas por esse povo imigrante que refletem as citadas nas entrevistas, permitindo, assim, voltar no tempo e reviver a história.

Louvação à minha terra, segunda parte:

Os lotes das linhas Barata Góis [...]
 Castro Alves,
 Fagundes Varela e Carlos Leopoldo [...]
 fizeram-se de um dia para outro toldo
 de alegria dos que vinham ufanos
 de tão longe.
 Trazendo nalma a alegria,
 os valores do trabalho,
 da crença e da família.
 Eram levas de italianos
 do Vêneto e Lombardia [...].
 Eram fortes os fundadores
 da minha terra natal –
 abriram de vez a mata
 com coragem nunca igual.

Surgia em torno o ranchinho
 E o improvisado cural [...].

Enquanto o milho
 crescia entusiasmado
 foram surgindo
 os primeiros povoados [...].
 Era o dia de seis de janeiro
 do ano de 1899,
 nascendo Nova Roma
 com seu nome universal [...].
 Quiseram os imigrantes
 recordar a capital
 da pátria que ficara
 distante, no além-mar [...].¹²⁹

¹²⁹ BERTHOLDO, *Amadas raízes*, p.129-130.

A valorização ao imigrante faz-se presente nessa segunda parte do poema “Louvação à minha terra” ao ressaltar o progresso social e cultural por ele iniciado, através de sua coragem, persistência, iniciativa e pela introdução de costumes, valores, crenças e cultivos trazidos do além-mar.

A coragem e a persistência do imigrante, vindo da Itália principalmente, como traduz o texto, estão expressas no poema no enfrentamento das dificuldades descritas nos versos: “Abriram de vez a mata, com coragem nunca igual.” Ao se ver o imigrante em terras selvagens, que não lhe ofereciam abrigo seguro, ele não hesitou em desbravar, construir, cultivar e, valendo-se das experiências trazidas da sua pátria, fez de um espaço sem história um local promissor, uma comunidade de luta, de oração e de esperança, dando-lhe, inclusive, o nome de Nova Roma do Sul, em homenagem a sua pátria, traduzindo a intenção da continuidade da história num sentido renovado.

Portanto, neste primeiro poema tem-se, indiretamente, a descrição parcial da história da imigração, demonstrada nas dificuldades enfrentadas e no espírito empreendedor do povo italiano que passara a habitar o sul do Brasil.

5.2.3 Costumes e valores da comunidade de imigração italiana

A poesia de Bertholdo não se volta somente à história da imigração, mas se estende às recordações de infância do próprio poeta. Na referência à infância, a obra divide-se em cinco partes: cântico primeiro, segundo, terceiro, quinto e sexto.

No cântico primeiro, denominado “Inventário”, recorda Bertholdo os encantos da infância que viveu em Nova Roma do Sul. Descreve o vale como um paraíso e relembra o ex-menino que foi, os dias vividos sem maldades, os sonhos, os desejos não realizados e suas

aventuras de criança em contato com a natureza. Foi através das diversões infantis recordadas que os costumes italianos repontaram, inicialmente, em alguns poemas. Entre os textos citados destaca-se o poema intitulado “Que bom, eu tive tempo suficiente”

- QUE BOM, EU TIVE TEMPO SUFICIENTE
 de percorrer todo o país da minha infância
 e hoje a criança que ficou dentro de mim
 não é ventríloquo ou fantoche apenas.
 Eu aprendi a ser criança e
 de ser livre aos domingos e feriados
 e armei arapucas para os bichos
 e com o carrinho-de-lomba fiz-me viagem.
 Brinquedos, eu os fiz com o concurso
 dos amigos criativos em meio à alegria
 de se comer pão de forno e leite cru.¹³⁰

O poema citado permite visualizar costumes italianos comentados pelas entrevistadas deste trabalho, demonstrando a influência da cultura oral na literatura. Um desses costumes, lembrado nas entrevistas por Petronylla e presente no texto poético acima, é o de confeccionar brinquedos no lar, pelas próprias crianças, visualizado no texto por meio dos cinco últimos versos.

Confeccionar bonecas, carrinhos-de-lomba e bolas de pano era prática comum principalmente nas famílias italianas, mas, apesar de despertar a criatividade e alegria citadas no poema em análise, lembra também as dificuldades, a pouca valorização da criança na época de colonização, descritas nas entrevistas por Petronyla. Segundo a depoente, a criança nunca sentia o gosto do recebimento de um brinquedo pronto; seus desejos e sonhos tinham de ser concretizados pelo seu próprio esforço, trabalho e participação.

Outro aspecto que traduz a cultura de povos é o costume de cozer o pão em forno caseiro. Tal costume, expresso no último verso da poesia citada, faz lembrar o imigrante que, ao chegar às novas terras, diante das dificuldades e da falta de recursos, cozia o pão, inicialmente, na brasa do *fogoler* como relatou a depoente Margarete. Só com o passar do

¹³⁰ BERTHOLDO, *Amadas raízes*, p.31.

tempo, os fornos de tijolos foram construídos, perpetuando o costume praticado pelo italiano, que consiste em assar o pão, mesclando-o com o sabor do carinho familiar.

A poesia colonial de Oscar Bertholdo não se reduz aos encantos da infância e atividades domésticas. O conjunto de poesias do segundo cântico descreve Nova Roma do Sul como um vale natural e em sua transformação pelas mãos humanas. Nesse grupo de poesias são enfocados, retratando a sua valorização, hábitos, vivências e costumes da cultura italiana, entre eles os referentes aos modelos de casas.

NA CASA COM SOBRADO, FEITA DE MADEIRA
de cedro – que – hoje não existe mais
os cheiros caseiros pertenciam sem devaneios
aos nomes irmãos, sobre as próprias surpresas [...].¹³¹

SEM ADAMASTADORES PERCORRO COM CUIDADO
o porão estendendo escuso enredo
com a úmida escuridão que eu enfrento.

[...] aqui estão ao alcance todas as coisas
sem uso, ásperas cestas de outros tempos.
Por aqui se vai quase afogado
tateando coisas de conter sementes
e os confusos instrumentos da lavoura.¹³²

A casa ao estilo italiano, com vários andares, descrita pelas depoentes nas entrevistas da primeira parte deste trabalho, onde cada peça representava uma utilidade especial, é lembrada pelo poeta. Nas palavras da depoente Neidite, “as casas eram construídas com vários andares: porão, sobrado, sempre com a cozinha separada do resto da casa. Os grãos da colheita eram secados dentro da própria casa, nos quartos geralmente.” A descrição dos trechos poéticos apresentados remete às casas dos tempos de colonização italiana, que consistiam em construções de madeira, que serviam ao mesmo tempo de abrigo humano, celeiro e depósito. O armazenamento de sementes na própria casa, os porões repletos de

¹³¹ BERTHODO, *Amadas raízes*, p. 43.

¹³² *Ibid.* Id., p.50.

ferramentas e instrumentos, descritos nos últimos três versos, lembram, além da utilidade do primeiro andar, o trabalho agrícola manual dos italianos, os seus costumes, sofrimentos e dificuldades enfrentadas, permitindo rever a história cultural através do espaço descrito. Por meio da casa de infância recordada e descrita, outros costumes e vivências da cultura italiana emergem, como se pode ver nos versos que seguem:

- A CÔDEA DE PÃO CASEIRO NO CHÃO DE IPÊ
e a toalha de linho sobre a mesa campesina,
o balde de madeira de lei guarda ainda
a água que há pouco veio do fundo do poço. [...].¹³³

Os versos citados, refletindo o trabalho feminino contínuo, relatado pela entrevista Petronylla, lembram a alimentação com gosto da arte caseira, a água em sua temperatura ambiente e natural, trazida com a tradicional vasilha de madeira, traduzindo os tempos que deixaram saudades pela simplicidade de vivência; ao mesmo tempo, remetem às dificuldades, à labuta e ao sofrimento da mulher imigrante e de seus descendentes.

Ainda com referência à casa de infância, recordada pelo poeta, as decorações à moda italiana, citadas pela entrevistada Neidite, também se fazem sentir de maneira constante na obra e, portanto, na literatura gaúcha, tais decorações estão descritas na seguinte estrofe poética:

- UMA CANÇÃO, A CANTINA, OS CESTOS DAS FRUTAS
o relógio da parede, os cheiros quentes da cozinha
uma imagem da Virgem de mãos postas, os sons
e a inocente beleza de um pano bem bordado
as sombras, os silêncios das escadas, os medos
acessíveis de lendas ainda transmitidas [...].¹³⁴

Retratando a religiosidade e as ornamentações preferidas pelo povo italiano, as imagens de santos decoram a casa descrita; os panos bordados refazem a beleza e sua

¹³³ BERTHOLDO, *Amadas raízes*, p.45.

¹³⁴ *Ibid.* Id. , p.47.

simplicidade, completando-se com os quadros fotográficos, que servem de fio condutor para a lembrança dos que já partiram, retratando o respeito familiar com relação aos antecedentes. A exposição de quadros familiares, significando saudade e respeito, é acrescida à ornamentação da casa de infância lembrada pelo poeta, no cântico terceiro, por meio destes versos:

[...] Na sala de estar o retrato do meu pai
 vivia lado a lado ao de minha mãe
 mais nova uns dez anos quase tímidos
 como convinha à moça.¹³⁵

Os trechos poéticos, embora sem apreciação crítica, conduzem, através da ornamentação, à reconstituição da história, permitindo rever as casas na imaginação, voltando aos tempos e a costumes específicos que identificam comunidades por suas vivências e usos, além de permitir uma ligação com as entrevistas orais deste trabalho, pois, segundo a depoente Neidite, as casas das famílias de origem italiana eram ornamentadas principalmente com imagens de santos e quadros fotográficos, que traduziam saudades, exemplos e história. Portanto, história oral e texto poético completam-se constantemente e apresentam pontos em comum.

Na seqüência do desenvolvimento da obra, no grupo de poesias do terceiro cântico, referindo-se o ambiente familiar, o poeta, além das decorações, recorda a mesa farta e aconchegante que vivenciou:

CHEIRAM A TIJOLO COZIDO AS CONVERSAS ÁSPERAS
 que ouço ao redor das mesas coloniais,
 passam nas pequenas frases todos os detalhes
 dos fatos que prolongam longamente a noite.

Os olhos melhoram as palavras empregadas
 com a placidez herdada do bom vinho [...].

E o nono cofiando decorativamente a barba
 mostra as vagarosas estórias já vividas
 com uma pontinha de saudade veneziana.
 O dialeto torna a noite mais alegre,
 quase vestida de lenda que dispara
 uma preguiça encovada em minha face.¹³⁶

¹³⁵ BERTHOLDO, *Amadas raízes*, p.78.

A cultura da imigração italiana, no último poema citado, pode ser visualizada pela gastronomia através da bebida típica, que consiste no vinho, cuja ingestão facilita o discurso oral. Nos versos encontra-se também subscrita a mesa posta como um lugar de aconchego, encontro e interações. Tais lembranças remetem às reuniões e aos tradicionais serões à italiana, descritos pela depoente Gládis. Nesses, entre outras atividades, havia a contação de histórias fictícias pelas mães e avós, principalmente com o intuito de educar, de divertir e fazer sonhar, ao mesmo tempo em que se faziam presentes os comentários de leituras, de experiências vividas, ou relatos de acontecimentos cotidianos como um meio de comunicação que facilitava a socialização, a aprendizagem e valorizava a língua italiana, pois os relatos eram, geralmente, feitos na língua de origem dos avós, ou em seu dialeto, conforme lembra também o poeta nos versos transcritos. Isso tudo vem demonstrar, entre outros aspectos, a presença da cultura da imigração na literatura gaúcha nos mais variados costumes, valores e relações sociais observados e transmitidos por esta comunidade étnica.

No grupo de poemas cânticos terceiros e quintos é enfocada novamente a comunidade italiana ao voltar-se o poeta à gratidão para com os antepassados. Neste particular, pela recordação, sentimentos e certa representatividade do real, descreve Bertholdo os avós e outros cidadãos de Nova Roma do Sul, atribuindo-lhes características do povo italiano, principalmente pela origem, pelos nomes tradicionais, atividades comerciais preferidas e comportamento social e religioso. A atribuição de características italianas às personagens ou cidadãos descritos e a presença de costumes culturais podem ser detectadas inicialmente, na seguinte estrofe da poesia:

- JOSÉ MENIN, MEU AVÔ MATERNO,
era dono de uma ferraria completa
e de suas mãos calosas nascia
para os clientes a certeza artesanal.
de um produto duralmente perfeito. [...].¹³⁷

¹³⁶ BERTHOLDO, *Amadas raízes*, p.78.

¹³⁷ *Ibid.* Id., p.62.

Os versos descritos permitem visualizar, interpretativamente, um costume italiano expresso na denominação “José”. Os nomes Maria e José, segundo a entrevistada Petronylla, eram os mais comuns, preferidos pelos italianos por se referirem a nomes de santos, demonstrando novamente a religiosidade do grupo tanto nos relatos como na poesia, pois Maria e José lembram a Sagrada Família.

Os costumes italianos, nos poemas de Oscar Bertholdo, não se refletem somente nos nomes comuns e na religiosidade; estendem-se também aos sobrenomes e às atividades desenvolvidas pelo povo de Nova Roma do Sul, que apresentam certa similitude com as preferidas pelos italianos:

-OUVIA-SE DESDE A MANHÃ ATÉ A NOITE.
o ferreiro junto à bigorna martelando,
das mãos calosas do Anghioni ou Terríbele
saíam enxadas, foices, gadanhos e facões.
Os animais de carga eram ferrados
com uma agilidade quase incrível,
até as carroças trocavam seus aros
gastos em busca da terra prometida.¹³⁸

Os sobrenomes Terríbele (terrível) e Anghioni são de origem italiana. As funções comerciais e industriais recordadas e descritas nos trechos poéticos acima conduzem, da mesma forma, às atividades prediletas do povo italiano. Os imigrantes que chegaram ao Rio Grande do Sul, conforme a entrevistada Petronylla, eram agricultores ou pequenos artesãos; carpinteiros, ferreiros, que deram continuidade ao ofício aprendido na pátria-mãe nas novas terras, na busca de dias melhores. Por meio da homenagem aos ferreiros Terríbele, Anghioni e José Menin, têm-se presentes características do povo italiano como um artífice iniciador da industrialização nas zonas de colonização, através da experiência trazida e, ao mesmo tempo, a preocupação do poeta em valorizar essa comunidade étnica por meio da literatura, pois, nos versos analisados dos dois últimos poemas transcritos os habitantes de Nova Roma do Sul,

¹³⁸ BERTHOLDO, *Amadas raízes*, p.88.

que refletem características de descendentes de italianos pelos sobrenomes e atividades preferidas, são descritos como trabalhadores incansáveis, artesãos com capacidade e habilidades para o serviço perfeito e confiável. Tal qualificação pode ser visualizada principalmente nestes versos já citados que são: “Das mãos calosas nascia para os clientes a certeza artesanal de um produto duralmente perfeito. Os animais de carga eram ferrados com uma agilidade quase incrível.”

Na descrição das atividades profissionais dos habitantes de Nova Roma do Sul, outros costumes italianos foram explicitados em versos, confirmando mais uma vez a presença da cultura italiana na literatura. Tais costumes podem ser observados nas estrofes que seguem:

- SOU DO TEMPO EM QUE AS CARRETAS
riscavam o chão de minha terra
e os carreteiros eram heróis anônimos
mas, com coragem, valentia e saúde.

Entre tantos recorde o mais famoso,
o seu Chico, rebelde e dócil [...].
Devo prestar também minha homenagem
a um outro homem puro, franco, serviçal, amigo,
é o Tóni que durante anos
soube como poucos servir à comunidade. [...].¹³⁹

Têm-se presente, pelo descrito nos versos, além da tradicional profissão de carreteiro, que lembra as dificuldades enfrentadas pelo imigrante e seus descendentes, em razão da falta de transporte por via motorizada, o costume italiano citado pela entrevistada Petronylla, que consiste em atribuir um apelido significativo ao nome pessoal. “Tóni” é um cognome característico italiano que conota carinho, simplicidade e demonstra a valorização da cultura italiana pelas priorizações e costumes que se preservaram no tempo. O poema, nesse particular, parece referir-se não ao imigrante fundador, mas aos descendentes que deram continuidade à história cultural de um povo trazida do além-mar.

¹³⁹ BERTHOLDO, *Amadas raízes*, p. 73-74.

A homenagem e gratidão aos habitantes de Nova Roma do Sul, nos cânticos terceiro e quinto remetem também a características externas dos fundadores e de seus descendentes, descrevendo-os em sua vestimenta típica:

- QUE BOTAS CORDATAS AS QUE O AVÔ JOSÉ
usava especialmente em tempo de chuva,
o inverno arrastava para a rua
as botas sanfonadas de couro cocejado. [...].

Era coisa da Itália que cabia
nas botas que meu avô usava
à beira da vida inteira de imigrante. [...].¹⁴⁰

A descrição das botas traz para o presente os usos preferidos pelos avós italianos, além de refletir, pelos versos: “era coisa da Itália que cabia nas botas que meu avô usava, à beira da vida de imigrante”, a saudade da pátria deixada, que não se apagou com o tempo. As botas do avô José parecem estar recheadas com o conteúdo da história, de recordações, vivências, experiências e usos tradicionais que remetem à pátria-mãe do imigrante e que tiveram continuidade em novas terras, singularizando o grupo italiano por suas prioridades.

Além das botas, a vestimenta típica do povo italiano, descrita pela depoente Maria Ivone, está expressa no grupo de poemas dos cânticos terceiros, onde é focado o comportamento e descrito o povo de Nova Roma do Sul. Dentro do grupo “cânticos terceiros” destacam-se estrofes de dois poemas que envolvem e completam a indumentária já referida:

-QUEM NÃO SE EMOCIONA ANTE O EXEMPLO
do homem tímido e temente a Deus
que foi Luiz Crezzano [...].

Tinha com Deus tamanha intimidade
que diariamente ia à igreja meditar
protegido pelos tamancos que o isolavam
da umidade ambiente. [...]

¹⁴⁰ BERTHOLDO, *Amadas raízes*, p.63.

- ÁGEIS EM ACIONAR O PEDAL DE FERRO
 rendado da máquina de costura
 os pés da minha tia Olga costureira
 traziam para dentro de casa as roupas que vestíamos.
 [...]. As saias, os aventais e as camisas
 partiam com um cheirinho de novo
 para os infindáveis dias da meninice.¹⁴¹

A vestimenta preferida pelo italiano, iniciada pelas botas do avô, completa-se nos versos dos dois últimos poemas transcritos pela inclusão dos tradicionais “tamancos do Luiz e das saias e aventais costurados por Olga.” Através da costureira citada, além da descrição da indumentária típica, o costume italiano de comprar roupas em metro e confeccioná-las no próprio lar, relatado pela depoente Petronylla, é descrito indiretamente enquanto que o tamanco de Luiz, usado para a ida diária à igreja, a fim de orar, retrata novamente, além do uso do calçado típico, a religiosidade praticada pelos imigrantes e descendentes de italianos, demonstrando a presença da cultura desse povo na literatura tanto nos valores, como nas práticas religiosas e comportamentais e nos modos de se vestirem.

Quanto à prática religiosa, outros versos vêm retratar a crença e a fé como pilares da vida comunitária e familiar:

-OS PLÁTANOS ESTÃO REZANDO JUNTO À GRUTA
 não por livre arbítrio. Há um arrojo
 de sombra quando em fevereiro
 o povo canta e o eco amplia em ave-marias
 a invenção de tanta crença

Por entre as pedras a Virgem Luminosa
 retrata no poema um raio de luz...

Gruta granítica, lugar de paz, começo tosco
 dos rosários e ladainhas que se unem
 para salvaguardar a só doutrina que norteia.¹⁴²

Valendo-se de uma figura de linguagem prosopopáica, expressa no verso “os plátanos estão rezando”, e demonstrando a força da oração que, por seu eco, contamina até a própria natureza, o poeta descreve o lugar de oração, a prática religiosa e a fé do povo na Virgem

¹⁴¹ BERTHOLDO, *Amadas raízes*, p 64 e72.

¹⁴² *Ibid.* Id., p.67.

Maria, vista como um raio de luz a iluminar caminhos. Portanto, mais uma vez, a oração constante, a fé, a religiosidade, como base familiar e comunitária do povo italiano, citadas pela maioria das entrevistadas deste trabalho, fazem-se presentes na literatura, permitindo concluir que a literatura reflete também as práticas culturais e orais.

Além do exposto, outros versos refletem costumes e comportamentos do povo imigrante italiano através da religião e espiritualidade:

- TARDE IMENSA DE DOMINGO À SOMBRA
dos álamos, o velho Pedro mostrava-me
a velha Bíblia ilustrada,
escrita em italiano, numa edição impecável.
Em cada página amarelada eu via
acabar a terra e começar o céu convidativo [...].

Livro dos meus sonhos e de encantos
a Bíblia ilustrada vinha da Itália
como um anjo de luz à minha espera.¹⁴³

Os versos transcritos no último poema repassam a valorização do Livro Santo e, no sentido de relembrar a origem da devoção a que deu continuidade no tempo, ultrapassando gerações, enfocam que a antiga Bíblia, que faz parte do acervo do velho Pedro, tem escrita e procedência italiana, expressas nos versos: “O velho Pedro mostra-me, a velha Bíblia ilustrada, escrita em italiano [...] a Bíblia ilustrada vinha da Itália.” Nesse sentido, os versos deixam transparecer que o povo italiano perpetuou sua fé e suas crenças no tempo e no espaço. Os tempos passaram, os espaços transformaram-se, mas a fé permanece viva entre o povo imigrante, que a divulga no exemplo, na prática cotidiana e nos acervos preservados, entre os quais se destaca no poema em análise o Livro Sagrado, que foi conservado no tempo.

Na continuidade do enfoque à religião, o costume italiano de respeito ao sacerdote, pela função exercida e por ser considerado representante de Deus na terra, é também

¹⁴³ BERTHOLDO, *Amadas raízes*, p.67.

introduzido. Esse respeito, lembrado nas entrevistas iniciais deste trabalho, principalmente pela depoente Inês, pode ser observado nos versos poéticos que seguem:

- OS PADRES DO MEU TEMPO VESTIAM BATINA
feita com esmero e de cor preta
eram patriarcas em suas palavras
e na coragem alicerçada no Divino

Carinhosamente chamávamos de “Don”
ao vigário que simplesmente se fazia
elo de ligação entre as gerações
marcadas pelo sinal da fé e da esperança.¹⁴⁴

O respeito com relação ao sacerdote, descrito no poema, conduz aos sentimentos de fé e de reverência ao ser superior, demonstrados pela consideração e confiabilidade nas palavras do padre, pela função espiritual exercida. Revela-se, assim, mais um aspecto da cultura italiana na obra que retrata a valorização que escritores gaúchos atribuem a esta comunidade étnica e enfoca a contribuição da mesma para o desenvolvimento e a formação do povo rio-grandense, enriquecendo o estado com suas manifestações culturais, sociais e religiosas.

O enfoque a costumes culturais italianos tem seqüência na obra no desenvolvimento do cântico sexto. Nesse conjunto de poemas, Nova Roma do Sul é descrita em sua paisagem natural e no cultivo dos seus frutos. Na exposição dos principais produtos estão os preferidos pelo imigrante italiano. O cultivo de parreiras, trigo e milho com as técnicas trazidas da pátria-mãe está presente como uma riqueza que brotou das mãos dos colonizadores, embelezou o ambiente natural e permitiu o desenvolvimento econômico por meio da realização do trabalho. A apresentação do trabalho como realização de sonhos está expressa nos versos do poema “Há uma luxúria sonora nos vinhedos”:

¹⁴⁴ BERTHOLDO, *Amadas raízes*, p.66.

- HÁ UMA LUXÚRIA SONORA NOS VINHEDOS
 se apresentando para a próxima vindima,
 desde as raízes escravas aos ventos que espalham
 a primavera a orquestração é álcere. [...].
 Atrás da montanha e deste meu poema
 o parreiral é um lençol coberto
 de sulfatos para os requintes da fortuna
 que há de vir sem mágoas quando
 os cachos maduros estarão ao alcance
 de nossas mãos como seios de brinquedos.¹⁴⁵

A recordação poética do último texto citado reflete o povo italiano pela sua atividade vinhateira, pois, segundo a depoente Petronylla, sempre foi a preferida por essa comunidade. Pela descrição dos parreirais, desde sua brotação na primavera até a colheita em outono, vários costumes e preferências são explicitados, identificando a comunidade desbravadora. O espaço montanhoso em que o parreiral foi plantado, expresso pelos versos “Atrás da montanha e deste meu poema, o parreiral é um lençol coberto”, identifica o terreno destinado ao imigrante italiano ao chegar ao Rio Grande do Sul que, nas palavras da entrevistada Idalina, “era muito acidentado”, mas talvez o mais apropriado para o cultivo descrito. A aspersão de sulfato lembra a técnica aplicada, a experiência introduzida e o desvelo dispensado na esperança da boa colheita para a fortuna sonhada. Além disso, o poema enfoca o trabalho entusiástico e a expectativa otimista perante o clima favorável detectado. A exaltação às atividades vinhateiras de Nova Roma do Sul, preferidas pelo grupo italiano, é verificada em outros poemas de Oscar Bertholdo, com enfoques diferentes dos já citados. Entre esses poemas destaca-se o texto “O que se passa na vindima”

- O QUE SE PASSA NA VINDIMA É COMO O TEMPO
 mais florido do mundo onde os cheiros
 vêm abaixo como um colegial de volta
 à casa, como um cartão postal que se recebe
 maduro, como um poente outono
 repetindo para os olhos forasteiros um som
 efêmero. Vêm tudo de roldão com
 a vindima recortada junto à estrada
 colonial, bem aqui onde a paisagem
 deixou um enorme crepúsculo refletido
 nas cestas untadas de agridoce graça
 se ampliando em cansaço. [...].¹⁴⁶

¹⁴⁵ BERTHOLDO, *Amadas raízes*, p.95.

A beleza natural dos parreirais, com seus agradáveis odores, é apresentada no texto transcrito com a inclusão do trabalho manual e paciente que a atividade requer, simbolizado “nas cestas ampliadas em cansaço”, valorizando, indiretamente, o colonizador do Rio Grande do Sul pelo seu trabalho incansável e pelo cultivo da parreira introduzido no estado, que deu uma nova visão ao cenário rio-grandense refletida em desenvolvimento.

As experiências do imigrante italiano na lida do campo, entretanto, não se reduzem às atividades vinhateiras. Segundo as entrevistas Petronylla e Idalina, o pequeno agricultor imigrante dedicava-se a outras atividades campestres, entre elas o plantio de milho, cuja experiência e técnica foram trazidas do além-mar. Os versos de Oscar Bertholdo, ao descrever os milharais da sua terra natal, Nova Roma do Sul, enfocam o exposto, retratando a relação entre a cultura oral da comunidade étnica italiana e a literatura:

- É UM PIPILANTE MASTRO QUE NOS RESTA
o milharal cotidiano uma vez ao ano,
em seu rito movediço desdobrando
o cenário que foi um dia tão Vêneto. [...].¹⁴⁷

As atividades agrícolas preferidas pelo italiano são, mais uma vez, lembradas por Oscar Bertholdo. Ao comparar o cenário da plantação de Nova Roma do Sul ao de Vêneto, deixado ao longe, o poeta, ao mesmo tempo em que deixa transparecer a continuidade da história pela experiência e cultivos introduzidos em novas terras que contribuíram para o enriquecimento do Rio Grande do Sul, introduz em sua obra mais um capítulo da história do imigrante desenvolvida no estado, retratando a preocupação de descrevê-la e introduzi-la na literatura, nos seus mais diferentes aspectos e pontos de vista, partindo da realidade existente.

¹⁴⁶ BERTHOLDO, *Amadas raízes*, p.97.

¹⁴⁷ *Ibid.* Id., p.109.

Na continuidade do desenvolvimento do grupo de poesias do cântico sexto, visualiza-se também a natureza como companheira e protetora perene do homem, que oferece a sua sombra como espaço de diversão e de encontros.

- SÓ BEM MAIS TARDE SOUBE QUE UMBU É O NOME
da árvore conhecida como “maria-mole”,
sempre solitária, enorme quiosque disponível
para os bate-papos esquecidos dos domingos.
Há qualquer coisa de proteção materna
na espaçosa sombra que maria-mole estende
ali em mesas improvisadas: ela acompanha
o jogo das cartas e o matracar da mora. [...].¹⁴⁸

Nos versos referentes à natureza, por meio da árvore “maria-mole” estão inclusas as preferências e os comportamentos do povo italiano. A mora e o jogo das cartas remetem às diversões oriundas da Itália que tiveram continuidade em terras brasileiras, segundo a entrevistada Marlene, e os encontros humanos com a natureza ressaltam a vida simples do povo imigrante. Contudo, transparece no quarto verso, “os bate-papos esquecidos dos domingos”, que os encontros foram diminuindo com tempo, confirmando, assim, a teoria de Bosi que, ao referir-se a fatos distantes e pouco praticados, ressalta que estes “perdem o seu apoio constante.”¹⁴⁹ Pelos versos expostos, a cultura da imigração italiana diminuiu no tempo, mas não se extinguiu completamente na prática da comunidade a que pertence.

A cultura da imigração italiana, portanto, estabelecendo um elo com a oral, marca presença na poesia gaúcha e sua valorização na literatura fez-se sentir nos mais diferentes aspectos sociais e culturais, refletidos na história, nas vivências, nas práticas comportamentais, nos costumes, valores e saberes que, introduzidos no Rio Grande do Sul, contribuíram para o enriquecimento cultural deste estado, bem como para o seu desenvolvimento econômico e social.

¹⁴⁸ BERTHOLDO, *Amadas raízes*, p. 100.

¹⁴⁹ BOSI, *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, p. 27.

O registro literário dessa cultura vem garantir a sua continuidade no tempo e para quem buscar a leitura e interpretação de tal registro poderá servir como um meio revelador de identidades, bem como para conscientizar, abrir horizontes para a vida de valores, demonstrando a importância de se voltar às raízes, de conhecê-las mais profundamente, valorizando, assim, os antepassados e o patrimônio sagrado que deixaram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imigração ocorrida no final do século XIX trouxe da Europa para a América um expressivo grupo de italianos. Estes, deixando sua pátria, em virtude das más condições econômicas e sociais vividas em seu país, partiram para o desconhecido em busca de novas esperanças: ser proprietários de um pedaço de terra, onde pudessem reconstruir sua história e conquistar a fortuna sonhada.

Muitos imigrantes vindos da Itália encontraram no Rio Grande do Sul o berço acolhedor e, instalando-se nele, enriqueceram-no com a cultura trazida, envolta em valores, costumes, crenças, experiências e técnicas de trabalho, contribuindo para o desenvolvimento do novo espaço nos mais diferentes aspectos sociais, culturais e religiosos.

Casca, cidade interiorana do Rio Grande do Sul, local da realização da pesquisa, também foi beneficiada com a vinda do imigrante italiano e com a introdução de suas experiências culturais. Tendo em vista a importância da continuidade desta cultura da imigração italiana para a comunidade citada, o presente estudo, ao longo do seu desenvolvimento, direcionou-se ao seu resgate tanto no aspecto imaterial como no material, observando a sua presença no contexto social, a propagação de geração em geração, bem como verificar quais elementos desta cultura estão presentes na literatura gaúcha. Com tais observações, constatou-se, quanto ao aspecto imaterial da cultura, que abrange tradições, saberes, folclore, língua, literatura, festas e a síntese da história de um grupo guardada na

memória dos indivíduos, que a cultura da imigração italiana, em sua base comum, está viva na memória das entrevistadas, fez parte de sua formação cultural e, embora diminuída no tempo, principalmente pela evolução social, pelas novas visões de mundo, pelas mudanças nas maneiras de pensar, de representar e pelas prioridades, conquistas sociais e profissionais, faz-se presente no contexto social pesquisado e nas práticas culturais vividas pelos cidadãos casquenses.

No aspecto material da cultura que envolve, entre outros bens patrimoniais, os artefatos e objetos culturais, pelo levantamento realizado verificou-se que a cultura da imigração italiana ainda é expressiva na comunidade e fez-se sentir por meio dos acervos existentes nos lares casquenses que, como memórias culturais e representações, contribuem para a reconstrução do passado do grupo étnico italiana, revelando, sobretudo, práticas sociais, maneiras de organizar, de ver e pensar a realidade, contudo, ressalta-se que tanto nas narrativas orais quanto nos acervos evidenciou-se uma abrangência maior de conhecimentos e materiais culturais preservados nos lares e nas lembranças das entrevistadas de maior idade, o que mostra que a cultura, com o passar do tempo, perde a sua integridade, justificando a necessidade de registro para a sua preservação num sentido mais completo e definido.

Com relação à questão norteadora que diz respeito à investigação da passagem da cultura da imigração italiana e de seu vínculo geracional, várias constatações foram feitas. Pela comparação de dados obtidos entre as duas gerações de entrevistadas, percebeu-se, inicialmente, que a história da imigração teve passagem de mães para filhas em sua base comum, garantindo a continuidade no tempo, apesar de as lembranças terem aflorado mais facilmente nas mulheres da primeira geração, permitindo uma reconstituição mais completa em relação à história contada pelas entrevistadas da segunda geração. Essa constatação revela, mais uma vez, que os fatos, ao se distanciarem, perdem a sua totalização e inteireza.

Em relação à literatura oral do imigrante, da mesma forma que a história da imigração, teve sua passagem entre gerações. A literatura em versos, em narrativas, em provérbios e ditos populares foi transmitida de mães a filhas principalmente, apesar de verificadas modificações exigidas pela necessidade educativa ou pelas reinterpretações e criatividade de cada narrador de história, que a adapta a circunstâncias e maneiras diferentes de ver a realidade, sem, contudo, alterar-lhe o sentido geral que caracteriza a sua universalidade.

Quanto aos costumes e valores da comunidade de imigração italiana, constatou-se que não só se propagaram no tempo, por meio da oralidade, como também se preservaram na prática. Costumes, credences, normas de comportamento, imposições e diversões que identificam o grupo italiano pela sua história cultural foram descritos com características análogas pelos dois grupos de entrevistadas, certificando a passagem oral da cultura entre gerações, apesar da percepção de mudanças nas transmissões ocorridas em virtude de reelaborações individuais que diferem pela linguagem utilizada, pela dificuldade de lembrar os fatos com exatidão e principalmente pela apreciação dos narradores que, trazendo os fatos para o presente, reconstroem-nos em sua base, mas com a visão voltada para a atualidade.

Somando-se às constatações da passagem oral da cultura em seus costumes e valores, registrou-se também sua propagação significativa pela vivência prática. Pelos dados apresentados e analisados, alguns cantos, danças e jogos preferidos pelo grupo italiano ainda fazem parte das atividades comunitárias atuais do povo casquense, bem como os valores expressos principalmente na prática religiosa fazem-se sentir, embora diminuídos no tempo, em virtude da evolução social, temporal e espacial, da priorização, das ocupações profissionais intensivas e, especialmente, pelas novas maneiras de pensar e ver o mundo.

Apesar dessa redução quanto à prática, conclui-se que a cultura da imigração italiana em seus costumes e valores continua ativa nas memórias do povo, sendo divulgada de geração em geração com a inclusão de sua importância, significação e representatividade.

Em relação à terceira investigação deste trabalho, que buscava verificar quais elementos da cultura oral da imigração italiana estariam expressos na literatura gaúcha, o estudo de duas obras, *O quatrilho* de José Clemente Pozenato e *Amadas raízes* de Oscar Bertholdo, permitiu a constatação da presença dessa cultura nos textos estudados nos mais diferentes aspectos sociais e culturais. Essa cultura é visualizada, inicialmente, nas obras por meio da origem italiana das personagens ficcionais, apresentadas como guerreiros, aventureiros imigrantes que, desbravando novas terras, participam do desenvolvimento comunitário. As dificuldades enfrentadas por essas personagens, da mesma forma, refletem a história da imigração na similitude com os sofrimentos citados pelas entrevistadas deste trabalho ao descreverem o povo italiano na nova pátria.

As obras examinadas tematizam a cultura italiana não apenas pela origem das personagens e pelas dificuldades encontradas por estas que se assemelham às sofridas pelo povo imigrante. Outros diferentes aspectos sociais e culturais descritos pelas entrevistadas como prioridades do grupo italiano estão expressos nas obras. Tais aspectos referem-se à valorização da língua italiana, às descrições de festas e de outras diversões preferidas pelo grupo, à indumentária típica, refletindo esta, além do costume, a condição social e econômica do imigrante italiano, bem como está presente nas obras a gastronomia da etnia estudada, que, pela maneira de preparar e servir, permite estabelecer uma relação com o seu modo de pensar e impor. Além do citado, constatou-se, principalmente na obra *O quatrilho*, a presença de regimes familiares patriarcalistas, da submissão feminina, de descrições de boas relações sociais e do valor primordial da prática religiosa defendidos pela cultura da imigração italiana, segundo as entrevistadas. Quanto ao valor referente à oração, fez-se sentir

também na obra de Oscar, deixando transparecer que o imigrante expandiu suas crenças, valores e vivências no tempo e no espaço, no contexto social e na literatura.

Portanto, a cultura da imigração italiana, apesar de reduzida, pela evolução da sociedade, pelas visões de mundo atual e mudanças na maneira de pensar por causa de tempos e espaços modificados, está ainda parcialmente presente na comunidade casquense, propaga-se de geração em geração e encontra-se expressa nas obras analisadas nos mais diferentes aspectos sociais e culturais. Esses aspectos apresentam certa similitude com os conteúdos das entrevistas realizadas neste trabalho, permitindo a constatação de que a tradição oral tem passagem para a literatura, influenciando-a e enriquecendo-a, ao mesmo tempo em que demonstram a importância que os escritores gaúchos, cujas obras foram analisadas, atribuem a essa cultura, pois, ao longo dos textos, enaltecem e exaltam-na, descrevendo-a, indiretamente, como uma cultura que contribuiu para o desenvolvimento econômico, social e religioso do Rio Grande do Sul.

O presente trabalho pretendeu ser uma contribuição para o início de uma discussão sobre cultura da imigração italiana, a fim de conscientizar da necessária preservação e divulgação desta para as gerações mais novas como uma estratégia educativa, que busque valorizar e socializar o passado. Assim, trazido para a atualidade, em forma de conhecimento, saberes, sínteses de histórias vividas, o passado poderá contribuir para a identificação de grupos, conscientizar para a vida de valores, enriquecer e completar o presente, facilitando a compreensão do mundo atual e a percepção das mudanças temporais e sociais.

Tencionou-se também com essa pesquisa valorizar a comunidade casquense por meio da divulgação e registro da história social e cultural de uma etnia que muito colaborou para engrandecer o município. A retomada dessa cultura certamente estimulará a vivência prática, o registro impedirá que páginas dessa história se apaguem no tempo e a divulgação

do significativo patrimônio herdado conscientizará para a valorização das raízes, reverenciando quem doou sua vida em prol do desenvolvimento local e o bem estar dos seus filhos.

REFERÊNCIAS

BERTHOLDO, Oscar. *Amadas raízes*. Casca: Toazza Artes Gráficas, 1992.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

BURLAMAQUE, Fabiane Verardi. *Memórias de leitores: histórias de vida*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica de Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. 2.ed. Portugal: Difel, 2002.

CHAUÍ, Marilena de Souza. Os trabalhos da memória. (Apres.) In: BOSI, Ecléa. *Memórias e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987. p. XVII-XXXII

CRUIKSHANK, Julie. Tradição oral e história oral: revendo algumas questões. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (Org.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 149-164.

DARNTON. Robert. *O grande massacre dos gatos*. 4. ed. Rio de Janeiro: GRAAL, 2001.

FÉLIX, Loiva Otero. Política, memória e esquecimento. In: TEDESCO, João Carlos (Org.). *Usos de memórias: política, educação e identidade*. Passo Fundo: UPF Editora, 2002. p.13-38.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

FREITAS, Sônia Maria de. Prefácio à edição brasileira. (Apres.) In: THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. São Paulo: Paz e Terra, 1998. p.14-19.

GELATTI, Roque. *Casca, ontem e hoje*. Passo Fundo: Instituto Social P. Berthier, 1985.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar um projeto de pesquisa*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 4. ed. Campinas: Unicamp, 1996.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1996.

MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 2001.

CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1996. p.51-64.

NOVA ENCICLOPÉDIA BARSA. São Paulo: Melhoramentos, 1997.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana: mito, política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p.103-137.

POZENATO, José Clemente. *O quatrilho*. 14. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

ROUSSO, Henri. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. p.93-101.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

APÊNDICE A

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – NÍVEL:

MESTRADO

Buscou-se, através desse roteiro de entrevista, identificar os sujeitos da pesquisa da primeira geração e resgatar, através da memória oral, as narrativas e elementos da cultura da imigração italiana existente no meio casquense.

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA A PRIMEIRA GERAÇÃO DE
ENTREVISTA

1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

1.1 Nome completo: _____

1.2 Local e data de nascimento: _____

1.3 Endereço: _____

1.4 Telefone: _____

1.5 Parentesco com os imigrantes italianos: Filha () Neta () Bisneta ()

1.6 Nível de escolaridade:

1.6.1 Primário completo () incompleto ()

1.6.2 Ginásio completo () incompleto ()

1.6.3 Segundo grau completo () incompleto ()

1.6.4 Curso superior completo () incompleto ()

1.7 Estado Civil: Casada () Solteira () Viúva () Outro ()

1.8 Tempo de residência no município de Casca: _____

1.9 Profissão: _____

2. ROTEIRO DE QUESTÕES:

2.1 Sua mãe, ou familiares, costumavam contar histórias?

2.2 Que histórias ouviu com referência à imigração italiana?

2.3 Conhece algum relato com referência à chegada dos imigrantes no Brasil?
Para onde eram conduzidos?

2.4 Quais as primeiras dificuldades encontradas na terra nova e ao chegarem em Casca?

2.5 O que ouviu da sua mãe ou de seus familiares em relação aos costumes trazidos da Itália?

2.6 Quanto aos valores, o que priorizavam? Havia rigidez ou liberdade na educação dos filhos?

2.7 Lembra de alguma norma ou proibição?

2.8 Quanto à religião, como era praticada? Lembra de algum livro de catecismo, de

cantos igreja ou rezas trazidos pelos imigrantes? Reuniam-se para rezar e cantar?

2.9 Quanto à educação sexual, como eram educados os filhos?

2.10 Como viviam os casais? Já se vivia, na época da imigração, a infidelidade?

2.11 Quanto às relações sociais, como eram as relações entre vizinhos? Que sentimentos eram desenvolvidos entre os mesmos?

2.12 Quanto à leitura, lembra de ter ouvido, quando criança, em sua família histórias de

livros trazidos da Itália? Contos, fábulas, lendas?

2.13 Que outras histórias ouviu na infância?

2.14 Lembra de alguma história?

2.15 Quem as contava?

2.16 Lembra de alguma cantiga, em língua italiana ou portuguesa, aprendida com seus pais? Quais?

cantigas de ninar;

cantigas de roda;

poemas, trava-língua, adivinha, etc.

2.17 Conhece o significado das mesmas? A que se referiam?

2.17 Conhece alguns provérbios, ou ditos populares em língua italiana? Quais?

2.18 Conhece algum canto em língua italiana? Qual?

2.19 Quem lhe proporcionou os primeiros contatos com o livro?

2.20 Quando criança, além do livro de escola, havia em sua casa algum material de leitura? Qual?

2.21 A família, nos serões principalmente, costumava fazer leituras e comentá-las?

2.22 Os pais liam para os filhos ouvirem as histórias?

2.23 Quando mãe, a senhora contava ou lia histórias para seus filhos?

2.3.1 Entrevistadas e entrevistas com as mulheres da primeira geração

Entrevistada - 01 – Inês Tereza Caleti Ghiggi



Dona Inês, sua mãe ou familiares costumavam contar histórias?

Sim, contavam. Antigamente não existia televisão, cinema ou vídeo, o pai que gostava de ler, lia romances e outros livros e depois contava para nós. Ele era uma pessoa muito inteligente.

Que histórias ouviu com referência à imigração italiana?

O meu avô contava que veio para o Brasil de navio, tinha um casazinho de filhos que viajou com ele, além da mulher. O navio em que viajaram era feito de madeira e meio velho, diz que deu uma ventania e ficou o navio todo molhado por dentro, molharam tudo. Um dos

meninos do meu avô, o Calisto, pegou gripe e morreu. Daí então, minha avó não queria jogar o filho no mar, mas as demais mulheres que viajaram com ela a traíram, levaram ela para o porão do navio e, enquanto a entretiam, os homens jogaram a criança ao mar. Imagine vê-lo jogado no mar! A avó sofreu muito e aqui no Brasil teve um outro filho que deu o nome do falecido, para que sempre ficasse na lembrança.

Conhece algum relato com referência à chegada dos imigrantes no Brasil? Quais as primeiras dificuldades encontradas na terra nova ou ao chegarem a Casca?

Da chegada, faz tempo demais, não estou lembrada. Mas tinham que se virar. Sofreram e trabalharam muito, tinham que trabalhar somente a terra que ganharam do governo, no início, porque não tinha outra coisa. Foram tempos difíceis!

Sofreram muito também com a alimentação porque não tinha como conservar os alimentos. Quando matavam um porco cozinhavam toda a carne e deixavam coberta de gordura para não estragar. Minha mãe quando matava um frango pendurava numa corda e botava dentro do poço, perto da água para se conservar.

A senhora falou da alimentação. Qual era a comida típica ou preferida pelos imigrantes e descendentes de italiano?

A polenta, o *radicci*, vinho e salame e feijão. Botavam uma polenta no meio da mesa, todos comiam e eram feliz. Comiam também muito pinhão e batata-doce. Fazia várias refeições ao dia. De manhã a *colassion*,¹⁵⁰ que era o café na roça carregado em uma *sporta*.¹⁵¹ À tarde tinha o *merendin*,¹⁵² com queijo, salame e vinho.

¹⁵⁰ Café da manhã

¹⁵¹ Cesta de palha de trigo

¹⁵² Merenda da tarde.

Inês, fale-me um pouco das dificuldades no transporte e comércio.

Tinha, aqui em Casca, a família Busatto que transportava os produtos para Muçum com carroças puxadas por mulas. Não tinha outro meio! Levavam principalmente banha e traziam açúcar, querosene, café e outros produtos.

Além dos já citados, que outros costumes os imigrantes trouxeram da Itália?

Se vestiam com roupas como avental e lenço na cabeça para as mulheres. Os homens vestiam cueca atada no tornozelo, calça, camisa xadrez e *tiraca*.¹⁵³ A mulher não usava calça.

O casamento não era ao sábado, engraçado né? Era costume das mães também não falar aos filhos sobre sexo. Nem a mãe, nem a professora ensinavam sobre isso, por isso, a gente não sabia nada. No dia do meu casamento, eu fiquei com muita vergonha do meu marido, nem xixi não quis fazer no quarto onde ele estava presente, levei o penico para a cozinha para fazer a necessidade. Por causa que não sabia nada sobre sexo e gestação perdi um filho, isso porque não me cuidei.

Do luto, filha de Deus! Deixa te contar. Quando morria alguém por um ano os familiares usavam roupa preta. Até as camisinhas das crianças eram tingidas. Tudo em sinal de respeito. O castigo na escola também era normal. As crianças que não conseguissem responder às questões eram castigadas, davam reguadas nas mãos e os pais achavam certo! Achava que a professora sabia o que fazia!

Quanto aos valores, o que priorizavam? Havia liberdade ou rigidez na educação do filho?

¹⁵³ Suspensório

Era uma educação rígida, exigia respeito e honestidade, tanto com os pais, professor e principalmente com o padre. Tudo era controlado, os livros também. Revistas pornográficas eram proibidas. O namoro era vigiado pelos pais, nem de mão dada os namorados podiam sair. Quando a gente ia nos bailes os pais acompanhavam e ficavam esperando e observando.

Quanto à religião, como era praticada?

Todas as noites o terço em família. A mãe ensinava e fazia rezar de manhã e de noite. Nós, aos domingos, para ter direito a sair para alguma diversão, antes tinha que ter assistido à missa. Quem não fosse à missa ia ao terço à tarde. O padre era visto como um Deus na Terra. Se via o padre, se dizia: Viva Cristo! Era consultado por qualquer problema familiar. Hoje nem se conhece quem é! Quando chegava nas residências, o padre era recebido pelas crianças com beijos nas mãos. Hoje é muito diferente, nem benzer casas se costuma mais!

Lembra de algum livro de catecismo ou de cantos trazido da Itália?

Eu tenho diversos livros de cantos e orações italianas, mas não sei se vieram da Itália.

Quanto às relações sociais, como eram as relações entre vizinhos? Que sentimentos eram desenvolvidos entre os mesmos?

Tinha muita visita. As famílias ia se visitar, quando faziam o vinho doce convidavam para os *filós*.¹⁵⁴ Tomavam vinho, comiam sugo de vinho. Nos *filós*, os homens jogavam cartas e cantavam. Hoje, as mulheres nem se visitam mais! Todos trabalham, mas é melhor! O emprego tira todo o tempo. Entre vizinhos, na época que eu era criança, tinha muita ajuda. Quando uma mulher ganhava nenê, as vizinhas se encarregavam do serviço da casa e dos primeiros cuidados com a criança. Se alguém ficava doente, faziam rodízio entre as pessoas

¹⁵⁴ serões

da comunidade para ficar com o doente, principalmente à noite. Eram tempos diferentes, tinha ajuda, amizade e solidariedade.

Quanto à leitura, lembra de ter ouvido quando criança histórias de livros trazidos da Itália?

Lembro de histórias que meu pai principalmente contava. A história do Monte Cristo, da Moça mais bela do mundo, dos Três irmãos, e outras.

A senhora pode narrar algumas delas? Sim.

A MAIS BELA MOÇA DO MUNDO

Existia um fotógrafo, ia nas festas e na frente da igreja botava sua tenda de fotografias que tinha batido. Uma das fotos era de uma linda mulher chamada Rosane. O filho do rei se aproximou da foto, olhou, olhou e disse ao fotógrafo: - Existe essa mulher? – Existe, mas mora na exterior. O moço, daí, comprou a foto e se fechava no quarto pra admirar a foto. Se apaixonou e começou a ficar doente. O rei chamou vários médicos e o moço, Luizinho, nunca melhorava e também não comia mais. Certo dia, a empregada da casa olhou o moço no quarto pelo buraquinho da chave e o viu que ele puxou, debaixo do colchão, uma foto, olhou e beijou. A empregada correu logo contar à patroa o que viu. A mãe pediu ao rapaz: - O que tu tem Luizinho, em baixo do colchão? Ele falou que estava apaixonado e tinha medo de pedir ao pai para ir buscar a moça. Daí então, a mãe convenceu o pai, fizeram roupas, as malas e acompanharam o rapaz até o navio. Quando chegou na Europa, o rapaz foi para um hotel mostrando a foto e pedia ao porteiro do hotel: - O senhor conhece essa moça? - Se tu soubesse! O pai obrigou ela casar com um sapateiro e ele fecha ela em casa. O rapaz, filho do rei, mandou cavocar o terreno para fazer uma abertura e poder entrar na casa. O filho do rei fez uma grande festa. Convidou a cidade inteira e também o sapateiro. Na festa fez uma grande discurso sobre a Europa e o Brasil. Enquanto os convidados festejavam, Luizinho

pediu licença e foi, subterraneamente, até o local onde estava presa Rosane, entrou no quarto, mostrou a foto e confessou estar apaixonado. Ela se assustou e falou: - O que faço? Tô casada! – Não tem problema, damos um jeito, diz ele. O filho do rei deu pra ela uma linda roupa e voltaram juntos à festa. O sapateiro, ao ver a linda moça, suspeitou que fosse sua mulher. Foi pra casa conferir, mas ela voltou antes e tirou a roupa e esperou ele no quarto.

Na outra semana, Luizinho fez uma outra festa e novamente convidou o sapateiro. O filho do rei e Rosane entraram na festa esplêndidos, discursaram em público num discurso de despedida. O casal se retirou e o sapateiro os acompanhou numa charrete até o porto, mas quando deu a mão para se despedir, ele desconfiou que era a sua mulher. O sapateiro voltou correndo até o quarto e viu que ela não estava, se sentiu mal e morreu. Luizinho e Rosane viveram felizes.

O VELHINHO

Jesus vestiu-se com um casacão porque fazia neve na Itália e deixou a barba comprida. Foi até a casa de uma mulher rica e bateu na porta e ela apareceu. – Por favor, me dá um pouco de água, estou com sede! A mulher pediu que não subisse à escada, mas que sentasse numa pedra que ela ia buscar um copo de água. O pobre velho disse: - Tu não teria um pedacinho de pão? – Não, não tenho.

O velhinho levantou e dirigiu-se à casa de uma mulher muito pobre. Bateu na porta e ela abriu:

-Ah nono querido, onde o senhor vai? – Tu poderias me dar um copo de água?

-Sim, espere que vou buscar na fonte, é mais fresca. Entra nono, entra! Ele entrou e se sentou, enquanto ela foi buscar a água, deu pra ele e ele tomou.

Ele disse:

-Tu não tens uma comidinha? Estou com fome.

- Os meninos foram para a cidade buscar uns restos nas casas de pensões, se o senhor quiser, tenho uma polenta seca. Ele comeu a polenta e ficou esperando os meninos.

- Mulher, disse o velhinho, vai até o forno e pegue comida.

- Nem forno inteiro não tenho, depois que morreu meu marido o forno caiu em pedaços.

Mas ela foi, sentiu um cheiro bom e lá tinha belos pães, cucas e bolos.

O velhinho disse novamente: - Vai buscar vinho.

- As pipas estão podres.

Mas foi até o porão, e lá tinha todos os tipos de vinho.

O velhinho pediu novamente à mulher: - Vai pegar uma roupa boa pra vestir os meninos.

- Não tenho quase nada, senhor!

Foi até o quarto e encontrou os roupeiros cheios de lindas roupas.

Os meninos chegaram e ficaram admirados com a mesa farta que encontraram e as roupas para vestir.

Estavam na mesa quando a vizinha rica, que não quis dar comida ao nono, chegou correndo e chorando e daí disse:

- Vizinha, vai lá na minha casa, não sei mais o que fazer, minha casa virou um inferno, tem bicho em todo lugar. Abro as gavetas, saltam bichos, sento no sofá e de lá saem abelhas que me atacam, vou lavar roupa e os bichos me perseguem.

Os meninos surpresos olharam para a mãe e pediram o que estava acontecendo?

O velhinho levantou, suas roupas transformaram-se em um esplêndido manto vermelho, e, olhando para as duas mulheres, exclamou:

- Eu sou Jesus Cristo! Essa mulher que não sabe repartir nunca terá nada para si e a que me atendeu terá em abundância.

OS TRÊS IRMÃOS

Antigamente tinha uma mulher que tinha três filhos e pediu para eles: – Meus filhos vocês têm que arrumar emprego para ajudar a mãe. Os filhos se chamavam Antônio, Paulo e José. Os três rapazes então prontos para ajudar a mãe foram até a esquina e se dividiram.

José caminhou, caminhou até que encontrou um velhinho trabalhando e pediu:

- O que está fazendo?

- Canecos e bandejas para vender.

O velho pediu para ele ajudar. José ajudou e aprendeu, fez canecos de diversos tipos e depois de se separar do velho tinha uma profissão.

Antônio foi caminhando em outra direção, viu umas mulheres que iam lavar roupa num rio e esperavam secar pra poder voltar para casa. Antigamente as mulheres ia lavar roupa no rio e esperava que secassem as roupas para ir para casa. Enquanto aguardavam, as mulheres deitaram no sol para descansar. Antônio viu uma velhinha deitada no sol, pegou e cravou uns galhos de árvores no chão para fazer sombra. A mulher acordou e pediu quem tinha protegido ela do sol. Antônio disse: - Fui eu. A mulher agradecida falou: - Vou te dar uma caixinha especial e quando tu quiser alguma coisa e só pedir para a caixinha. Ele ficou feliz!

Então com essa caixinha, o rapaz foi à cidade, parou numa praça em frente a uma loja. Queria comprar umas roupas, estava todo sujo! E lá chegou a polícia, ao ver o maltrapilho, tentou prender ele. O moço apertou a caixa, surgiram vários cachorros que avançaram nos policiais e eles tiveram que escapar.

Antônio foi até a loja e comprou umas roupas e se vestiu bem. Com a roupa nova foi em busca de emprego e se encontrou com o rei: - Estou sem serviço, poderia trabalhar com o senhor?

-Sim, na minha casa. O rapaz foi se empregar na casa do rei e a filha do rei se apaixonou por ele. Antônio tirou da caixa um anel e deu-lhe de presente.

Certo dia, Antônio adoeceu, a moça preparou para o doente uma sopa e colocou junto o anel, vestiu um lindo vestido, se aproximou do rapaz com a sopa e com suas declarações de amor. Antônio se apaixonou e casou com ela.

O outro irmão, Paulo, não conseguiu emprego fácil. Caminhou, caminhou e cansado de caminhar, deitou embaixo de uma figueira, depois subiu no pé e comeu uns figos pretos. Quando desceu, viu que o nariz ficou comprido, comprido. Se assustou e naquela hora viu um pé de figos brancos e comeu alguns e seu nariz voltou a ser pequeno.

Um dia, Paulo colheu alguns figos e foi vender na casa do rei. A filha da rainha comeu os figos e o nariz começou a crescer. Chamou vários médicos e nada de melhoras. O moço, quando viu o problema que tinha causado, se apresentou como curandeiro para ajudar a filha da rainha. Ele foi ao jardim e cheirava folhas. Chegou o empregado e pediu:

-Quem que o senhor é?

-Sou um curandeiro.

- Nossa Senhora! Nós temos a filha da rainha doente, diz o empregado.

O rei, então, pediu para ele mostrar o que sabia fazer. O rapaz fez com os figos pílulas e disse:

- Estas pílulas vai curar a filha da rainha. O rei, entusiasmado e ao mesmo tempo duvidando, falou: - Se tu curar a filha da rainha, pode casar com ela!

Paulo passava todos os dias na casa da filha rainha e dava para ela comer um pouco do figo branco, aos poucos o nariz foi encurtando até voltar ao normal. Que alegria! O rei não sabia mais o que fazer pra ele. Fez uma grande festa de casamento e os noivos viveram felizes pra sempre.

JOÃOZINHO E MARIAZINHA

Existia uma família pobre, tinha que procurar lenha no mato para queimar no fogão.

Mariazinha e Joãozinho levantaram cedo e foram ao mato pegar lenha, fizeram vários feixes para depois carregar. Caminharam, caminharam, faziam feixes, iam avançando no mato e avançaram tanto que se perderam. A mãe tinha dito que pegassem grãos e fizessem uma estradinha para saber voltar. Eles tinham largado sementes ao longo do caminho, mas as aves as comeram. Ficaram no mato presos. Meu Deus! Anoteceu! A mãe e o pai gritavam, chorava, mas nada resolvia. Mariazinha pra ver se enxergava o caminho subiu numa árvore e viu uma luzinha bem longe, desceu e foi caminhando em direção à luz. Chegando lá, meu Deus! descobriram que era a casa de um lobo mau, que comia gente e o lobo tinha uma moça presa dentro de casa.

Chegaram todos molhados, a moça colocou eles atrás do fogão para secar. Dormiram por perto do fogo e de manhã quando acordara ouviram o lobo dizer:

- Que cheiro de gente!

-A moça disse:

- Olhe, eles estão muito magros para você comer!

O lobo observou as crianças e viu que eram muito magros. Fechou eles num cercado para engordar e depois matar.

Todos os dias o lobo ia ver as crianças. Para saber se tinham engordado, pedia que mostrassem um dedinho. Joãozinho, esperto, matou um rato e cortou o rabo. Quando o lobo pedia para alcançar o dedo, alcançava o rabo fino, então ficavam mais tempo para engordar.

Certo dia, a moça que estava presa na casa falou aos meninos:

- Alguma hora eu largo vocês.

A moça sentou no colo do lobo, esperou que o lobo dormisse, tirou a chave do bolso e abriu a porta das crianças. Depois fizeram um fogo no forno e os três juntos jogaram o lobo no forno para queimar. Antes de fugir deram fogo na casa. Quando chegaram ao povoado em que moravam, Francisca, Mariazinha e Joãozinho festejaram junto aos pais.

Conheço também outra história que se refere às dificuldades das mães que trabalhavam para criar as crianças. A história é a seguinte:

A VERDADEIRA MÃE

Na Itália, as mulheres pobres que trabalhavam se reuniam para fiar e fazer *dressa*.¹⁵⁵ Deixavam então as crianças junto num quarto e, quando iam embora, iam buscar. Certo dia, ao terminar o serviço, as mulheres foram buscar as crianças e encontraram uma morta. Nenhuma das mães assumiu como filha e duas mulheres começaram a discutir. Ambas queriam levar a criança que estava viva para casa. Uma mãe dizia que a criança viva era dela, a outra repetia a mesma coisa. Ninguém queria aquela morta. Passando horas sem chegar a um acordo, resolveram chamar o rei. O rei, perante a situação, pegou a criança viva, arrebatou ela do chão por uma perna e disse:

-Vou cortar a criança ao meio, cada uma de vocês fica com uma parte.

Uma das mães disse:

- Antes de matar a menina prefiro que fique com a minha amiga. O rei então concluiu que está que não deixou cortar a criança ao meio era a mãe verdadeira.

Dona Inês, conhece mais alguma história?

Agora vou te contar uma de Santos.

JESUS E SÃO PEDRO

Jesus e São Pedro se vestiram de velhos e foram pedir esmola por caminhos diferentes e combinaram se reencontrar no lugar da saída com toda a esmola que tinha arrecadado. Pedro foi pedir esmola em várias casas, entre elas a de uma mulher bem pobre que não tinha

¹⁵⁵ Trança de palha

quase nada pra dar. Ela deu um salame. No caminho da volta, Pedro ia comendo aos beliscões.

Quando se reencontrou com Jesus foram, um com o outro, mostrando e comentando o que eles tinham ganhado.

-Então Pedro, o que tu ganhou? – Ganhei isso aqui. E mostrou. Só que não disse do salame.

Então Jesus disse a Pedro:

-Olhe atrás da minha orelha se tenho um piolho, não agüento mais a coceira.

Pedro olhou e disse:

- Mestre, como assim? Tem um olho na cabeça, atrás da orelha.

- É este olho, Pedro, que te viu comer o salame.

Deus tem olhos pra tudo. Não adianta mentir.

Dona Inês, não conhece nenhuma história de bruxas?

Vou te contar uma da mãe bruxa que ensinou o filho a roubar.

O MENINO DA AGULHA

Havia uma vez uma viúva na Itália que enxergava pouco e precisava costurar para sobreviver. A viúva tinha um filho, o Felipe, que chamava para enfiar a linha na agulha. O menino ajudava a mãe sempre. Certo dia, o menino se sentou numa escada de uma costureira e encontrou uma cesta com várias agulhas, grandes e pequenas. Uma agulha era bem grossa que facilitava o serviço da mãe. Roubou a agulha. Quando chegou em casa, deu a agulha à mãe e ela ficou faceira e disse:

- Muito bem, meu filho, a mãe precisava mesmo. Onde tu encontraste?

- Na casa da vizinha?

Outro dia, ele passou por uma cerca e viu vários aventais no sol para secar. Pegou um

e levou pra mãe porque sabia que a mãe não tinha.

- Mãe, estou cansado de te ver com esse avental todo remendado. Pega esse.

- Onde conseguiu, meu filho?

- Num varal, aqui por perto.

A mãe ficou contente e elogiou a atitude do filho.

O filho, no dia-a-dia, sempre roubava alguma coisa. Das coisas mais simples até as grandes coisas. Tornou-se um ladrão fino, assaltava bancos, comércio, residências. Prendiam o moço, mas ele escapava da cadeia. Naquele tempo na Itália condenar os malfeitores. Num domingo, chegaram várias carroças e em praça pública descarregaram lenha para fazer fogo e queimar o maior ladrão do mundo.

O moço ladrão chegou para ser morto. Antes de matar pediram que ele fizesse o último pedido.

- Quero dar um beijo à minha mãe.

A mãe tava embaixo de uma árvore, chorando. O rapaz se dirigiu à mãe e disse:

- Mãe, por causa de uma agulha fui condenado à morte.

Ao invés de um beijo, deu-lhe uma mordida no rosto que nunca mais cicatrizou.

Veja! Se ela mandava de volta a agulha, ele não se tornava ladrão.

A senhora lembra de alguma cantiga de ninar ou de roda?

Minha mãe embalava e cantava cantos de igreja em italiano para as crianças dormir, não eram cantigas especiais. Das cantigas de roda, de quando eu era criança, me lembro que nós se cantava: Atirei um pau no gato tô, to, mas o gato tô, tô não morreu, reu reu, dona Chica admirou-se do berro, do berro que o gato deu.

Lembro de uns versinhos também: Existem certas coisas que nunca vou esquecer: que o vento não leva, a onda do mar não carrega, o fogo não apaga e eu nunca mais vou me esquecer do meu tempo de criança que passei com você.

Dona Inês, conhece algum provérbio, adivinha, ou dito popular?

Poucos, mas me lembro de alguns:

*Tempo di guerra, più bale che terra.*¹⁵⁶

A adivinha é referente a noivo. Tu sabes me responder? O que a noiva dá ao noivo no dia do casamento? O sobrenome.

Quem lhe proporcionou os primeiros contatos com o livro?

A escola. A minha mãe não sabia ler e o pai contava as histórias para as crianças, mas não tinha muito livro. Nós, nos *filós*, se sentava em roda na cozinha e o pai contava, mas não lia muito pra nós. Tinha até algum livro, mas era mais de orações e catecismo.

A senhora, quando mãe, contava ou lia histórias para seus filhos?

Nem me fale, gurria! Contava muito, não só para os filhos como para os netos também. Eles me levavam ao quarto e me fechavam lá no escuro pra eu contar. Era um divertimento!

¹⁵⁶ Em tempo de guerra, mais mentiras que terra.

Entrevistada O2 – Idalina Mantovâni Variâni

Dona Idalina, sua mãe ou familiares costumavam contar histórias?

Costumavam, tanto o pai como a mãe e a avó.

Que histórias ouviu com referência a imigração italiana?

A nona contou que sofreram muito na viagem. Ao chegar em São Paulo, que era uma parada obrigatória, devido à febre e as doenças que davam no navio, todos tinha que fazer uma lavagem intestinal, deram pra tomar meia garrafa de óleo de rícino para cada pessoa. Imagine Marilene! Meia garrafa de óleo, o efeito que surtia! E era costume dos imigrantes tomar esse óleo pra purificação do sangue. Depois pegaram outro navio até Porto Alegre e ao chegar ao Rio Grande do Sul, se espalhava, foram se dividindo, ficando sozinhos. Uns foram

conduzidos a Bento Gonçalves, outros para Caxias do Sul principalmente. Aqui ganhavam certa extensão de terra para iniciar o trabalho.

A *nona* contou que ao chegarem ao RS, nas primeiras noites dormiam ao relento ou embaixo de árvores, até fazer sua primeira casa com telhado de capim. Aqui só tinha mato e tinha também o perigo de serem atacados por bichos, como cobras, onças, etc.

Além das já citadas, que outras dificuldades encontraram os imigrantes na terra nova ou ao chegarem a Casca?

Uma das dificuldades era o terreno pedregoso, acidentado. Os imigrantes, além do plantio do milho, trabalhavam muito com parreiras, mas era muito difícil fazer o parreiral, tinham muitas vezes que furar os paredões com brocas para plantar os palanques e passar o ferro, ou seja, os cordões para a armação do parreiral que era plantado nos morros.

Minha avó contava do sofrimento, das dificuldades, da falta de estradas, das ferramentas inadequadas, das picadas que tinham que abrir para transportar os produtos, mas eu achava impossível. Certo dia, fui dar um passeio com a Maria Fumaça de Bento Gonçalves e no trem, de etapa a etapa explicam o que aconteceu. Tem uma pessoa no trem que conta a história dos primeiros tempos, parando em determinados pontos do trajeto. O trem parou e o encarregado de informar mostrou picadas abertas por imigrantes e dizia que naquele ponto os colonos desciam com as cestas da produção nas costas.

Mais adiante, em Alcântara, pude ver a igreja feita com vinho. No local, não tinha na época da construção da igreja muita água. Os colonos da região se reuniram e ofertaram, cada um, um pouco de vinho para fazer a massa e concretar.

Minha avó contava também que, certa vez, minha tia estava esperando nenê, chegou à hora do parto, um grande temporal se levantou, tiveram que sair e atravessar o rio com a

balsa pra procurar um médico e, quando botaram os pés na balsa, o morro desmoronou e soterrou a casa. Minha tia levou um susto, ficou doente e enlouqueceu.

Quanto ao trabalho, além do agrícola, a que outras atividades os imigrantes se dedicavam?

Plantavam parreiras, vendiam vinho e tinha também moinhos. Serrarias só bem mais tarde, no início era tudo manual, plantavam com os *sponchion*¹⁵⁷, serravam as toras com serrote manual e o transporte era com carroças puxadas com mulas ou bois.

Dona Idalina, o que ouviu da sua mãe ou de familiares em relação aos costumes trazidos da Itália?

Os trajes eram diferentes. A mulher não casava de branco, mas de roupas claras. Nos casamentos o transporte era a cavalo e tinha duas refeições: tomavam café na casa da noiva de manhã e outra refeição faziam ao meio-dia na casa do noivo. No almoço, era costume servir sopa, massa, galeto, etc. Os noivos, quase sempre, ficavam morando junto à família, na casa do pai do noivo por algum tempo e depois que a família tinha condições, dava uma terra ou algum dinheiro, animais e eles saíam.

Para a ornamentação da casa tinha algum pano com letreiro, entre esses era muito comum o dizer: Deus ajuda quem madruga!

O namoro também era bem diferente de hoje. Os namorados nunca saía sozinhos, sempre estavam acompanhados de algum familiar. As diversões, as danças e as músicas principalmente bem diferentes de hoje. O baile era com gaita, iniciava em torno das oito horas da noite e terminava cedo, o máximo duas da madrugada. Os moços, depois do baile, faziam serenatas. Iam à casa das namoradas ou das pretendidas e ficavam embaixo, ou em

¹⁵⁷ Um cabo de madeira com uma ponta de ferro que servia para abrir o buraco onde era colocada a semente do plantio.

volta da janela do quarto cantando. Os primeiros cantos eram em italiano, depois também em língua portuguesa. Quando o grupo não era muito grande, convidavam para entrar e serviam café.

As crianças era comum nascerem com parteiras e enfaixavam porque diziam que ficavam mais seguras. E eu acredito que era verdade sim, hoje se enrola tão apertadinho que difere pouco da faixa!

Quanto aos valores, o que priorizavam? Havia rigidez ou liberdade na educação dos filhos?

Priorizavam o estudo, a profissão e o respeito em primeiro lugar. Não se podia passar por alguém mais velho principalmente sem cumprimentar. Meu pai não permitia que alguém blasfemasse, embora fosse costume de alguns italianos. Na porta da farmácia em que meu pai trabalhava tinha um cartaz que dizia: Dentro dessa casa, não se blasfema.

Lembra de alguma norma ou proibição?

Naquela época de criança tinha um livro, mas eu não conheci. A proibição era devido à capa do livro de São Silvano, mas eu não sei do que se trata. Meu pai não proibia, principalmente na leitura, fazia questão que se lesse todo tipo de livro. Na casa de meu pai tinha uma grande biblioteca e uma enciclopédia farmacêutica, devido que meu pai se dedicava também ao serviço da farmácia.

Quanto à religião, como era praticada?

A religião era mais respeitada do que hoje. Aos domingos, ninguém podia perder a missa, e todas as noites nós se reunia para rezar. A igreja era um lugar respeitado, a mulher só entrava com véu na cabeça, simbolizando respeito, não é como hoje que ficam correndo,

conversando, certas mulheres chegam fazer negócios. A igreja e a casa de Deus é um lugar sagrado para o encontro com Ele.

Lembra de algum livro de catecismo, de cantos de igreja ou de reza trazidos pelos imigrantes?

O pai tinha o catecismo, livros de religião e a Bíblia da Itália que se lia sempre e, inclusive, não podia faltar em nenhuma das casas, mas hoje já não tenho mais. O que tenho é um livro da Itália que tem receituários de medicina e alguns capítulos voltados a dizeres, provérbios, conselhos, etc. Lembro de uma oração em Italiano:

Ato de contrizione: Ó signor, che per amore perdona le anime, perdona anca i me peccati. Vien com noantri governare che iu quero domandar la Tua Grazia. Signor, perdona a tutti per Vostra pura bondà.¹⁵⁸

Quanto à educação sexual, como eram educados os filhos?

Às escuras. Não se falava nada, a gente casava de olhos fechados, mas os casais viviam bem, não conheço nem um caso de infidelidade.

Quanto às relações sociais, como eram as relações entre vizinhos? Que sentimentos eram desenvolvidos entre os mesmos?

Quando se tinha terminado o serviço da casa, se ia visitar os vizinhos, conversar, tomar chimarrão. Tinha também os *filós*, com cantos, jogos, danças, e comidas como pipoca, gróstoli, batata-doce e pinhão, vinho doce. Enquanto os homens jogavam baralho, as mulheres faziam *dressa* e bordavam. As visitas eram freqüentes também quando as mulheres ganhavam nenê. A que ia visitar sempre levava algum presente para a comadre, todo mundo

¹⁵⁸ Ò Senhor, que por amor perdoaste a todas as almas, perdoe os meus pecados. Vem conosco governar, que quero pedir a Vossa graça. Senhor, perdoai-nos por vossa amabilíssima bondade.

levava como roupinhas para o nenê e de acordo com a possibilidade de cada família eram oferecidas bolachas, galinhas, etc. Tinha muita amizade, ajuda, conforto nas horas difíceis.

Quanto à leitura, lembra de ter ouvido quando criança, em sua família histórias de livros trazidos da Itália? Contos, fábulas, lendas.

Me lembro que o pai e a mãe contavam.

A senhora pode narrar agora?

Sim. Então vou contar o milagre de Santo Antônio.

O MILAGRE DE SANTO ANTÔNIO

Existia na época de Santo Antônio um herege que não acreditava na Hóstia Sagrada. E ele disse que iria fazer um teste para poder acreditar que Deus estava presente na Hóstia. Ia deixar um burro por diversos dias sem comida. Depois, deixaria, na frente do burro, um pouco de pastagem e um cálice com a Hóstia Sagrada. Se o burro não fosse comer e se dirigisse ao corpo de Deus, passaria a acreditar. O burro foi colocado diante da comida e uma procissão carregando um cálice com a Hóstia Sagrada se aproximou. O burro cheirou a comida, mas arrebatando a corda se dirigiu à Hóstia e ajoelhou-se. E aquele herege se converteu.

Outra história de Santo Antônio é a seguinte:

Santo Antônio foi pregar nas multidões a palavra de Deus, mas ninguém o ouvia. Ninguém acreditava em suas pregações. Santo Antônio disse à multidão: - Se vocês não querem me ouvir, os peixes do mar virão escutar. E ordenou: - Os homens incrédulos não querem ouvir a voz da verdade. Venham vocês, peixes, ouvir a voz do pastor! E um cardume de peixinhos emergiu no mar e se aproximaram de Santo Antônio.

Além dessa, dona Idalina, conhece outras histórias?

Conheço umas que são fatos reais. Uma diz das artes que faziam:

Existia um rapaz muito arteiro que morava perto de uma família que tinha quatro gurias e na época não tinha luz, só lampião a querosene. O rapaz combinou com seus amigos para assustar as moças da vizinha. Enquanto a família vizinha estava no trabalho, dois rapazes entram na casa das quatro moças e deitaram embaixo das camas das gurias

Então, as moças foram deitar, ouviram uns ruídos sufocados, mas pensaram que fossem gatos. – Parece que tem gatos aqui? Uma delas queria fugir, mas a irmã lhe disse:

- Fique Gioconda, imagine ter medo de gatos! Você é muito medrosa. Ao deitarem novamente, os rapazes acenderam um fósforo embaixo da cama que iluminou todo o quarto. Aos gritos e berros as moças fugiram para o mato.

Outro fato aconteceu com meu marido, ele assistiu.

Era tempo de Guerra, e nessa época não se podia falar italiano. Era proibido e dava cadeia para quem ousasse desobedecer. Meu marido foi levar um grupo de pessoas para Guaporé RS, para registrar suas armas. No grupo tinha um senhor de sobrenome Sotoriva que em língua portuguesa significa “embaixo do monte”. O homem não falava uma palavra em Português e ficou com medo. Quando entrou na delegacia o Sotoriva, o delegado perguntou:

- Seu nome?

- João.

- João de quê?

- Embaixo do monte.

O delegado pede que fale a verdade.

- Não se pode falar em italiano, o que faço?

Eu digo, mas só se o senhor não me prender. Meu sobrenome é Sotoriva, mas como é proibido falar italiano passo me chamar, agora, João embaixo do monte.

A senhora lembra de alguma cantiga de ninar, de roda ou alguma adivinha, brincadeira? Sim, lembro que minha mãe cantava para fazer meus irmãos dormirem:

Siamo sette, siamo sette

Che passeggiamo per qui

Ragazzi e ragazzini

A dormir ora se v`a

Mettite via i giocattoli

I via anche i libretti

Subito a dormire, subito a dormi

*E l'ora.*¹⁵⁹

Sabe alguma cantiga de roda?

Lembro de alguns versos:

Atire um limão verde

Lá na torre de Belém

Pra chamar meu amorzinho

E dizer, vem cá?

Que eu te quero muito bem.

As cantigas meu pai e o padre Aneto Bogni se dedicavam a ensinar para divertir e como meio de desenvolvimento das crianças. Meu pai fazia nos sentar em roda e cantava:

*“Piede, piede piccolo. Piede, piede piccolo, dentro della cappa, della cappa mia, nasconde, occulta el piede, e portelo via.”*¹⁶⁰ Quem não tirava o pé rápido tinha que recitar um versinho.

¹⁵⁹ Somos sete, somos sete que passeamos por aqui. Meninos e menininhos, a dormir ora se vão. Guardem todos os brinquedos e também os seus livrinhos. Logo a dormir, logo a dormir, está na hora.

¹⁶⁰ Pé, pezinho. Pé, pezinho, dentro da capa, da capa minha, esconde, tira o pé e leve-o embora.

Outra era mais ou menos assim, vou tentar te contar:

Cavallino di, de, do

Prendi il ferro che ti dò

Prendi il ferro che ti metto

Per andare a San Galetto

Cavallino no ci era

Era andato allá guerra

Allá guerra iranica

Che faceva suonare la campana

La campana faceva din, don.¹⁶¹

Das adivinhas, lembro de uma em italiano:

Alto, alto, bel vedere, quattrocento cavalieri, co la spata ritirata e la testa ensangüentada¹⁶². O que é? É um pé de cerejeira.

Conheço também alguns dizeres, que falam da responsabilidade na devolução de empréstimos: Se o serrote for e voltar, o serrote irá. Se o serrote for e não voltar, o serrote não irá.

Conhece algum provérbio em língua italiana ou algum canto?

Provérbios não lembro, mas cantos sim, nós sempre cantamos quando nos reunimos no grupo de terceira idade.

¹⁶¹ Cavalinho di, de do, prenda o ferro que te dou. Prenda o ferro que te meto, para andar a São Galeto.

Cavalinho não estava, tinha ido à guerra. À guerra iraniana, que fazia soar o sino, o sino fazia din, don.

¹⁶² Alto, alto, bela vista, quatrocentos cavaleiros, com a espada retirada e a cabeça ensangüentada.

Que cantos conhece e que significados transmitem?

Conheço *El massolin di fior*,¹⁶³ que é uma canção de amor, a América, que conta a história da esperança dos imigrantes, o sofrimento, e *Bella polenta*, que descreve o trabalho do imigrante desde o plantio do milho até a polenta na mesa.

Quem lhe proporcionou os primeiros contatos com o livro?

A família. Na casa do meu pai tinha todo tipo de livro. O pai assinava jornal, tinha uma biblioteca e, pelo fato de ser farmacêutico, recebia informativos, folhetos e outras escritas referentes à farmácia. Qualquer tipo de escrita era lida em nossa casa.

Lembra de algum livro lido?

De pequena as poesias do *Seleta*,¹⁶⁴ e depois, quando adolescente, minhas leituras preferidas eram *A Escrava Isaura* e *As Mil e Uma Noites*, além de livros religiosos e comédias diversas.

A família, nos serões principalmente, costumava fazer leituras e comentá-las?

Sim, o pai mandava ler, explicar o que se tinha entendido e caso não se soubesse, ele mesmo explicava e comentava. Outras vezes, ele mesmo lia e depois contava a história explicando.

Quando mãe, a senhora contava ou lia histórias para seus filhos?

Sim, cantava e incentivava a escrita escrevendo meus próprios poemas, por exemplo.

A senhora escreve poemas?

¹⁶³ O ramalhete de flores.

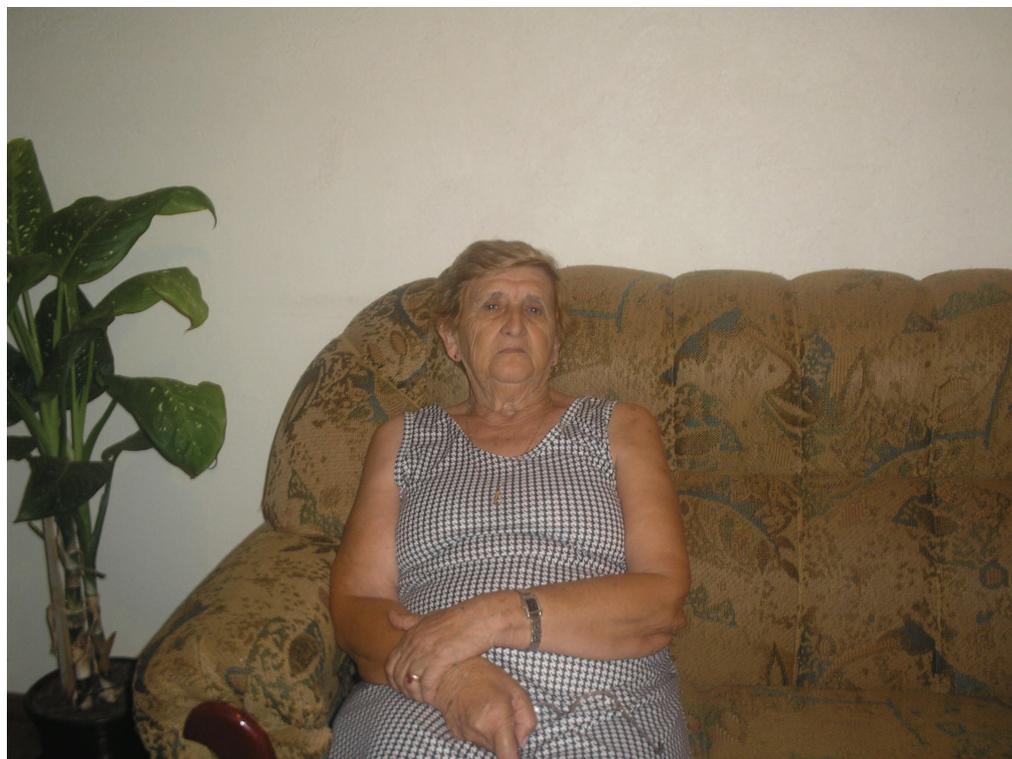
¹⁶⁴ Livro com trechos literários escolhidos de várias obras.

Sim, não só escrevo, mas apresento, declamo na sociedade quando solicitada. Desde os cinco anos que declamo e apresento teatro.

Fale um pouco do teatro.

Desde pequena, incentivada pelo meu pai e tendo o padre Aneto Bogni como instrutor, apresentei teatros. Decorava o texto, ensaiava e apresentava nas diferentes comunidades. O grupo se apresentou em Casca, Guaporé e Veranópolis. Os nomes das peças eram *Cor de Isquiava*¹⁶⁵, *Os Lírios Florescentes* e *Os Dois Sargentos*.

¹⁶⁵ Coração de Escrava.

Entrevistada - 03 - Petronylla Camiloti Franciosi

Dona Petronylla, conta-me um pouco da sua infância. Sua mãe ou familiares costumavam contar histórias?

Era minha avó, que veio da Itália, principalmente que contava histórias e ensinava rezar, ou às vezes o pai que procurava contar história que causasse medo para que nós não se fosse ao encontro do perigo e tivesse cuidado nas lidas com animais domésticos.

Que histórias ouviu com referência a imigração italiana?

A avó contava que ficaram três meses no mar. Quando o navio chegava quase fora do mar, o vento soprava ao contrário e em vez de avançar ele voltava para dentro mar. Ela falava que o navio era enorme e sujo. Os imigrantes que adoeciam e morriam eram jogados

ao mar. A vó contava do desespero das mães de ver seus filhos mortos jogados ao mar. No navio, os imigrantes traziam muitas coisas da Itália: mudas de parreira e vinho. Na viagem do meu pai havia no navio um homem beberrão, foi abrir a torneira do vinho e não conseguiu mais fechar, largando todo o vinho no mar. O nono era acostumado tomar vinho e aqui não tinha. Minha vó dizia que o nono morreu por falta de vinho.

A senhora conhece algum relato com referência à chegada dos imigrantes no Brasil?

A minha família foi morar no mato, em Bento Gonçalves, depois vieram para Casca. O pai e o vô vieram pra cá antes, fizeram uma casa provisória e depois foi buscar a família. Na casa, morava a mãe, os avós e os tios. Mais tarde, construíram outra casa com madeira e tabuinhas para o telhado serradas à mão, com serrote. A casa, em que se morava, tinha duas partes: uma cozinha onde ficava um dos únicos móveis que era o *fogoler*¹⁶⁶ com uma corrente em cima para pendurar as panela e fazer polenta e uma mesa grande com um banco para sentar que era uma tábua bruta. Na cozinha tinha também o *setchèr*¹⁶⁷ para lavar a louça, com água que ia buscar na fonte ou no poço, onde se botava um balde amarrado numa corda, este descia ao poço e voltada cheio de água. Na outra parte, tinha os quartos e a sala. A separação dos quartos com a cozinha era porque, sabe, à fumaça do *fogoler* enfumaçava os quartos, por isso tinham que ficar separados.

A iluminação, naquele tempo, se tinha o *tchiareto*¹⁶⁸ que é uma lamparina a querosene e quando não tinha mais querosene botava um tubinho de pano na banha e se dava fogo. Para o banho, se furava uma lata, se pendurava no alto e se enchia de água a balde. Assim era o nosso tempo! Tudo era bonito, ninguém se queixava e todos obedeciam. Uma palavra do pai chegava para entender. Não é como hoje!

¹⁶⁶ Fogão com uma caixa de madeira preenchida com terra

¹⁶⁷ Pia de madeira

¹⁶⁸ Lamparina

Quanto ao trabalho, conte-me um pouco.

A mulher desde pequena, seis ou sete anos, depois da aula, trabalhava na roça, fazia o trabalho de homem. Para o serviço da casa ficava a vó e uma outra mulher da família para ajudar a remendar, lavar e fazer comida. As roupas eram lavadas no rio, em cima de uma tábua. Para lavar os lençóis, antes se fazia um fogo, esquentava a água e colocava a roupa para amolecer a sujeira, a noite se deixava no sereno e no outro dia se lavava no rio de joelho.

Nas horas de folga, quando não se ia na roça, ou durante o meio dia e a noite, a mulher fazia costuras, bordados, tricô, *dressa para o capel*¹⁶⁹ a mãe ficava até a madrugada, trabalhava e cantava e nós ficava junto. Se fazia com satisfação. Os homens trabalhavam na roça e também matavam porcos para vender só a banha, o couro dava de presente. Se dedicavam, uns, também aos serviços de carpinteiros, serrarias, moinhos e ferrarias. Nós tinha uma casa de pasto e o meu pai, quando casou os filhos, deu de herança uma serraria de cada um. Os homens trabalhavam também, nos dias que não precisava ir à roça, em fazer cercas para o gado e os porcos. O poteiro dos porcos era cercado por taipas¹⁷⁰ e para o gado cercavam com arame.

O que ouviu da sua mãe ou de seus familiares em relação aos costumes trazidos da Itália?

O costumes deles era de ir visitar os amigos. Os *filós* fazia bastante. Se reuniam para tomar vinho, jogar, conversar. As mulheres contavam histórias para os filhos durante os *filós*.

Uma história que eu me lembro é a história dos nenês que vinham do banhado. Elas contavam que as crianças nasciam no banhado e que as comadres, com o cesto de palha,

¹⁶⁹ Chapéu

¹⁷⁰ Cerca de pedra.

traziam para mães e as crianças só podiam ver depois que já estava no quarto. Pensa o que faziam de nós!

Outro costume dos italianos era a administração familiar centrada no pai da família. Ele era o que determinava tudo e os filhos e a mulher tinham que obedecer. Até as compras de roupas para a família eram controladas pelo pai. O pai dizia: - Se precisa comprar eu vou junto. A mulher sempre ia junto, mas quem determinava se devia ou não comprar era o pai. Naquela época, era costume comprar roupas para toda a família e costurar em casa, comprava uma peça para fazer calças, outras para camisas e vestidos. Todos tinham que aceitar.

Era costume também dos nonos dar pros filho um nome sempre acompanhado de apelido. O meu nome, por exemplo, é Petronylla, mas que na Itália corresponde a Pierina, por isso me chamam de Pierina. Apelido para quem se chamava Domingos era Mênico, para José era Bépi, Maria Madalena era Nena e assim por diante.

Quanto aos divertimentos e a ornamentação da casa, a senhora lembra alguma coisa?

Os divertimentos para as crianças eram poucos. Se pegava uma tábua com uma sogá¹⁷¹ e se fazia os balanços. Os brinquedos nós mesmos se fazia. As bonecas eram feitas de panos, espigas e cabelo de milho. No Natal, para receber algum presente, as mãe dizia que era pra fazer limpeza da casa e deixar flores para Nossa Senhora e botar também no fogo um pedaço de lenha grossa para esquentar o menino Jesus, que vinha trazer os presentes pras crianças. Nós, uma vez, fizemos tudo o que a mãe pediu e sabe o que ganhamos? Um colar de bolachas feitas em casa. Isso não é admissível! Era isso que faziam com nós!

As crianças na época da minha infância tinha que obedecer. Até para comer tinha suas exigências, não se comia com os adultos, a vó servia nós antes dos pais chegarem da roça

¹⁷¹ Corda

para que nós não se incomodasse os pais. Quando os pais chegavam em casa, nós ia brincar embaixo das árvores.

Quanto à ornamentação da casa e o namoros e outros costumes?

Na casa era uma pobreza! Tinha uma mesa, toalhas de crochê para enfeitar nos dias de festa e algum pano de parede para decorar a casa. Nunca faltava a decoração com santos e imagens como São Pedro, Nossa Senhora Aparecida e o Sagrado Coração de Jesus. Os pais diziam que os santos ajudavam, era pra ter fé e coragem porque no futuro coisas tristes podiam acontecer e só a fé, a religião podia salvar. Dizia a vó, sentada no chão junto a meu pai e meus tios: *Atenti tosati, pol essere che voaltri non arrivate lá, ma nell'anno duemilla succederanno cose brutte.*¹⁷². Não esqueço essas palavras.

O namoro do nosso tempo não era como agora que tudo é liberdade. Se ia para o terço na comunidade e os rapazes, na volta, acompanhavam a gente até em casa, mas longe um do outro e quando começavam a freqüentar a casa, a mãe ficava na cozinha cuidando. Para namorar precisava ter permissão dos pais. A mãe, por exemplo, não deixava nós ir ao baile sozinhas, com tempo bom ou chuvoso, ela pegava o cavalo e acompanhava por medo que na volta se viesse acompanhadas dos namorados sem ninguém da família com nós.

Os casamentos também eram diferentes. Começava pela manhã com uma refeição na casa da noiva, depois os noivos iam até a igreja junto aos convidados a cavalo. No meu casamento fomos de carro, mas no casamento dos meus irmãos fomos a cavalo. No meio-dia, era servido almoço na casa do noivo, com uma comida diferente da de hoje, nada de churrasco, era sopa e carne de galinha ou porco.

¹⁷² Olhem filhos, vocês talvez não cheguem a ver, mas nos anos dois mil acontecerão coisas tristes.

Os noivos geralmente ficavam morando um ano com os pais, depois ganhavam a herança, dinheiro ou terra etc. Enquanto se ficava morando com a sogra se respeitava, tratava bem. Eu chamava minha sogra de *mama*¹⁷³ e a respeitava muito.

As famílias da época tinham muitos filhos e as mulheres ganhavam os nenês em casa, com as parteiras. Naquele tempo tinha só parteira! Eu ganhei os meus com parteira. Durante a quarentena tinha que tomar só sopa e a mulher que tinha ganhado nenê tinha que receber uma bênção antes de sair de casa. Imagine que a mãe que ganhava nenê, até este ser batizado e ganhar a bênção, não podia sair e visitar os vizinhos porque podia levar nas casas o azar ou coisa que não presta. Só depois que recebia a bênção do padre na igreja é que a mãe podia visitar as pessoas. Já pensou que absurdo!

Quanto aos valores, o que priorizavam? Havia rigidez ou liberdade na educação dos filhos?

Tinha rigidez. Era exigido respeito e obediência aos pais e professores. Os pais não castigavam, mas exigiam e conversavam com os filhos. Olha era assim: os pais iam na escola ver o que os filhos faziam e se eram castigados na escola, diziam: - Se merecia, bem que fez! Os pais queriam os filhos educados, honestos.

A religião como era praticada?

A minha família era Católica, Apostólica e Romana. Não se perdia missa aos domingos. Todos os domingos alguém da família tinha que ir à missa, saía do interior de Casca a pé pra missa na Matriz. Agora se mora perto da igreja e nem se vai à missa. Isso não poderia acontecer!

¹⁷³ Mãe

Mais tarde, quando se tinha cavalos, dois ou três da família iam à missa com as crianças junto. Quem não ia à missa aos domingos, à tarde, tinha que ir ao terço na capela. À noite, principalmente nas visitas da capelinha, se rezava o terço para Nossa Senhora, era comum se fazer novenas também.

Lembra de algum livro de catequese, de cantos de igreja ou rezas trazidos pelos imigrantes?

Não tenho mais, mas na família tinha livros de orações, de vida de santos, de catequese, trazidos da Itália. A mãe me ensinava a catequese e as orações, como o Pai Nosso e Ave Maria, em italiano e eu ensinei o catecismo em italiano para meus irmãos.

Como viviam os casais? Já se vivia na época da imigração a infidelidade?

Na minha época de jovem, quase não tinha separações. Muito diferente de hoje! Hoje se separam por qualquer motivo.

Quanto à leitura, lembra ter ouvido quando criança em sua família histórias de livros trazidos da Itália?

Só lembro que a mãe contava a história do *Naneto Pipeta*, do *Sanguanel*¹⁷⁴ e Romeu e Julieta.

Lembra de alguma cantiga em língua portuguesa ou italiana aprendida com seus pais? Quais?

Para fazer dormir, a mãe cantava Dormi piccolino:

¹⁷⁴ Saci Pererê

- *Nina, nanna piccolino. Nanna che il Bambino vien vederte, Lu vien, lu vien. Nanna che il Bambino vien cederte.*¹⁷⁵ O menino que vinha era o menino Jesus.

Nas brincadeiras de roda com as meninas, se cantava:

- *Gira, gira uma storia. Gira, gira che questa storia le lá sua.*¹⁷⁶

Se apontava para uma menina que tinha que sair e ela saía da roda e tinha que contar sua história. Eu dizia: Quando eu era pequeninha, do tamanho de um botão, papai me carregava no bolso e mamãe no coração. Ou: Quando era pequeninha, não sabia fazer nada, ia na cozinha roubar marmelada. A mãe dizia também: *-Receta bella, so sorella, oceto bel, so fradel, bochetta di frate, din, don el campanel.* O campanel era o nariz.¹⁷⁷

Esses versos tinham um significado especial?

Não, era apenas para se divertir, brincar, tanto com as amigas como com a mãe e também no jogo quem não sabia o verso tinha que sair da brincadeira, então se obrigava aprender versinhos.

Além das cantigas, conhece algum provérbio ou dito popular em língua italiana ou portuguesa? Sim.

*Chi que vol far el paso più longo de la gamba, se sbrega el cavalotto.*¹⁷⁸

*Tuti i gropi riva al petene.*¹⁷⁹ *Com el tempo e la paglia maduramo i nespole.*¹⁸⁰

A senhora conhece algum canto em língua italiana? Qual?

¹⁷⁵ Dome pequenino, dorme que o menino vem visitar-te. Ele vem, ele vem, dorme que o menino vem visitar-te.

¹⁷⁶ Roda, roda uma história, roda, roda que esta história é sua

¹⁷⁷ Orelhinha bonita, sua irmã, olhinho bonito, seu irmão, boquinha de frei, din don no sino

¹⁷⁸ Quem quiser fazer o passo maior que a perna rasga o gancho da calça

¹⁷⁹ Todo nó chega ao pente

¹⁸⁰ Com tempo e palha amadurecem até as néspoles (frutas do mato)

Conheço. *El massolin di fior* e América. Aprendi com a mãe que cantava à noite com os filhos. Sei também o canto da noiva, que diz:

*Cara mamma ecco qui la sposa. Alegria, alegria che incoi é il suo di.*¹⁸¹

Que significado transmitiam esses cantos?

A América fala do sofrimento e da *cucanha*¹⁸² que os imigrantes esperavam encontrar na América. *El massolin de fior* é um canto de namorados que dão flores das montanhas da Itália para as namoradas e o canto da noiva era um canto para homenagear a moça que casava.

Com referência ao livro, quem lhe proporcionou os primeiros contatos com o livro?

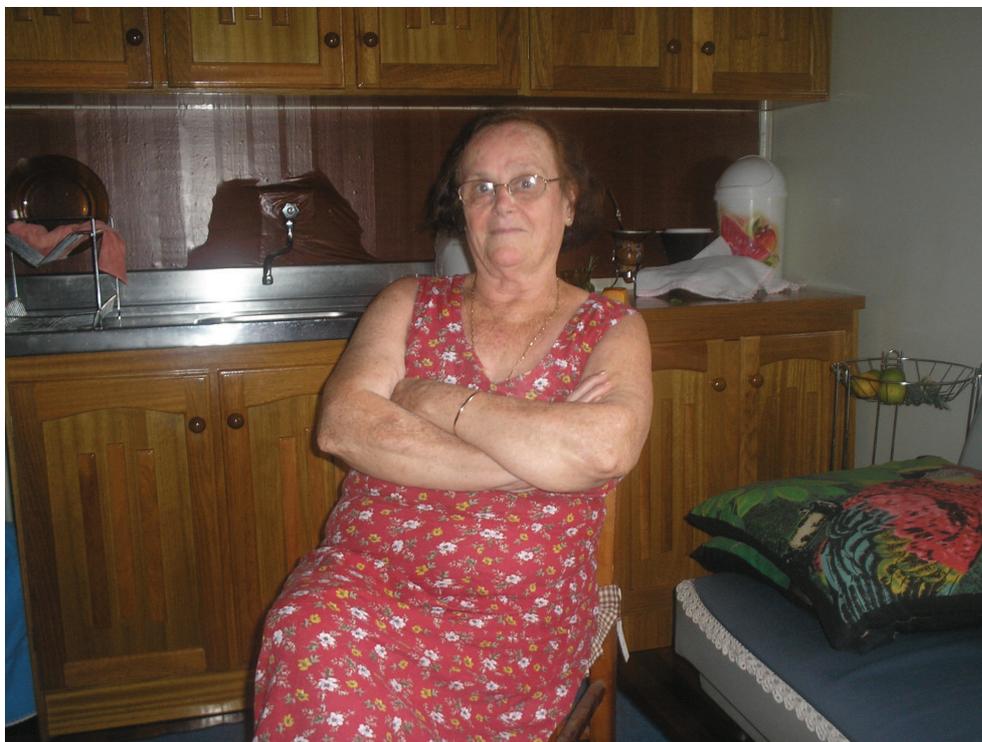
Os livros pra estudar foi à escola que deu. Tinha, na época, a *Seleta*. Em casa eu já tinha livros, mas só os livros de cantos e orações em italiano, e por isso quando cheguei na escola foi difícil, porque só conhecia o italiano e também só falava o italiano. Era costume nas famílias, em casa, falar, rezar e cantar em italiano.

A família, nos serões principalmente, costumava fazer leituras e comentá-las?

Sim, principalmente quando chegava meu irmão que estudava em Guaporé. Ele, à noite, lia as histórias dos livros para nós e explicava.

¹⁸¹ Querida mãe, a noiva está aqui, te alegre que hoje é o seu dia

¹⁸² Fortuna

Entrevistada 04 – Rosa Colferai Tebaldi

Dona Rosa, sua mãe ou familiares costumavam contar histórias?

Ouvi alguma coisa da minha avó. Minha mãe e o meu pai ensinava mais a cantar.

Que histórias ouviu como referência à imigração italiana?

A vó contava que na Itália era muito sofrido, nem queria que se falasse da Itália, porque passou muita fome, tinha muita pobreza. O vô contava que a mãe dele, de manhã quando ele ia trabalhar, botava uma fatia de polenta no bolso. Era a comida para o dia inteiro.

Conhece algum relato com referência à chegada dos imigrantes no Brasil?

Quando chegavam em Porto Alegre, seguiam pra Bento Gonçalves ou Farroupilha onde ganhava uma terra no meio do mato, ganhava a terra do governo. Lá iniciavam a vida, trabalhando manualmente. A principal ferramenta era o serrote puxado a dois, para serrar e cortar o mato.

O que ouviu da sua mãe ou de familiares em relação aos costumes trazidos da Itália?

Os italianos imigrantes gostavam muito de festa, principalmente da dança. Meu vô gostava muito. Mas ia ao baile para se divertir, o que é muito diferente do que acontece hoje. Muitas danças aconteciam nos domingos à tarde junto com outras brincadeiras.

Dona Rosa, além da dança, de que outros costumes lembra?

Era muito comum nas famílias a administração centrada no homem, no marido. Embora a mulher sofresse, mas era o marido que mandava. A mulher tinha que aceitar as decisões calada e caso fosse maltratada não podia falar. Era um escândalo se a mulher falasse que era mal tratada. Por isso que não havia separações na época da imigração, a mulher suportava tudo.

O costume da limpeza e os cuidados da casa também era muito diferente de hoje. Não se tinha sabão em pó, sapólio e outros produtos e era costume fazer uma limpeza mais geral no final de semana. Se lavava a casa com vassoura e água buscada na fonte com baldes de madeira.

Os namoros da minha época seguiam os costumes italianos, nem dava pra chamar de namoro. Podia namorar dez anos que a gente não se conhecia porque era uma conversa de longe, sentar perto era proibido! A mãe vigiava. Se casava sem se conhecer. O namoro era uma estupidez!

Nos casamentos, a noiva depois da cerimônia na igreja tinha que se dirigir à sogra e pedir se ela a aceitava como nora. Quando chegava na casa do noivo, a sogra se preparava, ia perto da nora com uma cadeira para que a ela descesse do cavalo. Ao descer, a nora abraçava a sogra e pedia: - Me aceitas como nora? Outro absurdo se dava com referência à mãe da noiva. A mãe da noiva não podia ir ao casamento da filha, dava azar se fosse, então ficava em casa com algumas amigas. No meu casamento, a mãe não veio. Isso até me dá arrepio.

O casal de noivos ficavam depois de casados na casa dos pais do noivo por algum tempo, até que conseguisse uma terra que era a herança do noivo. A noiva recebia o enxoval, quando casava. Ela tinha que se fazer o enxoval. Se bordava lençóis, *batas*,¹⁸³ alguma toalha de saco de açúcar com crochê e franja. Este era o enxoval! O noivo, uns dias antes do casamento, ia buscar o enxoval de carroça que geralmente era colocado num baú.

E quanto às doenças! Conta-me um pouco

No meu tempo de jovem, a gente ia ao médico, mas era difícil, não tinha carro, tinha que ir a cavalo ou a pé. Se curava com chás e quando alguém quebrava um braço ou uma perna, um prático colocava o osso no lugar e enfaixava. As mães, na época, ganhava nenê com parteiras e tinham que se cuidar quarenta dias depois do parto comendo comidas leves como sopa, por exemplo. A mulher, nesses quarenta dias, não podia tomar banho porque acreditavam que, se molhando, as mães podiam adoecer. Imagine que nem visitar uma família durante a *quarentina*¹⁸⁴ as mulheres podiam. Só se podia sair de casa depois que tinha recebido a bênção do padre que davam no dia do batizado. Neste dia que se ia batizar, entrava na igreja antes os padrinhos e a mãe ficava na porta da igreja, ela só podia entrar quando o padre buscava.

¹⁸³ Camisolas

¹⁸⁴ Quarentena.

Quanto a valores, o que priorizavam? Havia rigidez ou liberdade na educação dos filhos?

Era rigidez fina. Controlavam tudo, só deixava ir ao terço, ao baile não, mas às vezes se fugia. Se saía com um calçado para ir ao terço e se escondia o outro no caminho para ir ao baile. Era rígido! Priorizavam também a educação, a escola. Eu até fui convidada para lecionar numa escola um pouco longe de casa, mas como tinha que parar fora de casa meu pai não deixou, porque filha fora de casa era mal falada.

Dona Rosa, fala-me um pouco da escola.

Eu gostava de ir na escola, mas tinha castigo, punição, batiam com vara. O aluno sempre devia saber a lição de cor senão era castigado. Agora vou te contar uma história que aconteceu com meu marido Tebaldi. Ele foi à escola sem tomar café, levou com ele uma batata-doce de merenda e disse: - Quando me dá fome, vou comer a batata. Mas a professora não permitia que levassem merenda à escola. Um amigo dele contou para a professora: - Olha, o Tebaldi tem uma batata no bolso. A professora tirou a batata-doce e deu umas varadas nas costas. Ele sempre diz: - Me parece de ainda sentir a dor. Os pais da gente não tinham esse costume de reclama com o professor, ficava quieto!

Como era praticada a religião? Lembra de algum livro de catequese ou de cantos trazidos da Itália?

Meu pai era muito religioso. A mãe mais dedicada ao trabalho. Todos os domingos iam à missa a cavalo e todas as noites rezavam o terço com as ladainhas cantadas em italiano. O catecismo também era aprendido em italiano, meu pai ensinava e eu tinha que decorar as respostas. Eu também ensinei catecismo em italiano. Os livros em italiano, o pai tinha muitos, mas foram perdidos.

A senhora ainda sabe as ladainhas em italiano?

Sei as ladainhas, orações, cantos e as respostas do catecismo. Eu gosto muito de cantar em italiano.

Quanto à educação sexual, como eram educados os filhos?

Os pais nunca falavam em sexo. Se casava sem saber nada do que ia acontecer. A mãe nunca falou de onde vinha os filhos. Eu nem sabia, quando casei, quanto tempo de gravidez era necessário para o nenê nascer. Aprendi depois de casada alguma coisa com minha sogra que, ao me ver grávida, começou a me explicar e pedir que me cuidasse.

Como eram as relações entre vizinhos? Que sentimentos eram desenvolvidos entre os mesmos?

Eram boas as relações. Se ajudavam. Quando alguém ficava doente numa família todos ajudava, se visitavam principalmente quando a mulher ganhava nenê. Se fazia quilômetros a pé para ir visitar e levar um presentinho. Geralmente se levava uma galinha para fazer o *brodo*¹⁸⁵ da sopa ou ovos.

A gente se visitava nos *filós*. Nestes se comia, brincava, jogava, conversava. Para a volta se levava um *feraleto*¹⁸⁶ ou tabuinhas, que eram cavaquinhos amarrados em feixe e se botava fogo. Dava uma claridade que era uma beleza! Em casa era diferente, se tinha os *tchietos*¹⁸⁷ para iluminar quando se costurava principalmente.

Quanto à leitura, lembra de ter ouvido quando criança em sua família histórias de livros trazidos da Itália, cantigas, contos etc.?

¹⁸⁵ Caldo.

¹⁸⁶ Lampião.

¹⁸⁷ Lamparina.

Contavam pouco. Ouvi a história de Santa Lúcia que o pai contava. Cantiga de roda que me lembro é a Roda Cotia que servia de diversão.

Conhece algum provérbio, dito popular ou cantos em língua italiana? Quais?

Conheço. Quando tinha uma moça que não encontrava fácil o casamento, as mães diziam: *Non ghe zé carne in becaria, che qualche can o gato non la stracine via.*¹⁸⁸

Lembro de outros provérbios também:

*Prima o ociai, dopo el baston; terza la goba e dopo el casson.*¹⁸⁹

*Tuti ghe piaze veder i mati in piazza, ma che non sai di la so raça*¹⁹⁰

*Speta caval, che la erba la cresce.*¹⁹¹

*Chi gà el difeto gá el suspeto.*¹⁹²

Os cantos conheço vários, e canto até hoje, tanto no coral de cantos italianos como na terceira idade. Conheço: Cavalos que trotam, América, *El massolin di fior*, *Cara biondina* e *Sospiri e pianti*.¹⁹³

Que significados transmitem esses cantos que a senhora citou?

América conta a história e o sofrimento dos imigrantes. *El massolin de fior* e *Cara biondina* são canções de amor, de namorados, paixões, e *Sospiri e pianti* representa o amor não correspondido que faz chorar e sofrer.

Nós, na colônia, se cantava esses cantos quando se ia na roça, na carroça. Se subia o morro e quanto mais devagar os bois iam melhor para nós. Dava pra cantar.

¹⁸⁸ Não existe carne em açougue que algum cachorro ou gato não leve embora.

¹⁸⁹ Antes os óculos, depois a bengala, depois a corcunda e por fim o caixão.

¹⁹⁰ Todos gostam de ver o louco na praça, mas que não seja de sua raça.

¹⁹¹ Espera, cavalo, que a erva cresce.

¹⁹² Quem tem o defeito, suspeita do outro.

¹⁹³ Suspiros e prantos.

Quem lhe proporcionou os primeiros contatos com o livro?

Em casa. O pai. gostava de ler, principalmente jornal, adorava. Lia e ensinava pra nós.

Quando criança, além do livro da escola, havia em sua casa algum material de leitura? Qual?

Tinha a Seleta, tinha jornal, a pedra em que se escrevia, o livro de catecismo, livros de vida de santos e a Bíblia.

Dona Rosa, seus pais liam para os filhos ouvirem histórias ou contavam oralmente?

Contavam um pouco e por isso eu também contava pouco para meus filhos. O que mais se fazia nas reuniões em família era rezar e cantar em língua italiana.

Entrevistada 05 - Maria Ana D'Agostini Bettinelli

Dona Maria, sua mãe ou familiares costumavam contar histórias?

Sim, contavam.

Que histórias ouviu com referência à imigração italiana?

Contavam que quando vieram para a América de navio partiram da Itália sem data para chegar ao Brasil porque os navios que traziam imigrantes eram velhos e conforme o vento soprava avançavam, iam para frente ou para trás, por isso ficava muito tempo no mar. Devido ao balanço e a peste, morria muita gente e eram jogados ao mar. Imagine o sofrimento em ver os familiares jogados ao mar!

Conhece algum relato com referência à chegada dos imigrantes no Brasil?

Logo que chegaram não se bem, mas depois meus familiares vieram uns para Nova Bassano e outros para Guaporé.

Quando chegaram, não tinha nada. Dormiam no chão até se instalar. Usavam umas ferramentas que trouxeram da Itália para começar construir os ranchos. Aqui, só tinha mato, se apavoravam com a nova terra, tão diferente daquela que estavam acostumados na Itália. Tinha bichos e eram um perigo, para se proteger faziam fogo, o fogo era um sinal, não deixava os bichos selvagens se aproximar deles. Construía a moradia cortando pinheiros com serrote e faziam tabuinhas a mão para cobrir a casa. As casas eram de tábuas brutas e com frestas que passava o vento. Casas mal feitas!

Certo dia, uma criança da minha família foi buscar água e uma cobra mordeu e na época não tinha médicos, mas meu avô, que era muito católico, amarrou a perna e deixou a criança na cama. Sem socorro! Ele ficou a noite inteira ao lado rezando e dizia que iria se salvar e a menina melhorou. Foi a fé que curou a menina.

Meu vô era muito católico, todos os sábados, eu me lembro porque ia lá, se trancava no quarto o dia inteiro, ficava rezando e fazendo abstinência de carne. Rezava e lia a Bíblia que trouxe da Itália. Lia escondido porque era proibida a leitura da Bíblia na época. Como tinha fé, quando dava algum problema, perda de produção, vendavais, tempestades, por exemplo, meu avô assobiava e cantava, enquanto que a avó ficava furiosa, chorava e pensava que ele era louco. Mas ele dizia para a esposa: - *Tazi su veccia che mi só cosa che fao. Dio non me dassa perché go fede.*¹⁹⁴ Como falava acontecia.

A senhora estava falando antes das primeiras dificuldades encontradas. Fale um pouco mais das dificuldades quanto ao trabalho.

¹⁹⁴ Velha, cale que eu sei o que faço. Tenho fé e Deus não me abandona.

Além do trabalho agrícola manual era comum instalar serrarias e moinhos. O meu pai tinha serraria, iniciada com as ferramentas que trouxe da Itália, depois foi produzindo mais e foi ampliando. Eu não trabalhava na roça como as demais meninas da época, então diziam que eu era delicada, meus tios diziam que eu era luxenta e para me provocar atiravam em mim bosta de vaca e diziam: - *Nhanca la merda di vaca se ferma nel tuo pie.*¹⁹⁵ Na época, os que trabalhavam na agricultura ou viviam na roça eram vistos com outros olhos. Mas eu estava sempre bem ajeitada, me parece ainda estar lá naqueles canteiros da horta.

O que ouvi, de sua mãe ou familiares em relação aos costumes trazidos da Itália?

- Em que sentido?

- Quanto à administração familiar, ornamentação da casa, namoros, casamentos lutos, festas, danças etc.

A casa quem administrava era o homem, o pai de família no caso. As diversões eram mais para os homens, porque a mulher ficava no serviço da casa, trabalhava e cuidava dos filhos, não tinha o direito de se divertir. Os homens, meu pai, por exemplo, se reunia, brincava, conversava, ficava se divertindo, tomavam vinho, mas a mulher bem menos. Só se ia até os vizinhos, mas se voltava cedo pra fazer a polenta e se tinha namorado ele saía antes da janta. Não era costume ficar pra jantar.

O namoro era vigiado pela mãe, não se tinha liberdade. Nos encontros, um sentava de um lado da mesa e o outro do outro lado. Se o rapaz demorava um pouco para sair da casa minha mãe, que ficava na cozinha e cansava, começava a fazer barulho e tocar os gatos pra fora que servia de aviso, era hora de sair. Quando eu namorava, a minha mãe chegava a espiar por baixo da cortina pra ver se os nossos pés estavam perto. Me lembro até da cortina!

¹⁹⁵ Nem o resíduo de animal para em seus pés.

No baile, só se ia se acompanhados. Um dia, já com vinte anos, saí de casa e vim para uma festa, em cima da carroceria de um caminhão e quando cheguei em casa, meu pai xingou a mãe porque tinha me deixado sair sozinha.

Para o casamento, não era qualquer candidato que servisse para os pais italianos. Os pais meus exigiam que o rapaz tivesse alguma profissão, se era pobre, sem condições pra melhora, os pais não permitiam o casamento. Dizia meu pai: - Esse não serve para ti, vai morar embaixo do chapéu?

Os enfeites da casa, na minha época de criança, eram bem simples. Tinha o costume italiano de pendurar na parede alguns panos bordados, quardanapos nos paineleiros e alguma imagem de santo. De móveis tinha uma pia de madeira, bancas para sentar e varetas para pendurar as roupas. Eu gostava de deixar tudo arrumado, queria deixar sempre tudo arrumado, fazer tudo em pouco tempo e minha mãe dizia: *Piano, um poco al giorno.*¹⁹⁶

Nos casamentos, era costume a festa começar de manhã na casa da noiva com um café. Depois iam à igreja geralmente a cavalo. Depois da cerimônia toda a gente ia a um bar para tomar refrigerante e, só mais tarde, o almoço era servido na casa do noivo, sendo que a festa dava continuidade com um baile à noite.

A mãe não ia no casamento da filha. Não era costume! Até hoje me lembro e me dá pena da minha mãe. Penso hoje, por que essa burrice!

Era costume também os noivos, no primeiro ano depois do casamento, ficar morando na casa do sogro, com os pais do noivo, mas eu não fiquei, não quis. Ficavam até conseguir uma casinha pra morar.

Como eram essas casinhas? Bem simples, geralmente os móveis se reduziam em algum guarda-roupa, pia e mesa. Não tinha banheiro dentro de casa e sim a patente fora de casa que

¹⁹⁶ Devagar, um pouco por dia.

era uma casinha com uma abertura na terra para depósito das fezes. À noite, não se ia à patente, tinha o penico.¹⁹⁷

Outro costume dos italianos era o respeito ao luto, quando morria alguém da família, não se podia ir para as festas e bailes e se ficava sempre vestidos de preto, durante um ano.

Quanto aos valores, o que priorizavam? Havia rigidez ou liberdade na educação dos filhos?

Rigidez. As crianças, me lembro, não se podia ficar na casa ouvindo a conversa dos mais velhos. Era proibido. Se casava sem saber nada. As moças eram educadas de tal maneira que incutiam nelas que ao passar os vinte anos não arrumavam mais marido porque estavam muito velhas. Então, casavam meninas inocentes, tímidas, que não foi o meu caso. Não se entendia de nada principalmente sobre sexo, gravidez. Ao casar, por qualquer coisa a gente ficava espantada e admirada.

A educação era rígida e escondiam, ocultavam tudo. Isso não foi bom, podia ter sido uma vida alegre e, no entanto, se vivia com medo e dúvidas. Também com a gravidez tinha muita rigidez. Não aceitava! Se a moça solteira engravidasse eram capazes de tirar a gente da casa e mandar embora. Viam o sexo como um pecado, a mãe que ganhasse era considerada impura até não receber uma bênção. Para entrar na igreja, tinha que esperar o padre na escadaria, ou na porta e ele vinha com uma água benta e jogava na mulher-mãe. Só depois da bênção dava para entrar. Nas casas dos vizinhos, antes da bênção, não se entrava. O sexo era visto como pecado, vergonha. Imagine que muita gente cobria as imagens de santos antes de fazer sexo! Não tinha luz e ainda, por medo, cobriam os santos. Imagine a cena!

¹⁹⁷ Urinol

Como viviam os casais? Já se vivia, na época da imigração, a infidelidade?

Já se vivia sim. Me lembro que meu pai tinha um empregado que a mulher fugiu com outro. O marido dela viu eles fugirem e chamou ingenuamente a mulher dizendo: - *Me vuto ou resti con Nato?*¹⁹⁸ Em casa, os pais não brigavam na frente da gente, mas se via, em certos casos, já alguma coisa diferente. Existia sim a infidelidade.

Quanto à religião, como era praticada? Lembra de algum livro de catecismo, de cantos de igreja ou rezas trazidos pelos imigrantes?

A reza do terço à noite não podia faltar e a missa nos domingos também não. O pai e a mãe assistiam a primeira missa e os filhos a segunda. À tarde, era costume as moças, de *abraceto*,¹⁹⁹ caminhar e parar nas sombras disfarçadamente, em frente a grupos de rapazes pra ver se arrumava namorados, mas só se podia sair com essas amigas se antes a gente tinha assistido o terço.

Dos livros em italiano não lembro, só me lembro de alguns livros de santos, das ladainhas e do terço rezado em língua italiana, eu sabia e rezava, junto à família.

Como eram as relações entre vizinhos? Que sentimentos eram desenvolvidos entre os mesmos?

Era assim: os vizinhos, independente de raça, formavam uma família só, devido que não eram muitos os vizinhos. A gente se respeitava muito. Era muito comum, entre as famílias, serem compadres por duas ou três vezes. Se respeitavam e se chamavam por compadre e comadre. Os *filós* também se fazia, era difícil uma noite que não tinha. Me lembro que se ia com um feixinho de ripas para fazer fogo e iluminar o caminho, se fazia quilômetros na colônia para visitar, porque tinham convidado para tomar vinho doce ou

¹⁹⁸ Queres a mim ou ficas com Renato?

¹⁹⁹ Abraçadas

comer batatas. Era uma alegria na estrada, conversa, piada, brincadeiras. As crianças dormiam durante os *filós*, em baixo da mesa, no chão, mas ninguém se importava. Tempos bons! Outro costume era o de ir almoçar na casa dos vizinhos, ficar o dia com eles e, ao chegar a hora da volta, os visitados mandavam os filhos com a carroça levar as visitas para casa. A passarinhada com polenta se fazia também muitas vezes. Hoje ninguém mais tem tempo. Todos precisam trabalhar e a TV é mais interessante!

Quanto à leitura, lembra de ter ouvido quando criança em sua família histórias de livros trazidos da Itália? Contos, fábulas, lendas.

Vi um livro, não lembro se era da Itália, mas contava o seguinte:

NICOLAU

Nicolau tinha dois filhos e uma esposa compreensiva. Levavam a vida com total fé em Deus. Nicolau, sempre quando acontecia alguma desgraça ou alguma coisa desagradável, agradecia a Deus, porque podia ter sido pior. Começou assim a história: Faleceu um filho de Nicolau e ele consolava a mulher dizendo que não podia ficar triste porque Deus não desampara, ajuda em outro sentido. Aí morreu o outro filho. Imagine a dor! Mas Nicolau não se revoltou. A mulher ficou doente e morreu. – Jesus, dizia Nicolau, tem meus filhos e a minha mulher, estou sofrendo, mas tenho a certeza que cuida bem deles lá.

Daí a um certo tempo, Nicolau foi trabalhar, rolou uma tora e perdeu uma perna. Mesmo assim ele dizia: - Obrigado Senhor porque ainda tenho uma perna e consegui muletas para andar.

Um tempo depois, Nicolau faleceu. Chegou no céu e viu os dois filhos alegres e a mulher, tão bela, que se assemelhava a Nossa Senhora. –Jesus, disse Nicolau, como o Senhor é bom, O Senhor é maravilhoso! Se ajoelhou e dizia: - Cuidou muito bem dos meus filhos e

da minha esposa, muito obrigado. E os dois filhos e a esposa e Jesus foram ao encontro de Nicolau de braços abertos.

Era uma história que o pai contava em italiano. O pai contava essas histórias e comentava para dar exemplos.

Que outras histórias a senhora ouviu na infância?

Não lembro bem, mas eu tenho por escrito umas piadas em língua italiana:

LE COMARE

Tel corridoio dea casa, due comare le se ga cata, e le ciàcola:

- *Comare, cosa feto col aqua che te ghè tea sécia?*

- *Lavo le man, parché go ciapà tel osel del me moroso, ze stá el prete che ma ga manda!- Allora, no sta trar via l'aqua, che mi vui far gargarejo!*²⁰⁰

EL FA PI FIOI

La dona la zé rivada casa con um bel caval, e el so fiol ghe domanda:

- *Mama, ghetto guadagnà de me pare chel caval li?*

- *Che to pare! Fusse par lu, no te gavaria guadagná gnanca ti!*²⁰¹

Conhece alguns provérbios, ou ditos populares em íngua italiana?

*Sim. Piova de veron, benedetti chi la gá.*²⁰² *El meio color é el moreto, perché el bianco vá el vien e el moreto se mantien*²⁰³

²⁰⁰ No corredor de uma casa, duas comadres se encontraram e conversaram: - Comadre, o que faz com a água que tem no balde? – Lavo as mãos, porque peguei o passarinho do meu namorado, foi o padre que me mandou.

–Então, não jogue fora a água que eu quero fazer gargarejos!

²⁰¹ A mulher chegou em casa com um bonito cavalo, e o filho lhe pergunta: - Mãe, ganhou do meu pai esse cavalo aí?

– Que teu pai! Fosse por ele, não teria ganhado nem a ti.

²⁰² Chuva de verão, benditos quem a tem.

²⁰³ A melhor cor é a morena, porque o branco vai e vem e o moreno se mantém.

Conhece algum canto em língua italiana? Qual?

El massolin di fior e Tchau amore

Quem lhe proporcionou os primeiros contatos com o livro?

Em casa. Foi meu pai. Ele tinha o catecismo, jornais e algum livro.

A família, nos serões principalmente, costumava fazer leituras e comentá-las?

Não comentavam muito, mais contavam as histórias para os filhos e eu também contava para os meus filhos aquelas que aprendi com o pai e a mãe.

Entrevistada 06 – Josefina Spagnol Klanovics



Dona Josefina, sua mãe ou familiares costumavam contar histórias?

Sim, o pai principalmente que era muito divertido.

Que história ouviu com referência à imigração italiana?

O que ouvi e me impressionou foi que diziam que os italianos na Itália viviam em estrebarias, junto a animais, para se esquentar se não morriam de frio. Com o esterco dos animais fazia fogo porque não tinham lenha e, assim mesmo, viviam em paz, faziam *filós* e festas nestas estrebarias. A pobreza dos avós, quando ainda moravam na Itália, era tanta que chega dar arrepio ao contar. A fome era muita, comia polenta e *radíci*, quando tinha. Os

ossos para a sopa, eram emprestados. Uma família fazia a sopa, guardava os ossos para emprestar ou dar ao vizinho para ele também fazer a sopa.

Conhece algum relato com referência à chegada dos imigrantes no Brasil?

Sim, quando chegava eram conduzidos para Bento Gonçalves ou Muçum onde recebiam suas terras. Para lá, os adultos seguiam a pé e as crianças em *cargueiros*.²⁰⁴ Diziam que ganhavam as terras, mas era pura ilusão, tinham que pagar com o próprio trabalho, geralmente abrindo estradas para o governo.

Quais as primeiras dificuldades encontradas na terra nova e ao chegarem a Casca?

Não tinham onde morar, construía suas casas, antes provisórias, de taquara e capim geralmente, depois definitivas, construídas com porão e sobrado, serrando madeira manualmente. Não tinham conforto nenhum, os únicos móveis que compravam ou faziam era: um baú, um *taolim*²⁰⁵ o *fogoler*, uma mesa grande e uns bancos para sentar feitas de madeira por eles mesmos. Não tinha, no início, estradas abertas para o transporte de mercadorias, os imigrantes abriam a facção.

O que ouviu, de sua mãe ou de seus familiares, em relação aos costumes trazidos da Itália?

Um dos costumes era dar aos filhos os nomes de Santos. Quando iam batizar, o padre exigia. O meu nome, por exemplo, é Josefina porque nasci no dia de São José. Os nomes mais comuns que os imigrantes davam aos seus filhos eram Ângelo, Maria, Tereza, José e outros, mas sempre acompanhados de apelidos. José chamavam de *Bépi*, Maria de Marieta e a mais nova de Bambina. Outros costumes trazidos são os costumes de dançar, jogar, blasfemar e rezar. Os imigrantes gostavam muito de jogar principalmente cartas, mora e

²⁰⁴ Balaies de taquaras amarrados colocados um de cada lado do cavalo.

²⁰⁵ Pequena mesa de madeira

bochas. Nas danças, tinha, entre outras, a chamada Tarantela que o grupo de danças italianas de Casca dança até hoje.

Dona Josefina, como era a dança da tarantela?

É uma dança que veio da Itália, dizem que o nome vem de uma lenda. Contavam os avôs que na Itália tinha aranhas que se chamavam Tarântulas. A picada desta aranha causava muito dor que fazia o doente pular e dançar pra se livrar da dor, expulsar a dor do corpo. Conta a lenda que para o doente melhorar tinha que dançar a música Tarantela. E esta dança se tornou tradicional nas festas dos italianos. É uma dança que dançam em roda, com vários pares, com movimentos rápidos e animados. Pulam, saltam que dá a impressão que estão se livrando de alguma coisa.

Quanto aos valores, o que priorizavam? Havia rigidez ou liberdade na educação dos filhos?

Tinha rigidez. Valorizavam a religião principalmente. Toda a gente tinha que aprender o catecismo em italiano, na época. Exigiam que se rezasse do terço todas as noites, com mistérios e ladainhas. Valorizavam também a educação escolar, exigiam dos filhos respeito com o professor e demais pessoas. A honestidade, as boas relações os pais queriam e, muitas vezes, através de histórias, faziam aprender a dividir e ensinavam que nunca se deve roubar e não creditar em Deus.

A senhora falou na prática da religião. Lembra de ter visto algum livro de catequese, de canto de igreja ou rezas, trazido pelos imigrantes?

Livros em italiano, meu pai tinha os de catequese e a Escritura Sagrada que minha mãe lia para os filhos. Hoje, já não existem. Mais tarde, eu comprei o *Naneto pipeta*.

Na educação sexual, como eram educados os filhos em sua época de criança?

Não falavam nada para os filhos sobre sexo. As comadres quando falavam em sexo mandava as crianças sair pra brincar. Eu fiquei sabendo alguma coisa pelas minhas irmãs mais velhas, mas na verdade fiquei adulta sem saber o que era menstruação.

A senhora falou que as crianças não podiam ouvir as conversas dos adultos. Fale um pouco do tratamento dado às crianças.

As crianças geralmente não podiam ouvir as conversas dos adultos e quando chegava alguma visita nem precisavam mandar sair, nós já se sabia que era para sair. Nas famílias numerosas da minha época, quando o espaço era pouco nas mesas, as crianças comiam separadas dos adultos.

Como viviam os casais? Já se vivia, na época da imigração, a infidelidade?

Não tinha separações. Nem sempre viviam bem, suportavam tudo, principalmente a mulher, mas isso devido ao juramento feito na igreja de viver juntos até a morte. Separar-se era pecado, era vergonhoso na sociedade da época. Os casais tinham medo do pecado e daquilo que os outros dizia, por isso não se separava.

Como eram as relações entre os vizinhos e que sentimentos eram desenvolvidos entre os mesmos?

As relações eram muito diferentes de hoje que é cada um para si e Deus para todos. Na minha época de criança principalmente tinha, entre os vizinhos, ajuda, amizade e se visitava também. Lembro que minha mãe, quando ficava sabendo que tinha algum vizinho doente, já fazia uma cesta de pão para que a família do doente não tivesse muito trabalho e ficasse pra cuidar o doente.

Quanto à leitura, lembra de ter ouvido, quando criança em sua família, histórias de livros trazidos da Itália?

Lembro de algumas histórias, sim. Lembro da história do *Sanguanel*²⁰⁶ que corria atrás dos cavalos e fazia nós nas crinas, a história de Joãozinho Afilhado do Rei, *Oseleto bel in oro*²⁰⁷ e a história da Genoveva e a da Menina das Laranjas. Conto o que me lembro e Genoveva e a Menina das laranjas te dou por escrito. É muito comprida.

JOÃOZINHO AFILHADO DO REI

Joãozinho era um menino muito esperto e queria casar com a filha do rei, que era seu padrinho. O rei soube e botou o afilhado na prova, porque queria um genro que sabia se defender na vida. O rei falou a Joãozinho: - Tu só vai casar com minha filha se conseguir roubar um cavalo meu. Na frente da estrebaria dos cavalos tinha um mundo de guardas. Joãozinho pegou um garrafão de cachaça, fez os guardas beber e eles caíram no sono. O menino pegou o cavalo, encilhou e foi embora de mansinho. Na manhã seguinte, passou na frente do palácio gritando: - Aqui está o cavalo, pode me dar a filha! Mas o rei queria mais uma prova de coragem e criatividade: - Só te dou a filha se tirar o anel da rainha e levar o lençol da cama que ela está deitada em cima.

Durante o dia, Joãozinho foi até o cemitério, tirou uma vovó da cova, amarrou a avó em umas ripas e, de noite, colocou ela bem perto da janela do quarto do rei. O rei viu o defunto recém enterrado, reconheceu e saiu correndo pra novamente levar a avó no cemitério. Enquanto isso, o rapaz entrou no quarto do rei e quando viu a rainha dormindo, tirou o anel do dedo e depois devagar, tirou também o lençol dela. De manhã, passou a galope na frente do palácio mostrando o anel e o lençol.

O rei, daí, permitiu o casamento de sua filha com Joãozinho.

²⁰⁶ Saci Pererê

²⁰⁷ O passarinho bonito em ouro.

GENOVEVA

Vivia, há muitos anos, na Germânia um Duque chamado Brabante, que foi salvo na guerra pelo conde Segefredo. Para compensar, o conde Brabante ofereceu sua filha Genoveva para esposa.

Genoveva era uma moça muito querida por todos, era generosa e compreensiva com os pobres. O conde e Genoveva casaram e foram morar num belo castelo e viveram felizes por alguns anos.

Certo dia, Segefredo parte novamente para a guerra e Genoveva fica a chorar e a rezar por ele. O conde confia a administração do palácio ao empregado Golo. O empregado apaixonou-se por Genoveva e passa a seduzi-la, mas Genoveva não cede à vontade de Golo. Para se vingar, Golo escreve uma carta a Segefredo caluniando a rainha de prostituta e a prende numa torre imunda. Na torre, entre trapos e comidas mofadas, Genoveva, que esperava um filho do conde, ganha nenê sozinha e rasga um vestido para enrolá-lo.

O conde, ao receber a carta de Golo, pede para matar Genoveva e o filho Moacir. Uma menina chamada Berta, ao saber da triste notícia, corre até a torre e conta a Genoveva. A rainha Genoveva escreve uma carta ao marido dizendo da sua inocência e da má intenção de Golo. Na carta de despedida, Genoveva pede ao marido para que, ao saber da verdade, não condene Golo, mas o perdoe como Jesus perdoa a todos. A carta foi entregue à Berta e solicitado que a entregasse a Segefredo na sua volta para casa.

Chegaram os carrascos para matar Genoveva e Moacir. Levaram eles para a floresta, mas Genoveva suplicou que os deixassem viver, pois ela era inocente e o filho também não podia morrer sem culpa nenhuma. Os carrascos, comovidos pelas lágrimas e súplicas, desistiram do crime e para provar que tinham matado Genoveva, levaram a Golo os olhos do cachorro dizendo ser os de Genoveva.

Genoveva na floresta encontra uma gruta e lá passa a viver, alimentando-se de raízes de árvores e frutos. O menino com fome estava sofrendo muito. Genoveva suplica a Deus um meio para salvar o filho e aparece uma corça para dar de mamar ao menino Moacir.

Genoveva e Moacir viveram vestidos de peles de animais encontrados mortos, mas passaram muito frio e muita fome. Um dia Genoveva, após sete anos que morava na floresta, adoeceu e ao ver que ia morrer contou sua história ao filho dizendo quem era seu pai e, caso ela morresse, ele devia procurar o rei, seu pai. A rainha não podia procurar o marido porque tinha prometido aos carrascos nunca mais voltar ao palácio para não comprometer a eles.

Segfredo voltou da guerra com vida e, ao chegar, os empregados contaram da morte da esposa e filho e também da inocência de Genoveva. Berta, ao ver o conde chegar, entrega a carta de Genoveva, ao ler a carta, Segfredo se convenceu de ter matado inocentes por causa de Golo, mas não podia condenar o empregado, porque a esposa, que considerava morta, lhe pediu para não o fazer.

O conde vivia muito triste, o crime cometido injustamente não deixava ele em paz. Os vizinhos, ao ver Segfredo angustiado, tentaram um meio de reanimá-lo. Os vizinhos convidaram o conde para uma caçada na floresta e vários homens foram com ele. Ao chegar lá, o conde avistou uma corça que seguiu em direção a uma gruta. Segfredo segue na mesma direção na tentativa de matar o bicho. Ao chegar na gruta onde a corça se abrigou, o conde vê uma mulher maltrapilha e doente. A mulher o reconhece e o chama: - Segfredo, meu marido, você voltou vivo! Se abraçaram e, junto com a mulher e o filho, Segfredo se ajoelha e pede perdão. Uma grande festa aconteceu no palácio com a chegada de Genoveva, Moacir e Segfredo.

Golo, embora não foi condenado à morte, viveu infeliz. Enlouqueceu e passou o resto da vida gritando: - Maldita a hora que me afastei de Deus!

A MENINA DAS LARANJAS

Era uma vez uma menina bem pobre que se deslocava do campo para a cidade para vender laranjas a cavalo. No caminho encontrou uma senhora que lhe diz: - Menina, estou com fome, me dá uma laranja? A menina, sem coração, responde: - Não dou, são minhas. Disse a mulher: - Irás à cidade, não venderás nenhuma e voltarás com o saco cheio de pedras. A menina não conseguiu vender e, ao chegar em casa, abriu o saco e encontrou pedras no lugar das laranjas. No dia seguinte, a menina má foi novamente à cidade para vender laranjas. A mulher apareceu e lhe fez a mesma pergunta: - Menina, estou com fome, me dá uma laranja? E a menina novamente nega a laranja. A mulher lhe disse: - Irás à cidade, não venderás nem uma e voltarás com o saco cheio de cobras. A menina tentou, tentou vender, em famílias diferentes das que tinha visitado no dia anterior, mas ninguém quis comprar. A menina das laranjas foi para casa, abriu o saco e no lugar das laranjas saltaram cobras venenosas. Apavorada não quis mais ir à cidade vender. A sua irmã, que era muito querida e generosa, assumiu o lugar da menina má, foi à cidade para tentar vender as laranjas porque eram muito necessitados. No caminho encontra a mulher de sempre que lhe pede: - Menina, me dá uma laranja? Estou com fome! A menina que se chamava Lúcia desceu do cavalo, abriu o saco e lhe disse: - Podes pegar quantas quiser. A mulher lhe falou: - Irás à cidade, venderás tudo e, ao voltar, encontrarás o saco cheio de dinheiro. Lúcia conseguiu vender tudo. Voltando contente a cantarolar, vê a mulher novamente e essa diz: - Lúcia desça rápido do cavalo, vamos verificar o saco em que continha as laranjas. A menina abre o saco e o vê recheado de dinheiro. Surpresa diz: - O que é isso? A mulher abre os braços e se identifica: - Sou a madrinha Nossa Senhora.

Além dessas histórias, conhece alguma cantiga?

Lembro das que cantava e brincava quando eu era criança. A roda cotia, a Ciranda Cirandinha e de outra que é a cantiga de roda das meninas ricas e pobres. Nessa brincadeira se formava uma fileira de meninas ricas e outra de meninas pobres e se começava a cantar o seguinte:

- Eu sou pobre, pobre, pobre, vamos embora.

- Eu sou rica, rica, rica, quero ficar.

Uma das meninas pobres falava pras ricas: - Quero comprar uma menina! As ricas respondiam: - E que serviço dá pra ela? - Será lavadeira, ou costureira, enfermeira, etc. E assim se ia repetindo o jogo e aprendendo o nome de profissões. No mesmo tempo que se brincava se aprendia.

Conhece alguns provérbios ou ditos populares em língua italiana?

Conheço alguns sim, são os seguintes:

*Mai far el passo più longo che la gamba.*²⁰⁸ *Bronze coerte le bruza le traversse.*²⁰⁹
*Benedetta la mia casa, per pezo che sia.*²¹⁰ *Beati i ùltimi se i primi gà creanza.*²¹¹ *Can che sbaia no morsega mia.*²¹² *Chi ride per ultimo, ride méio.*²¹³ *Libri, done e cavai, no si empresta mai.*²¹⁴ *Là morte della piegora, salute di cani.*²¹⁵ *Rosso allá será, bom tempo se siera.*²¹⁶

Dona Josefina, a senhora conhece algum canto em língua italiana?

Conheço e sei cantar em italiano. Conheço *Bela Violeta, Là verginela e Là Bela polenta.*

²⁰⁸ Nunca fazer o passo maior que a perna.

²⁰⁹ Brasas escondidas queimam os aventais.

²¹⁰ Por mais triste ou feia que seja, bendita a minha casa.

²¹¹ Benditos os últimos se os primeiros têm educação.

²¹² Cachorro que late não morde.

²¹³ Ri melhor quem ri por último.

²¹⁴ Livros, mulheres e cavalos não se emprestam nunca.

²¹⁵ A morte da ovelha, saúde dos cachorros.

²¹⁶ Vermelho ao anoitecer, bom tempo se espera.

Que significados transmitem esses cantos?

Bela Violeta transmite o pavor da guerra. Uma moça sonhava que seu namorado ia pra guerra e ia levar ela com ele. *Là verginela* diz que, como é difícil encontrar moças virgens para casar, pelo menos que sejam bonitas.

Quem lhe proporcionou o contato com os cantos e com os livros?

Com os cantos meus pais e com os livros as minhas irmãs mais velhas. Elas que liam e contava o que liam.

Quando criança, além do livro da escola, havia em sua casa algum material de leitura?

Sim, tinha o Jornal Estafeta que hoje é o Jornal Riograndense e tinha também a História Sagrada e livros de rezas e outros de fundo religioso em língua italiana.

A família, nos serões principalmente, costumava fazer leituras e comentá-las?

As minhas irmãs comentavam alguma coisa, mas o que mais se fazia era contar alguma história e principalmente piadas. Eu também quando tinha os meus filhos pequenos brincava com eles à noite, contava história e quando eles tinha que fazer teatro na escola ensaiava com eles.

Entrevistada - 07 - Gládis Regina Zandoná Lima

Dona Gládis, sua mãe ou familiares costumavam contar história? Que histórias ouviu com referência a imigração italiana?

Sim, contavam. Mas não me lembro bem. Conheço só superficialmente. Contavam que vieram de Gênova, com um navio a vapor e que era uma viagem muito sofrida. Desembarcaram em Porto Alegre. Foram para Alfredo Chaves, hoje Veranópolis. Receberam terra e se dedicavam ao trabalho da roça e meu avô tinha uma relojoaria. Enfrentaram as dificuldades que todos os italianos enfrentaram. O transporte era a cavalo e depois adquiriram carroças. Automóveis nem pensar!

O que você ouviu da sua mãe ou de seus familiares em relações aos costumes trazidos da Itália?

Costumavam se ajudar entre si, havia união, inclusive no trabalho. Visitavam-se fazendo serões. Geralmente quando as mães ganhavam filhos eram ajudadas pelos vizinhos mais próximos, até que tinha crianças pequenas eles dividiam as dificuldades encontradas.

A casa quem administrava era o pai, o chefe, e todos os outros submissos a ele. Rezavam o terço todas as noites com várias orações. Foram formando comunidades, capelas e nos domingos iam à capela, se tinha festa na capela não era churrasco, era sopa, carne *lessa*²¹⁷ e outras comidas caseiras.

Gostavam de bailes, de cantorias, cantavam canções italianas e orações. A família rezava e eu aprendi com meus pais ladainhas, orações em italiano como a Ave Maria e o Pai Nosso. Hoje já não lembro. Conheço a oração anjinho e mais uma que a mãe me ensinou para antes de receber a comunhão, invocando os anjos do céu.

Pode contar alguma?

Sim. Te conto a oração da noite.

ORAÇÃO DA NOITE

*Angioletto compagno vien con mi in letto, con Gesù e con Maria, fin che sero i occi per dormire, vien farme la Vostra compagnia. Parla com el Signor e salveme, tendeme bene, angioletto del mio cuor. Tendeme in questa será, e anca allá morte e dopo della morte, reccomandame l'anima. Santi angili! Venite tuti vérderme el mio cuor. Perdona i me peccati, perché possa ricevere el Signor.*²¹⁸

²¹⁷ Carne cozida na água

²¹⁸ Anjinho, companheiro, acompanhe-me em meu leito, com Jesus e com Maria, até que eu veja e até que durma,

vem me fazer a Vossa Santa Companhia.

Vai direto com o senhor e salve-me, guarde-me, anjinho do meu coração. Guarde-me nesta noite, até o ponto da minha morte e depois da morte, recomenda a alma minha. Anjos santos! Venham todos abrirem o meu coração. Perdoem-me os pecados para que possa receber o Senhor.

Quanto aos valores, o que priorizavam? Havia rigidez ou liberdade na educação dos filhos? Lembra de alguma proibição?

Não havia libertinagem. Havia controle. Se podia ir a festas, bailes, o pai gostava, mas tinha que ficar na linha e acompanhadas. Minha mãe, não sei se era devido à educação, era contra os bailes, contestava.

Quanto à educação sexual, como eram educados os filhos?

Não tinha tanta liberdade de conversas com os pais sobre sexo e nem um comentário houve da minha família sobre casos de infidelidade nos casamentos.

Quanto à leitura, lembra de ter ouvido, quando criança em sua família, histórias de livros trazidos da Itália?

Tinha a história de Genoveva, o *Naneto Pipeta*, livros de vida de santos e outros mais que não guardei. Falavam muito que, para ir à escola, tinha o livro *Seleta*, me lembro, lá em casa eu olhava e folheava. Pelo que entendi, o grau de instrução para evoluir tinha que passar por esse livro *Seleta*. Quando soubessem a matéria seriam bastante instruídos.

A senhora lembra de alguma história que ouviu na infância?

Sim, a mãe contava mais. Vou contar agora só aquela dos três pintinhos que se baseia nos três porquinhos.

OS TRÊS PINTINHOS

Três pintinhos queriam visitar o avô, tinham que atravessar a floresta. A mãe, quando saíram de casa, recomendou não parar na estrada porque podiam se encontrar com o tigre que era feroz. Mas eles partiram, foram brincando e por aí anoiteceu. Desesperaram-se ao se ver no mato de noite. Um deles sugeriu tirar todas as penas do corpo para fazer uma casa. O

mais velho, julgando-se esperto disse: - Vamos tirar as de vocês, precisando mais tiro as minhas. E assim fizeram.

Quando a casa estava pronta o mais velho disse: - Eu vou entrar para ver se ficou boa. Entrou, trancou a porta e fechou os outros dois fora chorando. Passou um lenhador e os pintinhos contaram o que sucedeu O lenhador determinou: - Tragam uma pedra que vou fazer uma casa para vocês. Assim aconteceu. À noite, ouviram o tigre uivar e apareceu. Chegou à casinha de pena e disse: - Pintinhos, saiam da casa senão largo um peido e a casa de vocês vai voar. O pintinho, assustado, obedeceu à ordem e o tigre o engoliu. Aí, viu uma casa de pedra, ao longe, e dirigindo-se a mesma ordenou novamente para que os dois pintinhos saíssem, mas eles não acataram a ordem, ficaram tremendo e aguardando o que aconteceria.

O tigre continuou a peidar, a largar gases até que rasgou a bunda.

Vendo-se nessa situação, começou o tigre a uivar de dor e pedir socorro. Os dois pintinhos não saíram. Voltou o lenhador ver como estavam os pintinhos, só aí eles saíram. O lenhador viu o tigre gemendo, daí pensou: - Vamos levar o tigre ao ferreiro para consultar. Foram ao ferreiro e ele esquentou uma chapa de ferro e colocou na bunda do tigre onde estava rasgado. O tigre gritava de dor, gemeu tanto e depois morreu. Aí, os dois pintinhos pediram ao lenhador e ao ferreiro para abrir a barriga e tirar o irmãozinho e tiraram o pintinho vivo. Este abraçou os irmãos e pediu perdão. Os três seguiram a viagem à casa do avô.

Os pais contavam essa história em dialeto, mas eu não consigo. A história tem relação com os Três porquinhos e com o Chapeuzinho vermelho. Trocaram o lobo pelo tigre talvez, porque ele era o mais temível da época aqui na região e precisavam alertar as crianças para o perigo.

Lembra de alguma cantiga em língua italiana ou portuguesa aprendido com seus pais, ou algum provérbio, ou canto?

Cantiga não lembro. Provérbio alguns.

*Com el tempo se madura le nespole*²¹⁹.

*Piano se vá lontano*²²⁰.

*Quá se fá e quá se paga*²²¹.

Cantos sei aqueles cantos italianos que cantam agora. Às vezes até canto, embora não sou muito apegada.

Quem lhe proporcionou os primeiros contatos com o livro e quando criança, além do livro escolar, havia, em sua casa algum material de leitura?

Em casa o primeiro contato. O material era o que já falei: *Naneto Pipeto*, *Genoveva*, jornais em dialeto, mas esses eu não lia, os pais se dedicavam a essa leitura. Depois, mais tarde, tinha o *Jornal O Stafeta* que era de Caxias do Sul. Os pais assinavam.

A família, nos serões principalmente, costumava fazer leituras e comentá-las?

Nos serões, havia as leituras em grupo, indispensáveis, comentadas inclusive para que todos pudessem aprender. Eles comentavam também algum acontecimento, se viajavam comentavam a viagem. Nos serões jogavam cartas, as crianças brincavam com bonecas de pano feitas com sabugo de milho. As mulheres geralmente ficavam remendando, costurando, comendo pipoca, pinhão, e tomavam alguns goles de vinho.

²¹⁹ Com o tempo amadureceu as néspolis.

²²⁰ Devagar se vai ao longe.

²²¹ Aqui se faz e aqui se paga.

A senhora falou que comentavam contos, só comentavam ou liam também para as crianças ouvirem?

Às vezes, liam, não sei muito! Mas conosco era diferente, tinha histórias contadas em português, davam exemplos, se fazia algo não certo corrigiam, ditavam como deviam se comportar, ter cuidados.

APÊNDICE B

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – NÍVEL:
MESTRADO

O presente roteiro de entrevista visou identificar os sujeitos da pesquisa da segunda geração, resgatar, através da memória oral dessas entrevistadas, aspectos da cultura da imigração italiana no município de Casca, RS, verificando se há propagação desses elementos de geração em geração.

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA A SEGUNDA GERAÇÃO:

1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

1.1 Nome completo: _____

1.2 Local e data de nascimento: _____

1.3 Endereço: _____

1.4 Telefone: _____

1.5 Parentesco com os imigrantes italianos: Filha () Neta () Bisneta ()

1.6 Nível de escolaridade:

1.6.1 Ensino fundamental de primeira a quarta séries: completo () incompleto ()

1.6.2 Ensino fundamental de quinta a oitava séries: completo () incompleto ()

1.6.3 Ensino médio completo () incompleto ()

1.6.4 Curso superior completo () incompleto ()

1.7 Estado Civil: Casada () Solteira () Viúva () outro ()

1.8 Tempo de residência no município de Casca: _____

1.9 Profissão: _____

2 ROTEIRO DE QUESTÕES:

2.1 Sua mãe ou familiares contaram-lhe alguma história referente à imigração italiana?

2.2 Conhece algum relato com referência à chegada dos imigrantes italianos no Brasil?

Quem os relatou?

2.3 Quais as primeiras dificuldades encontradas na nova terra e ao chegarem a Casca?

2.4 Quanto aos costumes trazidos pelo imigrante, você tem alguns dados?

Vestuário, comidas típicas, diversões, festas, namoros, casamentos, danças, heranças familiares, decorações das casas etc.

2.5 Com referência aos valores, o que seus pais priorizavam? Havia rigidez ou liberdade na educação dos filhos?

2.6 Lembra de alguma norma ou proibição?

2.7 Quanto à religião, em sua família, como era praticada? Ensinavam-lhe orações em língua italiana?

2.8 Quanto à educação sexual, como eram educados os filhos?

2.9 Como eram as relações entre vizinhos? Que sentimentos eram desenvolvidos entre os mesmos?

2.10 Quanto à leitura, conhece algum livro trazido da Itália ou ouviu alguma narrativa em língua italiana? Fábulas, contos, lendas, etc.

2.11 Que outras histórias você ouviu quando criança?

2.12 Você lembra de alguma?

2.13 Quem lhe contava as histórias?

2.14 Aprendeu ou ouviu, quando criança, alguma cantiga em língua italiana ou

portuguesa? Cantigas de ninar, de roda, poemas, trava-línguas, adivinhas, etc.? Ao que se referiam?

2.16 Os pais liam para os filhos ouvirem as histórias dos livros? Nos serões faziam leituras coletivas comentando-as ou as histórias eram contadas oralmente?

2.14 Aprendeu, junto a sua mãe, algum canto em língua italiana? Qual?

2.15 Conhece algum provérbio e ditos populares em língua italiana? Quais? Quem os passou para você?

2.16 Quem lhe proporcionou o primeiro contato com o livro?

2.17 Além dos livros de escola, em sua infância, havia algum outro material de leitura? Qual?

2.3.2 Entrevistadas e entrevistas com as mulheres da segunda geração

Entrevistada 01 - Marlene Ghiggi Franciosi



Marlene, sua mãe ou familiares contaram-lhe alguma história referente à imigração italiana?

A mãe contava que eles vieram de navio em más condições de transporte. Foram trazidos e jogados como animais, como escravos, com pouca alimentação e falta de água. Acredito que era normal tomar água do mar porque contavam que era normal dar dor de barriga e morrerem. Um irmão do meu avô ficou doente, morreu e foi jogado no mar. Se chamava Calisto.

Quais as primeiras dificuldades encontradas na nova terra ou ao chegarem em Casca?

Meu pai contou que os imigrantes da nossa família se instalaram em Vista Alegre do Prata. O vô trabalhava de taapeiro, fez quilômetros e quilômetros de taipa. O pai contava que eram muito pobres e quando o meu pai era criança ia junto do vô no trabalho e, enquanto o vô fazia taipa, as crianças armavam um caniço para pegar peixinhos e ter o almoço garantido.

Quanto aos costumes trazidos pelos imigrantes, você tem alguns dados?

Um dos costumes era o respeito ao luto. Sei que quando morria alguém da família todos se vestiam de preto, até nas crianças eram colocados lenços pretos na cabeça e usavam durante um ano.

Nos namoros, na época da minha mãe e minha também, queriam distância entre os namorados. Os namorados não tinham liberdade pra nada. O dia em que podiam sair de mãos dadas era quando iam até a igreja para marcar o casamento. Dizia que iam dar os nomes para a publicação do casamento.

Depois do casamento, a mãe cuidava da casa, não tinha liberdade nem para falar, o marido decidia tudo. A mulher era uma escrava, nem um pouco valorizada. Na minha concepção faziam isso porque a consideravam incapaz. Ainda bem que hoje mudou!

Nos casamentos, a família decidia com quem os filhos iam se casar, se o noivo era muito pobre era difícil aceitar. Quando a minha mãe casou, meu tio não aceitou ser padrinho do casamento porque não queria esse casamento.

Os imigrantes e seus familiares gostavam muito de festa, trouxeram as cantorias da Itália. Existia os tradicionais *filós* onde cantavam *Bela violeta*, *Tchiareto su tel monte*. A cantoria era muito bonita, eu me lembro que geralmente cantavam cantos relacionados à separação, relembrando as coisas da Itália, a saudade que sentiam. A *Bela Violeta*, por exemplo, lembra as montanhas da terra em que partiram. Trouxeram também o tradicional

jogo das bochas e da mora que os homens jogavam falando em italiano. Ainda hoje nas festas costumam jogar e cantar cantos italianos, inclusive em Casca temos o grupo de cantos italianos, *Piacere de Cantare*.

Os homens se divertiam mais. As mulheres ficavam mais no serviço. Aos cinquenta anos a mulher era considerada incapaz. Contam que fazia o coque, botava um lenço na cabeça porque já estava velha, diziam: a nona. Já pensou se fizessem isso hoje?

Com referência aos valores, o que seus pais priorizavam? Havia rigidez ou liberdade educacional?

Eles davam importância à religião. Aos domingos, não se podia faltar à missa. A missa era rezada às seis horas da manhã. E inverno ou verão, a mãe fazia nós levantar porque tinha que ir à missa.

Os pais cuidavam muito da gente. Tinha sempre que avisar quando se saía e se voltava. Tinha, no meu tempo de moça, o colégio das freiras aqui em Casca e a mãe mandavam a gente aprender a bordar, riscar, ou seja, fazer o desenho do bordado no papel. Se bordava panos de parede para pôr atrás do fogão geralmente. De manhã eu ia pra escola, de tarde aprendia a bordar. A mulher aprendia cedo os afazeres de casa. Lembro que antes de ir à escola eu arrumava a casa. Tinha horário para acordar. E aos sábados fazia faxina da casa, passava cera em toda ela e matava a galinha para o almoço do domingo. A galinha a gente matava no sábado porque no domingo não se fazia nada, era respeitado. A mãe dizia que quem trabalhava aos domingos atrasava a semana.

Quando moça, também me lembro que ia ao baile, mas só se acompanhada do pai. Ele ficava sentado em uma mesa olhando pra gente e só se podia ficar até meia noite. Namorar então, só até as dez horas e para freqüentar a casa o rapaz pedia permissão, senão não entrava. Valorizavam o respeito.

Lembra de alguma proibição?

Sim, quando proibiam de brincar com os meninos. Depois, quando mais velha, proibiam de sair sozinha. Álcool e cigarro também eram proibidos. Nos bailes, os pais não permitiam que se tomasse uma gota de álcool, a moça que tomava diziam que não prestava.

Marlene, ensinaram-lhe orações em língua italiana?

Nossa família era muito católica. Meu pai ensinou em italiano o pai-nosso e as ladainhas. Eu tinha um tio que morou um tempo comigo e ele todas as noites cantava orações em italiano até dormir e eu ficava ouvindo. Oração tinha muita, mas educação sexual nada. Uma falha que os nossos pais cometeram é a educação sexual. A mãe não falava nada pra gente. Havia um silêncio total porque acreditavam que o comentar podia incentivar. A gente foi orientada um pouco pelas freiras da escola, mas nada sobre menstruação. Quando se via que o corpo ia mudando a gente pedia às colegas mais velhas o que estava havendo. Foi precária minha educação sexual. Achavam, na época, que sexo era pecado e a virgindade mantida até o casamento um valor, por isso, se a moça não casasse virgem não podia casar de branco e véu, mas com um traje de cor clara.

Eu rezava para casar de branco. Dizia: meu Deus me ajude a não cair na tentação, quero merecer o véu e a grinalda!

Casei sem conhecer homem. Namorei cinco anos e o meu namorado nunca viu minhas pernas. Um pouco antes de casar fui comprar um traje de banho e quando estava provando o meu namorado pediu pra mãe: sogra, me deixa ver se a Marlene ficou bem?

A falta de informação e o sexo como pecado foi um trauma para mim, um bloqueio. Na noite do casamento, após o sexo, chorei a noite inteira, porque achei que tinha feito um pecado. Fiquei grávida e meu marido não podia ver a barriga, era proibido, vergonhoso. Uma noite, pensando que ele tinha dormido, tirei a roupa e me surpreendi quando ele disse: -

Nega, que barrigão. Houve falha na educação sexual. As idéias trazidas da Itália bloqueavam a vida da gente!

Quanto às relações sociais, como eram as relações entre vizinhos?

Muito boas! Todos participavam de tudo, até quando matavam porcos era uma festa com a troca de torresmo. Tinha ajuda! Eu por exemplo cuidava das crianças dos vizinhos sem ganhar nada e a mãe ainda recomendava que dividisse os brinquedos e a merenda. Se tinha algum doente, as mães largavam a casa para ir ajudar o vizinho. As famílias eram muito unidas. Isso faz falta hoje. Só se pensa em dinheiro.

Quanto à leitura, conhece algum livro trazido da Itália ou ouviu algum narrativo em língua italiana?

Vi o livro *Naneto Pipeta*. O vô contava a historia pra nós. Só não gostei do final que ele morreu afogado no Rio das Antas. Fim muito triste para um livro tão engraçado. Lembro também de outras histórias. O pai contava a história do Tigre, ouvi também da mãe Joãozinho e Mariazinha, O velhinho Jesus, O Menino da Agulha, A moça mais bela, a Verdadeira mãe que você ouviu já da minha mãe.

O BICHO TIGRE, TEMÍVEL PELOS IMIGRANTES.

Um senhor foi no mato e se perdeu, ficou noite. Com medo, caminhou, caminhou e resolveu subir num tronco de árvore. Ao subir, caiu dentro do tronco que estava oco e sentiu uma coisa mole debaixo dos pés. Olhou, olhou, acendeu um fósforo e percebeu que eram uns tigrinhos, começou a gritar desesperado! Pensou: - Antes de morrer quero conhecer o tigre. Se preparou com um fósforo na mão. O tigre apareceu e ao vê-lo, o senhor que estava no tronco, se agarrou no rabo do tigre e assim conseguiu sair e se salvar.

JOÃOZINHO E MARIAZINHA

Joãozinho e Mariazinha foram caminhar na floresta. Para não se perderem soltaram migalhas de pão no caminho. Os passarinhos vieram e comeram as migalhas e os meninos não encontraram mais o caminho de volta. Caminharam, caminharam e viram uma luzinha bem longe. Chegaram lá, mas descobriram que era a casa de uma bruxa. A bruxa prendeu eles numa gaiola para engordar e todo os dias pedia a eles para mostrar o dedinho pra ver se estavam mais gordos. Um dia entrou na gaiola um ratinho. As crianças mataram o rato e ficaram com o rabo e quando a bruxa pedia pra mostrar o dedinho eles mostravam o rabo. Certo dia, a bruxa descobriu que estava sendo enganada. Fez uma grande fogueira e botou no fogo uma panela para preparar a água quente e queimar as crianças. As crianças conseguiram sair da gaiola, empurraram a bruxa dentro da água fervente, ela se queimou e morreu. Chegaram os caçadores e levaram as crianças para casa e eles prometeram nunca mais ir no mato sozinhos.

Marlene, aprendeu ou ouviu alguma cantiga em língua italiana ou portuguesa?

Cantiga de ninar, a tradicional *dorme nenê*. Cantiga de roda, eu brinquei de Ciranda Cirandinha e Nesta rua tem um bosque.

Quanto a provérbios e ditos populares em língua italiana, conhece alguns?

*Là roba tel cantão la ga la so staion.*²²²

Quem lhe proporcionou os primeiros contatos com o livro?

A gente se trocava com as amigas. Em casa, antes da escola, já tinha alguns livros de religião, orações, o livro do *Naneto Pipeta* como já disse. Mas foi na escola o maior contato.

²²² A roupa guardada a um canto, sempre encontra sua utilidade.

Passei a ler gibis, revistas em quadrinho. À noite, romances. Gostava de José de Alencar, só que tinha que ler com o *tchiareo* porque a mãe não queria que se gastasse luz.

Os pais liam para os filhos ouvirem as histórias dos livros? Nos serões, faziam leituras comentadas, ou só contavam as histórias oralmente?

Contavam principalmente anedotas, histórias antigas da Itália. Narravam os acontecidos passados.

Entrevistada 02 - Dalva Maria Variâni

Dalva, sua mãe ou familiares contaram-lhe alguma história referente à imigração italiana?

Sempre contavam, relatavam a história dos navios que chegavam, dos sofrimentos dos imigrantes, mas só conheço superficialmente.

Conhece algum relato com referência à chegada dos imigrantes italianos no Brasil?

Hoje que se está voltando mais as raízes, dando valor ao italiano, se houve mais relatos, mais história do sofrimento deles. Atualmente é que se está valorizando o italiano e a sua história. Antigamente era vergonha, tinha que tomar cuidado até com a forma de falar em

função do sotaque. Hoje é orgulho, não existe mais o preconceito ao sotaque italiano, mas no passado tachavam de colonas.

Quais foram as primeiras dificuldades encontradas na nova terra ou ao chegarem em Casca?

Encontraram dificuldades em função da falta de estrutura. Tiveram que criar, ter uma capacidade imensa, na minha concepção, para superar os obstáculos e para se firmarem.

Quanto aos costumes trazidos pelo imigrante, você tem alguns dados?

Sim, e praticamente se herdou tudo e se foi criado em cima disso, mas hoje existe diferença. Os namoros eram opostos aos de hoje, tinha liberdade limitada, tinha que ter responsabilidade, postura e valores. Isso era primordial. Hoje se vive a liberdade ilimitada.

Os casamentos era uma coisa levada mais a sério, ou então existia a hipocrisia, não tinham coragem de dar um grito de liberdade!

Outros costumes que vivenciei do italiano foi a limpeza, que era fundamental, ou o crochê em guardanapos, toalhas. Hoje na verdade se está voltando a dar valor.

Da dança, a mãe contava que dançavam muito. Mas a moça não participava dos bailes antes dos 15 anos. Me lembro de nunca ter usado sapato de salto ou dançado uma valsa antes do debute. Se dançava, mas em casa. O pai fazia passarinhadas junto aos amigos no tal *filó* e nos *filós* ensinavam a dançar, além de jogar cartas e cantarem cantos em italiano, como *La verginela* e *América*. Na época de criança, não sabia nem entendia essas canções, hoje sim entendo e gosto e tenho coleções de músicas em italiano em disco.

Com referência aos valores, o que seus pais priorizavam? Havia rigidez ou liberdade na educação dos filhos?

Havia rigidez, dignidade, determinavam horários, determinavam com quem e a quem. Havia proibições também. Vivi em épocas de ditadura militar, limite em tudo, foi uma geração oprimida. Tinha proibição de relacionamento, de leitura, revista pornográfica, por exemplo, os pais não permitiam.

Quanto à religião, como era praticada?

A religião era uma obrigação. Ensinavam o catecismo de cor e salteado, forma totalmente diferente de hoje. A missa agregava, devido à fé, muitas pessoas, mas a nossa missa era agradável, uma forma de sair de casa, dar uma volta. A mãe gostava de rezar orações em italiano, mas eu não entendia.

Como eram as relações entre vizinhos?

Havia amizade, sentimentos de afeto, era uma relação familiar. No meu tempo de criança, lembro que quando terminavam o serviço se ia à casa vizinha tomar chimarrão embaixo das árvores, ou fazer *filós*.

Quanto à educação sexual, como eram educados os filhos?

Os pais não falavam, era assunto proibido. Tia Rosa era parteira e fazia acreditar piamente que na sacolinha tinha os bebês que ia levar nas casas.

Fazer sexo antes do casamento era uma proibição e era vista como pecado, como coisa feia. Se as moças solteiras engravidassem, havia comentários em geral e a família não aceitava, mas engoliam! A mulher tinha culpa em tudo.

Quanto à leitura, conhece algum livro trazido da Itália ou ouviu algum narrativo em língua italiana ou portuguesa?

Conheço livros, a mãe tem um aqui em casa que tem vindo da Itália, mas não leio, não consigo ler mais que algumas palavras. Não tenho o conhecimento gramatical em língua italiana, entendo em dialeto, por isso leio algumas palavras por semelhança.

As histórias em italiano, a mãe contava, mas não me lembro bem. Lembro que a avó brincava, colocava a criança no seu pé e cantava *Cavalinho, di, de, do.*” Conheço um outro que cantavam para fazer as crianças dormirem, o *Siamo sette e do Pé Pezinho* que a mãe te contou, mas não saberia te dizer elas no italiano, como as ouvi.

Em português, lembro do Lobo mau, do Saci e da história do Velho do saco. Contavam que tinha um velho que se tu não obedecia te levava. Na minha imaginação era um preto velho. Era uma história contada para amedrontar. Das cantigas de roda, lembra da Ciranda e das Cinco Marias, e Caçador.

Os pais liam para os filhos ouvirem as histórias dos livros? Nos serões, faziam leituras coletivas comentando-as, o as histórias eram contadas oralmente?

Contavam histórias, não comentavam. O vô fazia ler, obrigava não só leitura em italiano, mas também em português, cobrava a matemática, por isso tenho frustração. Obrigava também a rezar e a tomar uma vez por ano óleo de rícino nem que fosse no grito.

Conhece provérbios ou ditos populares em língua italiana?

Só em Português. Diga-me com quem andas que te digo quem és. Faça o bem, não olhe a quem.

Quem lhe proporcionou o primeiro contado com o livro?

Meu vô, mas o fundamental do livro aprendi no Grupo Escolar Vitória de Casca. Tenho muito carinho pela escola e vários professores marcaram minha vida. Enfatizo a professora

Zelma Zambom, mestra fantástica. Ensinava, em nível de leitura, declamar e apresentar teatros. Me lembro do título da poesia “O Credo” que era referente à vida, ao acreditar. Não só na escola, na minha casa também tinha muito material de leitura, lembro dos gibis, Tio Patinhas, jornais e a revista Seleção, mas não permitiam ler todos os assuntos.

Entrevistada 03 - Maria Ivone Franciosi Spolti

Maria Ivone, sua mãe ou familiares cantaram-lhe alguma história referente à imigração italiana?

Sim, a minha mãe principalmente, contou como viveram os nonos quando chegaram aqui na América. Viveram no mato inicialmente, no meio dos bichos, fazendo fogo para espantar e assim afastar o perigo. Contou, também, que não tinha fogão normal, o fogão era uma caixa cheia de terra, onde faziam fogo e penduravam em cima uma panela com corrente para poder fazer a comida. A iluminação era precária, não tinha luz elétrica e sim lamparinas e à noite as mulheres sentavam ao redor do fogo e da lamparina para fazer costuras, tricô, crochê, *dressa*. As habilidades das mulheres eram muito valorizadas.

Conhece algum relato com referência à chegada dos imigrantes italianos no Brasil?

Não, não lembro.

Além das já citadas, que outras dificuldades os imigrantes encontraram na nova terra ou ao chegarem em Casca?

Não tinham onde morar. Ficavam em casas provisórias, em lonas nos primeiros tempos, depois iam construindo suas casas, serrando as tábuas e fazendo tabuinhas para o coberto, isso tudo manualmente. Como não tinha estradas, derrubavam o mato, faziam picadas a facão e depois as estradas maiores. Todos eram obrigados a colaborar para a abertura das estradas, sob administração de um responsável chamado de *estrاديم*.

Não tinha transporte motorizado. Andavam a cavalo geralmente. No cavalo do homem era colocada a sela e no da mulher o selim²²³, isso devido que a mulher usava saia e então tinha que sentar de lado.

Quanto ao costumes trazidos pelos imigrantes, você tem alguns dados?

Na comida tinha o costume de matar porcos e cozinhar a carne na banha para poder se conservar por mais tempo. Faziam também com a carne, salames e queijo de porco. A comida predileta ou típica do italiano era o salame, polenta, *radícci*, acompanhada de um bom vinho. A polenta era cortada com um barbante. Para fazer o vinho, esmagavam a uva com os pés. A uva depois de colhida era colocada numa caixa com abertura inferior, as crianças geralmente entravam na caixa e com os pés esmagavam a uva, saindo o suco pela abertura da parte inferior da caixa.

Lembro também que a minha mãe falava da roupa usada na época dos avós. A mulher usava saia comprida e avental, o homem camisa sem gola, calça e chapéu e, alguns, até

²²³ Sela de cavalo em que a mulher podia sentar de lado.

suspensórios. Para ir na roça, a mulher usava as perneiras que eram umas calças só do joelho pra baixo.

Das diversões, a mãe contava que o que tinha de melhor eram os bailes, ou festas na capela, aos domingos. Nas festas, os homens gostavam de jogar cartas e bochas. Nos bailes, o instrumento musical era a gaita, né, e dançavam muito a dança da vassoura. Na minha época, e até hoje em alguma família, ainda existe a idéia dos avós de que a moça não pode ir ao baile desacompanhada dos familiares. Na minha família, o pai, a mãe ou os tios acompanhavam sempre. Quando era festa de casamento, o baile se prolongava à noite toda e, por isso, à meia noite era servido café.

Maria Ivone, você falou em casamentos. Fale um pouco mais sobre o casamento.

O casamento era uma grande festa que começava de manhã cedo e só terminava com o baile da noite. Era costume que os noivos ficassem morando com os pais do noivo até conseguir alguma coisa para iniciar a vida. Por exemplo, ganhavam uma junta de bois, uma terra, umas galinhas e assim por diante.

Na escolha dos genros e noras, as famílias não gostavam muito de misturar raças. Os pais preferiam que os filhos casassem com as pessoas da mesma origem. Na escolha da noiva, ainda eram observados os dotes dela; tinha que ser trabalhadeira e saber cuidar de uma casa em todos os sentidos.

Os enxovais, a moça fazia seu enxoval, fazia tricô, crochê, bordava as toalhas à mão em crivo ou ponto cruz principalmente e essas peças serviam para a decoração das casas. As flores para enfeitar a casa eram quase sempre naturais, de papel crepom ou feitas com meias finas.

Os namoros no tempo de minha mãe, ela conta que eram muito vigiados pelos pais. O nono ou a nona ficavam à noite até tarde na cozinha para não deixar os namorados sozinhos.

Já no meu tempo de namoro, não tinha tanto controle, embora, para os namorados saírem para um baile, só acompanhados de familiares. Quando a mãe ou o pai não ia, eu ia para o baile com a tia Mari que tocava nos bailes. Os costumes italianos eram rígidos!

Com referência aos valores, o que seus pais priorizavam? Havia rigidez ou liberdade na educação dos filhos?

Exigiam dos filhos respeito e educação no tratamento. Quando chegava uma visita, as crianças tinham que sair, não podiam ficar juntos. Os mais velhos e o pai e a mãe eram tratados por Senhor, Senhora. Os meus pais valorizavam também a educação escolar, o estudo em primeiro lugar vista como um caminho para o futuro, mas na escola o tratamento dado ao aluno deixava a desejar. Os alunos eram castigados quando não sabiam a lição. Ficavam ajoelhados em cima de tampinhas de garrafas e a professora cravava as unhas nas orelhas que fazia sangrar. Os professores eram protegidos pelos pais, se a criança era castigada na escola, recebia castigo em casa também porque acreditavam que assim estava educando. Mas isso na minha época de criança, sabe, não na época de meus pais.

Lembra de alguma norma ou proibição de pais para os filhos?

Os filhos não podiam sair sozinhos, sempre acompanhados. Ao saírem, os pais marcavam a hora da volta e quando se chegava tinha que avisar que já estava em casa a fim dos pais terem controle sobre os filhos.

Outra proibição era a de não poder o filho ficar junto aos adultos quando estes recebiam visitas. Os filhos não podiam ouvir as conversas dos adultos e até na hora das refeições, se tinha visitas na casa, as crianças comiam separadas.

Quanto à religião, como era praticada? Ensinavam-lhe orações em língua italiana?

Nós tinha a missa nos domingos, não se podia perder. Se não se podia ir à missa tinha que participar do terço na capela. Hoje é muito diferente.com os filhos. Na minha época de criança, me lembro que nas sextas-feiras saía do interior de Casca, debaixo de chuva às vezes, para assistir a missa que era rezada às seis horas da manhã, na matriz de Casca. Na época, era costume participar da missa em nove sextas-feiras seguidas porque os avós diziam que quem participava conseguia a indulgência plenária. No dia de todos os Santos, dia primeiro de novembro, me lembro que ninguém podia sair de noite porque os pais diziam que nessa noite as almas saíam do cemitério e iam em procissão até a igreja com flores nas mãos. Então, se costumava não deixar nenhuma alma sem oração e nenhum túmulo sem flores, para que todas as almas tivessem como acompanhar a procissão com flores nas mãos.

Quanto à educação sexual, como eram educados os filhos?

A mãe me deu apenas alguma orientação básica, não era costume comentar muito sobre sexo. Aprendi um pouco mais na Escola de Segundo Grau, no colégio das freiras através das freiras professoras. Priorizavam a virgindade na época, então quanto menos falavam melhor.

Como eram as relações entre vizinhos? Que sentimentos eram desenvolvidos entre os mesmos?

Antigamente melhor do que hoje. Lá onde a gente morava, todo mundo se dava bem. Na capela onde morava quando criança, uma vez por ano, faziam uma festa para toda a comunidade na casa de famílias e, no final, sorteavam uns ossos, quem ganhasse os ossos preparavam a próxima festa.

Quando alguém ficava doente, na época da mãe, todos ajudavam principalmente oferecendo serviço gratuito. Tiravam milho, uva, etc. As mulheres se ajudavam nos serviços da casa, principalmente quando alguém ganhava nenê. Além de fazer os serviços da casa, as

mulheres voluntárias, também cuidavam do nenê, dando banho e enfaixando. Isso demonstrava amizade, compreensão e a harmonia que existia na época.

Quanto ao costume de enfaixar os nenês, só ouviu da tua mãe ou você também enfaixou seus filhos?

Eu aprendi com minha mãe, mas também enfaixei os meus filhos porque diziam que a faixa não deixava a criança com pernas tortas e também porque a faixa deixa a criança mais firme e segura. Na época, ainda se ganhava com parteiras.

Quanto à leitura, conhece livros trazidos da Itália ou ouviu alguma narrativa em Italiana?

Ouvi em língua italiana a história do *Naneto Pipeta* que a mãe lia e contava para os filhos. Quando já adolescente, na escola, ouvi também a história de Romeu e Julieta.

Que outras histórias você ouviu quando criança?

Ouvi da minha mãe, que contava com o intuito de mostrar a necessidade de respeitar os pais, a seguinte história que dizem ser verdadeira e ter acontecido na Região do Rio Grande do Sul.

O MENINO DA SELA

Havia nas redondezas um moço, de origem italiana, muito mau, que morava com a mãe. Quando saía de casa pedia à mãe para encilhar o cavalo. A mãe, já com uma idade avançada, nem sempre conseguia encilhar rapidamente. Certo dia, a mãe demorou, o filho incomodou-se e quis dar uma lição encilhando a própria mãe. A mãe, perante tal atitude, o amaldiçoou e o filho, a partir daquele dia, nunca mais conseguiu sair de casa sem antes se

encilhar. Passava nas estradas encilhado e, com uma vara na mão, batia em si mesmo, como se realmente fosse um cavalo a serviço.

Além dessa história que contei, quando criança eu lia muitos livros de histórias, principalmente na escola. Li o Gato e o Rato, Saci Pererê, a Raposa e o Galo, O gato de Botas e outros.

Conhece alguma cantiga?

Sim, a cantiga de ninar que me lembro é a que ouvi de minha mãe: Dorme nenê que o bicho não vem, mamãe foi à roça e papai logo vem.

Cantigas de roda, me lembro da Ciranda Cirandinha, Terezinha de Jesus, O Cravo brigou com a Rosa. Terezinha de Jesus me lembro bem:

Terezinha de Jesus,

Deu uma queda e foi ao chão.

Acudiram três cavaleiros.

Todos de chapéu na mão.

O primeiro foi seu pai.

O segundo seu irmão.

O terceiro foi aquele,

Que a Tereza deu a mão.

Lembro também de alguns versinhos:

Batatinha, quando nasce, se esparrama pelo chão

A moça, quando namora, bota a mão no coração.

Ou Bate, bate machadinho, põem a árvore no chão.

Bate, bate machadinho, sem ferir meu coração.

A gente brincava também de Gata cega e a mãe fingia de correr atrás de nós. Lembro das Cinco Marias e de outra brincadeira em língua italiana:

Receta bella, so sorella, oceto bel, so fradel, bochetta di frate, din don el campanel.

Que significados transmitiam as histórias, cantigas e brincadeiras?

Eram educativas, com elas se aprendia a se comportar, a respeitar, a cuidar de si mesmas, na higiene e perigos principalmente, além de divertir, despertar as primeiras paixões amorosas e facilitava a oralidade também. Aquelas em língua italiana levavam a valorizar essa cultura. Eu por exemplo, ouvi e achei interessante as brincadeiras em italiano e ensinei às minhas filhas, tanto é que elas gostam da língua italiana. A Tassiane, minha filha, fez um curso de Italiano na UPF e depois foi escolhida para ir a Belo Horizonte numa viagem de estudos para assistir um curso administrado por um palestrante da Itália. O curso versava sobre Organização de Pequena e Média Empresa.

Maria Ivone, na sua época de criança, os pais liam para os filhos ouvirem as histórias dos livros? Nos serões, faziam leituras coletivas comentando-as ou as histórias eram só contadas oralmente?

Contavam principalmente histórias de caçadores, de pescadores e a mãe lia e comentava trechos da Bíblia Sagrada para a gente.

Aprende, junto a sua mãe ou familiares, algum canto em língua italiana?

Sim. Aos domingos, os homens jogavam cartas, bochas e cantavam. Me lembro da *Verginela, América, Bela polenta, e El Tchiareto tel monte.*²²⁴

²²⁴ A lamparina no morro.

Conhece algum provérbio ou ditos populares em língua italiana?

Em língua italiana me lembro de ter ouvido: *Tuti i gropi riva al petene*. Sei outros, mas em português, minha mãe e que sabe em italiano. Sei cada macaco em seu galho. Quem dá ao outro empresta a Deus.

Quem passou os provérbios para você?

Os meus próprios familiares.

Maria Ivone, quem lhe proporcionou os primeiros contatos com o livro?

O falecido pai. Ele comprava algum livro referente à profissão dele que trabalhava em moinho. Os livros, então, se relacionavam à produção, grãos, industrialização principalmente. Na minha casa tinha também a assinatura de jornal, romances, a Bíblia Sagrada em língua italiana e algum livrinho de história que, de momento, nem me lembro mais quais eram.

Quando mãe, você lia e contava histórias para seus filhos?

Nossa Senhora! E como contava! Sempre comprava livros de histórias, discos e lia ou ouvia com eles. Contava também as histórias que conhecia cantigas, lendas.

Entrevistada 04 - Neidite Tebaldi Possebon

Neidite, sua mãe ou familiares contaram-lhe alguma história referente à imigração?

Sim. Eles sofreram bastante. Vieram de navio até Porto Alegre e depois pra Bento Gonçalves. Abria estradas com o facão porque era tudo mato até chegar a terra que comprava e se deslocavam, até lá, a pé os adultos e as crianças a cavalo, nos cargueiros geralmente. As terras era comprada e pagavam com o serviço, negociavam com um intermediário.

Além das já citadas, que outras dificuldades encontraram os imigrantes na nova terra e ao chegarem em Casca?

Não tinham nada, construía casas, barracos, em que uma parte servia de casa e a outra de estrebaria. Viviam como animais. Era difícil. Os que podiam mais faziam casas maiores, com vários andares, porão e sobrado e separando a cozinha do resto da casa onde

ficavam os quartos devido à fumaça do *fogoler*. Os grãos da colheita eram secados dentro da própria casa, nos quartos geralmente. Dentro de casa só tinha o *fogoler*, bancos para sentar e o *setchèr*.²²⁵ O transporte era com carroças e lavavam banha a Porto Alegre porque aqui não tinha comércio. Eles se fazia as estradas. A iluminação era de *tchiareto* a petróleo. Plantavam parreiras principalmente, mas tudo manualmente. Até o cercado de porcos ficava difícil construir devido à falta de comércio para comprar pregos, então, daí, fazia taipas.

Quanto aos costumes trazidos pelos imigrantes, você tem alguns dados?

As vestes deles eram muito melhores do que hoje, nas fotos se vê as mulheres muito bem vestidas, com suas saias compridas e lenço na cabeça e os homens de colete, suspensório e paletó para ir missa. A igreja era um lugar de respeito, por isso, iam de paletó, não de calção como agora. Não era permitido para o homem o uso de calça curta na igreja.

Roupa tinha pouca, a avó contava que como meu nono só tinha uma calça, enquanto a calça era lavada e secada ele ficava na cama. Eles tinham pouca roupa, mas bonita.

Na comida também tinham seus costumes. Matavam a galinha, mas só nos finais de semana, comiam metade no dia e pegava o resto amarrava com uma corda e deixavam no poço, perto da água, para se conservar. Não tinha geladeira como hoje.

As diversões mais comuns eram os bailes com gaita e se fazia brincadeiras como a dança da vassoura, do chapéu e outras. Até hoje se dança nos encontros de terceira idade ou se faz essas brincadeiras.

Nas festas, jogavam cartas e a mora. Nos namoros, só se podia sair de mãos dadas após o noivado. Os namorados na época da avó eram ainda mais vigiados, a mãe contava que os namorados sentavam para namorar na banca, mas alguém da família sentava no meio.

²²⁵ Pia de madeira

Para começar a namorar em casa, o rapaz tinha que pedir permissão para o pai da namorada se aceitava o namoro e ele marcava a hora do moço sair.

Nos casamentos, a festa se iniciava de manhã, iam a cavalo e a comida era de panela. Ao meio dia, ao chegar na casa dos pais do noivo, a noiva era apresentada aos parentes e ela perguntava se eles a aceitava como nora, cunhada, tia, etc. A mãe da noiva não participava, ficava em casa sozinha, não era costume a mãe ir ao casamento, o porquê não sei.

A herança que os noivos ganhavam era terra para o noivo e um enxoval para a noiva feito por ela. A moça da época sabia bordar, costurar, tricotar. Até as calcinhas eram feitas em casa com sacos de açúcar. Contam que uma moça vestiu uma calcinha feita com sacos de farinha e foi a um baile com vestido de saia larga. Quando começou dançar, o vestido levantou e deu para ler o letreiro em sua calcinha: moinho riograndense.

Outro costume é o de certas idéias referentes à quarentena da mulher que ganha nenê.

A mulher, durante quarenta dias, não tomava banho porque podia adoecer. Não saía de casa até batizar a criança e os vizinhos nem faziam questão que ela os visitasse porque podia dar azar. Na igreja só entrava depois do batizado da criança. Precisava ser purificada do pecado de ter praticado sexo.

E as decorações da casa, os brinquedos de criança, como eram?

Nas casas tinha os quadros de fotografias que eram como um sinal de respeito e também traduziam a história. Tinha também o paineleiro com guardanapos decorados com flores ou frutas e alguns outros panos decorativos para a parede.

Os brinquedos eram feitos em casa. A minha boneca era de espiga de milho, sabugo e palha. A minha bola era feita com meias. Para os meninos, o brinquedo mais comum era o carrinho-de-lomba que eles mesmos faziam.

Com referências aos valores, o que seus pais priorizavam? Havia rigidez ou liberdade na educação dos filhos

Exigiam que rezasse, se comportasse, obedecesse. Bem melhor do que agora, hoje é muita liberdade. Nós era obediente. O que pedia se fazia.

Lembra de alguma proibição?

Não tinha muita proibição, só não se podia sair sozinho. Os pais acompanhavam os filhos nos bailes principalmente.

Quanto à religião, como era praticada? Ensinavam-lhe orações em língua italiana?

Tinha que rezar todas as noites e ir à missa aos domingos. Meus pais rezavam o terço todas as noites, com cantos e ladainhas em italiano e depois de cada ladainha se respondia “*ora por nós*”²²⁶. Meus pais gostavam muito de decorar a casa com santos, tenho ainda um quadro de Santo Antônio que veio de Itália. Tenho um eu e um a minha mãe. Hoje o terço de noite nem mais se costuma!

Quanto à educação sexual, como eram educados os filhos?

Ninguém falava abertamente em sexo. Eu tinha treze anos e não sabia que as mulheres ficavam menstruadas. As professoras freiras falavam sobre sexo, mas separavam as turmas para essa conversa, só ficavam as meninas mais velhas para ouvirem. Me lembro que um dia, eu tinha onze anos, as freiras pediram para sair da sala que elas precisavam conversar com as meninas mais velhas e eu me mandou fora. Na volta da escola, as meninas contaram do que se tratava. As famílias não aceitavam a gravidez de moças solteiras. Se isso acontecia

²²⁶ Oram por nós

era um escândalo e tanto a família como a sociedade não aceitavam numa boa. A moça ficava marcada porque casar virgem era uma honra, um valor e casar grávida uma desonra.

Como eram as relações entre os vizinhos? Que sentimentos eram desenvolvidos entre os mesmos?

Era muito bonito, os *filós* era a única diversão que a gente tinha. Lá se contava histórias, a gente comia pinhão, pipoca, amendoim, falava de namoradas e se fazia brincadeiras. Esses encontros criavam amizades e carinho pelas pessoas. A gente se ajudava muito, ninguém pagava dias para trabalhar na roça. Quando ficava doente, os vizinhos ia ajudar. Costumes melhores que hoje!

Quanto à leitura, conhece algum livro trazido da Itália ou ouviu alguma narrativa em língua italiana?

A mãe contava e tinha o livro do *Naneto Pipeta*

Que outras histórias você ouviu quando criança?

Ouvi bastante, mas agora me lembro só de umas. A história da onça pintada e de Santo Antônio e o burrinho que se ajoelhou diante da Hóstia Sagrada. Mas não me lembro bem.

Lembra de alguma cantiga, trava-línguas ou de algum poema?

Para fazer meus irmãos dormirem a mãe cantava cantos religiosos, a Mãezinha do céu, por exemplo. Nós brincava de roda, me lembro que se cantava: Roda cotia, de noite de dia, o galo cantava e casa caía. Quando se pronunciava a casa caía, toda a roda ia ao chão.

Poemas, eu declamei muito na escola principalmente em sete de setembro e dia das mães. Lembro de um apenas que vou te contar:

Mãe ditosa,
 Que tanto queremos bem!
 É tão pura e formosa,
 Que nem rima ela tem.

O que transmitiam esses cantos, poemas, cantigas?

Contavam para embalar as crianças e fazer dormir e para homenagear também.

Os pais liam para os filhos ouvirem as histórias dos livros nos serões, faziam leituras comentando-as ou as histórias eram contadas oralmente?

Contavam as histórias, não se tinha muito material, o jornal só, mas a mãe lia a Sagrada Escritura em italiano e comentava as figuras de cada página.

Apreendeu junto a sua mãe algum canto em língua italiana?

Não tenho voz pra cantar, mas lembro. Ainda hoje ouço a mãe cantar: *El massolin di fior*, América, Os Quatro cavalos que trotam. Mas eu não canto.

Conhece algum provérbio ou dito popular em língua italiana?

A mãe e o pai dizia: *No che se carne in becaria che el can o el gato no stracin e via.*

Quem lhe proporcionou o primeiro contato com o livro?

A escola mesmo porque quase não se tinha material em casa. Pouco, pouco. Quando se ia à escola, compramos um livro só que servia para minha irmã e para eu também.

Entrevistada - 05 – Margarete Betineli de Oliveira

Margarete, sua mãe ou familiares contaram-lhe alguma história referente à imigração italiana?

A vó contava que quando chegaram ao RS se instalaram nas cidades por perto de Porto Alegre, a minha família se instalou no município de Feliz. Ao chegarem encontraram muitas dificuldades, derrubavam as árvores com serrote manual, trazido da Itália. As casas eram feitas com costaneiras, tábua bruta e, devido aos animais selvagens, não podiam apagar o fogo, tinham que deixar sempre acesso por perto da casa, para assustar os animais. Depois as casas passaram a ser de pedra.

A comida não tinha variedades, se alimentavam com polenta e caça. Para cozinhar a comida só tinha uma panela de ferro que penduravam numa corrente em cima do fogão, denominado *fogoler*, misturavam o feijão e arroz na mesma panela, era única. O pão era

cozido na brasa e na cinza, aproveitando do mesmo fogo. Mais tarde cozinhavam o pão no forno de tijolos. Faziam fogo, tiravam as brasas e colocavam o pão para cozinhar enrolado, ou então, só colocavam embaixo uma palha de milho para não sujar o pão. Com a carne de porco faziam assim: carneavam o porco, cozinhavam na banha e a deixavam na gordura para se conservar. Faziam os salames e eram conservados em caixotes, onde colocavam uma camada de cinza e outra de salame alternado-as, também com a intenção de conservar. Essa carne era vendida em Muçum, transportada com ternos de mulas. E de lá seguia para Porto Alegre através de outro meio de transporte, o barco. Traziam de Muçum para Casca, além de açúcar, arroz, bacalhau e sal que era vendido em sacos.

Margarete, além das dificuldades já citadas, lembra de outras?

Sim, os imigrantes e seus descendentes passaram por dificuldades e a vó falava que sofreram muito no tempo da Revolução Farroupilha que aconteceu no estado. Os revolucionários chegavam nas casas e obrigavam, convocavam alguns homens a segui-los e com o resto da família praticavam maldades. A minha vó contou que o meu bisavô se escondeu dentro de um poço para não ser maltratado e por medo que tivesse que seguir os revolucionários. Tinha gente que se escondia também dentro dos fornos.

Quanto aos costumes trazidos pelo imigrante, você tem alguns dados?

Os italianos gostam de festa. Nos casamentos faziam belas festas com doces e salgados. Era costume nos casamentos oferecer sopa de *capeleti*²²⁷ e doces em formato de flor. Lembra que minha mãe fazia a massa, dava formato de flor e fazia uma abertura que recheava com creme. Era comum também os homens, como exemplo o meu vô, esconder as comida, as frutas no quarto, ninguém podia mexer. Só ele comia e às vezes alcançava alguma fruta pras

²²⁷ Agnolini

crianças, mas antes ele comia. A avó ficava com pena das crianças, roubava e dava aos netos. Era radical!

Para as festas da comunidade tinha que ter roupas novas que geralmente confeccionava em casa tecendo fios na roca, nos primeiros tempos. As roupas de época não variaram de cor, não tinha cor, só existia a cor natural dos fios. Os calçados também todos da mesma cor. A cor do couro.

O que me marcou bastante nas histórias que a avó contava, diz respeito ao namoro, quando acontecia que um dos namorados falecesse, ou outro geralmente também morria de tristeza. Era a depressão da época. Os namorados da época da minha mãe não diferenciavam muito da minha, não se tinha chance de se conhecer muito bem e menos ainda conhecer a família deles e por isso que sogra e nora geralmente não se acertavam. Minha mãe, por exemplo, não quis morar após o casamento um ano na casa dos sogros. Na época, era costume morar com os sogros, pois o noivo não tinha dinheiro para iniciar a nova vida, o pai do noivo é que administrava o dinheiro e, por isso, tinham os noivos que morar um ano na casa dos pais, contribuir com o trabalho para, só depois, ganhava alguma coisa.

Outro costume da época da avó era o de ter em casa um empregado, peão, que morava toda a vida com uma família, trabalhando em troca de comida.

Com referência aos valores, o que seus pais priorizavam? Havia rigidez ou liberdade na educação dos filhos?

Priorizavam o trabalho e a religião. Rezavam muito e proibiam de sair de casa sozinhos e voltar depois das 18 horas. Desde pequena, quando via meu pai chegar, corria para dentro de casa, se pegasse na rua apanhávamos.

Quanto à religião como era praticada? Ensinavam-lhe orações em língua italiana?

Sim, a vó ensinava principalmente em Latim *as réquias*²²⁸, o Santo Anjo e o sinal da cruz.

No sinal da cruz em Italiano se dizia: – *En nome del Padre, del Figlio e dello Spirito Santo*.²²⁹ Na prática religiosa, obrigavam ir à missa ou no sábado ou no domingo, senão se apanhava. O catecismo era decorado e quem ensinava pra mim era uma mulher vizinha.

Como eram as relações entre vizinhos? Que sentimentos eram desenvolvidos entre os mesmos?

Tinha os serões. A família ia na casa do vizinho com todos os filhos, levando uma lanterna para iluminar a estrada. Nos *filós* geralmente serviam comidas como pinhão, pipoca, batata e os homens faziam brincadeiras.

Outras vezes, mais tarde, já no meu tempo, os vizinhos se reuniam para assistir televisão porque eram poucos que tinham televisão e outras vezes para fazer passarinhada com polenta.

Quanto à leitura, conhece algum livro trazido da Itália ou ouviu alguma narrativa em língua italiana?

Minha avó contava a história do *Naneto Pipeta*, mas não me lembro.

Que outras histórias você ouviu quando criança?

Ouvi a história do Rei que queria casar a filha. E a história do Nicolau.

²²⁸ Orações para os mortos

²²⁹ Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, amém.

O REI QUE QUERIA CASAR A FILHA

Certo rei da Itália tinha uma bela filha e queria casá-la com um moço esperto e inteligente. O rei falou para toda a comunidade que pretendia casar a sua filha, lançou um desafio: casaria com sua filha quem, numa determinada manhã, visse o sol por primeiro.

Todos os rapazes tentavam a sorte, pois quem ganhasse receberia, além da donzela, uma riquíssima herança.

Na cidade havia uma lei determinando que todo homem que chegasse aos sessenta anos deveria ser morto pelo filho mais novo. Quem não cumprisse a lei era condenado à morte. Tinha um filho que muito amava seu pai e por isso não queria vê-lo morto. Este rapaz escondeu o pai no mato, num buraco. À noite levava comida e bebida e ao mesmo tempo pedia conselhos, pois tinha percebido que seu pai nunca errava.

Ao saber do desafio lançado pelo rei, o moço foi consultar o pai a respeito de sua idéia de subir o telhado da torre para ver o sol por primeiro. O pai não aprovou a idéia do filho, dizendo-lhe que certamente na torre haveria muitos pretendentes e poderiam derrubá-lo. Aconselhou, ainda, que olhasse não para onde o sol nasce, mas para o poente: - É lá que o sol aparece por primeiro, diz o sábio velho.

O filho agradeceu e seguindo o conselho, na manhã determinada para o desafio, em meio a uma multidão que olhava para o nascente de cima de torres e árvores, o rapaz voltou o olhar para o poente. Logo ouviu alguns comentários: - Quem é esse bobo que pretende ver o sol por primeiro olhando para onde ele se põe? Mas ele não deu a mínima atenção e preferiu seguir o conselho do pai. Num dado momento o rapaz, talvez pelo reflexo, avistou o sol e apontando com o dedo gritou: - Olhem o sol! Todos se viraram e entenderam que ele tinha ganho o desafio.

O rei aproximou-se do vencedor e quis saber de onde tirou a idéia. O rapaz não queria revelar porque temia a morte do pai e dele mesmo pela desobediência praticada. O rei

insistiu e então o rapaz fez duas exigências: - Só vou contar a verdade se absolver duas pessoas condenadas à morte! O rei consentiu e o rapaz revela: - Quem me ensinou foi meu pai, por amá-lo muito não o matei, mas o escondi. Sempre que preciso de um conselho recorro a ele, pois é um grande sábio. Agora rei, quero minha absolvição e a de meu pai. O rei revogou a lei que estabelecia a morte das pessoas aos sessenta anos.

Daquele momento em diante todos tiveram o direito de morrer naturalmente. Nem o pai e nem o jovem foram mortos.

Os jovens devem viver pelo seu vigor e energia e os velhos por sua sabedoria.

Aprende ou ouviu alguma cantiga em língua italiana ou portuguesa?

Sim, vou te contar:

Pim, piedino, naransin,

Trè naranse, trè limoni,

Controllatti in pescaria,

Tiche, tache, mandelo via ²³⁰ *(no final, dobrava-se o pé)*

Isso era uma brincadeira que a avó fazia com as crianças com o intuito de divertir. Lembro também de outras brincadeiras do meu tempo de criança, como o jogo da peteca e as Cinco Marias.

Aprende, junto à sua mãe, algum canto em língua italiana?

El massolin di fior e Là bela violeta.

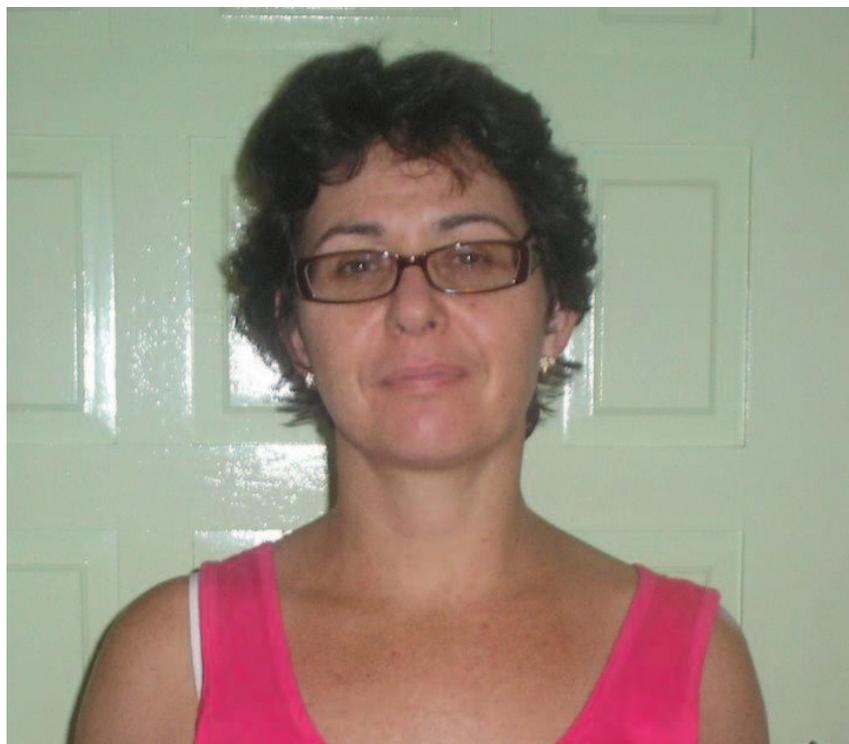
Quem lhe proporcionou o primeiro contato com o livro?

A escola e as amigas com quem pegava emprestado algum romance como Sabrina e outros que não lembro.

²³⁰ Pim, pezinho, laranjinha.
Três laranjas, três limões,
Vigiadas em pescaria,
Tiche, tache, mande-o embora.

Além dos livros de escola, em sua infância, havia algum outro material de leitura?

Tinha livros religiosos, *Naneto Pipeta* e alguma fotonovela.

Entrevistada 06 – Ivete Klanovics Neto.

Ivete, sua mãe ou familiares contaram-lhe alguma história referente à imigração italiana?

Só sei que os imigrantes saíam da Itália para a América em busca de dias melhores, de terras férteis para poder melhorar suas vidas economicamente, porque na Itália viviam em profunda miséria. Os imigrantes esperavam encontrar na América uma vida mais fácil, que eles diziam lá cuncanha. A mãe contava que outro motivo, porque os avós vieram à América, foi pra fugir das guerras e as revoltas que a Itália vivia na época.

Conhece algum relato com referência à chegada dos imigrantes italianos no Brasil?

Lembro de ter ouvido alguma coisa referente à viagem. A febre contagiosa era o mal da viagem. Os mortos eram jogados no mar e outros que faleciam pouco antes de chegarem

eram enterrados na terra. Lembro que me contaram que um bebê chegou à América muito doente. O pai, quando chegou, foi logo trabalhar de diarista para poder conseguir um dinheiro para pagar o hospital do filho. Mas, o filho morreu. O pai, que tinha sobrado um dinheirinho, comprou para o filho uma bela roupa para ser enterrado, foi a única roupa decente que conseguiu dar ao filho e como não pôde dar em vida, deu após a morte. O menino, como não tinha onde ser velado, porque o pai não tinha ainda um lugar definido para morar, foi direto ao cemitério, ao chegarem lá, o pai pediu para abrir o caixão e constatou que o menino estava nu. Reclamou, mas recebeu em resposta: - Com tanta gente passando necessidades porque enterrar o menino com roupas que vão apodrecer?

Quais as primeiras dificuldades encontradas na nova terra e ao chegarem em Casca?

De momento, não lembro.

Quanto aos costumes trazidos pelo imigrante, você tem alguns dados?

Lembro que a mãe contava que era costume as mulheres usar só saia, ou vestido, nunca calças. Os homens era comum usar calça com suspensórios. O costume na alimentação era fazer várias refeições ao dia, tinham em torno das nove horas *la collassion* e, à meia tarde, *el merendin*. A comida tradicional do italiano era polenta, *radíci*, salame acompanhada de vinho que serviam em uma mesa grande de madeira com bancos para sentar.

Os nonos tinham também o costume de cantar cantos italianos e jogar cartas e mora. Se divertiam muito. Na dança, tinha geralmente a brincadeira da vassoura. A dança da vassoura é uma dança em que alguém que está sem par, pega a vassoura e a bate por perto de um par que está dançando. Ao bater a vassoura o par é desfeito, formando um novo par com o sujeito da vassoura. O que ficou sozinho pega a vassoura e procura um novo par.

Outro costume de alguns imigrantes é o de não dividir a herança entre todos os filhos. Geralmente o filho mais novo ficava com os pais, após casado, e ficava também com toda a herança. Os demais filhos recebiam pouca coisa.

Ivete, você falou em dança. Conhece a dança da Tarantela? Não, não conheço.

Com referência aos valores, o que seus pais priorizavam? Havia rigidez ou liberdade na educação dos filhos?

Tinha rigidez. Exigiam dos filhos a honestidade acima dos interesses e o respeito com os mais velhos, com professores e padres principalmente. Priorizavam a religião e o estudo. Os filhos não eram protegidos perante os castigos dos professores. Apoiavam os mestres com o intuito de ensinar, educar para a vida.

Você falou em religião. Fale um pouco da prática religiosa e das orações em língua italiana.

Os meus pais eram muito católicos e exigiam que se rezasse, que fôssemos à missa. Não só pediam, iam com os filhos.

Orações a minha mãe conhecia muitas e as rezava em italiano, mas aos filhos não pedia para aprender, devido que meu pai era polonês e ele não entendia muito o italiano.

Quanto à educação sexual, como eram educados os filhos?

Os pais não falavam nada. Eu fiquei sabendo alguma coisa através das amigas que comentavam às escondidas. Na época, tudo era vergonhoso. O sexo fora do casamento era pecado e uma desonra social se alguém praticava.

Como eram as relações entre vizinhos? Que sentimentos eram desenvolvidos entre os mesmos?

Na minha época de criança não era costume ter empregada em casa. As mães davam conta das casas sozinhas e ainda iam para a roça. Por isso, quando alguém ficava doente, principalmente a mulher, as outras vizinhas se prontificavam para fazer os serviços da casa da doente. Tinha muita ajuda, amizade e encontros, como os *filós* ou os encontros quando da visita da capelinha. Quando a capelinha estava numa família, toda a comunidade se reunia para rezar o terço, unindo sentimentos de amizade e fé.

Quanto à leitura, conhece algum livro trazido da Itália ou ouviu alguma narrativa em língua italiana?

Ouvi a mãe contar e, mais tarde quando comprou o livro, vi a mãe ler a narrativa do *Naneto Pipeta* que veio à América em busca da cucanha. Ouvi também da mãe a história da Genoveva e outras em língua portuguesa como Saci pererê, Os três porquinhos, O Chapeuzinho vermelho e a história do Joãozinho afilhado do rei, *El oselin bel in oro*, a Menina das laranjas e Lenda do Pintaroxo.

Você pode narrar as histórias?

Lembro da Lenda do Pintaroxo e, daquelas que a mãe me contava, só lembro *do Oselin bel in oro*.

OSELIN BEL IN ORO

Viviam numa aldeia na floresta várias famílias. Todas trabalhavam bastante para o sustento da mesma. No meio delas, tinha uma mulher muito má e invejosa que não gostava de ninguém. Ela fazia desaforos como: jogar água quente nas plantinhas, sufocar filhotes de animais, estragar canteiros nas hortas, abrir portões, dar nós nas roupas nos varais, cuspir na

fonte da água, maltratava crianças, enfim, as maldades eram tantas que se convertiam em inveja e ódio de tudo e de todos. Certo dia, uma mulher da aldeia ganhou um nenê lindo de cabelos loiros, cor de ouro. E a inveja foi tanta que, a mulher má, enfiou um alfinete na cabeça da criança e no mesmo instante ele se transformou num pássaro, conservando os cabelos que brilhavam como o ouro. O pássaro deu um piu arrepiante, pousou na janela e voou. Ao voar, caiu uma pena. A mãe desesperada ao ver a desgraça acontecendo, chorava e pedia a Deus que a ajudasse, beijando a pena, resto de seu filhote. A mulher má dava gargalhadas, feliz por ver a tristeza da pobre mãe que chorava e gritava desconsoladamente. O povo da aldeia se reuniu e estavam muito decepcionados com atitude daquela mulher que convivia com eles e que estava sempre à mercê das maldades. Entraram em um acordo: ficariam unidos na oração todos os dias, no horário das 9 às 12 horas, para desfazerem o mal feito da mulher bruxa. A reza, a fé e a esperança entraram em ação.

Passou-se muito tempo, até que alguns sinais começaram aparecer. Uma menina da aldeia ia todos os dias lançar-se nos cipós próximos de sua casa e eis que começa a observar que um pássaro voava bem perto, ciscando e cantando que a menina entendia como se fosse uma súplica. O pássaro no meio do canto diz: - *Cara bambina bela, vardame e escoltame tesoro mio. Te sè chi son? Son el bello oseleto in oro.*²³¹

De tantas vezes que ouviu, a menina aprendeu o canto do pássaro e cantava em casa e em todos os lugares.

Passou-se mais um tempo e todos os dias a menina voltava naquele lugar. Só que o tempo que ficava lá se estendia cada vez mais a ponto da mãe ter que ir buscá-la. A mãe, ao se aproximar da árvore, ouve a súplica do pássaro e o mesmo que este se assustou e voou para longe. Mãe e filha voltam. Porém a menina estava magoada porque a mãe assustou o pássaro, seu amigo. A partir deste fato, aquela mãe reúne todos os moradores da aldeia,

²³¹ Querida menina bonita, olha-me e escuta, tesouro, tu sabes quem sou eu? Sou o belo passarinho em ouro.

relata o acontecido e pede para a menina cantar a canção e contar sobre o pássaro que encantava com sua beleza e principalmente pelas penas amarelas e longas na cabeça, mais parecidas com cabelos loiros.

Aquele relato emocionou a todos e todos sentiram um arrepio no corpo. Seria o bebê voltando, pedindo socorro através da inocência da menina? Combinaram então que todos os dias acompanhavam a menina até a árvore e tentaram apanhar o pássaro.

O pássaro, porém, ficava assustado quando percebia a presença de pessoas e voava bem alto, cantando sua canção. Então tentaram prendê-lo e novamente foi em vão. A solução encontrada foi deixar o pássaro em paz e somente com a presença da menina que aos poucos tudo voltou a ser como antes, ou melhor do que antes, porque agora o pássaro pousava no ombro da menina e gostava de ser acariciado. Foi no acariciar que ela percebeu algo estranho na sua cabeça cheia de penugem amarela, ou em seus cabelos de ouro. Ela viu algo redondo e reluzente, a menina puxou e tirou um grande alfinete.

Para sua surpresa e susto, o pássaro se transformou em um lindo menino loiro que dá um forte grito misturado de pio e desmaia. O grito foi ouvido em toda a aldeia e todos vão em direção ao local e assistem a seguinte cena: imaginando que o milagre tinha acontecido, a mãe do menino se debruça sobre ele e chora, chora tanto que duas lágrimas caem sobre o corpo do menino e rolam para o chão. Naquele lugar, onde caíram as lágrimas, eis que surge uma pena amarela, cor de ouro, dando prova que ele era mesmo o seu bebê que fora enfeitado pela mulher má. O menino foi trazido para casa e uma grande alegria tomou conta de todos, menos da mulher má que naquele momento se transformou num bibelô-pássaro, também cor de ouro.

O povo da aldeia agradeceu a Deus pela recuperação do menino e perdoou a mulher que passou a ser uma pessoa boa que ajudava a todos.

A história conta que a pena amarela do menino era o símbolo da fé que o povo trazia nos seus corações e a cor amarela simbolizava a prosperidade.

LENDA DO PINTARROXO

Quando Jesus agonizava na cruz, um passarinho aproximou-se e, com seu bico, arrancou os espinhos que machucavam a cabeça do Divino Mestre. Uma gota de sangue de Jesus caiu sobre as penas do peito do pássaro, que se tornaram roxas.

É por isso que o pintarroxo, ave de canto melodioso, se destaca pela cor roxa do peito.

Aprende ou ouviu alguma cantiga em língua italiana ou portuguesa?

Só em Português. Cantei a Roda cotia, Ciranda cirandinha, brinquei de Menina rica e menina pobre, joguei tria e peteca. Aprendi a dançar com minha mãe que ligava o rádio no programa do Zé Bétio e passava a dançar comigo as músicas rodadas no programa de rádio.

Fale do jogo da Tria e da Peteca.

A peteca é um brinquedo confeccionado com caixas de fósforos, palha de milho e penas de aves. A base é quadrada e eleva-se com a colocação da penas nas pontas. Brinca-se jogando a peteca com a palma da mão para o ar, passando de uma pessoa para outra.

A tria é traçada em papelão ou madeira, constando de três retângulos interpostos, pontilhada nos cantos e na metade de cada linha. Cada jogador fica de posse de nove grãos diferenciados por cores e os vai colocando sobre os pontos, tentando arrumar três na mesma direção (vertical e horizontal). O adversário procura impedir que o faça com seus grãos, mas conseguindo, terá o direito de retirar da tria um grão do adversário, diminuindo deste, a chance de vitória. Termina o jogo quando um dos jogadores só tiver dois grãos, ficando impossibilitado de formar tria.

Você citou contos, lendas, brincadeiras e cantigas. Que sentimentos transmitiam esses contos, essas cantigas e brincadeiras?

Eram cantigas para divertir, despertavam a participação grupal e, no caso do conto Joãozinho afilhado do rei, desperta a criatividade e o desafio.

Os pais liam para os filhos ouvirem as histórias dos livros? Nos serões faziam leituras coletivas comentando-as, ou as histórias eram contadas oralmente?

As histórias eram, em geral, contadas oralmente porque não tinha muito material escrito, embora, como já disse anteriormente, a mãe lia o *Naneto Pipeta* para os filhos.

Apreendeu algum canto em língua italiana? Quais?

*Ouvi da mãe *Là bela polenta, Là verginela, América e El vin le bon.*²³²*

Conhece alguns provérbios ou ditos populares em língua italiana?

Não, não me lembro. Me lembro de uns, mas em língua portuguesa. A mãe os pronunciava em italiano, mas eu só em português.

Quais são?

Águas passadas não movem moinhos. Casa de ferreiro espeto de pau.

Ivete, quem lhe proporcionou o primeiro contato com o livro?

A minha mãe. Na minha casa, quando era criança, já tinha algum material para leitura. A nona assinava o Correio Riograndense e quando vinha visitar trazia o jornal para nós. A mãe fazia a assinatura da Revista Rainha e tinha outros livros, como já falei, o livro do *Naneto Pipeta* e o da Genoveva e mais tarde, quando ia à escola, outros livrinhos de contos.

²³² O vinho é gostoso.

Entrevistada - 07 - Liliane Lima

Liliane, sua mãe ou familiares contaram-lhe alguma história referente à imigração italiana?

Muito vagamente. A avó contava que sua família teria pego alguma roupa do corpo e vieram de navio buscar alguma alternativa de trabalho e fugir dos conflitos da Itália. As primeiras dificuldades encontradas foram as de moradia, após isso, já iniciaram os trabalhos na agricultura e as mulheres os afazeres domésticos.

Quanto aos costumes trazidos pelos imigrantes, você tem alguns dados?

Os costumes eram especialmente os que tratavam da alimentação, serões, religião e alguns jogos.

Com referência aos valores, o que seus pais priorizavam?

Meus pais já tratavam a educação de forma flexível, tendo em vista ser somente a minha mãe italiana, porque o meu pai tem descendência brasileira, com costumes menos militares daqueles recebidos pela família da minha mãe. Um dos valores primordiais para meus pais era o estudo.

Quanto à religião como era praticada? Ensinavam-lhe orações em língua italiana?

Sempre fomos praticantes, a minha avó preservava demais a religião Católica, então aprendemos as orações e freqüentávamos a missa nos domingos. As orações eram em língua portuguesa, porque o meu pai inibia a língua italiana na nossa casa, pois entendia que iria trazer prejuízo à mistura de línguas.

Como eram as relações entre vizinhos? Que sentimentos eram desenvolvidos entre os mesmos?

Muito bom. Os vizinhos sempre foram tratados como extensão da família. Fazíamos almoço, serões e nesses, jogos e brincadeiras.

Quanto à leitura, conhece algum livro trazido da Itália ou ouviu alguma narrativa em língua italiana?

Não. Ouvi muito pouco minha avó contar. Tive contato com a língua italiana somente de uns cinco anos para cá, onde eu fiz um curso italiano (ACIRS).

Que histórias você ouviu quando criança?

Várias. Mas são aquelas lidas em livros de literatura ou contados.

Você lembra de algumas?

Sim. Do Macaquinho, do Tigre e da raposa. O pai contava bastante e a mãe costumava ler todas em livros.

Aprendeu ou ouviu, quando criança, alguma cantiga em língua italiana, algum conto ou provérbios?

Cantigas e advérbios só em Português. As cantigas se referiam à vida, alegria, divertimento e religião. De momento, não lembro de cor. Dos cantos lembro da *Verginela*, América e *Là bela polenta* que a mãe canta sempre.

Quem lhe proporcionou o primeiro contato com o livro?

Acho que foi em conjunto, o pai e a mãe. O pai adquiria e a mãe, que ficava mais tempo comigo, lia para mim e para minha irmã.

Além dos livros da escola, em sua infância, havia algum outro material de leitura?

Em minha casa sempre teve diversos livros de história, contos de fada, contos gauchescos que eram mais priorizados que a cultura italiana, era uma influência maior por parte do pai, que não era descendente de italiano.

APÊNDICE C

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS-NÍVEL:
MESTRADO

Através desse formulário, visou-se levantar acervos que revelam a presença de elementos da cultura da imigração italiana nas residências dos sujeitos da pesquisa da primeira geração.

FORMULÁRIO DE REGISTRO DE ACERVOS:

Na visita à casa das entrevistadas, observou-se principalmente a existência do seguinte material:

1 Quanto a fotos, quadros e objetos religiosos:

1.1 Quadros de fotografias da família expostos na parede. ()

1.2 Quadros de santos ()

1.3 Terços e crucifixos expostos, principalmente, na cabeceira da cama. ()

1.4 Véu para cobrir a cabeça ao entrar na igreja ()

2 Quanto a móveis:

2.1 Espelheiras ()

2.2 Caixas para guardar enxovais. ()

2.3 Caixa para guardar lenha. ()

2.4 Guarda-louças antigos. ()

2.5 Cristaleiras ()

2.6 Mesa grande para refeição com bancas para sentar. ()

2.7 Paneleiros ()

2.8 Outros móveis ()

3 Quanto à decoração da casa:

3.1 Panos pintados ou bordados expostos na parede. ()

3.2 Toalhas de mesa bordadas à mão, trazidas de enxoval. ()

3.3 Toalhas de prato com franja desfiada e amarrada. ()

3.4 Toalha de rosto com letreiro bordado ()

3.5 Bibelô à moda antiga ()

3.6 Louças antigas ()

3.7 Outro material ()

4 Quanto à iluminação:

4.1 Lamparina a querosene ()

4.2 Lampião ()

5 Ferramentas de trabalho, utensílios e outros:

5.1 Ferro de passar à brasa. ()

5.2 Máquina de costura movimentada manualmente. ()

5.3 Máquina de costura movimentada com os pés. ()

5.4- Tanque de água grande, no pátio, para lavar roupas com água da fonte ()

5.5 Balança de prato ()

5.6 Utensílios para a fabricação de vinhos pipas () mastel () outros ()

5.7 Chapéus e cestas confeccionadas com palha de trigo. ()

5.8 Panela e pá da polenta. ()

5.9 Tabuleiro para polenta ()

5.10 Jarra e bacia no quarto ()

5.11 Urinol ou penico ()

5.12 Outras ferramentas e utensílios ()

6 Outras lembranças:

6.1 Cartas antigas () Livros em italiano () Livros de rezas antigos ()

6.2 Fotos das primeiras construções casquenses ao estilo italiano ()

6.3 Outras fotos e lembranças ()